

**O PROCESSO DE COMPOSIÇÃO NARRATIVA NO ENCONTRO
TERAPÊUTICO: (DES)CONSTRUINDO AUTORIAS.**

Luciane De Conti

Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia
sob orientação da Professora Dra. Tania Mara Sperb

Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Abril de 2004

AGRADECIMENTOS

A composição de uma tese acadêmica somente é possível graças à colaboração e à disponibilidade das pessoas que fazem parte de nossa vida e das instituições que nos cercam. Agradecer a esses sujeitos e a essas instituições é um reconhecimento pela parceria construída ao longo dos quatro anos dedicados à escritura da tese.

Agradeço, em primeiro lugar, a minha orientadora Tânia Mara Sperb cujas idéias e apontamentos serviram de alteridade e de suporte para a execução do meu trabalho. Seu respeito ao tempo de elaboração do conhecimento, que é sempre singular e único, e sua confiança no caminho teórico-prático escolhido por mim, permitiram que esse trabalho se configurasse na perspectiva de uma autoria.

Agradeço, também, ao grupo do Centro de Estudos da Linguagem e de Interação Social (CELIS), coordenado pela professora Tânia, pelos estudos e pelos debates conjuntos, realizados ao longo dos anos acerca da temática narrativa, e que funcionaram como eixo norteador da minha pesquisa.

Destaco a colaboração na análise dos dados da bolsista de iniciação científica Aline von der Goltz Vianna. Suas idéias e questões oportunizaram o deslocamento do meu olhar e a construção de novas possibilidades de análise. Nessa parceria de análise dos dados, agradeço, também, a Rafael Pauletti Cosetti que participou, junto comigo e com Aline, do estudo piloto que serviu como base para o procedimento de análise dessa tese.

Às acadêmicas de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul por aceitarem disponibilizar seu material para a realização dessa pesquisa e pelo empenho na participação da mesma, pois suas reflexões e indagações a respeito do meu projeto de tese contribuíram para uma melhor configuração dos elementos que fazem parte desse trabalho. À instituição em que essas acadêmicas realizaram seu estágio por autorizarem o uso do material, que é fruto dessa experiência, na minha pesquisa e, em específico, à psicóloga dessa instituição pela parceria na supervisão e na discussão das idéias.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em específico, ao Instituto de Psicologia e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela qualidade e gratuidade do ensino, requisitos imprescindíveis e que viabilizaram a minha formação como bacharel, como Mestre e, agora, como Doutora em Psicologia.

À Universidade de Santa Cruz do Sul, onde trabalho como docente e pesquisadora, cujo programa de incentivo à qualificação docente possibilitou o meu afastamento daquela instituição para a realização dos quatro anos de doutorado. Agradeço aos colegas do Departamento de Psicologia, pela compreensão nesses anos em que estive afastada.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo programa de Doutorado com Estágio no Exterior cuja bolsa oportunizou o intercâmbio científico com a Université de Nantes, França. Agradeço, em especial, à professora Martine Lani-Bayle pela orientação e pela acolhida na referida universidade e pelo grupo de pesquisa Transform, coordenado por Martine, pelo debate e sugestões dadas à execução e continuidade da minha pesquisa.

Aos professores Ana Gageiro, Celso Gutfreind, Tania Galli Fonseca e Rita Lopes pela participação na banca de qualificação do projeto de tese e pelas valiosas contribuições dadas à elaboração dessa tese.

Por fim, agradeço de forma muito especial aos meus pais, Nerci e Florinda, ambos professores estaduais, pelo carinho dedicado, pelo exemplo de paixão ao conhecimento e pelo incentivo e reconhecimento à qualificação e dedicação a uma carreira profissional. Ao meu irmão, Rafael e a minha irmã, Larissa, companheiros de todas as horas, pela paciência em que ouviram a minha angústia e agüentaram o meu estresse. Aos amigos que, interessados ou não, debateram comigo as idéias da tese e escutaram, pacientemente, diferentes discursos articulatórios de composição dessa escritura.

A todos meu MUITO OBRIGADO!

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA DE TABELAS	6
LISTA DE FIGURAS	6
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	9
1. Apresentação	9
2. A démarche clínica	14
3. A transmissão genealógica e suas rupturas	20
4. A composição narrativa	33
5. A composição narrativa no processo terapêutico	48
CAPÍTULO II: MÉTODO	60
1. Participantes e contextos da pesquisa	60
2. Instrumentos e material	61
3. Delineamento e procedimentos gerais	61
4. Procedimentos gerais de análise dos resultados	63
CAPÍTULO III: RESULTADOS E DISCUSSÃO	64
1. Primeiro estudo: Verificação das diferentes proposições que compõem o ciclo narrativo. As entrevistas preliminares transcritas se organizam como narrativas?.....	64
1.1. Procedimentos específicos de análise dos resultados no primeiro estudo	64
1.2. Caso Fabiane-Karine	65
1.3. Caso Renata-Andréia	76
1.4. Caso Renata-Carla	84
1.5. Síntese e discussão dos resultados do primeiro estudo	91
2. Segundo estudo: Investigação das repetições das seqüências de ações entre os diversos ciclos narrativos. Qual é a lógica que rege essa seqüencialidade?	94
2.1. Procedimentos específicos de análise dos resultados no segundo estudo	94
2.2. Síntese dos resultados do segundo estudo	95
2.3. Caso Fabiane-Karine	98
2.4. Caso Renata-Andréia.....	106
2.5. Caso Renata-Carla	114
3. Terceiro estudo: Análise das construções da estagiária-terapeuta. Um possível efeito de autoria no narrador ‘paciente’?	120
3.1. Procedimentos específicos de análise dos resultados no terceiro estudo	120

3.2. Caso Fabiane-Karine	122
3.3. Caso Renata-Andréia	129
3.4. Caso Renata-Carla	134
3.5. Síntese e discussão dos resultados do terceiro estudo	136
CAPÍTULO IV: CONCLUSÕES GERAIS: A NARRATIVA COMO UM DISPOSITIVO DE TRABALHO PARA A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO	139
REFERÊNCIAS	145
ANEXOS	149
ANEXO A: Modelo de consentimento informado (acadêmicas de Psicologia)	150
ANEXO B: Modelo de consentimento informado (coordenação da instituição)	151
ANEXO C: Caso Fabiane-Karine. Narrativas codificadas de acordo com as proposições que compõem o ciclo narrativo	153
ANEXO D: Caso Renata-Andréia. Narrativas codificadas de acordo com as proposições que compõem o ciclo narrativo	191
ANEXO E: Caso Renata-Carla. Narrativas codificadas de acordo com as proposições que compõem o ciclo narrativo	208
ANEXO F: Caso Fabiane-Karine. Narrativas que apresentaram uma seqüência de ação de no mínimo três termos	217
ANEXO G: Caso Fabiane-Karine. Narrativas que não apresentaram uma seqüência de ação de no mínimo três termos	229
ANEXO H: Caso Fabiane-Karine. Narrativas em que aparece a ação ‘Fabiane esclarece Karine sobre as regras do espaço terapêutico’	234
ANEXO I: Caso Renata-Andréia. Narrativas que apresentaram uma seqüência de ação de no mínimo três termos	239
ANEXO J: Caso Renata-Andréia. Narrativas que não apresentaram uma seqüência de ação de no mínimo três termos	245
ANEXO L: Caso Renata-Andréia. Narrativas em que aparece a ação ‘Renata observa’	248
ANEXO M: Caso Renata-Carla. Narrativas que apresentaram uma seqüência de ação de no mínimo dois termos	252
ANEXO N: Caso Fabiane-Karine. Narrativas em que aparece a ação ‘Fabiane constrói uma devolução’	259
ANEXO O: Caso Renata-Andréia. Narrativas em que aparece a ação ‘Renata constrói uma devolução’	264

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Modelo de análise das homologias proposto por Todorov (1967) a partir do romance ‘Ligações Perigosas’	36
Tabela 2: Modelo de análise das construções baseado nas idéias de Bertrand (1998) e de Ricoeur (1983/1994; 1984/1995)	122

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tipologia descritiva da passagem da narrativa da experiência à narrativa de formação, adaptado de Thibault (2002)	56
Figura 2: Percentagens de acordo com cada proposição narrativa. Caso Fabiane-Karine.....	66
Figura 3: Percentagens de acordo com a evolução do ciclo narrativo. Caso Fabiane-Karine.....	66
Figura 4: Percentagens de acordo com cada proposição narrativa. Caso Renata-Andréia.....	76
Figura 5: Percentagens de acordo com a evolução do ciclo narrativo. Caso Renata-Andréia.....	77
Figura 6: Percentagens de acordo com cada proposição narrativa. Caso Renata-Carla	84
Figura 7: Percentagens de acordo com a evolução do ciclo narrativo. Caso Renata-Carla.....	85
Figura 8: Percentagens de acordo com cada proposição narrativa	92
Figura 9: Percentagens de acordo com a evolução do ciclo narrativo	92

RESUMO

Essa pesquisa procurou investigar o processo de composição narrativa pela dupla estagiário-terapeuta/paciente, em uma situação de psicoterapia psicanalítica, a partir do contexto de uma prática supervisionada de estágio em Psicologia Clínica. Participaram da pesquisa duas acadêmicas de Psicologia que realizaram o estágio em um abrigo municipal. O trabalho clínico desenvolvido pelas estagiárias foi acompanhado pela supervisão acadêmica, cuja responsável na época era a pesquisadora. Também participaram dessa pesquisa três meninas de seis, nove e dez anos de idade, acolhidas temporariamente na instituição e em acompanhamento psicoterapêutico pelas estagiárias. Os atendimentos foram realizados uma vez por semana, individualmente, na própria instituição. As estagiárias relataram cada entrevista preliminar realizada com as crianças sob a forma escrita de entrevista dialogada, cujo objetivo é a memorização do desenvolvimento da entrevista. Essa memorização associada às reflexões acerca do estágio produzidas no espaço de supervisão acadêmica formaram as fontes dos dados. Para atingir o objetivo dessa pesquisa, três estudos foram realizados e, em cada um deles, três casos, constituídos por diferentes duplas terapêuticas, foram analisados. Os resultados dos três estudos demonstram, inicialmente, que o discurso elaborado pelas duplas terapêuticas, em cada entrevista preliminar isoladamente, estrutura-se narrativamente porque esse discurso apresenta os dois princípios da narrativa, que são a sucessão e a transformação, como propõe Tzvetan Todorov. A análise conjunta dessas entrevistas denota, entretanto, que as narrativas constituídas nesse processo não podem ser reduzidas a uma lógica de sucessão linear como formula esse autor. A seqüência narrativa é regida pela lógica de causalidade semântica, que é de natureza polifônica, como propõe Paul Ricoeur. As intervenções das estagiárias sob a forma de construções, conforme conceito estabelecido por Freud, mesmo que guiadas pelo princípio da associação livre, são demarcadas, em sua maioria, pela repetição de uma versão já conhecida da história da vida de seu paciente, geralmente àquela que versa sobre o motivo do abrigo. Assim, essas intervenções, cujo efeito possível seria que o paciente pudesse desconstruir os sentidos dados a priori, reconstruindo novas versões para os acontecimentos de sua vida e, com isso, ocupasse o lugar de autor de sua história, acabam insistindo no trauma. Dessa forma, fica explicitado um dos paradoxos do processo de formação da escuta clínica: o estagiário, ao procurar abrir os sentidos para o seu paciente, construindo junto com ele uma versão possível para a sua história, acaba, muitas vezes, fechando o sentido, construindo uma única versão para os eventos narrados pelo paciente.

ABSTRACT

This study investigates the process of narrative composition accomplished by a therapist trainee/patient dyad in the course of a psychoanalytic psychotherapy situation, which is developed in the context of a supervised clinical psychology practice. Two psychology students who were carrying out their practice in a public shelter participated in the study. The clinical work of the two trainees was developed under the academic supervision of the present researcher. Also participated in this investigation three girls of six, nine and ten years of age, sheltered temporarily in the institution, who were seen in psychotherapy by the two trainees. The sessions occurred once a week, individually, in the institution itself. The trainees reported children's interviews in a dialogue written form aimed at memorizing the development of the interview. The data sources were the memorization records and the trainees reflections about their practices, produced in the supervision context. In order the research objective three studies were carried out. In each of them three cases involving different therapeutic dyads were analyzed. The results of the three studies show that the discourse elaborated by the therapeutic dyads, in each of the interviews, is structured in a narrative form since it displays the two narrative principles which are, according to Tzvetan Todorov, succession and transformation. The joint analysis of these interviews show, however, that the narratives constituted in this process cannot be reduced to a logic of linear succession as formulated by the author. The narrative sequence is governed by semantic causal logic, which is of a polyphonic nature, as proposed by Paul Ricoeur. The trainees interventions structured as constructions, as conceptualized by Freud, even when guided by the free-association principle were delimited in most cases by the repetition of an already known version of the patient life history, in general the one related to the reason for sheltering. Thus, these interventions, which could give the patient the possibility of deconstructing senses given *a priori*, and as a result, reconstruct new versions for his life events and become the author of his own history, end up by insisting in the trauma. In this matter, one of the paradoxes of the process of clinical training emerges: the trainee in the process of opening new senses to his patient, constructing together with him a possible version for his history, in many occasions ends up constructing a unique version of the events narrated by the patient.

CAPÍTULO I INTRODUÇÃO

1. Apresentação.

Uma das exigências para a formação do psicólogo nos cursos de graduação em Psicologia, na maioria das universidades brasileiras, é que o aluno passe pela prática de estágio. Essa exigência toma a forma curricular de Prática de Estágio em Psicologia e pode ser organizada de diferentes maneiras, dependendo da instituição. Uma das modalidades possíveis para essa prática é no campo denominado Psicologia Clínica sendo uma de suas atribuições que o aluno em formação passe pela experiência de ocupar o lugar de terapeuta em uma prática de psicoterapia. Essa prática de estágio, realizada em locais diversos, é acompanhada na universidade pela supervisão acadêmica. Através da minha prática como supervisora acadêmica em Psicologia pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), desde 1997, acompanhei o estágio de alunos do curso de Psicologia em diferentes locais como a clínica escola da Universidade, o Centro de Atenção Psicossocial do município e em uma instituição que acolhe crianças separadas, temporariamente ou em definitivo, de suas famílias de origem.

A supervisão acadêmica da experiência de estágio na área clínica tem me proporcionado levantar diversas questões acerca da formação do psicólogo e, em específico, de sua intervenção em diferentes campos da prática social. Um dos campos que tem produzido interrogações constantes é o da infância e, em especial, o da infância em situação de abrigo. Essas indagações são fruto do diálogo sistemático com os agentes diretos dessa intervenção, ou seja, com os estagiários de Psicologia Clínica cuja prática se realizou em um abrigo da região do Vale do Rio Pardo. Essa instituição, de caráter não governamental e filantrópico, abriga crianças de zero a catorze anos. Nesse sentido, é fundamental lembrar que, em 13 de julho de 1990, houve a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1991), que restabeleceu à criança o estatuto de sujeito de direitos e que engloba artigos importantes referentes aos abrigos, os quais são nomeados como uma das medidas de proteção previstas à criança e ao adolescente em estado de abandono social ou prestes a ingressar nessa situação. O ECA estabelece no artigo 101, parágrafo único, que o abrigo é medida provisória e excepcional, utilizável como forma de transição para a colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade. O Estatuto considerou as críticas às grandes instituições de abrigo procurando resgatar um olhar individualizado à criança e uma relação mais viva entre ela e seu mundo social.

Uma das questões repetidas pelos estudantes em diferentes momentos do estágio nesse local era relativa ao campo dos possíveis: o que podemos fazer nesse contexto? Esses psicólogos em formação diziam que o abrigo era para ser uma casa de passagem para essas crianças, porém, muitas vezes, torna-se o ‘lar definitivo’ da grande maioria desses indivíduos: a única alternativa seria a adoção? Eles colocavam que, em geral, havia progressivo adoecimento físico e/ou psíquico de um grande número das crianças que residem na instituição e, diante dessa situação, eles se perguntavam: porque não se tornou possível a esses sujeitos construir uma outra ‘alternativa’ para suas vidas que não seja o adoecer? Em que direção a intervenção do psicólogo pode contribuir para que aconteça uma ruptura nesse circuito aparente de ‘transmissão do adoecimento’? Abels-Eber (2000) coloca que as crianças que residem em abrigos traduzem seus ‘traços de carência’ através de manifestações de agressividade, de intolerância à frustração, de problemas de comportamento na escola, de instabilidade, mas também de tendências depressivas, de problemas psicossomáticos e de deficiências cognitivas. Essa autora comenta que a descontinuidade afetiva na vida dessas crianças devido às rupturas familiares, as quais elas nem sempre compreendem, é um dos fatores de perturbação de ordem psicológica, pois se soma a isso a ausência da presença de adultos em quem elas possam confiar e projetar seus desejos. Ela esclarece que essas manifestações são expressões de um sofrimento, mas também de uma luta impulsionada pela pulsão de vida e, por isso, elas não devem ser vistas somente como sinais de uma disfunção psíquica que precisa ser ‘erradicada’ a todo custo.

Os estagiários desse local relatavam, também, o impacto sentido, muitas vezes inominável, do contato inicial com essas crianças vítimas de abandono, maus-tratos, abuso, negligência. Marin (1999) argumenta que o contato que a sociedade tem com a realidade que a criança abandonada traz provoca o fracasso da ilusão construída culturalmente de que a família é a única forma de organização social para viver a vida ‘satisfatoriamente’. E assim, “recoloca cada um em contato com o sentimento de desamparo básico que todo ser humano tem, por nascer precisando de um outro (mãe ou substituto) que lhe atenda em suas necessidades básicas” (p. 14). A permanência numa ‘casa que acolhe’ é, então, necessária para que se resgate uma reorganização tanto da criança quanto da família que teve que ‘abandonar’. Essa situação concreta de abandono pode nos mover em direção a uma leitura de impotência, de substituição, de reparação e, nesse aspecto, saliento o fato de que as estagiárias eram chamadas de tias pelas crianças. Que familiaridade é essa?

Outro aspecto que Marin aponta e que é enfatizado também por Abels-Eber diz respeito ao acesso dessas crianças a sua história. A instituição, segundo as autoras, deve

garantir desde os trâmites legais, o resgate dos direitos mínimos de vida até o acesso à história de vida da criança, principalmente, tolerando essa história para que ela possa engajar-se na construção ou no resgate de uma história ocultada, negada, rejeitada. O homem “quer se inserir na história, a história o insere nela mesma, ele quer fugir da história, voltar ao desejo primário e a história o faz sentir-se isolado, à parte, indivíduo. Assim, o desejo inicial que se perdeu, que ficou no inconsciente de cada um, e que, ao mesmo tempo, mobiliza o indivíduo a reencontrá-lo sempre, revela todo um processo” (p. 23). Lani-Bayle (1999) afirma que a história que concerne a cada um começa no nascimento, e mesmo antes se poderia dizer. Ela começa com tudo o que nos acontece antes mesmo que pudéssemos lembrar sozinhos do que aconteceu, antes da idade dos dois ou três anos, antes que conseguíssemos contar e explicitar essas vivências em palavras. Assim, somente poderemos narrá-las posteriormente, de segunda mão. É isto que torna tão importante o fato de que tenhamos intermediadores confiáveis (humanos e/ou materiais) a nossa disposição para termos acesso aos primeiros períodos de nossa existência e mesmo antes de nossa existência. A autora enfatiza que qualquer vivência, mesmo que não esteja acessível à memória, está inscrita por si só. Apesar de não se ter muitas vezes os meios de recuperar essa vivência através da linguagem para, assim, contá-la e colocar algum sentido nisto que está oculto, de alguma forma ela está lá, no interior da pessoa. O que está inscrito constitui nosso estoque potencial, nossa reserva, isto que ainda não está obrigatoriamente consciente, explicitado em palavras. Mas, como ficaria essa transmissão para as crianças que estão separadas daqueles que teriam acesso a sua história? Não quer dizer que elas não possuem uma história, mas simplesmente que elas não têm a possibilidade de recuperá-la. Para elas, o tempo se limita ao presente, pois o passado escapa-lhes. Isto porque elas não têm em seu ambiente adultos que poderiam lhes trazer uma memória do que elas vivenciaram. Ou então, esses adultos transformam essa história para evitar os problemas, criando ou modificando a história da criança porque querem poupá-la ou mesmo porque ela é muito pequena para saber. A autora alerta, porém, que sem verdadeiras projeções rumo ao antes e ao depois, se cai numa possível ruptura recorrente, pois não se tem um passado a dividir com um ou outro membro da instituição, nem uma pré-história nem desejos antigos a recolocar, nem ancestrais comuns, nem uma herança possível, nem antecipações do qual se poderia ser o objeto. Ou seja, nenhuma transmissão anterior para fazer ato e corpo a um desenvolvimento temporal potencialmente significativo, em que possuir um antes permite pressagiar um depois. A memória torna-se então inoperante. O nada das origens age num abismo do qual é perigoso construir uma identidade sem laços precedentes, e que se dissolve na leveza de uma história a reconstruir sem cessar, mas a

partir de que ponto, de quem? Sem interlocutores e, assim, sem um espaço para a construção dessa origem 'mítica' o indivíduo fica impedido ou com dificuldades em organizar temporalmente a sua experiência, ou em outros termos, podemos dizer que esse sujeito poderá não conseguir elaborar narrativamente os eventos que fazem parte de sua vida. As autoras colocam, portanto, que a mensagem recebida pela criança institucionalizada acerca de sua história de vida é, muitas vezes, diluída, incompleta, em parte perdida ou até mesmo inacessível. Esse não acesso da criança a sua genealogia pode impedi-la de realizar uma construção narrativa coerente acerca da história de sua vida. Gaulejac (2000) salienta que é nesse aspecto que reside a importância de um trabalho com as crianças em situação de abrigo: proporcionar a elas um espaço que lhes permita desconstruir e reconstruir a história de suas institucionalizações e dos eventos que as precederam. Temos, assim, a articulação entre genealogia e narração. O terceiro e quarto tópicos dessa introdução visam ampliar teoricamente esses conceitos.

Um dos espaços possíveis para que essas crianças possam realizar esse trabalho de desconstrução/reconstrução de sua história, enfim, interrogar suas origens, questionar as rupturas e fraturas de sua história, falar de seu sofrimento e compor narrativas sobre os fatos de sua vida, é o espaço analítico e ou psicoterapêutico. Torna-se necessário aqui esclarecer a articulação entre psicanálise e psicoterapia psicanalítica. Green (2002) esclarece que para caracterizar as relações entre a análise clássica e a psicoterapia psicanalítica não é suficiente recorrermos a fórmulas emblemáticas como divã-poltrona. Claro que o pensamento clínico nesses dois casos não é o mesmo, mas para sair do impasse o autor propõe um quadro de duas partes: uma ele denomina *matriz ativa*, que é constituída pela associação livre do paciente juntamente com a atenção flutuante e a neutralidade complacente do analista. Essa matriz forma o coração da ação psicanalítica independente das modalidades que o analista é levado a trabalhar e sua natureza é de ordem dialógica. Essa matriz seria como a fração constante do trabalho analítico. A outra parte, ao contrário, constitui uma fração *variável* e que forma uma tela protetora da matriz ativa. Essa parte concerne às disposições secundárias (visibilidade ou não visibilidade do analista, pagamento ou gratuidade, frequência e duração das sessões, contrato sobre as sessões em que o paciente falta, etc.). Green coloca que não minimiza em hipótese alguma as diferenças que podem existir sobre essas disposições práticas, mas a experiência mostra, segundo ele, que essas disposições dizem respeito a uma parte variável, convencional e, portanto, passível de revisão. Em todo caso, a psicanálise clássica ou com variações e a psicoterapia possuem, segundo ele, os mesmos objetivos, a saber: a ampliação da tomada de consciência do paciente (através da transferência, interpretada ou não, e da resistência)

que concerne seu modo de funcionamento, a natureza de seus conflitos, as relações com sua história e, enfim, a sua relação com sua palavra e com a escuta do outro. Quaisquer que sejam os modos de exercício do pensamento analítico (poltrona-divã ou poltrona-poltrona), quaisquer que sejam as limitações encontradas nas condições práticas de seu exercício, sempre chega um momento em que o paciente toma consciência da extraordinária liberdade que a situação lhe oferece. Dessa forma, um quinto tópico se faz necessário nessa introdução teórica: qual é o lugar do narrativo no campo da psicanálise? Essa questão teórica se circunscreve ao campo da Psicanálise porque esse se constitui como eixo teórico-prático norteador dos trabalhos dessa supervisora e dessa pesquisadora.

A partir de todas essas questões advindas da supervisão entrecruzadas com as diferentes articulações teóricas, delineou-se o objetivo dessa pesquisa que consistiu em investigar o processo de composição narrativa pela dupla estagiário-terapeuta/paciente, em uma situação de psicoterapia psicanalítica, no sentido formulado por Green (2002). Para atingirmos esse objetivo, três estudos foram realizados os quais são descritos nos Capítulos II e III reservados, respectivamente, ao Método e aos Resultados e Discussão. Essa pesquisa, como se pode observar pela descrição do seu objetivo, tratou da composição narrativa no processo terapêutico em que um dos agentes do ato narrativo é o estagiário-terapeuta. Logo, ela se deu em um contexto de prática de estágio em Psicologia Clínica, portanto, de formação em Psicologia. Toda situação de estágio provoca angústia e inúmeras interrogações que oscilam entre o sabido e o não sabido. O supervisor é convocado, muitas vezes, pelo aluno para ocupar o lugar do saber a fim de dar uma resposta que ‘cale’ toda a angústia advinda da incerteza e da polissemia de sentidos frutos da experiência. Cifali (2003) expõe que uma questão que é colocada constantemente pelos estagiários sobre a sua prática é: ‘isto está certo, está errado?’. Eles fazem essa questão com a esperança de um julgamento que poderia discernir e, sobretudo, proteger do erro. Porém, no trabalho com o humano há atos em que podemos dizer imediatamente seus impactos pelo efeito que eles provocam, mas há outros atos em que isso não é possível. São aqueles em que pensamos ‘eu fiz isso, mas poderia ter feito outra coisa’. Sabemos que sempre existem múltiplas possibilidades, que uma escolha deve operar e que é necessário assumi-la bem como suas conseqüências. Todo ato transforma a situação que não cessa de evoluir. Renunciar a esse lugar do saber é, portanto, a única escolha possível para o formador, porém é preciso acompanhar esse aluno construindo com ele possibilidades. As questões formuladas no campo semântico da supervisão estão, de certa forma, reescritas acima e são elas que motivaram, pelo menos em grande parte, o desejo de um olhar específico sobre a prática de estágio no contexto de abrigo e, em decorrência, sobre a

formação do psicólogo na dimensão clínica. É esse o objetivo do segundo tópico da introdução, ou seja, situar como estamos entendendo o campo da clínica nesse trabalho, o que denominamos *démarche* clínica. Vamos, então, para o tópico teórico: a *démarche* clínica. A delimitação dessa *démarche* se dá, entretanto, de forma genérica tendo em vista que esse não é o foco principal de nossa pesquisa, porém essa delimitação se fez logicamente necessária ao longo do tecer da intriga, para utilizarmos os termos de Paul Ricoeur. O foco principal, que é a composição narrativa no encontro terapêutico, está delineado teoricamente de maneira mais exaustiva nos três tópicos teóricos subseqüentes ao segundo. A escritura¹ de uma tese convoca articulações não imaginadas a priori. É no próprio ato de escrever e de narrar as idéias que compõem em tese um trabalho que busca refletir sobre uma prática, que essas articulações se impõem. Caso pensarmos a composição dessa tese como uma tessitura narrativa, podemos observar que os encadeamentos entre os três estudos realizados se fizeram necessários e que as sínteses dos resultados de cada estudo ressignificam o estudo antecedente e lançam ao estudo subseqüente. Da mesma forma, as conclusões gerais desencadeiam interrogações e reflexões acerca do segundo tópico dessa introdução relativo à questão da *démarche* clínica e do seu enlace com a formação em Psicologia. Temos, assim, a Tríplice Mimesis em ação, mas esse processo somente é ‘completo’ a partir dos efeitos de refiguração provocados pela leitura dessa tessitura no leitor. Esses efeitos poderão lançar a uma nova composição narrativa para que possamos configurar, como propõe Ricoeur (1983/1994), uma história que ainda não foi contada.

2. A *démarche* clínica.

A *démarche* clínica, segundo Cifali (2003), não pertence a uma única disciplina nem a um terreno específico, é um enfoque que visa uma mudança, que se dá na singularidade, que não tem medo do risco e da complexidade e que co-produz um sentido do que se passa. Cada disciplina tem suas ferramentas mediadoras, suas teorias indispensáveis. No cotidiano, como escreve Morin (1990), nós estamos em pilotagem automática, mas o incidente intervém. Ser clínico é precisamente partir de uma expectativa, de orientações previstas e consentir, entretanto, ser surpreendido pelo outro, inventar no momento, ter ‘intuição’: inteligência é sensibilidade no momento, trabalho na relação, implicação transferencial da qual naquele momento, naquele acompanhamento poderá emergir uma palavra ou um gesto que façam efeito, que possam ser retomados pelo

¹ Não utilizamos, nesse trabalho, os termos escritura e escrita como sinônimos. Escritura refere-se a uma maneira pessoal de escrever enquanto escrita está sendo usado no sentido de maneira de se exprimir por escrito.

outro porque ele está apto para entendê-lo. Isso exige, como escreve Morin, um pensamento próprio, uma capacidade em refletir por e para si mesmo, um jogo entre os automatismos e o incidente. Essa é uma atitude de curiosidade, de descoberta, de associação em que a inteligência se mantém.

Green (2002), de uma forma mais circunscrita, descreve o domínio da clínica no campo da psicanálise. Ele coloca que a clínica é mais frequentemente definida como a formulação descritiva de um corpo empírico, que obedece a alguns objetivos de reconhecimento para a indicação de um tratamento apropriado, sintomático ou etiológico. A origem da palavra está, segundo ele, estreitamente ligada à medicina. Na clínica se observa, se percebe, se descobre. O autor esclarece que o termo clínico era dito em princípio ao médico que visitava o doente e tomava, na seqüência, o sentido mais preciso daquilo que era conhecido como o que se deveria fazer no leito do doente. Os dados advindos do corpo médico são pouco aplicáveis à psicanálise, pois é raro o analista que qualifica de doente aqueles que ele tem em análise. Ele os qualifica como pacientes ou, mais correntemente, de analisandos a fim de evitar de tornar a sua prática excessivamente médica. A análise repousa, no início, nas mãos do analisando a quem é dada a palavra. A psicanálise é uma teoria que se edifica sobre a base da experiência. Essa experiência, entretanto, não pode ser invocada como um dado bruto o qual é suficiente registrar ou descrever 'literalmente'. Claro que a experiência para o pensamento clínico permanece como a etapa preliminar para toda teoria que reclama a psicanálise como disciplina fundamental. A teoria somente se esclarece, se amplia, se integra, se aprofunda e multiplica suas conexões se ela retirar da experiência suas potencialidades e sua interpretação do psiquismo a fim de ter acesso a isto que, através do que ela mostra, está escondido, porém resta ativo e, muitas vezes, de maneira inquietante. O erro, segundo Green, seria considerar que a clínica não é senão que uma prática, uma arte que revela mais de artesanato que de estética, sobretudo, clínica se opõe ao teórico. O ideal repousa em um equilíbrio entre teoria e prática; a teoria deve conservar uma estreita relação entre seus teoremas e isto que se aprende da clínica. Além do mais, a clínica deveria ultrapassar seus objetivos descritivos e se ampliar a um nível de abstração necessário para estimular a reflexão. Existe em psicanálise, de acordo em esse autor, não somente uma teoria da clínica, mas um pensamento clínico, isto quer dizer um modo original e específico de racionalidade advinda da experiência prática. A elaboração dessa experiência pode ser tomada em um nível de reflexão que toma sua distância da clínica.

Nesse mesmo sentido, Cifali salienta que a démarche clínica requisita, desde o início, uma aproximação do terreno pela ação e a reflexão sobre essa ação. Trata-se de

aprender a observar sobre o terreno quando nele se participa e, até mesmo, observar a própria implicação. Paré (1987) também defende que, sem ação, não há aprendizagem possível. A ação é a base sobre a qual a reflexão pode se instalar, e é este o lugar de mudança porque a reflexão serve para construir uma teoria aceitável que vem corrigir e redirecionar a ação. É uma nova relação que deve se instalar entre a teoria e a prática. Está certo que pode ser útil termos certos princípios de ação, certas indicações antes de procedermos, mas a experiência nos mostra que essas indicações não captam o sentido que só é possível de ser capturado quando entramos em contato com a realidade. Ninguém pode impor tomadas de consciência nem uma reflexão para o aluno, somente ele é que pode fazer isso se ele decide que isso é importante para ele. A observação e a reflexão acerca da ação somente podem se dar de forma retroativa, ou seja, *après coup* quando um gesto retorna à mente e se pode observar o que se passou; a memória aqui tem um papel especial, pois uma reconstrução é inevitável (Vermesch, 1994).

Paré propõe um instrumento de registro da prática a qual ele denomina jornal. O jornal é, portanto, um instrumento que permite ter acesso a esse espaço interior, cada vez que o queremos, essa zona pessoal e escondida de nossa vida. Se um jornal pode ser uma simples descrição de acontecimentos, ele pode também ser a relação de aspectos subjetivos face à realidade. A realidade não é unívoca, é nós e somente nós que podemos lhe dar seu sentido. Paré, quando propõe o jornal, abre a importância da dimensão da escrita no processo de elaboração e de reflexão da experiência. Ele sustenta que a escritura é antes de tudo um instrumento de criação, de exploração e de emergência. Antes de ser um produto, é um processo, graças ao qual cada um de nós pode entrar em contato com sua experiência da realidade, sua compreensão dos acontecimentos, sua relação com o universo. Graças à escritura, nós podemos contatar essa realidade, lhe permitir tomar forma, isto quer dizer formulá-la, isso que se faz no tempo, pouco a pouco. O escritor busca através das palavras, cujo sentido é múltiplo, uma forma que vai falar de sua experiência, de suas emoções. A escritura permite clarificar, ir além das aparências. Isso que parece à primeira vista simples se complica, se ramifica e se torna inacreditavelmente rico e cheio de nuances. A experiência tomada uma segunda vez, rememorada, pode ser questionada. A escritura permite projetar o passado no futuro, de retomá-lo no instante presente e retirar o sentido. O material produzido pela escritura permite que possamos analisar, avaliar, escolher, retrabalhar, eliminar e mesmo ir mais longe, associar novas idéias. O tempo permite uma outra leitura disso que foi feito. A escritura é antes de tudo uma ferramenta de emergência, de exploração que é necessário se reapropriar e aprender a utilizar. É uma ferramenta que nos fornece uma visão das coisas, uma compreensão da realidade. É necessário fazer uma

seleção, organizar e apresentar o material de maneira aceitável, lógica, organizada e compreensível para o outro. Este é o produto final, uma outra fase no ato da escritura, fase que não existiria sem a primeira. O jornal se refere mais a esse primeiro aspecto da escritura, o da emergência. Ele é menos uma ferramenta de comunicação e mais uma ferramenta de exploração, de pesquisa. O jornal permite uma reapropriação da experiência.

Nessa pesquisa, um dos materiais utilizados para o estudo da composição narrativa no encontro terapêutico são as transcrições das entrevistas preliminares² realizadas pelas estagiárias de Psicologia com seus pacientes. Essas transcrições não se constituem como jornal no sentido restrito dado por Paré, pois não apresentam uma exigência de registro das impressões subjetivas que a prática evoca em cada estagiária, mas sim a descrição da experiência. Mas, essas transcrições podem ser caracterizadas como uma memorização do desenvolvimento da entrevista como descreve Green (1973), apesar dele ter formulado esse conceito em um contexto de apresentação de pacientes. A simples memorização do desenvolvimento da entrevista é, segundo ele, no sentido estrito, uma teorização. Talvez, esse retorno sobre a entrevista pareça quase inútil, mas no momento em que se desencadeia um discurso sobre a entrevista, estamos no saber. É nesse nível da memória desse desenvolvimento que, de acordo com Green, faz sentido tudo isto que não é da linguagem propriamente dita: modalidades da presença corporal, distância ou aproximação, mímicas, afetos, etc. Enfim, é a partir desses primeiros comentários que podem ser rememorados os efeitos das intervenções do analista e tornar inteligível sua origem. Green (1973) alerta, porém, que se a dimensão temporal essencial do analista é aquela do *après coup*, “ela não demanda menos, como seu contraponto, a tendência à linearidade, à sucessão que é o ordenamento habitual do espírito e a marca da perspectiva do ‘desenvolvimento’” (p. 62). Certamente, desse ponto de vista, colocar em cronologia não é um ‘resumo’ inocente, pois reenvia a um modelo de desenvolvimento, a uma construção implícita. Esse resumo é habitado pela presença de paradigmas diversos, conceitos, hipóteses que revelam algo da psicanálise ou da psicologia. O recenseamento cronológico comporta, então, uma referência estrutural que apresenta uma resposta, parcial ou deslocada, ao desejo de um saber mais, que permite lembrar melhor o que é dito e sabido, mas também o que falta, ou seja, o que é sabido porque falta. Nossa capacidade de retornar à experiência passada permite compreender porque muitos signos nos escapam. Aprendemos assim a nomear,

² Entrevistas preliminares, segundo Quinet (1993) é uma expressão que indica que existe um limiar, uma porta de entrada em análise totalmente distinta da porta de entrada do consultório do analista. Trata-se de um tempo de trabalho prévio à análise propriamente dita, cuja entrada é concebida não como uma continuidade, mas como uma descontinuidade, um corte ao que era anterior e preliminar. Esse corte corresponde a atravessar o umbral dos preliminares para entrar no discurso psicanalítico. Na prática, de acordo com o autor, nem sempre é possível demarcar nitidamente esse umbral da análise. “Isto ocorre porque tanto nas entrevistas preliminares quanto na própria análise o que está em jogo é a associação livre” (p. 18).

colocar em palavras, apesar da incompreensão crônica a qual cada um é confrontado. Percebemos os efeitos inconscientes da teoria e como ela é enriquecida pela ação. Trabalhamos, dessa forma, nosso engajamento em uma reflexão dialógica. Ou seja, a memorização do desenvolvimento da entrevista permite uma reapropriação da experiência. A experiência não é benéfica porque está aliada a uma constante retomada de saberes que ela autoriza; ela produz um saber que desarruma toda nova situação, mas que torna cada uma capaz de diferenciação. A relação ao terreno e à ação passa, então, por uma série de compreensões e de aceitações, ou seja, por uma aprendizagem que implica um trabalho interior. Aprender disso que surge não é somente o administrar por uma rápida explicação, é aceitar se confrontar com o desconhecido, dar lugar ao acontecimento.

Cifali afirma que quando reconhecemos sermos portadores de nossa prática enquanto sujeitos – sujeitos determinados pelas leis e por uma cultura, mas também capazes de criação – aceitamos trabalhar a nossa ação com os outros. Aceitamos aprender a partir das dificuldades tendo posto à prova o estatuto do erro em toda démarche do conhecimento. Assim, podemos dizer que há um outro tempo na construção do saber que é aquele em que intervêm os terceiros cuja ‘discussão’ abre, também, o confronto com o outro saber, o já conhecido sobre o paciente. Esse saber, que figura no dossiê ou que é registrado oralmente, concerne aos dados médicos, psicológicos, sociológicos, históricos, jurídicos, entre outros, que são extrínsecos ao campo próprio do analista, mas aos quais ele foi tentado a se confrontar nos seus esforços de objetivação. Essa abertura para o questionamento da experiência com os pares remete pensar sobre o lugar da supervisão nesse processo como um espaço possível de alteridade.

A supervisão, segundo Aguirre, Pinto, Becker, Carmo & Santiago (2000), visa facilitar para o aluno de Psicologia a integração de dois aspectos constituintes da prática clínica: o conhecimento teórico e o auto-conhecimento. Esses autores colocam que a supervisão pode ser entendida como um modelo de trabalho que realiza um atendimento indireto ao paciente. Esse modelo pode ser desenvolvido e significado de diferentes maneiras e isto é que delimitará a relação supervisor-supervisionando. Em nossa pesquisa, entendemos a supervisão como “a busca de significações dos acontecimentos do campo transferencial, de forma a estabelecer e restabelecer – sempre provisoriamente – a estruturação da teia inconsciente que lhe é própria” (Band, 1995, p. 12). Portanto, são as marcas do campo transferencial que são introduzidas pelo supervisionando na sua narrativa que serão analisadas na supervisão. O autor salienta que essa forma de trabalhar em supervisão, ou seja, a forma de analisar o campo transferencial advindo da relação

terapeuta-paciente e presentificado no espaço de supervisão, traz algumas conseqüências, entre elas:

- 1) quaisquer decisões sobre as características da supervisão são da responsabilidade do par supervisionando-supervisor, nenhuma delas sendo tomada previamente ao encontro.
- 2) não há temas privilegiados, a não ser por terem sido trazidos livremente pelo supervisionando.
- 3) ao invés de tentar aliviar as ansiedades do supervisionando o que se faz é continuar no processo de busca de sentido iniciado.
- 4) o supervisor é modelo espontâneo de identificação, sendo qualquer imposição de modelo tratada como emergente do campo transferencial investigado.
- 5) as tramas transferenciais porventura captadas na relação de supervisão também são encaradas como emergentes do campo transferencial.

Marques (2000) diz que a supervisão não é um lugar para o supervisionando aprender uma forma de trabalhar, ou uma forma de interpretar. Ela é um espaço de criação de novas possibilidades de pensar, é um espaço em que se apreende o que já faz parte de si mesmo. O ato de supervisionar seria uma operação em que se desfiam os pensamentos e se desatam nós, em busca de um fio que os ligue e que permita um novo traçado. Ou seja, é um espaço em que se tenta desfazer a ilusão e crença na existência de uma interpretação soberana e toda poderosa – quase mágica – e, assim, permite confrontar o sujeito com a dúvida e a perplexidade necessária a uma interpretação criadora (Lisbona, 1995). Não se busca estabelecer o que é certo ou errado em cada situação narrada pelo supervisionando. Como esclarece Band “isto quer dizer que, se as coisas aconteceram de uma determinada maneira, caberia buscar sentido para esses acontecimentos e não tentar corrigi-los; tudo que ocorreu teria inexoravelmente de ocorrer, porque ocorreu” (p. 6). Essa busca de sentido tem por objetivo criar enigmas e não encontrar significações fechadas e absolutas para os acontecimentos psíquicos. O que se relata em supervisão é algo que já foi, que já passou, que pertence a um outro tempo, porém no momento do relato traveste-se de presente.

O supervisionando narra ao supervisor o que ficou e elaborou do encontro clínico com seu paciente. O supervisor escuta o que vai além das palavras ouvidas, o que escapa, o que surge de estranho no conteúdo de um discurso, o que surpreende numa palavra ‘mal dita’ (Marques, 2000, p. 105).

O supervisionando, segundo Marques (2000), vem narrar sua experiência em uma tentativa de articular a sua prática clínica com a teoria. Ele narra na busca de ordenar os fios, descobrir os nós e tecer sobre as linhas já traçadas um novo desenho. O supervisor

escuta os fios que escorregam invisíveis, cuidadoso no momento de pinçá-los para que o traçado não perca as características próprias de seu tecelão. O supervisionando narra mergulhado na sua subjetividade. A supervisão, portanto, acontece nesse limiar entre o 'eu' e o 'outro'. O 'eu' fala, relata o que o 'outro' supostamente viveu e 'ele' pensa e articula o que se passou entre 'eu' e o 'outro'. O supervisor ocupa, então, um papel de terceiro frente ao qual o supervisionando vem articular sua fala.

A análise do campo transferencial se dá, portanto, a partir do relato do supervisionando acerca do que ocorreu no encontro entre ele enquanto terapeuta e seu paciente. Esse relato constitui-se em re-traduições, tendo em vista que as imagens percebidas e as palavras ouvidas há poucos instantes são irremediavelmente travestidas por uma nova realidade, cheia de novas imagens subjetivas. Isso leva à conclusão de que não há um guia infalível de uma prática, mas sim há uma orientação para um questionamento constante das situações vivenciadas. Isso exige o luto de uma matriz relacional, a renúncia a uma totalização e o abandono a uma compreensão definitiva. E é por isso que devemos escrever sobre os pacientes que nos interrogam.

Seguimos agora para a composição teórica sobre a genealogia e as rupturas na sua transmissão cujo efeito possível é a desorganização narrativa. Esse tópico serve de base para compreendermos a articulação entre transmissão genealógica e narração.

3. A transmissão genealógica e suas rupturas.

Toda experiência se inscreve, como aponta Walter Benjamin (1935/1983), numa temporalidade comum a várias gerações e, dessa forma, pode-se dizer que ela se inscreve a partir de um ponto de origem. Entretanto, essa origem acerca de nossa história, como enfatiza Gagnebin (1999), desenrola-se entre um início e um fim que não nos pertencem e, por isto, dependem das narrações de outros. As significações acerca da origem da criança que acaba de nascer se configuram nas primeiras interações entre a mãe e o bebê. A mãe empresta à criança as primeiras significações sobre o que acontece com seu corpo, quando nomeia, por exemplo, o seu choro como sendo de dor de ouvido ou de barriga, cólicas, fome... É a partir destas primeiras significações que a criança poderá mais tarde encontrar recursos para construir suas próprias significações e organizar um certo saber a respeito daquilo que lhe foi transmitido como referência. Este saber sobre seu corpo dado por quem a cuida refere-se ao saber e aos ideais de cada pai e de cada mãe, mas também se refere aos ideais de uma certa estirpe, de uma certa família, enfim de cada cultura em determinada época. A criança toma na cultura elementos que lhe servirão como referência para a partir deles construir novas significações. As marcas desta origem podem trazer efeitos

simbólicos diversos no processo de subjetivação de cada sujeito. Este processo é delineado pelas significações singulares configuradas a partir dos diversos eventos vivenciados pelos diferentes sujeitos numa mesma época histórica ou em eras diferentes.

De acordo com Dartigues (1998), a narrativa que permite ao sujeito identificar-se não é somente a narrativa autobiográfica, mas toda narrativa, histórica ou fictícia, que ele interroga como um espelho, devolvendo-lhe uma imagem de si próprio. Fivush (1991) argumenta que uma grande parte do que somos depende das conceitualizações que fizemos acerca do passado que nos concerne. As histórias que contam sobre nós, tanto para nós quanto para os outros, têm um papel importante na definição de nós mesmos. Nessa perspectiva, as narrativas autobiográficas apresentam uma forma convencional coerente com uma estrutura cultural aceita. E essa forma canônica de narrar os eventos cotidianos passados pode ser elaborada na interação da criança com a mãe, por exemplo. Nesse sentido, Dunn (1988) coloca que o entendimento social começa como práxis em contextos particulares nos quais a criança é protagonista, é um agente, uma vítima, um cúmplice. Ela aprende a desempenhar um papel no drama cotidiano familiar antes que lhe seja exigida qualquer narração, justificativa ou desculpa.

Nessa linha de pensamento, pode-se colocar que há um eu coletivo que advém dos outros e que emerge antes do eu que fala. Este faz imediatamente retorno sobre o primeiro através de um mecanismo cognitivo recursivo. Nesse quadro que se efetua sobre um fundo social e histórico, a interação une indissolivelmente, de forma recíproca e ao mesmo tempo contraditória, as psiques de uns e de outros. Esse processo é garantido, segundo Lani-Bayle (1997), pela intervenção de terceiros, sem a qual o filtro se ofusca e caminha rumo às desordens de família e à loucura. A gênese progressiva do sujeito se constrói, assim, de maneira sucessiva e permanente. Essa passagem induz a um caminho necessário que se desenvolve na linha do tempo.

O grupo, enfatiza Kaës (1993), antecede o sujeito até mesmo porque não temos a escolha de não pertencermos a um grupo, assim como não temos a escolha de não possuímos um corpo. Ele argumenta que o assujeitamento ao grupo tem como base a realidade intersubjetiva como condição de existência do sujeito humano. O inevitável, segundo o autor, é:

Que somos colocados no mundo por mais de um outro, por mais de um sexo e que nossa pré-história faz de cada um de nós, bem antes do parto, o sujeito de um conjunto intersubjetivo cujos sujeitos nos contêm e nos entretêm como os servos e os herdeiros de seus 'sonhos de desejos irrealizados', de seus recalamentos e de suas renúncias, na trama de seus discursos, de seus fantasmas e suas histórias (p. 5).

Então, os acontecimentos que antecedem o nascimento do sujeito, ou seja, a sua pré-história, só podem ser constituídos na intersubjetividade. Como demonstra Kaës, o grupo - familiar, institucional, comunitário ou cultural - que antecede o sujeito, é que o mantém e o sustenta em uma matriz de investimentos e de cuidados. Esse grupo marca os lugares, apresenta os objetos, oferece os meios de proteção e de ataque, delinea os limites, enuncia os interditos. A questão da transmissão, portanto, relaciona-se à formação do inconsciente e aos efeitos de subjetividade, os quais derivam da intersubjetividade. É pela mediação do grupo, pois, que são transmitidos e transformados o ideal, as identificações, os enunciados míticos, os mecanismos de defesa, os rituais, uma parte da função do recalque. Sigmund Freud (1932/1976) também aponta essa transmissão intergeracional em uma das passagens sobre a constituição do superego:

Assim, o superego de uma criança é, com efeito, construído segundo o modelo não de seus pais, mas do superego de seus pais; os conteúdos que ele encerra são os mesmos, e torna-se veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitiram de geração em geração. Facilmente podem adivinhar que, quando levamos em conta o superego, estamos dando um passo importante para a nossa compreensão do comportamento social da humanidade – do problema da delinqüência, por exemplo - e, talvez, até mesmo estejamos dando indicações práticas referentes à educação. Parece provável que aquilo que se conhece como visão materialista da história peque por subestimar esse fator. Eles o põem de lado, com o comentário de que as 'ideologias' do homem nada mais são do que produto e superestrutura de suas condições econômicas contemporâneas. Isso é verdade, mas muito provavelmente não a verdade toda. A humanidade nunca vive inteiramente no presente. O passado, a tradição da raça e do povo, vive nas ideologias do superego e só lentamente cede às influências do presente, no sentido de mudanças novas; e, enquanto opera através do superego, desempenha um poderoso papel na vida do homem, independentemente das condições econômicas (p. 87).

Nós olhamos nossa infância e nela isso que nos prefigura: é assim que entramos no simbólico, guiados pela imagem mítica da criança ancestral, pois é através do passado que metabolizamos as nossas experiências de vida e, assim, as registramos na nossa memória. Em outras palavras, pode-se dizer que ao colocarmos em cena o passado, ressignificamos o presente e também o passado que nos constitui, bem como nos relançamos ao futuro. Esse movimento remete ao conceito de tríplice Mimesis utilizado por Ricoeur (1984/1995) a fim de elucidar a composição narrativa. Kehl (2001) explicita que a memória tem pelo menos duas funções para a psicanálise.

Uma delas é a que dá consistência ao sujeito e promove uma ligação duradoura entre este e seu *eu*. É uma memória inconsciente... Esta memória é o que confere ao sujeito um lugar, que lhe parece tão 'natural' ... que o sujeito só se indaga sobre ele quando algo deste lugar lhe escapa ou se desloca (p. 13).

A outra é a memória da rememoração e da transmissão da experiência. Esta experiência, esclarece Costa (2001), “não pode ser reduzida a um símbolo abstrato, ou a uma imagem, ela precisa passar pelo corpo na sua relação com o semelhante e com o real (desde que este real inclua alguma atividade, algum exercício)” (p. 32). Ou seja, aquilo que se experiencia fica registrado e produz sua marca no corpo, mesmo que não se tenha palavras para dizê-lo. Costa salienta que é somente essa dimensão da experiência que produz um saber, que se diferencia da informação e do conhecimento na medida em que esse saber é necessariamente corporal e, por isso, também inconsciente. “O saber é uma apropriação da representação pela experiência (apropriação que sempre traz uma medida de criação)” (p. 48). O saber contém uma dimensão de produção e outra de ignorância.

A memória genealógica é ativada e balizada pelos traços, quer eles sejam materiais (por exemplo fotos, roupas, jóias) quer sejam imateriais (traços internos e inconscientes), que permitem reencontrar o caminho dos ancestrais e outros antecedentes. Vê-se, assim, expressarem-se os efeitos das passagens dos predecessores ao longo do eixo da transmissão que une as gerações, e que permitem a cada um, em princípio, não se desviar muito de sua vida. Lani-Bayle (1997) propõe que os traços materiais são tangíveis e estão inscritos desde a mais tenra idade e por lá fixados, mortos, exteriores (salvo os genéticos). Eles foram deixados voluntariamente ou não pelos predecessores, e se armazenam no simbólico. Caso eles não sejam essenciais para a sobrevivência, eles são importantes para a vida a título de baliza, de suporte, para esses que sobrevivem. Sua presença é mais necessária pelo simples fato de estar lá, do que pelo seu conteúdo. É isto que o impacto de sua eventual ausência ensina. Estão inclusos nessa categoria os diversos documentos e objetos advindos dos ancestrais e que não adquirem sentido a posteriori senão pelo que significam acerca deles. Trata-se de uma função de índice, que ajuda a passar do desconhecido ao possível de ser conhecido até ser conhecido, a recolocar uma presença após a ausência daquele que foi o autor do depósito. Unem-se aqui os traços biológicos transmitidos de maneira aleatória sob forma de genes e que não estão necessariamente em congruência com os precedentes. Essas marcas materiais, que tomam sentido em um contexto social e cultural são chamadas a se representar, pois são materiais em sua maior parte ou pelo menos materializáveis. Trata-se de traços que a gente deixa na nossa passagem pelo mundo, após os ter carregado de algo pessoal. Um signo que fará lembrar de si na sua ausência: uma foto, uma vestimenta, um bibelô, um escrito mais ou menos íntimo redigido por nossas próprias mãos, etc... até mesmo uma marca especial da fisionomia, uma atitude, uma mania, uma entonação, algo que tem uma marca e, por isso, poderá perdurar depois de si, dando a ilusão de prolongar uma existência efêmera e por

definição limitada. Mas, enfatiza a autora, essa mensagem não é tão simples. Isto porque esses traços materiais não têm sentido em si. Eles necessitam pelo menos serem conjugados com outras formas de evocações, menos evidentes. Isso remete aos traços imateriais os quais são intangíveis, flutuantes, fugazes, efêmeros e transmissíveis, também, mas de maneira inter ou transgeracional geralmente involuntária. Sua sede é a memória. Está aí o coração mesmo da transmissão, ou seja, naquilo que é inevitável, a saber: seu aspecto essencialmente inconsciente e que escapa, mas permanece agindo no fundo de cada um sem cessar. Quando as crianças podem perceber um sentido – ajudadas pelos traços materiais – então, essa memória genealógica latente toma vida e ela só pode se expressar pelo viés de sintomas estranhos. É ela que autoriza a entrada da cognição, a transformação do que se sente em saberes significantes através da ativação das potencialidades intelectuais.

Lani-Bayle (1997) salienta que é com esses traços materiais, que respingam sob os caminhos familiares, que se constroem e se escrevem as lendas das famílias, fontes de histórias. O essencial seria, então, poder estabelecer uma circulação entre os traços internos imateriais e os traços externos materiais – isso que para a vida toma sentido gerando, nas linhas de sua passagem, algum saber. E para que aconteça essa conexão entre os traços materiais e imateriais, é necessário que haja uma correspondência entre aquilo que o sujeito sente no seu corpo e isto que os outros lhe dizem acerca de sua história, senão é a catástrofe certamente. A experiência mostra, pois, que uma transmissão passa, mesmo quando o objetivo consciente é contrário. Em contrapartida, quando uma via de passagem geracional se expressa, se mostrará potencialmente útil para aquele que é o descendente. Então, os traços materiais enviados funcionarão como pequenas mensagens, que poderão despertar e ativar os traços imateriais internos correspondentes. Esses tomarão, então, sentido porque possuir um objeto é uma coisa, mas é o valor que atribuímos a ele que interessa – sendo ele tributário da história ligada aos antecedentes que o acompanham. Essa atração do objeto leva a uma possível coincidência com nosso mundo interior, uma ressonância que dá à mensagem valor de informação. Isto se exerce a favor dos traços imateriais, fontes dos outros em nós, que nos unem à humanidade e iniciam nossos trânsitos rumo à humanização. Como já foi exposto no início dessa seção, nós nascemos antecipados, então somos fortalecidos por esse passado anterior recebido daqueles a quem nós devemos a existência. Esse passado foi vivido, é isto que faz a trama, mas não é suficiente para tornar um sentido possível. Isto porque os fatos vivenciados não têm um valor de durabilidade por eles mesmos. É a maneira diferente como eles serão sentidos e que se imprimirão em cada um que será operante. Mas, alerta Lani-Bayle, o que está retido

não é inerte: tudo que pode ser inscrito antes, durante ou depois no mesmo lugar ou na adjacência, poderá ser então ativado seja no momento mesmo da inscrição, seja a posteriori sob a forma de lembrança. Produz-se um verdadeiro trabalho de transformação, de remodelagem, de integração permanente do traço, em um contexto pré e pós-existente. É por isso que a psicanálise apóia-se nas associações em seu objetivo de reminiscências. Um traço leva a um outro que lhe é próximo. Existem zonas específicas no cérebro, que efetuam os reagrupamentos a sua maneira, isto quer dizer inconscientemente, sem controle voluntário. É isto que faz toda a labilidade e a subjetividade da lembrança. E se pode assinalar que a deformação de um fato é proporcional não tanto aos fatos em si, mas às emoções relativas a eles. Enfim, para uma ação ou vivência transformar-se em experiência é preciso que aquela seja sentida, ‘revivida’.

É impossível pensarmos a transmissão entre gerações como algo linear, fixo e uniforme. A instituição familiar, por exemplo, vista sob o ângulo dos indivíduos que a compõe bem como da totalidade que ela representa, deve ser pensada, assim, de forma diferente. Ou seja, deve ser vista como integrando conjuntamente cada um de seus membros na sua individualidade e a coletividade com suas características de conjunto. Paradoxalmente, sua genealogia ou sua origem está contida em cada um. É aí que elas devem ser buscadas, em um movimento incessante de ir e vir das sombras projetadas por cada um. Assim, como também apontaram Benjamin (1935/1983) e Gagnebin (1999), pode-se dizer que não existiria uma origem, no sentido clássico e singular do termo. Mas, um vazio interno de onde a genealogia age, utilizando as palavras que a servem e a abandonam, dando dessa forma ao presente uma espécie de resumo de toda uma amplitude de vida. Ao se abrir a cena familiar genealógica e ampliá-la no e pelo tempo, desenvolve-se uma outra dimensão, que se articula com o ambiente social e cultural. É a transmissão que torna essa passagem possível. Mannoni (1982/1986) explicita que a castração inclui o sujeito na dimensão histórica, pois o insere no dilema edípico. Marca-lhe um desejo, pois separa o sujeito (criança) de ser objeto do desejo do outro, permitindo-lhe colocar-se em sua própria história, isto é, historicizar o seu desejo.

O espaço que a criança encontra ao nascer e ao longo do seu desenvolvimento é, como vimos, estruturado pelos outros; são eles que lhe conferem ou não a possibilidade de evoluir fora de seu campo de influência. São os outros que dão à criança o sentimento de que ela possui um lugar. (...) O lugar que se autoriza ou não a ocupar e a função que se tem, sem o saber, enquanto X (“doente”, “louco”) junto a um outro cuja angústia se tapa, constituem elementos de um jogo de xadrez cuja partida é jogada tanto na família quanto em qualquer instituição. O jogo será tão menos fixo quanto menos se faça por recuperá-lo no quadro rígido de uma instituição cuja vocação “assistencial” venha duplicar a solicitude educativa familiar. O sentimento que um indivíduo tem de seu

lugar no mundo está igualmente ligado à maneira como, em sua vida, ele *importou ou não para alguma outra pessoa*, e importou para alguém sem ter precisado, para tanto, apagar-se como sujeito. Esse ‘importar para o outro’ atua no cenário da instituição de maneira inteiramente repetitiva. A criança é alternadamente levada a desempenhar o papel de um dos pais, de um irmão, de um amigo; e, no decurso desses jogos, aparece muito claramente a função ocupada pela ‘doença’ no campo do outro (querendo o sujeito, como ‘doente’ importar para ele) (p. 60). (...) O encontro com o desejo é feito pelo sujeito a partir da pergunta *O que você quer?*, formulada ao outro. O desejo, desde sua origem, manifesta-se no intervalo cavado pela demanda. É a partir da falta de ser que o sujeito sustenta um apelo, para receber do Outro o complemento desse apelo. Quando o adulto está demasiadamente presente no nível da necessidade, a criança tem dificuldade em fazer-se ouvir no registro do desejo (p. 61).

Essa falta fundamental nos contém tanto quanto nós a contemos. E é no fundo de nós mesmos que ela se encontra e que nós a buscamos. Trata-se do mais total não sabido. É o nosso não sabido fundamental, palavra por palavra que se sabe no interior, sem o saber, que preexiste aos dados que saem de nossos sentidos. O genealógico funda o humano, instaura uma ordem incontestável e um sistema de deslocamentos sucessivos que reconhecem uma cadeia que liga entre eles os indivíduos. Esse elo, apesar de unir os indivíduos em uma história compartilhada, permite também que estes se diferenciem: com efeito, a partir da colagem inicial dada pela transmissão direta, o genealógico fazendo nela ofício (função) de Pai, quer dizer de Terceiro separador que garante o crescimento na organização do sistema, cria os desvios indispensáveis à diferenciação. Esta se efetua graças ao acesso ao tempo e ao discurso, e fornece para um determinado sujeito as coordenadas de sua inscrição ou de sua não inscrição na ordem da filiação. O sentido da palavra falada fornecerá, então, à trama da história própria do sujeito familiar, armazenada na sua memória sob forma de palimpsesto lendário, a reconstrução dessa história que escreve a gênese do sujeito sob o eixo temporal, pela articulação de uma história diacrônica.

A criança, então, ao se situar perante os seus ancestrais no eixo geracional, apropria-se de sua história e a partir disso pode dar um outro sentido a sua existência. É necessário primeiro poder regressar ao passado, decifrar as mensagens passadas advindas de outro lugar, de antes, dos outros. E, assim, compô-las, transcrevê-las, produzir um material concreto da estruturação dos dados que não estavam simbolizados. Enfim, expor o produto a um público, isto quer dizer separá-lo de si, enfrentar as reações do outro, aceitá-los, e perder de novo, etc. A chave de ouro desse processo reside na vida a completar, a falta interior, as falhas, as mágoas narcisistas. Como afirma Dolto (1979/1980):

O ser humano somente pode superar a sua infância para encontrar a sua unidade dinâmica e sexual de pessoa social responsável, libertando-se mediante um dizer a verdade a respeito de si mesmo a quem pode ouvir. Esse dizer o instala, então, na sua estrutura de criatura humana verídica cuja imagem específica, verticalizada e orientada para os outros homens pelo símbolo de uma face de homem responsável, a sua, está referenciada ao face a face com os seus dois genitores particularizados, e pelo nome que ele recebeu no nascimento, de conformidade com a lei, esse nome ligado a sua existência é, desde a sua concepção, portador de um sentido de valor único que é sempre vivaz depois de todas essas parencas multiformes e multipessoais, desmistificadas uma após as outras (p. 18).

Os desvios gerados nessa reconstrução permitirão engendrar outras estruturas, os contornos que tornarão possível a emergência de estados novos e singulares. Isso só pode acontecer pela integração das perturbações que escapam à porta do sistema. Trata-se de flutuações ínfimas, de aparência insignificante, mas que permitem a abertura potencial capaz de romper as cadeias da fatalidade que regiam o funcionamento dos grupos iniciais. É então que intervém, sem ter sido convocada, uma pequena gota do acaso, uma suspeita perturbadora, uma falha bem colocada, uma ruptura salvadora, até mesmo um nada, que é fonte de um ínfimo desequilíbrio. É a partir disso que surge uma energia não suspeitada até então, a qual se coloca em marcha no íntimo do indivíduo, nisso que lhe escapa. Nasce daí a liberdade, o livre arbítrio do indivíduo situado no ponto de equilíbrio entre o conhecimento de si e a ignorância de si. A criatividade está na abertura de um espaço onde o mundo se dá a criar, onde se acredita que é possível. A tomada de conhecimento do que nos precede serve para oferecer a escolha de viver de outro modo e não para a fixação ou a repetição ilimitada. Enfim, trata-se de um pré-texto, a saber: esse que chega antes do texto e o permite decodificá-lo. “O sentido então se manifestará nos desvios da história” (Lani-Bayle, 1997, p. 51).

A história não se impõe tal qual o exterior, e é a cada um que cabe conquistá-la, ou seja, passar de um modo recebido, transmitido, passado, advindo de outros, rumo a um mundo a inventar e construir, por e para si mesmo. Tornar-se o autor conjugando a sua maneira os traços materiais e imateriais. Conhecer a sua herança para transformá-la a sua maneira até mesmo recusá-la. Nessa lembrança, a escolha de um momento fundador fictício é primordial para impulsionar isto que poderia se narrar, criando artificialmente um ponto de origem no vazio. Esse ponto inicial de engodo e ancoragem possibilitará um antes de um depois, separará isso que emana dos outros disso que caracterizará cada um em particular. É assim que se passa do nível triangular ao volume piramidal. Ou seja, a história, mesmo a oficial, não está dada de uma vez por todas, ela permanece num processo (inter) ativo. A ‘verdadeira’ história, como lembram Benjamin (1935/1983), Gagnebin

(1999) e Lani-Bayle (1997), é a que se fabrica, que se faz, que se constrói, mesmo quando os fatos são verificáveis e completamente exteriores à si. Essa história a fazer se apóia no vivido que o sujeito traduz numa narrativa temporalizada: são de início as palavras traçadas que surgem e que buscam uma ordem. Para isso, convém inicialmente poder articulá-las num início fictício, mas colocado enquanto tal, e depois separar isto que constitui a própria história daquela dos outros. Benjamin enfatiza que o reconhecimento desse momento fundador é, com efeito, primordial para introduzir o que poderá ser contado. A criação desse ponto inicial desamarrará isto que emana dos outros e isto que caracteriza cada um em particular. Construir sua história de vida ajuda a criança a se localizar na sua existência, pois a situa num plano conjunto e a insere no seu ambiente. Entretanto, nem todos têm a possibilidade de poder remontar seu tempo dessa maneira. Há numerosas histórias que estão esfaceladas, escondidas ou perdidas e, assim, o corpo que as habita não tem mais acesso direto a elas, nem dispõe mais de palavras para as articular. Lani-Bayle (1999) alerta, porém, que não se deve mascarar ou não dizer à criança ou pior contradizer a sua filiação. Ela tem necessidade de ter acesso ao seu contexto, aos elementos disponíveis acerca de sua vida para se construir a partir deles não somente em corpo, mas em palavras. Se não existisse tal elemento fundador de sua vida, ela não estaria onde ela está. Por que lhe negar, não o reconhecer? Toda criança tem necessidade de possuir os elementos de seu percurso anterior, os intermediadores que passam e que lhe concernem vida, para assim se compreender, nem mais nem menos que os outros. Esse aspecto também foi salientado por Marin (1999) a qual refere em seu estudo a dificuldade de algumas instituições que abrigam crianças em situação de abandono em ‘suportar’ falar sobre a história de vida desses sujeitos.

Muitas vezes, existe uma defasagem entre o que a criança experienciou e o que lhe contam sobre o seu passado, por exemplo, e isto a fragiliza, tornando impossível a esta criança expressar-se de uma maneira coerente. Como resultado há uma dissociação entre o que elas sentem em estado bruto (em outras palavras, como marcas em seu corpo, ainda não representadas pelo campo da linguagem) e isto que elas escutam acerca delas. Assim, elas não podem expressar-se narrativamente de maneira coerente, porém o fazem de outro modo, ou seja, sob formas muitas vezes patológicas como depressão, mutismo, atraso na linguagem, disfunções motoras, etc. Quando esses traços ficam em estado bruto, eles não poderão ser ligados, articulados, parecendo erroneamente uma perda do conhecimento. Portanto, é disto também que podem sofrer as crianças colocadas em casas de acolhida: de um nada na transmissão advinda das gerações precedentes. E é isto que perturba a sua relação com o saber porque para que a criança entre em contato com o mundo e, enfim,

possa conhecê-lo, necessita estabelecer uma relação, um laço, uma confiança que se denota entre o que ela viveu e isto que se possa construir em termos de saber. Caso exista um hiato entre os dois, essa busca cessa. Se uma criança tem um adulto que se ocupa dela e que lhe ajuda a relatar algo sobre o que ela vivenciou, mas isto não lhe faz eco, não provém dela mesma, então os vazios intransponíveis tomam conta. As pessoas não necessitam encontrar palavras sobre tudo, o não saber não está lá para obrigatoriamente ser desvelado: é quando há uma defasagem entre o interior e as palavras que chegam do exterior, que existe um problema. E com ele vem a necessidade de restaurar um laço, uma interface.

Para que a criança possa, portanto, se projetar em direção a um antes e a um depois, ela precisa inicialmente ter o suporte de um outro que compartilhe a sua história. Um outro que possibilite a ela estabelecer um elo entre isto que ela vivenciou e isto que faz parte de seus ancestrais. Um outro que inicialmente historicize para ela o trânsito intergeracional e que, ao fazer isso, posicione-a frente a uma linhagem e divida com ela uma pré-história e uma herança possível. É esse trânsito que parece ser complicado, difícil e até mesmo impossível para o universo das crianças abandonadas e acolhidas em uma instituição. E caso essa transmissão acerca da origem seja inviabilizada, a criança cai numa ruptura no eixo geracional recorrente. Se o que os membros da instituição contam sobre sua história não faz eco às marcas de seu corpo que são inconscientes, torna-se impossível para essa criança construir pelo menos uma versão singular acerca de sua genealogia, de sua vida.

Lani-Bayle (1997) argumenta que essas crianças, cujo acesso a sua genealogia está barrado, podem se beneficiar de uma espécie de adoção geracional, a qual é imprescindível a todas as vias de transmissão indispensável à vida socializada, pois toda narrativa de vida é parte teórica de nosso patrimônio cultural comum. Mas, para isso convém antes de tudo colocar, decretar, mesmo que artificialmente, um início (fictício para todos porque sempre inacessível) para, a partir disso, ter a possibilidade de inventar e de escrever seus diferentes capítulos, enumerando as páginas; antes de se deixar mais ou menos passivamente se arrastar pelo turbilhão sem começo nem ordem, sem história própria. É através dos personagens (re) criados, a partir dos ancestrais revelados e que agem literalmente como pré-texto, que o eu se reconta. Qualquer um pode se colocar aos desvios de narrativas semelhantes e, a favor de tal ou qual anedota, associar, deslizar sobre sua própria história e se colocar a recontar nela isso que foi inscrito por um outro e que serve como detonador. O antepassado em si é de alguma forma um conceito exportável e adotável, pois ele é necessário a toda abertura temporal e cultural do sujeito. Algumas vezes, segundo Lani-Bayle, os sentimentos deslocados para os personagens de uma história são os caminhos mais diretos para se recontar. O desconhecido se sobressai quando se acredita ser outra

coisa, visto que esta é a melhor maneira de desarmar a censura. Eu posso assim me recontar contando meu vizinho, criando um personagem fictício ou copiando meu rival. Ou seja, através desses personagens, a criança pode recontar a sua história, sem se dar conta inicialmente que é a sua própria história que está narrando. Nessa direção, Gutfreind (2002; 2003) demonstra em sua pesquisa os efeitos terapêuticos do conto no tratamento psiquiátrico de crianças separadas de seus pais e vivendo em abrigos públicos, em Paris. Uma das conclusões do autor é que o conto contribui na ajuda à criança, estimulando-a a encontrar meios de expressão e de elaboração de sua vivência a partir de um enriquecimento da vida imaginária. Ou seja, o conto permite à criança expressar e elaborar os conflitos ligados especialmente à separação e à carência, manter viva as imagens dos pais. O conto, segundo Gutfreind (2003), funciona como:

Uma fonte de abertura dos espaços potenciais e lúdicos (Winnicott, 1971; Pavlovsky, 1980) na medida em que as crianças puderam encontrar, pouco a pouco, um prazer em sua capacidade de ouvir e contar histórias, assim como desenvolver verbalizações criativas em torno delas, abrindo espaços internos de criatividade, que podem estar relacionados à melhora em sua saúde mental (p. 65).

Isso é importante porque esse passado anterior constitui a compreensão do que nós somos além de nossas individualidades, e contribui para a elucidação que podemos fazer de nosso percurso e de nossa margem de liberdade e de recomposição próprias. Além disso, essa porta aberta em direção ao nosso passado geracional nos abre a porta da cultura no sentido amplo. O acesso aos circuitos de transmissão se relaciona com os personagens que nos engendram. Nossa história começa a se escrever com eles, antes de nós. Ela, então, pode ser recontada desde e através deles. Nós podemos, através das histórias que nos contam e ao escutar uma narrativa biográfica em particular e que nos é estranha, ler nossa própria história. Tal avó, descrita em um conto, por exemplo, pode convocar a nossa e nós a restituímos na nossa história. É talvez por isso que as biografias e narrativas históricas apresentadas como autênticas têm tanto sucesso.

Para que esse processo de transformação possa circular e produzir este saber que tem relação com o consciente, é necessário que a informação toque em alguma parte do conhecimento, que os dois se encontrem no processo, no eixo. Então, o circuito produtor de sentido poderá funcionar se atualizando em saber. Existem diferentes maneiras de contar, seja diretamente na família ou nos abrigos. É o sentido dado que conta, fabricado e esculpido pela mão do autor. É a construção do sentido pela pessoa que vive sua vida que interessa. E a pessoa exterior não tem nada a dizer senão tentar compreender. E as possibilidades para se re-contar uma história são de diversos tipos, cuja eficiência em

relação a si mesmo não é nem quantificável, nem mesmo previsível. Cada um conjuga a sua maneira esses múltiplos entrelaçamentos dos quais nós somos feitos. Quando eu falo e quando eu escrevo, quando eu me transformo em autor das frases que eu articulo, que eu componho, é minha história, e através dela que eu, por fragmentos de discurso, restos insignificantes que se conjugam, manifesto-me no meu texto e me exponho.

Nesse sentido, Jouthe (1996) retorna à obra de Aristóteles e seu conceito de mimesis, definida não como imitação, mas como representação das ações humanas (práxis) pela linguagem (lexis). Essa representação repousa sob um duplo trabalho de produção-criação em que o primeiro e principal aspecto é a construção de uma história, como arranjo sistemático de fatos encadeados segundo o necessário ou o plausível. Essa construção coloca em evidência o componente catártico da mimesis. O segundo aspecto, e subordinado ao primeiro, é o trabalho da expressão pela produção do texto através das palavras medidas na história. De acordo com Jouthe, disso decorre alguns elementos pertinentes à composição narrativa: a) o efeito catártico da tragédia sobre os espectadores que consiste precisamente em um processo que substitui o prazer à piedade; b) o trabalho mimético pelo qual opera a substituição do prazer à piedade. Existe um laço dialético entre as duas dimensões, mesmo que aparentemente contraditórias, do trabalho mimético: de um lado, a dimensão passiva que consiste em por à prova os sentimentos e as emoções suscitadas pelo conhecimento sensível de um drama, identificando-se com os atores ou heróis desse drama; de outro lado, a dimensão ativa que consiste em tomar uma distância crítica em relação a isso que se passa aqui e durante, ao olhar as coisas além das aparências e das impressões imediatas, para ver o essencial. Na opinião de Jouthe, esse retorno às fontes gregas permite ver o laço estreito entre a depuração estética e a transformação do sujeito: de um lado, a depuração estética implica em uma passagem libertadora da posição do espectador que experimenta passivamente os sentimentos imediatos à posição de sujeito ativo e consciente capaz de modificar, por uma depuração de suas emoções, sua maneira de viver e de representar o drama da práxis humana. O que é comum a todas as formas de representação é que elas portam ideologias, ou seja, concepções de mundo, de sentido, de crenças, de valores, de normas de conduta. Elas interpelam o espectador, suscitando nele sentimentos e paixões contraditórios. Em outras palavras, a catarse é um processo que consiste em elevar a experiência vivida no mundo como uma história ou drama, à expressão, à análise, à compreensão e à transformação dessa experiência.

Mas, interroga Lani-Bayle (1997), a história dos outros é ela suficiente para viver a nossa história, até onde se pode pensar e viver por procuração? Existe uma hierarquia anelada que inicia cada história a partir de seus antecedentes para abrir, depois, à história

dos outros não classificados nessa filiação originária. Então, como se é muito pequeno no início, é importante que esta etapa inaugural se faça em um meio próximo e seguro. Convém, então, que o ambiente disponibilize os meios do sujeito reconhecer a mensagem advinda de uma transmissão que em parte escapa, a fim de poder ordená-la, decodificá-la e expressá-la de sua maneira. Contar a sua história é um trabalho de narração que permite ao sujeito reelaborar o vivido e que cria para ele um novo espaço de conhecimento do qual ele se apropria. O ato de contar é que permite ao sujeito interpretar sua vida, de criar sua significação sobre ela, de colocar seu lugar na cultura preservando sua implicação pessoal, integrando um elemento novo perturbador no ordinário: este é objetivo da narração, ou seja, criar os laços significantes entre o vivido e o sabido. É a partir de tais constatações que se pode apontar a importância considerável que tem a reconstituição a posteriori de todo percurso de vida, de uma narrativa na forma de uma escritura da história pessoal, em seu próprio nome, no seio de um grupo familiar, onde o sujeito deve ganhar seu lugar, um lugar em parte constituído disso que os outros, ascendentes, teriam projetado.

Pode-se concluir, portanto, que para o sujeito elaborar uma narrativa de sua vida, precisa ter acesso a sua história e assim compor uma versão, que é sempre mítica, acerca de sua origem. Logo, para que a criança possa narrar a história de sua vida, precisa que alguém transmita a ela a história das gerações que a antecederam, e que também nomeie os eventos que compõem a trajetória de seus primeiros anos de vida, antes que ela tivesse acesso à linguagem. Esse aspecto é essencial para que a criança possa narrar a sua vida ocupando a posição de autor dos fatos narrados. Ou seja, somente se apropriando da sua herança intergeracional é que o sujeito pode transformar, ressignificar a sua história e não somente reproduzir a história oficial. Por isso, as rupturas discursivas são tão importantes, pois rompem com a ilusão de um sentido total e único. Esse acesso, como foi problematizado por Lani-Bayle (1997, 1999) e de forma genérica por Marin (1999), parece ser difícil e até mesmo impossível para a maioria das crianças abrigadas, pois uma das dificuldades apresentadas pelas instituições que acolhem crianças abandonadas ou definitivamente separadas de suas famílias ou temporariamente afastadas do convívio com as mesmas refere-se à narração de alguns ou vários aspectos da história dessas crianças. O que se denota é, em algumas situações, a impossibilidade por parte dos profissionais responsáveis pela criança, pelos mais diversos motivos ou razões, de propiciar um espaço à criança em que o sofrimento decorrente do que antecedeu a sua vinda para a instituição bem como a sua experiência de estar institucionalizado possam ser verbalizados, discutidos, expressados, reclamados e, assim, ressignificados. Essa ruptura nos circuitos da transmissão intergeracional pode impedir a criança de (re)contar a história de sua vida de

forma coerente, na posição de Eu-narrador. Para isso tornar-se possível, é imprescindível que a instituição possibilite um espaço em que as questões relativas à genealogia possam transitar, tendo em vista que só se pode de fato esquecer o que se pôde um dia testemunhar, contar, narrar. Caso o sujeito apenas vivenciar sem dar testemunho a si, e ao outro do que viveu, nada ficará narrado, só agido, atuado. Pois, se memória e linguagem são indissociáveis tendo em vista que ambas se originam do mesmo traço que inscreve o sujeito no campo do Outro, também não é possível dissociar experiência e narração. É no ato de narrar, como ato de fala endereçado a um outro, que o vivido se constitui como experiência. Temos articulado, assim, os campos da genealogia e da narração. Mas, afinal, qual é o conceito de narrativa? O próximo tópico visa delimitar detalhadamente esse último campo trazendo, para fins específicos desse trabalho, somente os autores que elegemos como interlocutores nesse percurso de tese, a saber: Tzvetan Todorov, Walter Benjamin e Paul Ricoeur.

4. A composição narrativa.

Dartigues (1998) coloca que a resposta à questão ‘quem é você?’ não pode operar pelo simples enunciado do nome, mas implica a narração da vida, que indica o contexto das ações e situações a partir do qual podemos identificar a pessoa, pois a pessoa é o que ela fez e o que ela sofreu. Nesse sentido, Bruner (1990) esclarece que as narrativas são construídas exatamente para dar sentido à experiência e organizá-la. A narrativa será criada sempre que algo não for como deveria ser na vida de um indivíduo e que este precise ressignificar sua experiência. A partir dos elementos da cultura, cada sujeito com base em seus desejos irá encontrar significados em contextos onde outros poderiam não encontrar. É esse encontro entre os estados percebidos do mundo e os desejos da pessoa que, segundo Bruner (1998), irá criar a dramaticidade nas narrativas. A aplicação imaginativa do modo narrativo leva a histórias boas, dramas envolventes, relatos históricos críveis, embora não necessariamente ‘verdadeiros’, pois as histórias, segundo Bruner, não têm necessidade de uma comprovabilidade científica. Isto porque a lógica narrativa não obedece às mesmas regras da lógica científica, que é definida não apenas por elementos observáveis aos quais suas afirmações básicas se referem, mas também pelo conjunto de possibilidades “que podem ser geradas logicamente e testadas contra os elementos observáveis – ou seja, é conduzido por hipóteses observáveis” (p. 14). O modo narrativo, por sua vez, trata de ações e intenções humanas e das conseqüências que marcam seu curso, esforçando-se para colocar seus milagres atemporais nas circunstâncias da experiência e localizar a

experiência no tempo e no espaço, constituindo, com isso, ‘explicações’ de casos particulares e, assim, subjetivas.

Benjamin (1935/1983) relata a passagem da narrativa tradicional para essa forma subjetiva de narrar a experiência humana. Ele diz que a experiência se inscreve numa temporalidade comum a várias gerações. Ela supõe, portanto, uma tradição compartilhada e retomada na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho, ou seja, continuidade e temporalidade das sociedades artesanais em oposição ao tempo deslocado e entrecortado do trabalho no capitalismo moderno. Essa tradição não configura somente uma ordem religiosa ou poética, mas desemboca também, necessariamente, numa prática comum. As histórias do narrador tradicional não são simplesmente ouvidas ou lidas, porém escutadas e seguidas e acarretam uma verdadeira formação, válida para todos os indivíduos de uma mesma coletividade. Essa orientação prática se perdeu e explica nossa habitual desorientação, isto é, nossa incapacidade em dar ou receber um verdadeiro conselho. O autor explica que a Primeira Guerra consagrou esta ‘queda’ da experiência e da narração, pois aqueles que escaparam das trincheiras voltaram mudos e sem experiências a compartilhar, nem histórias a contar. Esta guerra manifestou, com efeito, a sujeição do indivíduo às forças impessoais e todo-poderosas da técnica, que só cresceu e transformou cada vez mais a vida do indivíduo contemporâneo de maneira tão total e tão rápida que este não conseguiu assimilar essas mudanças pela palavra. A Primeira Guerra revelou um sofrimento que não podia ser simplesmente contado, mas deveria ser transmitido, deveria poder ser dito, narrado, mas num sentido certamente diferente do que se tinha até então. Benjamin aborda, então, o fim da experiência e das narrativas tradicionais e a possibilidade de uma forma narrativa diferente, como o romance clássico que consagra a solidão do autor, do herói e do leitor. Assim, surge o domínio psíquico, pois os valores individuais e privados substituem cada vez mais a crença em certezas coletivas, mesmo se estas não são nem fundamentalmente criticadas nem rejeitadas. A história do si vai, pouco a pouco, preencher o papel deixado vago pela história comum.

Surge, então, uma narrativa subjetiva cuja expressão máxima na literatura é o romance. Todorov (1978/1987) faz parte do grupo denominado formalistas russos e ele estudou diferentes gêneros literários buscando definir um campo científico específico para o estudo da narrativa, o qual ele denominou Narratologia. Ele coloca que não são as dimensões do texto que determinam o que é uma narrativa. A narrativa não se contenta com a descrição de um estado, ela exige o desenvolvimento de uma ação, quer dizer a mudança, a diferença. Toda mudança constitui, de acordo com ele, um novo elo da narrativa, pois cada ação isolada segue a precedente e, a maior parte do tempo, entra com

ela em relação de causalidade. Todorov analisou contos literários e a partir dessa análise ele pressupõe que uma estrutura narrativa deve conter cinco elementos obrigatoriamente: 1) a situação de equilíbrio do início; 2) a degradação dessa situação pelo surgimento de algo que a problematiza; 3) o estado de desequilíbrio resultante desse problema; 4) a busca em restabelecer o estado de equilíbrio anterior; 5) o restabelecimento do equilíbrio inicial. O autor salienta que nenhuma dessas cinco ações poderia ser omitida sem que o conto perdesse sua identidade. A narrativa inteira é constituída pelo encadeamento e pelo encaixe de micronarrativas. Cada uma das micronarrativas é composta de três (ou talvez dois) desses elementos cuja presença é obrigatória. Assim, todas as narrativas do mundo seriam constituídas por diferentes combinações de uma dezena de micronarrativas de estrutura estável, que corresponderiam a um pequeno número de situações essenciais na vida. Pode-se certamente imaginar um conto que omite os dois primeiros elementos e que começa por uma situação já deficiente; ou que omite os dois últimos elementos, terminando no infortúnio. Mas, sente-se certamente que estariam lá as duas metades do ciclo. Então, dispomos mesmo assim do ciclo implicitamente completo e o princípio que une esses elementos é o da sucessão. Todorov demonstra, porém, que caso hierarquizarmos as ações elementares, perceberemos que se estabelecem novas relações entre elas que não são explicadas somente pela idéia de causa-conseqüência. É evidente que o primeiro elemento repete o quinto elemento (o estado de equilíbrio); e que o terceiro é a sua inversão. Além disso, o segundo e o quarto são simétricos e inversos. Não é então verdadeiro que a única relação entre as unidades é essa *sucessão*. Nós podemos dizer que essas unidades devem se encontrar também em uma relação de *transformação*. Aqui estão os princípios da narrativa conforme Todorov: a sucessão e a transformação. Mas, pergunta ele, qual é a natureza dessas transformações? O paradigma de toda mudança é a negação, ou seja, a ação de mudar um termo em seu contrário ou em sua contradição. Entretanto, existem outros tipos de transformação: por exemplo, transformação de modo, de intenção. Ele utiliza o conto ‘Décameron’ para explicar as transformações que podem ser observadas. Por exemplo, Richard está infeliz no início, feliz no fim: eis a negação. Ele deseja possuir Catella, a possui: eis a transformação de modo.

Para Todorov (1967), a narrativa representa a projeção sintagmática de uma rede de relações paradigmáticas. Descobre-se então, no conjunto da narrativa uma dependência entre certos elementos e se busca achá-los na sucessão temporal (sintagmática). Essa dependência é, na maior parte dos casos, uma ‘homologia’, quer dizer uma relação proporcional entre quatro termos (A :B : :a :b). Pode-se também, segundo ele, seguir a ordem inversa: tentar dispor de diferentes maneiras os acontecimentos que se sucedem,

para descobrir, a partir das relações que se estabelecem, a estrutura do universo representado. Para exemplificar a análise das homologias, Todorov recorre ao romance ‘Ligações Perigosas’. As proposições inscritas na tabela que segue resumem o tecer da intriga, as relações entre Valmont e Tourvel no romance. Para seguir a intriga, é necessário ler as linhas horizontais que representam o aspecto sintagmático da narrativa. Em seguida, comparar as proposições nas colunas e buscar seu denominador comum:

Tabela 1: Modelo de análise das homologias proposto por Todorov (1967) a partir do romance ‘Ligações Perigosas’.

Valmont deseja praz- zer	Tourvel se deixa admirar	Merteuil tenta fazer obstáculo ao pri- meiro desejo	Valmont rejeita os conselhos de Mer- teuil
Valmont tenta sedu- zi-la	Tourvel lhe consente sua simpatia	Volanges tenta fazer obstáculo a sua simpatia	Tourvel rejeita os conselhos de Vo- langes
Valmont declara seu amor	Tourvel lhe consente seu amor	Tourvel escapa des- se amor	Valmont rejeita apa- rentemente o amor
O amor é realizado			

Como podemos observar, todas as proposições da primeira coluna concernem à atitude de Valmont em relação a Tourvel. Inversamente, a segunda coluna concerne exclusivamente Tourvel e caracteriza seu comportamento diante de Valmont. A terceira coluna não tem por denominador comum um mesmo sujeito, mas todas as proposições que descrevem os atos, as ações. Enfim, a quarta coluna possui um predicado comum: a rejeição, a recusa. Os dois membros de cada par se encontram em uma relação quase antitética, e Todorov descreve assim essa proporção: *Valmont : Tourvel :: os atos : a rejeição dos atos*.

Um outro conceito delineado por Todorov (1978/1987) denomina-se *variações*. Para esclarecê-lo Todorov utiliza como exemplo o conto de Propp e a seguinte situação do mesmo: ‘a menina parte em busca de seu irmão. Ela encontra uma galinha a quem ela solicita informações. A galinha lhe promete dar as informações, mas em troca quer comer seu pão. A menina, insolente, recusa. Em seguida, ela encontra...’. Todorov explica que nesse conto temos proposições análogas, pois nas três ações descritas por Propp, é o predicado que permanece idêntico: cada vez, um oferece e o outro recusa com insolência. O que muda são os agentes de cada proposição, ou as circunstâncias. Antes de serem

transformações de uma a outra, essas proposições aparecem como *variações* sobre uma única situação ou como aplicações paralelas de uma mesma regra.

Como se pode observar, Todorov (1978/1987) coloca que os dois princípios da narrativa são a sucessão e a transformação, ou seja, o encadeamento narrativo é constituído por uma seqüencialidade que é da ordem de uma sucessão linear e que exige uma transformação. Temos em Todorov uma cronologia que ordena os acontecimentos. Gagnebin (1999) coloca que Benjamin (1935/1983) opõe a essa concepção trivial do tempo como cronologia linear um conceito pleno de tempo de agora, ao mesmo tempo surgimento do passado no presente e evento do instante, advir a si, sem partir de lugar nenhum. O instante imobiliza esse desenvolvimento temporal infinito que se esvazia e se esgota e que chamamos de história. A autora diz que a história que se lembra do passado também é sempre escrita no presente e para o presente. Ou seja, os fenômenos históricos só serão verdadeiramente salvos quando formarem uma constelação, pois tais estrelas, perdidas na imensidão do céu, só recebem um nome quando um traçado comum as reúne. Graças a possibilidade de ligação entre dois fenômenos históricos, dois elementos (ou mais) adquirem um novo sentido e desenham um novo objeto histórico, até aí insuspeitado, mais verdadeiro e consistente que a cronologia linear. Dessa forma, a noção de que a narrativa organiza-se em uma ordem cronológica linear é revista por Benjamin. Nessa mesma direção, Ricoeur (1984/1995) afirma que:

(...) uma coisa é a rejeição da cronologia; outra, a recusa de qualquer princípio substitutivo de configuração: não é pensável que a narrativa possa dispensar qualquer configuração. O tempo do romance pode romper com o tempo real: é a própria lei de entrada na ficção. Mas, ele não pode deixar de configurá-lo segundo novas normas de organização temporal que sejam ainda percebidas pelo leitor como temporais (...) (p. 41).

A metamorfose narrativa mantém, na opinião de Ricoeur, a necessidade de concordância. Ele conclui que nada exclui que a metamorfose narrativa encontre em algum lugar uma fronteira além da qual não é mais possível reconhecer o princípio formal da configuração temporal que faz da história contada uma história una e completa. Ricoeur coloca que talvez seja necessário:

(...) *apesar de* tudo, confiar na exigência de concordância que estrutura, ainda hoje, a expectativa dos leitores e acreditar que novas formas narrativas, que ainda não sabemos denominar, estejam nascendo: elas atestarão que a função narrativa pode se metamorfosear, mas não morrer. Pois não sabemos o que seria uma cultura em que não se soubesse mais o que significa narrar (p. 45).

Ricoeur (1983/1994) parte da discussão sobre a natureza do tempo em Santo Agostinho, a fim de sustentar sua proposta da descronologização da narrativa. Ele diz que

o mundo exibido por qualquer obra narrativa é sempre temporal, pois “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo (...). Em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (p. 15). Para isto, o autor aponta que existe uma identidade estrutural entre a historiografia e a narrativa de ficção.

Se é verdade que a tendência maior da moderna teoria da narrativa - tanto em historiografia quanto em narratologia - é “descronologizar” a narrativa, a luta contra a representação linear do tempo não tem necessariamente como única saída “logicizar” a narrativa, mas antes aprofundar sua temporalidade. A cronologia - ou a cronografia - não tem um único contrário, acronia das leis ou dos modelos. Seu verdadeiro contrário é a própria temporalidade. Decerto seria preciso confessar o diverso do tempo para estar em condições de fazer plena justiça à temporalidade humana e para nos propormos não a aboli-la, mas a aprofundá-la, hierarquizá-la,... (p. 54).

A fim de aprofundar a questão da descronologização da narrativa, Ricoeur recorre à Aristóteles e sua concepção de *muthos*, definido como tessitura da intriga, que está presente em qualquer composição chamada narrativa e que não se organiza, necessariamente, em uma forma seqüencial cronológica. Aristóteles (1992) coloca que é preciso diferenciar tragédia de comédia. A primeira representa os homens em sua melhor condição enquanto a segunda os representa em sua pior condição. Ricoeur (1983/1994) coloca que não caracterizamos a narrativa pelo modo (epopéia, drama,...), isto é, pela atitude do autor, mas pelo objeto, posto que chamamos de narrativa exatamente o que Aristóteles chama de *muthos*, isto é, “o agenciamento dos fatos que compõe a tessitura da intriga” (p. 63). Nesse sentido, a noção de todo de uma obra não se orienta para uma investigação do caráter temporal da disposição, mas vincula-se exclusivamente ao seu caráter lógico. O que define o começo não é a ausência de antecedente, mas a ausência de necessidade na sucessão. Quanto ao fim, é bem o que vem depois de outra coisa, mas em virtude, seja da necessidade, seja da probabilidade. Só o meio parece definido pela simples sucessão: “meio é o que está depois de alguma coisa e tem outra depois de si” (Aristóteles, 1992, p. 47). A ênfase na análise dessa idéia de todo é, pois colocada na ausência do acaso e na conformidade às exigências de necessidade ou de probabilidade que organizam a sucessão. Ricoeur conclui, então, que se a sucessão pode ser assim subordinada a alguma conexão lógica é porque as idéias de começo, de meio e de fim não são extraídas da experiência: não são traços da ação efetiva, mas efeitos da ordenação do poema.

Ou seja, a narrativa não é uma descrição da veracidade dos fatos tais como eles aconteceram, pois não existe realidade humana fora da narração. Mas, a sucessão dos fatos elaborados em uma narrativa é ‘imposta’ pela própria tessitura da intriga, ou seja, por uma

necessidade lógica que vai se constituindo no próprio ato de narrar, e não por uma exigência externa, cronológica, linear. O tipo de universalidade que a intriga comporta deriva de sua ordenação, a qual constitui sua completude e sua totalidade. A intriga engendra tais universais quando a estrutura da ação repousa sobre a articulação interna à ação e não sobre acidentes externos. Segundo Ricoeur (1983/1994), seria um traço da mimese, conceituada por Aristóteles como imitação ou representação da ação, visar no *muthos* seu caráter de coerência.

O modelo trágico, segundo Aristóteles (1992), tem como lógica a inversão da fortuna em infortúnio. Esta inversão leva tempo, mas é o tempo da obra, não o tempo dos acontecimentos do mundo: o caráter da necessidade aplica-se a acontecimentos que a intriga torna contíguos. Ele opõe dois tipos de unidades: de um lado a unidade temporal que caracteriza um período único com todos os acontecimentos que se produziram no seu curso, afetando um só ou muitos homens e entretendo uns com os outros relações contingentes; de outro, a unidade dramática, que caracteriza “uma ação una”(p. 121). Ricoeur (1983/1994) diz que as inversões da intriga são: o teatral (*péripétéia*), o reconhecimento (*anagnôrisis*) - cujo papel é a mudança da ignorância para conhecimento e de compensar o efeito da surpresa contido na *péripétéia* pela lucidez que instaura- e o efeito violento (*pathos*). A partir disso, Ricoeur questiona: não se sairia da narrativa, caso se abandonasse a coerção maior que constitui a inversão, considerada em sua definição mais ampla, o que inverte o efeito das ações? Se a inversão é tão essencial a qualquer história em que o ensinamento ameaça o sensato, a conjunção entre inversão e reconhecimento não conserva uma universalidade que ultrapassa o caso da tragédia? Qualquer história narrada não trata, finalmente, das mudanças de sorte, para melhor como para pior? Mas, como finaliza Ricoeur (1983/1994):

(...) são ainda as emoções trágicas que exigem que o herói seja impedido de atingir a excelência na ordem da virtude e da justiça, por alguma falta (*hamartia*), sem contudo ser o vício ou a maldade que o faça cair na infelicidade. Assim, mesmo o discernimento da falta trágica é exercido pela qualidade emocional da piedade, do terror e do sentido humano (p. 75).

Ricoeur (1984/1995) esclarece que, em primeiro lugar, o tecer da intriga foi definido, no plano mais formal, como um dinamismo integrador, que tira uma história una e completa de um diverso de incidentes, ou seja, transforma esse diverso em uma história una e completa. Essa definição formal abre o campo para transformações organizadas que merecem serem chamadas de intrigas desde que nelas possam ser discernidas totalidades temporais a operar uma síntese do heterogêneo entre circunstâncias, objetivos, meios, interações, resultados desejados ou não. Segundo ele, “é porque as culturas produziram

obras que se deixam aparentar entre si segundo semelhanças de família, que operam, no caso dos modos narrativos, no próprio nível do tecer da intriga, que uma busca de *ordem* é possível” (p. 33). Pode-se dizer, assim, que a intriga consiste em estabelecer uma concordância entre dois acontecimentos discordantes, e fazer entrar numa configuração única, delimitada por um começo e um fim, os acontecimentos. A contingência do acontecimento, alerta Dartigues (1998), torna-se uma necessidade, integrando-se na configuração unificante e significativa da narrativa. Então, a concordância é definida como uma síntese do heterogêneo, que transforma dois acontecimentos discordantes, compostos pelas circunstâncias, pelos agentes, pelos objetivos, motivos e resultados, em uma história una e completa.

Um outro aspecto importante na obra de Ricoeur (1983/1994) é a hipótese de que existe, entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana, uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Enfim, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal” (p. 85). Para elucidar a mediação entre tempo e narrativa, Cesar (1998) explica que Ricoeur faz a trajetória que vai do tempo prefigurado (experiência vivida) ao tempo configurado pelo mito, chegando ao tempo refigurado da história e da narrativa. Em uma alusão à Aristóteles, Ricoeur (1983/1994) chama de Mimese I o tempo prefigurado, que é a pré-compreensão do caráter temporal, da estrutura e da simbólica do mundo da ação. A configuração narrativa, denominada Mimese II, combina paradigma e invenção, permitindo a apreensão dos acontecimentos narrados como uma totalidade significativa. A Mimese III evidencia o tempo refigurado, pois o fazer narrativo ressignifica o mundo, na sua dimensão temporal, à medida que recontar, recitar, é refazer a ação segundo o convite do poema.

Como é possível perceber, Ricoeur (1983/1994) utiliza a conceituação de mimese proposta por Aristóteles (1992) para expor a ordem da ação implicada pela atividade narrativa. Ou seja, há três tempos na mimese: a Mimese I é a referência ao que precede a composição poética; a Mimese II é a mimese-criação e a Mimese III é o ponto de chegada da composição poética, pois a atividade mimética não acha o termo visado por seu dinamismo só no texto poético, mas também no espectador ou no leitor. Ou seja, a Mimese I seria o contexto cultural, que envolve e delimita a história narrada. A Mimese II remete ao texto narrado, de forma oral ou escrita, propriamente dito e a Mimese III refere-se ao efeito disso que foi narrado para quem se endereça a narração. Esse efeito pode ser traduzido como uma ressignificação do que foi enunciado. Mais detalhadamente, o autor

salienta acerca da Mimese I, que qualquer que possa ser a força de inovação poética no campo de nossa experiência temporal, a composição da intriga está enraizada numa pré-compreensão do mundo e da ação: de suas estruturas inteligíveis, de suas fontes simbólicas e de seu caráter temporal. A inteligibilidade engendrada pela tessitura da intriga encontra um primeiro ancoradouro na nossa competência de utilizar, de modo significativo, a trama conceitual que distingue estruturalmente o campo da ação do campo do movimento físico. Uma trama conceitual constitui-se por ações que implicam fins cuja antecipação não se confunde com algum resultado previsto ou predito, mas compromete aquele do qual a ação depende. As ações também remetem a motivos que explicam por que alguém faz ou fez algo. As ações têm ainda agentes que fazem ou podem fazer coisas tidas como sua obra, e que agem e sofrem em circunstâncias que não produziram e que, contudo, pertencem ao campo prático, precisamente enquanto circunscrevem sua intervenção de agentes históricos no curso de eventos físicos e oferecem a sua ação ocasiões favoráveis ou desfavoráveis. Ademais, agir é sempre agir com outros: a interação pode assumir a forma da cooperação, da competição ou da luta. Enfim, o resultado da ação pode ser uma mudança de sorte em direção à felicidade ou ao infortúnio. Todos os membros deste conjunto estão numa relação de intersignificação. Dominar a trama conceitual no seu conjunto é, e cada termo na qualidade de membro do conjunto, ter a competência que se pode chamar de compreensão prática. A relação entre esta compreensão e a compreensão narrativa é uma relação de pressuposição e de transformação. Então, a trama narrativa é composta por uma(s) circunstância(s) que desencadeia a ação, por agentes que desenvolvem a ação, pelos motivos que esses têm para agir, os fins que os agentes visam com sua ação e o(s) resultado(s) dessa ação.

Nesse sentido, Ricoeur (1983/1994) conclui que a frase narrativa mínima é uma frase de ação na forma X faz A nestas ou naquelas circunstâncias e levando em conta o fato de que Y faz B em circunstâncias idênticas ou diferentes. Finalmente, as narrativas têm como tema agir e sofrer. Por outro lado, a narrativa não se limita a fazer uso de nossa familiaridade com a trama conceitual da ação. Acrescenta a esta os traços discursivos que a distinguem de uma simples seqüência de frases de ação. Esses traços não pertencem mais à trama conceitual da semântica da ação. São traços sintáticos, cuja função é engendrar a composição das modalidades de discursos dignos de serem chamados de narrativos, quer se trate de narrativa histórica, quer de narrativa de ficção. De acordo com Ricoeur, é possível explicar essa relação recorrendo à distinção entre ordem paradigmática (a) e ordem sintagmática (b):

a) todos os termos relativos à ação são sincrônicos no sentido de que as relações de intersignificação que existem entre fins, meios, agentes, circunstâncias e o resto são perfeitamente reversíveis.

b) implica o caráter irreduzivelmente diacrônico de qualquer história narrada.

Com relação aos recursos simbólicos, que é outro aspecto que compõe a Mimese I, Ricoeur (1983/1994) fala que se a ação pode ser narrada é porque ela já está articulada em signos, regras, normas: é, desde sempre, simbolicamente mediatizada. Símbolo remete à idéia de regra, tanto no sentido de regras de descrição e de interpretação para ações singulares, como no sentido de norma: tem uma função de regulação social, pois as ações podem ser estimadas ou apreciadas, isto é, julgadas segundo uma escala de preferência moral, e recebem assim um valor relativo. Sobre os caracteres temporais, Ricoeur coloca que o que importa é a maneira pela qual a práxis cotidiana ordena, um em relação ao outro, o presente do futuro, o presente do passado e o presente do presente; é essa articulação prática que constitui o indutor mais elementar da narrativa. É por isto que a intratemporalidade ou o ser no tempo exhibe traços irreduzíveis à representação do tempo linear. Pois, ser no tempo é contar com o tempo e, em conseqüência, calcular. E nisto as expressões gramaticais, em nível de tempos verbais e de advérbios do tempo, orientam em direção ao caráter datável e público do tempo da preocupação.

Mimese I e Mimese III, de algum modo, encontram-se, completando uma circularidade. Isto porque, se Mimese I remete ao universo cultural subjacente ao texto, Mimese III traz o espectador envolvido em sua própria cultura. Por exemplo, Ricoeur (1983/1994) escreve sobre as histórias não (ainda) narradas, mas que pedem para ser contadas. Ou seja, a história acontece a alguém antes que alguém a narre. O emaranhamento aparece antes como a pré-história da história narrada da qual o começo permanece escolhido pelo narrador. Essa pré-história da história é o que a vincula a um todo mais vasto e dá-lhe um pano de fundo, que é a imbricação viva de todas as histórias vividas umas nas outras. É preciso, pois, que as histórias narradas emergjam desse pano de fundo. Com essa emergência, o sujeito implicado emerge também. A conseqüência principal dessa análise existencial do homem como 'ser emaranhado em histórias' é que narrar é um processo secundário, o do tornar-se conhecido da história. Narrar, seguir, compreender histórias é só a continuação dessas histórias não ditas.

Como se sabe, o *muthos* é a imitação de uma ação una e completa. Ora, uma ação é una e completa se tem um começo, um meio e um fim, isto é, se o começo introduz o meio, se o meio conduz ao fim e se o fim conclui o meio. Então, a configuração prevalece sobre o episódio, a concordância sobre a discordância. É, pois, legítimo considerar como sintoma

do fim da tradição do enredo, da intriga, o abandono do critério de completude e, portanto, o propósito deliberado de não terminar a obra. Ricoeur (1984/1995), assim como Benjamin (1935/1983), aponta que o ocidente tinha como paradigma de narração a conclusão da obra, ou seja, um fim definido e restrito baseado na tradição. O esgotamento eventual desse paradigma, o qual ele nomeia paradigma de conclusão, pode ser visto na dificuldade de concluir a obra, na não exigência de que uma narrativa tenha um fim definitivo, mas sim um fim em aberto.

Ricoeur (1984/1995) coloca a posição semiótica, a qual diante dessa instabilidade do durável, reivindica a perenidade recorrendo para isto a estruturas acrônicas, ou seja, abandona a história pela estrutura. A fim de atingir esse objetivo, a semiótica se apóia na lingüística. A análise estrutural da narrativa pode ser considerada como uma das tentativas para estender ou transpor esse modelo a entidades lingüísticas acima do nível da frase, sendo a frase a entidade última para o lingüista. Porém, o que encontramos além da frase é o discurso, no sentido preciso do termo, isto é, uma série de frases que, por sua vez, apresentam regras próprias de composição. E a narrativa é uma das classes mais vastas de discurso, isto é, de séries de frases submetidas a uma certa ordem. Uma outra característica geral, cuja implicação é imensa no caso da narrativa, é a prioridade do todo sobre as partes e a hierarquia de níveis que daí resulta. No plano da narrativa trata-se da operação configurante, pois é certo que a narrativa apresenta a combinação de articulação e integração, forma e sentido. Na opinião de Ricoeur, para se tornar uma lógica da narrativa, a lógica da ação deve se voltar para configurações culturalmente reconhecidas, pois é função da intriga reorientar a lógica dos possíveis práticos em direção a uma lógica dos prováveis narrativos. A intriga depende de uma praxis do contar, portanto, de uma pragmática da palavra, não de uma gramática da língua. Assim, “a intriga não é o resultado das propriedades combinatórias do sistema, mas, sim, o princípio seletivo que diferencia teoria da ação e teoria da narrativa” (Ricoeur, 1984/1995, p. 77).

A narrativa tem a propriedade notável de se desdobrar em enunciação e enunciado. Ricoeur questiona, entretanto, até que ponto o sistema dos tempos verbais pode se liberar da referência à experiência fenomenológica do tempo.

A necessidade de separar o sistema dos tempos do verbo da experiência viva do tempo e a impossibilidade de separá-los completamente me parecem ilustrar maravilhosamente o estatuto das configurações narrativas, ao mesmo tempo *autônomas* com relação à experiência cotidiana e *mediadoras* entre o antes e o depois da narrativa (Ricoeur, 1984/1995, p. 111).

Nunca o tempo fictício, segundo Ricoeur (1984/1995), “está completamente cortado do tempo vivenciado, o da memória e da ação” (p. 129). Por isto, o estudo dos

tempos verbais não pode romper seus vínculos com a experiência do tempo e suas denominações usuais do mesmo modo que a ficção não pode romper suas amarras com o mundo prático de onde ela procede e para onde retorna. Com essa distinção, não se procura na enunciação mesma um princípio interno de diferenciação que teria sua marca na distribuição dos tempos do verbo, mas se busca na distribuição entre enunciação e enunciado uma nova chave de interpretação do tempo na ficção. Necessitamos de um esquema de três níveis: enunciação-enunciado-mundo do texto, aos quais correspondem um tempo do contar, um tempo contado e uma experiência fictícia do tempo projetada pela conjunção/disjunção entre tempo levado para contar e tempo contado. O narrador introduz, então, o que é estranho ao sentido na esfera do sentido; mesmo quando a narrativa visa expressar o sem sentido, coloca-o em relação com a esfera da explicitação do sentido. Assim, conclui-se que existe discurso em qualquer narrativa, na medida em que a narrativa não é menos proferida do que o canto lírico, a confissão ou a autobiografia, pois é um fato de enunciação o narrador estar ausente de seu texto. A enunciação, segundo Ricoeur, procede de fato da *sui-referência* do discurso e remete a alguém que conta.

As idéias desenvolvidas por Todorov (1967; 1978/1987), Benjamin (1935/1983) e Ricoeur (1983/1994; 1984/1995) possibilitam delimitar algumas conclusões sobre a composição narrativa. Pode-se dizer que a narrativa é a forma de esboçar a experiência temporal humana que, por sua vez, está articulada em nossa cultura de modo narrativo. Ao construir suas narrativas, os indivíduos situam ou contrastam seus relatos individualizados dentro de um amplo modelo cultural e, por isso, podem ter como suporte diversos gêneros de expressão como o mito, a lenda, o conto, a tragédia, o drama, o romance e assim por diante. Pode-se observar, entretanto, que Ricoeur questiona toda concepção de temporalidade que é somente uma lógica de sucessão cronológica linear e, nesse sentido, suas idéias vão de encontro à noção de sucessão linear desenvolvida por Todorov. Ricoeur afirma que a seqüência entre os elementos constituintes de uma narrativa, e que constituem o seu começo, o seu meio e o seu fim, são efeitos da ordenação lógica necessária da obra, e não resultados de uma ação concreta. Assim, diferentemente de Todorov, Ricoeur conclui que a forma narrativa contemporânea não se caracteriza por uma ordem cronológica linear. Dessa forma, o foco recai na ordenação semântica entre os elementos constituintes da narrativa, ou seja, esses elementos somente adquirem significação a partir do lugar que ocupam dentro do enredo da narrativa e, portanto, a relação entre eles é de causalidade semântica. Outro fator importante, como salienta Ricoeur, é que essa ordenação ou seqüencialidade parte de uma ordenação lógica necessária que transforma a discordância em concordância e, assim, define uma ação como una e completa, caracterizando, portanto,

a tessitura da intriga. Ricoeur esclarece que a tessitura da intriga é imprescindível à composição narrativa independente do gênero da mesma, e é isso que define uma frase como sendo ou não uma narrativa. Pois, é o tecer da intriga que torna possível a síntese do heterogêneo entre os elementos discordantes constituintes da intriga (circunstância, objetivo, meios, interações, resultados) em um todo ordenado. Temos, portanto, diferentes leituras possíveis da composição narrativa: Todorov refere a narrativa como uma sucessão de eventos dispostos cronologicamente, que obedecem à linearidade de uma ação concreta, cujo final será possível graças a um efeito de transformação de um estado a outro. Ricoeur, por sua vez, coloca que a narrativa apresenta uma ordenação lógica necessária, que é efeito de uma causalidade semântica. O seu final será constituído a partir de uma síntese do heterogêneo, que é possível devido também à transformação, ou poderíamos dizer, de uma conformação circunstancial de sentidos.

Esse movimento lógico que visa dar sentido ao inusitado é representado por Ricoeur (1983/1994) através da tríplice Mimesis, a qual é composta, como foi descrito anteriormente, pelo tempo prefigurado, o tempo configurado e o tempo refigurado. Ou seja, há sempre a possibilidade de uma nova composição narrativa a fim de construir um outro sentido ao que já estava constituído. Há, portanto, um contexto que configura ou enquadra o texto enunciado, o texto em si e o efeito deste sobre o receptor da mensagem, o que permite uma refiguração da narrativa narrada. Essa dimensão da Mimesis abre para um aspecto crucial da composição narrativa: é necessário algo ou alguém para endereçar a mensagem, pois esse endereçamento também é constitutivo da configuração do que foi narrado uma vez que o efeito do fato narrado sobre o receptor da mensagem também produz no emissor um efeito que pode ou não exigir uma ressignificação. Assim, uma narrativa não é só enunciado, mas também enunciação, portanto uma modalidade de discurso tendo em vista que o que é narrado é sempre a vida e esta, como tal, não forma por si mesma uma totalidade de sentido, mas totaliza-se pela narração. O sentido do tempo vivido é, porém, sempre resultado de uma interpretação, nunca um dado imediato. Dessa forma, são as brechas, as falhas ou as rupturas no discurso que possibilitam seguir narrando em busca de um outro sentido possível.

Gagnebin (1999) alerta que, mesmo na vida corrente, quando contamos a nossa história, seja a nós mesmos seja aos outros, nosso relato desenrola-se entre um início e um fim que não nos pertencem, pois a história da nossa concepção, do nosso nascimento e da nossa morte depende de ações e de narrações de outros que não nós mesmos. Não há, portanto, nem começo nem fim absolutos possíveis nesta narração que nós fazemos de nós mesmos. Ademais, enfatiza a autora, o discurso que temos a respeito de nosso passado é

inseparável da dialética entre antecipação e retrospectão que guia os nossos projetos de existência e a sua retomada memorativa. Assim, mesmo na linguagem cotidiana dita comum, o sujeito narrativo que fala de sua história submete-se, sabendo ou não, aos mesmos mecanismos que regem as sutis narrações literárias contemporâneas - e dos quais tiram ao mesmo tempo sua vitalidade e sua fragilidade. Cada vez que o narrador tenta voltar a um lugar onde esteve, outrora, feliz, experimenta uma decepção na medida da sua expectativa, porque o passado nunca pode voltar, ele é opaco, aniquilado, pois resiste à vontade que quer revivê-lo e só se revelará, na sua essência extratemporal, através do retorno do esquecido, involuntariamente. A esse respeito, essa autora coloca que a verdade de um discurso não se esgota nem no seu desenrolar harmonioso, nem na sua argumentação sem falhas, nem na sua coerência interna. As paradas e os silêncios são outros tantos signos daquilo que deve ou quer ser negado pelo historiador oficial ou, em um mecanismo muito próximo, pelo eu consciente que se edifica sobre o recalque. Ali onde o fluxo das palavras se exaure, se esgota e, às vezes, torna a fluir de uma fonte desconhecida é que se afirma uma verdade que sustenta o movimento de nossas palavras e, conjuntamente, ameaça nossa frágil e tenaz linguagem - pois ela vive desta impossível empresa que consistiria em dizer seu fundamento. O conhecimento do passado não é um fim em si; porém, se a exatidão e a precisão históricas são imprescindíveis, é porque devem permitir ao historiador interromper, com conhecimento de causa, a história que hoje se conta, para inscrever nessa narrativa, que parece se desenvolver por si mesma, silêncios e fraturas eficazes. O que poderá, então, ser balbuciado remete aos riscos, que nenhum saber preexistente conseguiria impedir, daquilo que poderia talvez se chamar a liberdade histórica: poder se lembrar do sofrimento e do passado sem que esse peso seja negado ou diminuído, mas sem que ele tampouco se transforme em fardo inexorável.

Nesse sentido, Gagnebin (1999) fala da dolorosa narração do sofrimento. A radicalidade do sofrimento intervém na narração como aquilo que nunca conseguiremos realmente dizer e, por isso mesmo, aquilo que nos proíbe de nos calarmos e de nos esquecermos. Renunciar a contar e a transmitir, mesmo por falta de palavras ou por excesso de dor significaria, de uma certa maneira e sem querê-lo, pactuar com a infâmia. Há, então, de obrigar-se a falar e a escrever. Benjamin (1935/1983) e Gagnebin referem-se, portanto, à importância de narrar os eventos traumáticos, para assim poder transformá-los e ou esquecê-los. Em outras palavras, para que o indivíduo possa ressignificar ou até mesmo esquecer sua dor e seu sofrimento é essencial que ele possa narrá-los. Kohn (1998) concorda com esse pensamento e salienta que, normalmente, o acontecimento é passado, pois ele teve lugar historicamente. As coisas se complicam com certos acontecimentos

históricos que não foram jamais realmente representados, ocultados sob as imagens de horror que impedem de pensar, e que aterrorizam. O acontecimento está, então, por vir no sentido que ele deve se representar. O autor articula essa questão ao trabalho analítico e afirma que medir o impacto de um acontecimento histórico em uma cura é difícil, sobretudo se o reduzirmos a seu efeito psicopatológico. O que conta não é o real do acontecimento, nem seu efeito psicopatológico, mas a simples remarca elementar de sua existência, independentemente de toda interpretação. O dom do inconsciente não é a revelação de uma estrutura psicopatológica, de uma ordem simbólica preexistente; é um acontecimento que engaja uma relação ao simbólico diferente cada vez, uma forma simbólica. Nesse sentido, podemos dizer que as falhas e rupturas discursivas permitem ao sujeito descolar-se da história oficial, a qual normalmente tem um sentido único, fechado, e que permite, dessa forma, somente uma interpretação unívoca, para uma versão polifônica de sua existência. Ao romper com esse sentido geral e totalizante, o indivíduo conseguirá, talvez, significar sua existência e realizar a narração de sua vida como autor de sua obra e não somente como ator. Para isto, como vimos no tópico sobre a genealogia, é importante que ele tenha acesso a sua herança, pois somente assim poderá transformá-la a sua maneira ou até recusá-la. Construir a história de sua vida pode ajudá-lo a se localizar na sua existência, situando-a em um plano conjunto e inserido no seu ambiente. Então, para que o sujeito possa situar seu lugar na cultura preservando sua implicação pessoal, necessita estabelecer no presente os laços significantes entre o que ele viveu e o que ele sabe, para assim, projetar-se no futuro.

Persicano (www.estadosgerais.org/encontro/construcoes_em_analise_na_transferencia.shtml), na mesma linha de pensamento de Benjamin (1935/1983), Gagnebin (1999) e Kohn (1998), afirma que a matriz mais profunda desta necessidade basilar da espécie humana que é a narração é encontrada no medo, no terror de alguma coisa mais primitiva, anterior ao que foi recalçado. A importância e função do narrador e da narrativa é dar respostas de sentido a medos e angústias primordiais, que surgem toda vez que nosso narrador interno é colocado à prova além da conta. O medo e angústia primários surgem na ausência de uma narrativa histórica para nossa dor, quando não há ainda forma de palavras para uma história nunca narrada, nunca representada, nunca antes mentalizada. Por isto espera por ser construída, e não está ainda lá para poder ser interpretada. Essa autora defende que a relação terapeuta-paciente é um dos encontros possíveis para a apropriação pelo sujeito da história de sua vida, construindo assim uma autoria. Ela coloca que a Psicanálise busca um terceiro Sujeito analítico a ser construído, através do qual o Eu-narrador pode se manifestar ou até se constituir. Nas palavras de Persicano:

Na tradição grega, o que merece ser louvado, lembrado, pelo poeta são os fundadores. O que merece ser louvado, o que precisa ser testemunhado por nosso Eu são nossas vivências fundantes, sob a forma de construções, ficções históricas, verdades constituídas deste modo, referendadas como verdades por um Eu e referendando como verdade este mesmo Eu, que se reconhece na história construída por ele enquanto se constitui. Esta história, por si só, é construtora de um Eu enquanto ela história se constrói. Ao mesmo tempo, esta história é construída na medida da possibilidade do Eu que vai se construindo com a história. E quando o Eu é incapaz de dar testemunho narrativo de sua história pessoal ficcional, que resta como objeto indefinido, como no caso aqui pensado, caberá sobretudo ao psicanalista a tarefa de construção narrativa, na transferência.

O encontro terapeuta-paciente pode, então, constituir-se em um dos espaços possíveis para a composição, por parte do paciente, da história de sua vida. Nesse espaço, o paciente pode fundar sua genealogia, apropriar-se na forma de palavras de suas experiências de vida, e assim compor uma narrativa de vida pessoal, singular. Em outros termos, fazer a narração de sua vida ocupando o lugar do Eu-narrador. Nesse sentido, surge uma questão específica: qual é o lugar e a função da composição narrativa ao longo do processo terapêutico? O quinto tópico procura circunscrever, de forma genérica, essa questão no campo da Psicanálise.

5. A composição narrativa no processo terapêutico.

Na origem da Psicanálise encontramos, de acordo com Kohn (1998), uma dimensão retórica³, com a hipnose como técnica de persuasão, uma dimensão narrativa, com a abreação do trauma e a associação livre que abre uma possibilidade de narrativa. Bertrand e Baldacci (1998) colocam que ao propor a técnica da associação livre, incitando à rememoração, Freud ligou o gênero narrativo à Psicanálise. O processo analítico se efetua na linguagem e esta não é, segundo Kristeva (1998), um ‘puro significante’, mas uma narrativa indefinidamente desfeita e refeita. O modelo da regra fundamental, a associação livre, demonstra a capacidade da narrativa associativa em traduzir os conteúdos traumáticos inconscientes. O paciente ao aceitar a associação livre é incitado a estruturar mentalmente uma narrativa. A regra da associação livre enunciada pelo analista não é uma prescrição, porque ela possui em realidade um quadro em que o paciente tem a liberdade de se calar antes de falar ou de fazer as narrativas que têm uma virtude psicoterapêutica. A expressão direta de fantasmas se associa às narrativas de sonhos, de recordações e às crônicas da vida cotidiana que reenviam aos conteúdos latentes. Esses diferentes níveis de narração traduzem a complexidade do caminho entre o fato vivenciado e a sua evocação

³ “A palavra ‘retórica’ vem do grego *rhetor* e significa ‘orador’. É a arte de falar bem, é a técnica de colocar em ação os meios de expressão pela composição, as figuras” (Kohn, 1998, p. 14).

através das palavras. O pensamento casual vem traduzir essa articulação entre o consciente e o inconsciente e confirma que o gênero narrativo interessa a toda tópica psíquica. Mais ainda, ao introduzir entre os fantasmas inconscientes o romance familiar, de acordo com Bertrand e Baldacci (1998), Freud definiu um tipo de função narrativa no próprio inconsciente. Os fantasmas originários e as teorias sexuais infantis são formas de contos. A interpretação vem contribuir para o desembaraço da narrativa e para a sua reescritura, o paciente tem acesso, então, a possibilidades sempre novas de refigurar seu passado, de retomar sua implicação subjetiva, mesmo se as recordações lembradas não mudam.

A narrativa, segundo Weil (1998), desenvolve-se compondo o que faz sentido e não nisso que é realidade. Por sua própria forma de organização, a narrativa dá coerência e temporalidade a uma lembrança e por isso, faz barreira e resistência ao que visa a transferência na cura psicanalítica: fazer abertura na palavra manifesta à mensagem do inconsciente, na fragmentação e nas brechas do discurso concreto para se ligar ao fio dos significantes e de suas cadeias associativas, de tal forma que se possa decifrar qualquer fixação inconsciente do sujeito. A composição narrativa apareceria como um quadro espaço-temporal e lógico que mascara essa abertura rumo a um infinito. Narrativa do sonho, romance familiar, narrativa do sintoma, enunciado de fantasmas, o narrativo se apresenta, então, no discurso como o lugar de intersecção em que se confrontam uma consistência imaginária atribuída aos elementos que tecem a história do sujeito e os fragmentos de discurso – os significantes – que constituem a rede simbólica. Logo, como podemos observar através das palavras de Weil, há um ponto de tensão, pois narração e livre associação não andam necessariamente juntas e a um certo nível, elas são mesmo antitéticas. Isto porque a regra fundamental determina a trajetória conflitiva da cura entre os dois pólos do ‘falar’, aquele que implica uma narrativa que busca organização e coerência nos processos secundários e aquele que tende à desorganização do discurso e à regressão rumo aos processos primários. O paradoxo é, portanto, que a regra fundamental convida o paciente a ‘dizer tudo’ e a formar frases inteligíveis, dotadas de sentido. Ao mesmo tempo, a regressão que favorece a livre associação tende a reduzir esse belo ordenamento: frases genéricas que ficam em suspenso, rupturas de sentido, enunciados não gramaticais, cujo limite é o delírio, o devaneio silencioso. A palavra em análise, como esclarece Bertrand (1998), deve encontrar seu lugar entre esses dois pólos, o da regressão que conduz ao silêncio e aquele de uma narração construída, inteligível, mas que não oferece nenhuma abertura ao inconsciente. O paradoxo da análise, segundo essa autora, é que ela incita o analisando a descobrir o funcionamento psíquico e o processo primário através da palavra e da narrativa, as quais pertencem ao processo secundário, esse do

pensamento e do intelecto. Ou seja, as duas lógicas são heterogêneas. A lógica do processo primário é de se expressar preferencialmente pelos afetos e pelas representações das coisas. O trabalho do intelecto, ao contrário, pede a unificação, a coerência, a inteligibilidade de tudo isso que vem da percepção ou do pensamento, e não hesita em estabelecer uma falsa coerência para determinadas circunstâncias em que ele não pode atribuir a verdadeira correlação.

O trabalho analítico, e esse será principalmente o trabalho da interpretação, vai proceder no sentido inverso a toda organização que torna a narrativa possível: o analisando conta um sonho e ele espera do analista uma revelação. Mas, o que se dá é contrário a isso: analisar um sonho é desconstruir a narrativa do sonho, encontrando nele os elementos enigmáticos aos quais outras redes da cadeia estão ligados. O resultado disso não é a revelação do sentido escondido do sonho, mas uma abundância de vias que partem em todas as direções. Convidar o paciente a dizer tudo o que lhe vem à mente, leva-o a colocar ordem em suas idéias e um dos efeitos desse ordenamento é a composição narrativa. O dispositivo analítico, porém, faz eco a essas tentativas de composição de uma história, pois a associação livre não só favorece a emergência de pensamentos indesejados, os quais ‘parasitam’ a narrativa, como ainda as interpretações do analista desconstruem as construções narrativas. E, entretanto, nada seria possível sem essa composição narrativa do paciente. Analisar é, conclui Bertrand (1998), então, literalmente, desconstruir, desamarrar e, assim, é necessário lembrar que a prática psicanalítica se serve da narrativa, porém, a composição de uma narrativa no processo terapêutico pode ser um meio, mas certamente não um fim. Nesse sentido, em que condições a composição de uma narrativa é terapêutica?

Bertrand (1998), da mesma forma que Benjamin (1935/1983), Gagnebin (1999), Lani-Bayle (1997;1999) e Kohn (1998), responde a essa questão dizendo que é quando a análise insiste, teima no traumático, ou seja, nesses dramas precoces que não puderam ser inscritos no registro narrativo. A palavra, então, se esgota, a lembrança falta e, dessa forma, somente o afeto se manifesta com uma compulsão a se repetir, até mesmo como um brusco retorno sob a forma de alucinação. Nesse sentido, Bonnafé (1995) enfatiza que essas representações que ainda não estão inscritas no encadeamento associativo devem ser tomadas como emergências e marcadas verbalmente, pontuadas em uma totalidade mais neutra e mais aberta e não interpretativa da parte do analista. Essa atividade de base e de abertura levada pelo analista permite que se desvelem os elementos formais, plásticos ou narrativos, melódicos e ao mesmo tempo significantes, inscritos no espaço psíquico singular de cada analisando. O paciente vai progressivamente investir nessas formações

por elas mesmas, como inscritas no laço transferencial e esses primeiros objetos são reconhecidos enquanto primeiros elementos formais intimamente ligados ao sentido. São esses elementos inicialmente esparsos, não ligados que vão se ligar entre eles no psiquismo do paciente e irão contrabalançar as forças que concorrem para imutabilidade e que calam as primeiras dinâmicas da narrativa, em texto e em imagens. Nesses casos em que há uma insistência no traumático ao longo do processo analítico que se justifica, segundo Freud (1937/1976), a construção em análise:

É terreno familiar que o trabalho de análise visa a induzir o paciente a abandonar repressões (empregando a palavra no sentido mais amplo) próprias a seu primitivo desenvolvimento e a substituí-las por reações de um tipo que corresponda a uma condição psiquicamente madura. Com esse intuito em vista, ele deve ser levado a recordar certas experiências e os impulsos afetivos por elas invocados, os quais, presentemente, ele esqueceu. Sabemos que seus atuais sintomas e inibições são conseqüências de repressões desse tipo; que constituem um substituto para aquelas coisas que esqueceu. Que tipo de material põe ele a nossa disposição, de que possamos fazer uso para colocá-lo no caminho da recuperação das lembranças perdidas? Todos os tipos de coisas. Fornece-nos fragmentos dessas lembranças em seus sonhos (...). Se ele se entrega à ‘associação livre’, produz ainda idéias em que podemos descobrir alusões às experiências reprimidas (...). Finalmente, há sugestões de repetições dos afetos pertencentes ao material reprimido que podem ser encontradas em ações desempenhadas pelo paciente (...) Nossa experiência demonstrou que a relação de transferência, que se estabelece com o analista, é especificamente calculada para favorecer o retorno dessas conexões emocionais (...) O trabalho de análise consiste em duas partes inteiramente diferentes, que ele é levado a cabo em duas localidades separadas, que envolve duas pessoas, a cada uma das quais é atribuída uma tarefa distinta (...) A tarefa do analista é a de completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, *construí-lo*. A ocasião e o modo como transmite suas construções à pessoa que está sendo analisada, bem como as explicações com que as faz acompanhar, constituem o vínculo entre as duas partes do trabalho de análise, entre seu próprio papel e do paciente (p. 292-293).

Podemos notar, a partir da leitura desse trecho do texto ‘Construções em Análise’ de Freud (1937/1976), que para ele a criação narrativa intervém também como ato do analista na condução da cura. Nesse mesmo texto, Freud reflete sobre as reações do paciente na relação de transferência às construções que o analista lhe submete e a seus efeitos na seqüência da palavra. Nas construções em análise, portanto, é da palavra do analista que se trata, o analisando reage a ela inicialmente com um sim ou com um não, porém a confirmação ou não da pertinência dessa construção se manifesta como retorno através dos materiais trazidos na transferência: fragmentos de lembranças recalçadas, deformadas pelo trabalho do sonho, pensamentos inesperados que emergem na teia associativa, alusões ou rejeições das experiências recalçadas e dos afetos que estão associados a elas, índices de repetição dos afetos recalçados que aparecem na e fora da

situação analítica. O que constitui o elo de ligação entre essas duas partes do trabalho analítico, aquela do analista e aquela do analisando, é precisamente a maneira e o momento de comunicar essas construções ao analisando, as explicações cujo analista as acompanha. Essa ação, esclarece Freud, é diferente da interpretação, pois essa recai sobre um elemento isolado do material: idéia incidente, ato falho, etc. A construção, conforme Bertrand (1998), é uma narrativa ou um quadro colocado em ação pelo analista, que apresenta ao paciente por exemplo, um período esquecido de sua pré-história, como uma verdade histórica provável. Ela é oferecida ao analisando em fragmentos para que ele aja sobre esse fragmento trazendo um novo fluxo de material, com o qual o analista constrói um novo fragmento. Seu sim de consentimento, como explicamos acima, somente terá valor se ele é seguido de confirmações indiretas nas novas recordações que completam e ampliam a construção. Da mesma forma, o não, como na denegação, pode marcar que o analisando mantém sua contradição em função da parte não ainda desvelada. Ou ainda, alerta Freud, o agravamento dos sintomas testemunhará o impacto das resistências e das reações terapêuticas negativas nesse momento da transferência. A construção do analista é uma suposição que se transforma em convicção para o paciente devido aos efeitos que ela produz na seqüência da análise, pois, como escreve Freud, uma análise corretamente conduzida convence firmemente o paciente acerca da verdade da construção, isso que do ponto de vista terapêutico tem o mesmo efeito que uma recordação lembrada. Na análise, o efeito da construção do analista é devido somente ao fato que ela restitui um fragmento perdido da história vivida. Quando a palavra do paciente bate sobre uma rememoração impossível, o analista conduz no curso de seu discurso, sob a forma de uma montagem narrativa provável, a cadeia que falta: a restituição dos elementos recalçados de uma experiência pulsional tomada na relação afetiva ao outro que será inferida do tecido lacunar da palavra do paciente. A verdade histórica que Freud opõe à realidade rejeitada já é uma verdade do discurso. Uma verdade produzida, segundo Weil (1998), pelo discurso analítico justamente, quer dizer não como troca de comunicação e empatia, mas como efeito transferencial tanto do analista quanto do analisando disso que se ordena na cena do inconsciente e que Lacan (citado por Weil, 1998) conceitualizou, mais radicalmente, como o lugar do grande Outro que caracteriza assim a estrutura do significante própria à linguagem. Não se trata, porém, de tapar os furos da memória. Essa construção, enfatiza Bertrand (1998), preenche menos a memória enfraquecida que a ausência de simbolização da experiência vivida.

As construções em análise se dão aos fragmentos como no trabalho arqueológico, mas que se diferenciam deste último na medida que um fragmento de construção elaborado

pelo psicanalista é sempre seguido de uma comunicação ao paciente, agindo sobre ele. Tem-se aqui, segundo Persicano (www.estadosgerais.org/encontro/construcoes_em_analise_na_transferencia.shtml), a clara indicação de que Freud (1937/1976) vislumbrava que as construções do psicanalista a respeito do paciente eram narrativas de fragmentos de uma história pessoal possível do paciente, que teriam um efeito sobre este, que corresponderia com novas associações, novas narrativas de sua história pessoal. O analista constrói, então, um outro fragmento da construção e o comunica ao paciente, que reage a ela. Está aqui o trabalho de construção como tarefa do par analítico e o lugar do Sujeito da análise, o paciente, na construção de sua narrativa ficcional a respeito de sua própria história junto com o psicanalista. Esta seria, segundo a autora, a(s) narrativa(s) do inconsciente, ou seja, a realidade ficcional construída por um Eu-narrador, Eu-sujeito de sua própria história. Nessa direção, é necessário pensar, como aponta Kohn (1998), o lugar da narrativa como construção que coloca em relação diferentes elementos de uma história e não somente um elemento isolado em uma interpretação. A narrativa passa pelo estatuto da interpretação, seja diretamente seja indiretamente, mas a narrativa deve adquirir a dignidade da construção. A narrativa como interpretação deve ceder lugar à narrativa como construção. Enfim, o que conta em Psicanálise não é o paciente produzir uma nova narrativa mais satisfatória que as precedentes, mas que ele tenha mudado e que ele possa mudar ainda, que ele possa admitir em si ‘o outro, o objeto, a falta’, isso que é o objeto do recalçamento ou de outros processos defensivos. O que está em jogo na Psicanálise é a subjetivação e não a produção de uma boa narrativa. Nesse sentido, o ato narrativo é uma passagem obrigatória do ato de simbolização na palavra pela qual o humano habita sua história e sua existência. O sujeito do inconsciente está engajado em um discurso, mas também em uma narrativa que se repete em torno da figura do analista na transferência. Trata-se da transferência de uma história e não só de uma psicopatologia. O acontecimento da transferência está pronto para ser representado, pensado e contado. Nesse sentido, Kohn propõe falar em pulsão narrativa e não somente em impulso a se comunicar. A pulsão narrativa é testemunha da necessidade, pelo inconsciente, de se representar se narrando.

Essa seqüência que toma a forma narrativa inscreve posteriormente o sujeito no tempo porque a temporalidade, como nos diz Ricoeur (1983/1994; 1984/1995), é o que caracteriza a narrativa. Contar é colocar em relação muitas posições temporais. De início, um fato relatado está sempre em função de um outro que permite definir seu contexto. E a ele se junta o tempo em que o narrador fala, o que constitui ainda uma outra posição temporal. Kohn utiliza a categoria de história ainda não contada de Ricoeur (1983/1994), que explicitamos no tópico anterior sobre a composição narrativa, para caracterizar a

Psicanálise. É certamente uma história ainda não contada e cujo traço permanece de alguma forma por vir, que se funda a Psicanálise, nessa abertura para o futuro, para a expectativa de uma narrativa e não para a simples repetição de uma história do passado. O campo da Psicanálise, nesse sentido, é um campo do possível. A regra da associação livre dá lugar à história ainda não contada. É, então, a uma ausência essencial, a ausência disso que não aconteceu ainda e não somente disso que fez traço, que a Psicanálise deve estar aberta. A história ainda não narrada abre, por consequência, para a questão de seu destinatário. O efeito benéfico de contar, narrar é, como salientam Benjamin, Gagnebin e Kohn, então, em princípio reinscrever o sujeito no tempo, e esse benefício é particularmente maior quando o sujeito está preso na repetição de uma experiência traumática, sem poder se distanciar da mesma: quando ele é confrontado a reviver o trauma através de pesadelos, ou à ruminação estéril de lembranças às quais ele não pode se desligar. O trabalho de elaboração, ao contrário, permite instaurar um processo de desligamento.

Bertrand (1998) também recorre ao paradigma de Ricoeur (1983/1994) da tríplice Mimesis para apontar dois outros aspectos da concepção desse autor em relação ao narrativo, dois aspectos que ela considera fundamentais para a compreensão sobre o efeito terapêutico da composição narrativa: a função da ação e a do sentido. A autora aponta que o postulado do analisando e, mais genericamente de todo ser humano, é que tudo tem um sentido. A produção de sentido é o que permite negociar nossa impotência diante do destino, como simbolizar o não simbolizável, por exemplo, a morte. É porque todo analisando e todo ser humano é hermenêuta que a narrativa pode ter um valor terapêutico. Um dos efeitos da narrativa é transformar, como expôs Jouthe (1996), cuja idéia descrevemos no terceiro tópico, uma situação de passividade e de impotência em ação, pelo único fato de colocá-la em narrativa. Mesmo se o sujeito foi passivo no fato, ao narrar o acontecimento e atribuir um sentido a ele, o sujeito torna-se ativo e ele se transforma: como diz Ricoeur (1983/1994), a intriga revela não uma gramática da língua, mas a pragmática do narrar, então a pragmática da palavra. O ato de contar pode ser benéfico permitindo uma simbolização, ou seja, transformando a passividade em atividade. O analista não interpreta para restituir o ‘sentido’ do que se desenvolve na sessão. Ele intervém para deslocar o analisando de sua posição de ator para uma posição de espectador de seu próprio drama. É o efeito de decalagem que permite ao analisando não só compreender o que diz, mas inaugurar um processo de liberação do que a princípio era repetição. É assim que se restitui à composição narrativa o estatuto de dizer e não de fazer.

Essa noção de decalagem pode ser associada à idéia de narrativa da experiência e de narrativa de formação. Existe, de acordo com Thibault (2002), uma grande diferença entre uma narrativa inicial, que reproduz as situações vividas, e uma narrativa distanciada, que tira as lições da experiência. Essa dualidade da narrativa que compõe a história de uma vida incita a um retorno aos trabalhos dos formalistas russos, reunidos por Todorov (1965/2001), entre eles Tomachevski. O enfoque pela temática desenvolvido por esse formalista traz um novo olhar para a metodologia das histórias de vida, permitindo definir dois níveis narrativos: a narrativa da experiência e a narrativa de formação. Para Tomachevski (citado por Todorov 1965/2001), o projeto inicial de um autor se articula em torno de um tema: o tema apresenta uma certa unidade. Ele é constituído por pequenos elementos temáticos dispostos em uma certa ordem. Esses elementos significantes produzem as unidades nomeadas ‘motivos’ e os motivos combinados entre eles constituem a sustentação, a base temática da obra. Da sua combinação dependem não só a estrutura do texto, mas também o sentido que lhe é atribuído por seu autor. Uma organização que reproduz a cronologia dos fatos e que respeita suas relações causais corresponde, segundo Tomachevski, à ‘fábula’ a qual ele opõe o ‘*sujet*’ que é constituído pelos mesmos acontecimentos, mas ele respeita sua ordem de aparecimento na obra e na seqüência de informações que as designam. O *sujet* é, então, uma transformação da fábula. A fábula se restringe a uma ordem descritiva: ela apresenta os fatos na sua sucessão cronológica, o encadeamento dos motivos estabelecido na sua relação causal. O *sujet* traz a vantagem do demonstrativo e da análise. O enfoque de Tomachevski permite caracterizar os dois níveis da narrativa que versam sobre a história pessoal: a narrativa da experiência corresponde à fábula e a de formação ao *sujet*. No primeiro nível, a descrição da experiência vivida corresponde à fábula. No segundo nível, corresponde à ‘retranscrição’ analítica dos mesmos acontecimentos, porém nos seus efeitos formativos, reveladores do sujeito. Ao relatar as situações atravessadas enquanto ator principal, a pessoa encadeia principalmente os motivos associados; ao buscar, pela narração, o sentido das experiências como etapas do seu percurso de formação, o ator torna-se, então, autor. A pessoa combina os motivos livres. O narrador da narrativa da experiência (fábula) é ator dos fatos, ele torna-se autor elaborando uma narrativa de formação (*sujet*) por ele mesmo. Uma lista de indicadores significativos da fábula ou do *sujet* pode, paralelamente, ser esboçada. A narração de uma narrativa da experiência, reprodução do real, é única. A construção da fábula é marcada por uma mobilização de diferentes motivos na sua causalidade cronológica. O *sujet*, ao contrário, seleciona os fatos e os organiza em função de uma produção temática de sentido. O distanciamento em relação ao vivido é marcado igualmente pela eliminação dos motivos

ligados às emoções sentidas na ocasião do acontecimento. Separado do fato em suas circunstâncias particulares, ele explora o processo para identificar o conhecimento íntimo elaborado e lhe expressar em uma conceitualização de saberes formais, experienciados e existenciais que ele construiu. A narrativa da experiência não tem outro interesse senão de um pré-texto. A etapa de produção do saber beneficia uma formalização escrita que impõe uma reflexão mais rigorosa. Essas diferentes situações permitem elaborar, segundo Thibault, uma tipologia descritiva da passagem da narrativa da experiência à narrativa de formação, conforme demonstramos na Figura 1:

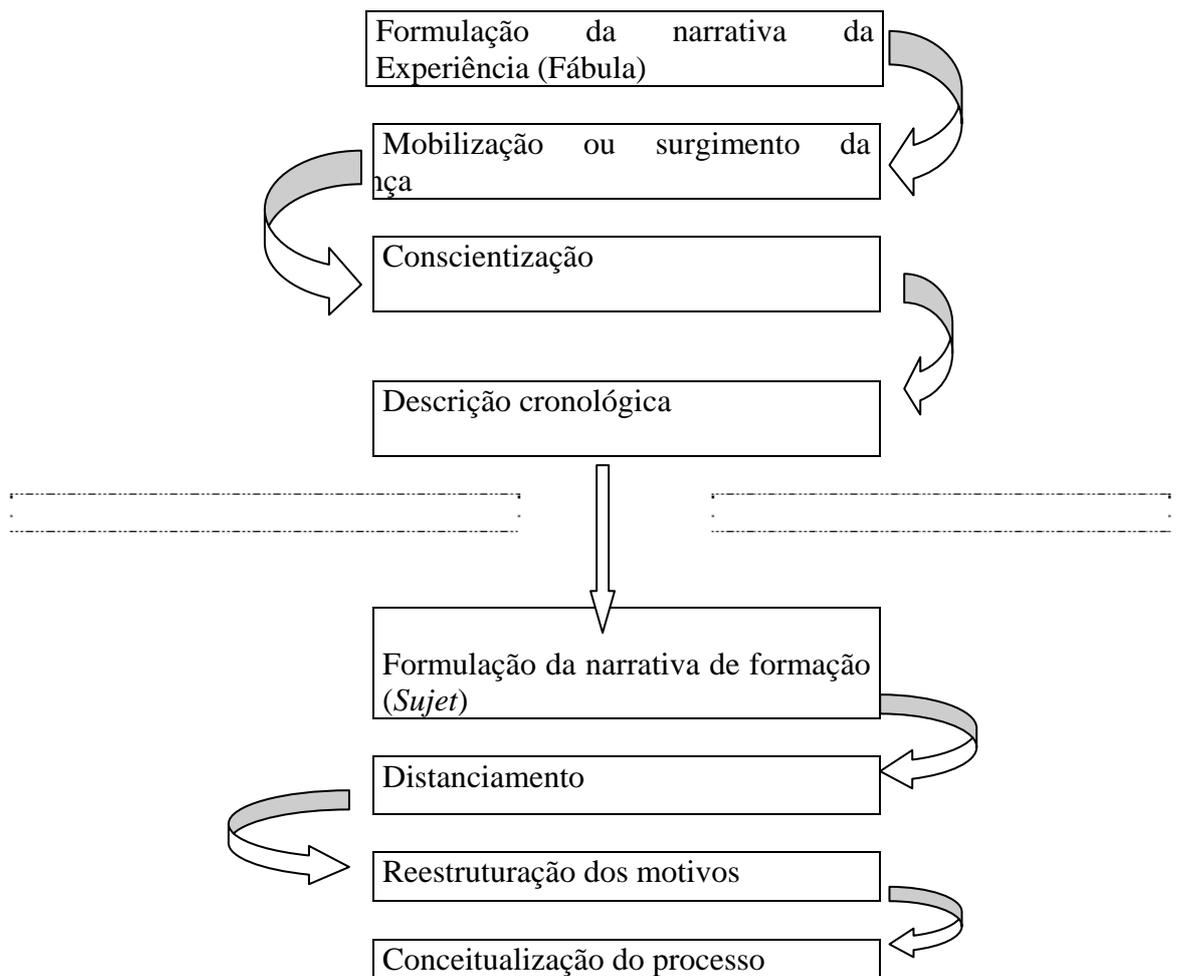


Figura 1: Tipologia descritiva da passagem da narrativa da experiência à narrativa de formação, adaptado de Thibault (2002).

A narrativa da experiência é delimitada pela descrição dos acontecimentos pelo narrador. A transformação dessa narrativa em narrativa de formação é adquirida, como podemos perceber, pelo distanciamento do narrador de sua descrição dos fatos, distanciamento este que produz um efeito de reflexão. É somente a partir dessa

possibilidade de se distanciar da experiência e de refletir sobre ela que o narrador poderá passar de uma posição de ator para autor de sua história. Esse movimento é semelhante à concepção de decalagem formulada por Bertrand (1998). A decalagem é concebida como necessária no processo analítico para que o analisando passe da simples repetição de uma história ou de um ato por exemplo para a transformação simbólica dessa repetição, a partir da abertura de novas possibilidades de sentido. Essa transformação pode ser propiciada pela intervenção do analista na forma de construção, porém ela só será efetiva terapêuticamente se produzir um efeito de decalagem cujo resultado é a liberação do 'trauma'. Assim, o paciente poderá simbolizar o que não estava ainda simbolizado e passará de ator da história de sua vida para autor da história narrada ocupando, dessa forma, como refere Persicano, o lugar do Eu-narrador, do Eu-sujeito de sua história. O narrador precisa, portanto, adquirir experiências e incorporá-las para que possa transmiti-las. Enfim, para que ele possa assumir o lugar do 'Eu', ele precisa antes ser narratário, ocupar o lugar do 'Tu', para finalmente fazer parte ele mesmo do narrado. Ou seja, é pela transformação narrativa que medo e angústia deixam de surgir como descarga maciça ou como sintomas psíquicos, para se tornarem histórias-ficções, como poesias, filmes, contos, pinturas... A necessidade de narrar, ou de criar ficções históricas, tem função elaborativa em relação a angústias e medos, sendo a narração uma resposta humana ao medo, ao terror e à angústia primitivos. A possibilidade de análise exige uma tessitura narrativa de tudo o que não foi, até então, possível de metabolizar. Cabe ao analista acompanhar seu paciente no processo de construção. Nessa perspectiva, a narrativa tomaria o aspecto de uma palavra anunciadora que obedece às exigências da interpretação, ou melhor dizendo, da construção. O analista seria, então, o interpretador, o historiador, ou ainda o co-autor que poderia levar essa palavra e lhe dar uma certa dignidade. O analista é, segundo Harel (2001), de uma certa maneira, esse sujeito que sabe traduzir a palavra do analisando a fim de outorgar uma significação que resta parcial. O campo da Psicanálise se situa, dessa forma, no campo do retórico enquanto procura ligar e religar os afetos e é aí que o narrativo intervém de maneira ética porque ele busca ligar os afetos em uma continuidade narrativa que supõe um interlocutor, lugar que o analista irá ocupar na cura e na vida de qualquer um. Tem-se, assim, a composição narrativa do narrador paciente, que se esforça por construir uma história para sua dor psíquica e a construção do narrador terapeuta quando este é o narrador da dor psíquica deste outro, o paciente. É importante salientar que o conceito de composição narrativa articulado à Psicanálise pelos diferentes autores expostos nesse quinto tópico, diz respeito à noção desenvolvida por Ricoeur (1983/1994; 1984/1995) em 'Tempo e Narrativa'.

Em síntese, podemos dizer que para o sujeito poder constituir uma narrativa acerca de sua vida na perspectiva da autoria, ele necessita, em primeiro lugar, ter acesso a sua genealogia. Essa narração possibilitará ao sujeito compor um ponto inicial a partir de seus ancestrais, ou seja, uma origem sobre a história de sua vida, através da qual ele poderá ordenar sua existência temporalmente e, assim, construir as narrativas de suas experiências diferenciando o que é seu do que é dos outros. A transmissão intersubjetiva seria, portanto, um dos pontos iniciais e até mesmo basilares para a composição narrativa. Esse ato narrativo, fundado em uma origem que é sempre mítica, permitirá que o sujeito simbolize o que ainda não estava simbolizado ou que ressignifique aquilo que estava concebido de forma hermética, unívoca. Somente assim ele poderá se desprender das repetições traumáticas, àquelas que insistem em se manifestar na forma de comportamentos e de atos inomináveis ou ainda não nomeados. Dessa forma, o sujeito será capaz, então, de se desvencilhar da simples repetição e descrição dos acontecimentos, distanciando-se dos mesmos. Esse efeito de distanciamento ou decalagem pode ser produzido pela intervenção do analista, sendo uma delas a construção. O efeito terapêutico dessa intervenção é devido à abertura de sentidos provocada pela apresentação, por parte do analista, de uma versão possível que reúne os fragmentos da história do paciente. Essa ação do analista é justificada, como salienta Freud (1937/1976), somente quando há uma insistência no traumático, na forma de repetição ou de atuação. É nesse âmbito que a composição narrativa se torna um instrumento importante no processo terapêutico e é isso exatamente que essa pesquisa procura analisar.

O objetivo desse trabalho foi, portanto, definido da seguinte forma: **investigar o processo de composição narrativa no encontro terapêutico em um contexto de formação em Psicologia, ou seja, em um contexto de uma prática supervisionada de estágio em Psicologia Clínica.** As questões norteadoras foram assim delimitadas:

- 1) As entrevistas preliminares entre o estagiário/terapeuta e o paciente, que são transcritas, discutidas e analisadas na supervisão acadêmica, organizam-se em uma forma narrativa?
- 2) Caso esse discurso for articulado em uma forma narrativa, essa organização narrativa responde a uma sucessão cronológica linear nos termos de Todorov ou a uma causalidade semântica como propõe Ricoeur?
- 3) Tendo em vista que a construção é a única intervenção do terapeuta em que a composição narrativa se justifica na psicoterapia psicanalítica, ela aparece ao longo do processo terapêutico? Se aparece, ela está propiciando ao paciente a composição narrativa da história de sua vida na perspectiva de uma autoria?

Para responder essas questões, três estudos foram realizados. Os dois primeiros visam responder às duas primeiras questões e o terceiro estudo concerne diretamente à terceira questão. Como já foi dito na primeira parte dessa introdução, os três estudos estão articulados entre si e apresentam uma relação de causalidade semântica, como conceitua Ricoeur (1983/1994). Vamos, então, às descrições do método e, posteriormente, à análise dos resultados e discussão.

CAPÍTULO II

MÉTODO

1. Participantes e contextos da pesquisa.

Participaram dessa pesquisa duas alunas do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), denominadas Fabiane e Renata⁴, e três meninas com seis, nove e dez anos de idade (Karine, Andréia e Carla⁵, respectivamente), todas acolhidas em um abrigo da região. As alunas estavam realizando a prática de estágio em Psicologia Clínica no abrigo durante o período da pesquisa e eram responsáveis pelo acompanhamento terapêutico das crianças selecionadas.

O estágio de Psicologia Clínica, na época da pesquisa, acontecia anualmente, no período de março a dezembro de cada ano. O trabalho realizado pelos estagiários de Psicologia Clínica era acompanhado também pela supervisão acadêmica da Unisc, a qual vem sendo desempenhada pela pesquisadora desde 1997. Essa supervisão ocorria semanalmente na clínica-escola da Universidade e reunia, em cada momento, os estagiários que realizavam sua prática em um mesmo local. Outra atividade da supervisão era a visita ao local de estágio a cada dois meses no máximo. Os estagiários participavam, também, de reuniões gerais da supervisão acadêmica. Estas reuniões eram mensais e todos os estagiários em Psicologia Clínica da Universidade, que realizavam suas práticas de estágio em diversos locais, faziam parte da mesma.

O abrigo em que foi realizado o estágio e, portanto, a pesquisa, pode ser assim descrito:

A instituição se originou para proporcionar abrigo temporário para crianças que estão envolvidas em uma situação de risco e, por isto, retiradas de seus núcleos familiares. Tal instituição possui o objetivo geral de abrigar crianças abandonadas ou em vias de abandono, vítimas de maus tratos, oferecendo-lhes alimentação, vestuário, lazer, escola e assistência à saúde, bem como um espaço onde possam ser trabalhados aspectos internos a fim de elaborar vivências que tenham sido traumáticas. A manutenção financeira da instituição deriva de um grupo de associados que contribuem mensalmente, da Prefeitura Municipal, bem como de doações da comunidade e do exterior. No quadro funcional da instituição consta um presidente, um vice-presidente, duas secretárias, um tesoureiro, equipes de apoio técnico. A equipe técnica é constituída por um contabilista, uma pedagoga e uma psicóloga, que são funcionários efetivos da instituição. Também compõem a equipe técnica uma pediatra e uma psiquiatra, porém estes como voluntários. A equipe de apoio é formada por sujeitos que exercem a função de divulgar e arrecadar fundos para a entidade. Desde 1994, a instituição conta com uma psicóloga, que após sua

⁴ Nomes fictícios das duas estagiárias que participaram da pesquisa. Optamos por não identificar o ano em que essas estudantes realizaram o estágio a fim de não comprometer a identidade das mesmas.

⁵ Nomes fictícios das três meninas selecionadas para o estudo.

inserção na instituição, pode reestruturar esta entidade no que diz respeito ao aumento do número de funcionários, reestruturação de cargos, salários, diminuição da rotatividade dos funcionários; acrescenta-se ainda neste trabalho a mudança na forma da organização das casas, que possibilitou o espaço individual de cada criança (roupa, calçados, etc.) como forma de manter a singularidade de cada sujeito (Fabiane e Renata).

2. Instrumentos e material.

As fontes para a coleta de dados dessa pesquisa foram os textos escritos pelas estagiárias associados ao material discutido em supervisão acadêmica. Cada entrevista preliminar foi relatada pelas estagiárias sob a forma escrita de entrevista dialogada, exigência esta feita pela supervisora local e mantida pelas estagiárias na supervisão acadêmica. O objetivo desse relato era que o estagiário procurasse ‘transcrever’ cada cena terapêutica para o leitor, no caso, os supervisores local e acadêmico. A definição do novo dicionário Aurélio (1986) para o termo transcrever é ‘reproduzir, copiando; copiar textualmente; trasladar’ (traduzir, verter). O ato de transcrever seria, então, uma transcrição, que é definida pelo referido dicionário como a ‘conversão de dados de um meio de armazenamento para outro, sem alterar seu conteúdo original, mas efetuando as conversões necessárias para que sejam aceitos pelo meio receptor’. Podemos dizer, portanto, que as estagiárias, ao transcreverem as entrevistas preliminares desenvolvidas com suas pacientes, buscaram traduzir ou converter os acontecimentos (verbais, gestuais, visuais, táteis, auditivos, entre outros) presentes em cada entrevista ou em cada encontro terapêutico para a linguagem escrita sob a forma de entrevista dialogada, de tal modo que esses acontecimentos se tornassem legíveis para o supervisor (meio receptor imediato). Essas transcrições podem ser caracterizadas, também, como memorizações do desenvolvimento das entrevistas, no sentido formulado por Green (1973), cujo conceito foi descrito no segundo tópico da Introdução. Esse material, assim como as questões e reflexões produzidas pelas estagiárias acerca do estágio como um todo, foram registrados pela pesquisadora no espaço da supervisão acadêmica. Esse registro foi realizado sob a forma escrita e teve como objetivo ‘pôr em memória, ou seja, narrar, mencionar; escrever ou historiar’⁶ os debates advindos no espaço acadêmico de supervisão.

3. Delineamento e procedimentos gerais.

No presente trabalho, foi utilizado um delineamento de estudo de casos múltiplos – três estudos de caso, em que cada dupla estagiária-terapeuta/paciente constituiu um caso – segundo o modelo de estudo de caso proposto por Yin (2001). A unidade de análise

⁶ Definições dadas pelo novo dicionário Aurélio (1986) para o termo registrar.

principal de cada estudo de caso foi o processo de composição narrativa da dupla estagiária-terapeuta/paciente. Para investigar essa unidade de análise, foram desenvolvidos três estudos em cada caso, cada estudo constituindo uma subunidade de análise específica:

- 1) o primeiro estudo verificou as diferentes proposições do ciclo narrativo.
- 2) o segundo estudo investigou as repetições de uma mesma seqüência de ações entre os diversos ciclos narrativos.
- 3) o terceiro estudo analisou as construções, conforme conceito definido no quinto tópico do capítulo I, da estagiária-terapeuta e o seu possível efeito de autoria no paciente.

A pesquisa do processo de composição narrativa da dupla estagiária-terapeuta/paciente, objetivo central desse trabalho, foi realizada em um contexto de psicoterapia. A psicoterapia, no local escolhido para a realização dessa investigação, foi indicada, para as crianças selecionadas nessa pesquisa, pela equipe da instituição. Essa indicação teve como critérios atrasos globais no desenvolvimento, depressão e que essas crianças, uma vez indicadas para a psicoterapia, aceitassem usufruir desse espaço. Os atendimentos foram desenvolvidos pelas estagiárias em uma das salas localizada em uma das casas da instituição e aconteceu uma vez por semana.

A supervisão acadêmica realizou-se na clínica-escola da Universidade e ocorreu uma vez por semana com as duas estagiárias de Psicologia que estavam em prática de estágio no local selecionado, e teve duração de uma hora e meia. As alunas escolhiam quais entrevistas transcritas seriam lidas e debatidas na supervisão acadêmica. Além disso, as estagiárias levaram, para a supervisão acadêmica, outros aspectos acerca de seu estágio para serem analisados, como a dinâmica institucional e a relação com o Juizado. A pesquisadora utilizou como um dos critérios para a seleção das crianças que participaram desse estudo, aqueles casos cujas entrevistas foram escolhidas pelas estagiárias para serem lidas e analisadas na supervisão acadêmica. Outro critério foi a duração do tratamento, ou seja, foram escolhidas as três crianças que permaneceram em acompanhamento terapêutico pelas estagiárias em um período superior há dois meses. As estagiárias, bem como a coordenação e a psicóloga da instituição em que essas acadêmicas realizaram o estágio, foram informadas dos objetivos e das justificativas da pesquisa no início dos nossos trabalhos. Os modelos de consentimentos informados para a utilização das entrevistas preliminares transcritas e das reflexões produzidas em supervisão acadêmica, os quais foram apresentados e assinados pelas estagiárias bem como pela coordenação e pela psicóloga da instituição, seguem descritos, respectivamente, nos Anexos A e B.

4. Procedimentos gerais de análise dos resultados.

Para atingir os objetivos dessa pesquisa, como já foi explicitado anteriormente, três estudos foram realizados. Os três estudos estão interligados tendo em vista que o segundo estudo decorre do primeiro e o terceiro, por sua vez, do segundo. As entrevistas preliminares transcritas pelas estagiárias foram analisadas, no primeiro estudo, de acordo com as diferentes proposições que compõem o ciclo narrativo segundo o modelo proposto por Todorov (1978/1987). Nesse estudo, verificamos se essas transcrições constituíam ou não ciclos narrativos completos e, a partir disso, conseguimos delinear as narrativas presentes. O segundo estudo, portanto, partiu das narrativas delimitadas no primeiro estudo para investigar as homologias tendo, também, como eixo norteador o modelo formulado por Todorov (1967). Ou seja, analisamos as possíveis repetições de uma mesma seqüência de ações entre os diversos ciclos narrativos a fim de delimitarmos a existência ou não de um denominador comum que representasse, em cada caso analisado, o universo narrativo como um todo. A análise dos dados nesses dois estudos foi realizada pela pesquisadora e por uma bolsista de iniciação científica já familiarizada com os modelos de análise propostos. A sua participação na análise dos resultados teve como objetivo proporcionar um distanciamento, ou seja, um ‘deslocamento do olhar’ da pesquisadora. A bolsista teve como função, então, intermediar constituindo-se como um elemento terceiro e, assim, como uma alteridade à versão inicial da pesquisadora acerca dos resultados.

O terceiro estudo, por sua vez, tomou por base a ação denominada no segundo estudo ‘o terapeuta constrói uma devolução’ para realizar a análise das construções da estagiária-terapeuta e seu possível efeito de autoria no paciente. Nesse terceiro estudo, desenvolvemos um modelo de análise baseado nas idéias de Ricoeur (1984/1995; 1983/1994) e Bertrand (1998). Os procedimentos de análise específicos de cada estudo são descritos na seção Resultados e Discussão. As narrativas codificadas no primeiro estudo bem como as seqüências de ações observadas no segundo estudo e que servem de base para o terceiro estudo estão apresentadas na íntegra⁷ em textos que estão nos anexos. Encontram-se no corpo da tese, portanto, fragmentos das narrativas entrelaçados com apontamentos e reflexões advindos da teoria elaborada na primeira parte desse trabalho.

⁷ Somente foram realizadas alterações em duas situações: 1) quando os dados transcritos possibilitassem a identificação dos participantes da pesquisa, da instituição ou dos demais envolvidos no processo. Nesse caso, modificamos os dados a fim de não comprometer a identidade dos mesmos; 2) quando as frases transcritas não eram inteligíveis para o leitor. Nessa situação, alteramos os sinais de pontuação ou a ordem das frases a fim de possibilitar uma melhor compreensão ao leitor.

CAPÍTULO III

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados dessa pesquisa são apresentados da seguinte forma: inicialmente, descrevemos os procedimentos específicos de análise dos resultados no primeiro estudo; em um segundo momento, disponibilizamos os resultados desse estudo nos três casos selecionados e, por último, elaboramos a síntese e a discussão dos resultados do primeiro estudo a partir dos três casos analisados. A mesma lógica de apresentação vale para o terceiro estudo, porém a discussão dos resultados nesse último estudo se dá também ao longo da análise dos resultados em cada caso analisado. O segundo estudo, por sua vez, possui uma organização um pouco diferente, pois, em primeiro lugar, delineamos os procedimentos específicos de análise dos resultados no segundo estudo; em segundo lugar, expomos a síntese dos resultados do referido estudo e, em seguida, formulamos a leitura e a discussão singular dos resultados em cada caso analisado. Nos três casos analisados, revisamos, de maneira sintética e pontual, os principais aspectos teóricos, já descritos em detalhes no capítulo I, que servem de base para os procedimentos específicos de análise de cada estudo. E, por fim, elaboramos um quarto capítulo sobre as conclusões gerais, que visa estabelecer um elo entre os três estudos e apresentar uma proposta de um dispositivo de trabalho para a formação do psicólogo no campo da clínica. Em termos narrativos, podemos dizer que procuramos tecer, no quarto capítulo, um final possível para o enredo composto nessa tese que, como nos lembra Ricoeur, é um final sempre em aberto e sujeito a novas significações.

1. Primeiro estudo: Verificação das diferentes proposições que compõem o ciclo narrativo. As entrevistas preliminares transcritas se organizam como narrativas?

1.1. Procedimentos específicos de análise dos resultados no primeiro estudo.

As transcrições foram analisadas conforme o modelo de estrutura narrativa proposto por Todorov (1978/1987) a fim de verificarmos a existência ou não de narrativas em cada entrevista separadamente. A narrativa, segundo este autor, é composta por uma seqüência singular de eventos sendo que essa seqüência é configurada por cinco proposições, as quais no seu conjunto constituem a estrutura narrativa. A primeira proposição corresponde a um estado inicial estável. Na segunda surge uma força perturbadora a este estado inicial, que resulta em um estado de desequilíbrio, o qual constitui a terceira proposição. A quarta proposição corresponde a uma força que atua em sentido contrário e que cumpre a função de restabelecer o equilíbrio. No final, um novo

equilíbrio é estabelecido. O autor esclarece que é evidente que o primeiro elemento repete o quinto elemento e que o terceiro é a sua inversão. Além disso, segundo ele, o segundo e o quarto elementos são simétricos e inversos. Todorov coloca que é possível imaginar uma narrativa que omite os dois primeiros elementos ou que omite os dois últimos elementos, mas se percebe que as duas metades do ciclo estão lá delineadas. Em outros casos, há narrativas que começam diretamente no segundo elemento tendo em vista que, muitas vezes, o estado inicial de equilíbrio está implícito na seqüência narrativa ou justaposto ao quinto elemento do ciclo narrativo anterior. Os dois princípios da narrativa são, segundo Todorov, a sucessão e a transformação. Essa transformação pode ser uma negação (a passagem de A a não A), como uma transformação de modo, de intenção, de conhecimento, entre outros. Para cada ação distinta da história corresponde, portanto, uma proposição, referida nessa pesquisa como Pn. O ciclo narrativo completo, como já foi descrito acima, comporta cinco elementos que são assim definidos nesse estudo:

- a) Pn1: estado de equilíbrio, situação inicial e estável;
- b) Pn2: força perturbadora do estado de equilíbrio cujo resultado é um estado de desequilíbrio;
- c) Pn3: estado de desequilíbrio em desenvolvimento;
- d) Pn4: força que atua na direção do restabelecimento do estado de equilíbrio;
- e) Pn5: estado de equilíbrio restabelecido.

1.2. Caso Fabiane-Karine:

Karine tinha seis anos na época do atendimento. Ela foi indicada para tratamento pela psicóloga da instituição por apresentar atrasos globais no desenvolvimento, principalmente nas áreas motora e cognitiva. Segundo Fabiane, Karine foi acolhida pela terceira vez no abrigo devido à negligência e aos maus tratos maternos. Karine esteve em acompanhamento terapêutico de maio a dezembro do ano em que foi realizado o estágio. Em dezembro o atendimento foi interrompido porque Fabiane encerrou o seu estágio. As transcrições analisadas correspondem ao período de maio a novembro, perfazendo um total de 21 transcrições analisadas.

Foram encontradas quarenta e nove narrativas (Anexo C) no total das vinte e uma transcrições analisadas. Das quarenta e nove narrativas, vinte e uma delas terminaram em uma situação de desequilíbrio (Pn3), doze narrativas esboçaram a tentativa de reconstituição do estado de equilíbrio (Pn4) e dezesseis delas apresentaram o estado de equilíbrio restabelecido claramente definido e, portanto, estabeleceram um ciclo narrativo completo (Pn5), conforme a Figura 2.

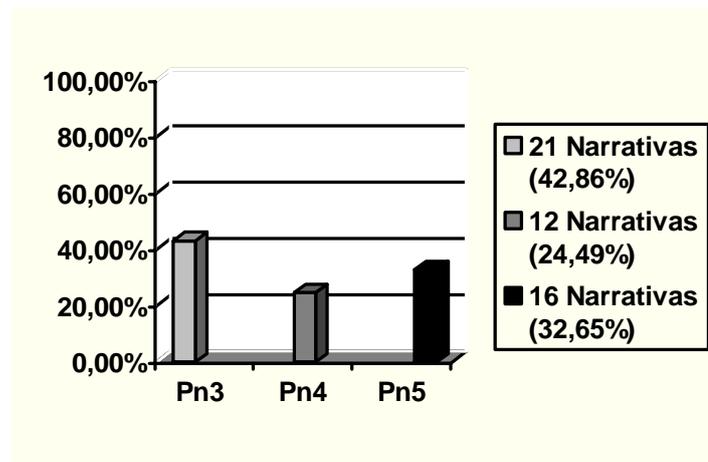


Figura 2: Percentagens de acordo com cada proposição narrativa. Caso Fabiane-Karine.

Em termos percentuais, podemos dizer que 67,35% das narrativas analisadas constituíram um ciclo narrativo incompleto (Pn3 e Pn4) e que 32,65% das narrativas desenvolveram um ciclo narrativo completo (Pn5), como demonstra a Figura 3.

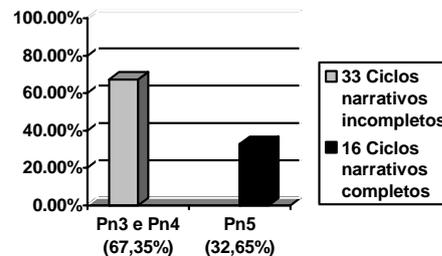


Figura 3: Percentagens de acordo com a evolução do ciclo narrativo. Caso Fabiane-Karine.

Nos exemplos que seguem, destacamos quatro narrativas que representam um ciclo narrativo incompleto (Pn3 e Pn4) e duas que constituem um ciclo narrativo completo (Pn5). Aproveitamos, também, para melhor elucidarmos, a partir dos exemplos, os cortes que delimitaram a passagem de uma proposição a outra. A oitava narrativa descrita abaixo faz parte do segundo encontro terapêutico entre Fabiane e Karine. Ela é composta no final da entrevista, segundo a transcrição de Fabiane. Podemos observar que o diálogo entre elas apresenta um estado inicial de equilíbrio (Pn1) em que Karine demonstra à Fabiane os movimentos que sua irmã é capaz de fazer, propondo a ela que feche os olhos. Nesse

primeiro momento, o diálogo transcorre sem perturbação até o instante em que Fabiane interroga Karine sobre a boneca. Essa questão faz com que Karine associe a sua preferência pela boneca que chora com a sua família, caracterizando-se como uma força perturbadora que interrompe o estado de equilíbrio inicial e que leva à necessidade do interlocutor argumentar (Pn2). Ou seja, essa associação perturba o estado de equilíbrio inicial, instaurando uma situação de desequilíbrio que leva Fabiane a questionar ainda mais Karine e esta, por sua vez, precisa tecer uma intriga a fim de procurar ‘responder’ as questões colocadas por Fabiane (Pn3). Essa argumentação não se desenvolve mais porque Fabiane encerra a entrevista devido ao horário, ou seja, o tema poderia ser mais explorado e a tessitura da intriga mais elaborada caso não fosse o término da entrevista: “o nosso tempo acabou, tchau, até a semana que vem”. Dessa forma, a colocação de Karine “eu não gosto dela, eu gosto do cavalo que foi lá para o campo da minha vó, para pastar” fica em aberto, sem fechamento, sem possibilidade de novas versões e, assim, o estado de equilíbrio em relação a essa temática não é restabelecido nesse ciclo narrativo. Vamos ao exemplo.

Exemplo 1: Ciclo narrativo incompleto (Pn3). Tema: Família.

Pn	Descrição da narrativa 8 (23/05)
Pn1	<p>K.: (K. rola pelo chão.) A minha irmã faz assim, porque ela é pequena, não sabe caminhar (mostrando que ela se arrasta e engatinha), agora ela caminha bem devagarinho, ali no berçário, eu também fui ali no berçário com as tias. Olha, tia! Olha! Eu também faço assim (se arrasta no chão), mas é mais ligeiro, fecha os olhos tia. (K. queria mostrar que vinha ligeiro).</p> <p>F.: Fechar os olhos?</p> <p>K.: É, daí quando tu abrir eu vou estar aqui.</p> <p>F.: (Fechei os olhos e ela demonstrou).</p> <p>K.: Viu!</p> <p>F.: Vi.</p>
Pn2	<p>(K. pega a boneca novamente ela chora e ela ri).</p> <p>F.: K. tu gosta quando a boneca chora?</p> <p>K.: Não! A minha mãe deu para mim uma boneca, mas não é assim.</p> <p>F.: E como é a boneca?</p>
Pn3	<p>K.: Ela não tem nada, para minha irmã ela deu uma boneca (eu não me lembro mais: que tinha mais acessórios?) e para o meu irmão um caminhão como este (que estava no outro canto da sala) com isto (tampa traseira)! Vou botar a boneca sentada. (K. foi guardar o caminhão. K. viu um cavalo de brinquedo). Este cavalo não é de verdade, não gosto dele.</p> <p>F.: Tu não gosta deste cavalo de brinquedo?</p> <p>K.: Não, eu só gosto de cavalo de verdade, que tem este pêlo (tapete) que a minha mãe tem, mas eu não gosto da minha mãe.</p> <p>F.: Tu não gosta da tua mãe?</p> <p>K.: Não.</p> <p>F.: Tu já falou na tua mãe várias vezes hoje, tu quer dizer como é a tua mãe?</p> <p>K.: Não. (Ri)</p> <p>F.: Mas, como ela é contigo?</p>

	K.: Eu não gosto dela, eu gosto do cavalo que foi lá para o campo da minha vó, para pastar. F.: O nosso tempo acabou, tchau, até a semana que vem. K.: Tchau tia.
Pn4	
Pn5	

A próxima narrativa se desenvolve no décimo terceiro encontro realizado entre Fabiane e Karine. Ela é constituída no meio da entrevista e, da mesma forma que a narrativa anterior, ela possui uma situação inicial estável que somente é perturbada quando Fabiane insiste em questionar Karine sobre o motivo que ela apresenta para não gostar do urso preto. Essa questão impulsiona Karine a procurar desenvolver uma tessitura da intriga que não responde diretamente à pergunta colocada por Fabiane, mas que ‘força’ Karine a construir novos enredos, os quais são novamente interrogados e inclusive ‘interpretados’ por Fabiane: “compreendo, mas sei que tu falas assim porque foi assim que tu aprendeu quando estava em casa... K., tu não está querendo falar sobre isso...”. Dessa vez, é Karine que interrompe o ciclo narrativo não desenvolvendo novos argumentos para as observações de sua terapeuta. O ciclo narrativo fica novamente incompleto, pois a argumentação engendrada por Fabiane a partir de sua interpretação acerca da atitude de Karine, não possibilita a esta seguir tecendo a intriga ou ela ‘se nega’ a fazê-lo. O segundo exemplo ilustra essa narrativa.

Exemplo 2: Ciclo narrativo incompleto (Pn3). Tema: ‘Senta aqui!’.

Pn	Descrição da narrativa 34 (22/08)
Pn1	(K. mexe na injeção, mexe na casinha). K.: Vou trocar os ursos de lugar. F.: E qual o motivo? K.: Eu não gosto do preto.
Pn2	F.: Mas, o que foi que o preto fez ou tem que tu não gosta? K.: Eu não gosto. (K. vai na estante, pega o rádio com microfone, coloca no chão em frente à porta do banheiro). Eu vou fazer uma casinha! (K. abre a porta do banheiro e entra. K. sai do banheiro). F.: K., antes de ir ao banheiro tu disse que ia fazer uma casinha. (K. fica em silêncio). Me parece que fazer uma casinha é difícil.
Pn3	K.: (Vai à estante). Eu vou pegar uns bonequinhos para colocar lá. (Deixa só a bonequinha. Retorna para a estante, olha atentamente a mobília da casa e pega uma poltrona). Puti! Está estragado, mas eu vou dar um jeito para arrumar. (Leva a poltrona para o lugar da brincadeira e volta e busca a bonequinha que antes tinha deixado). F.: K., por que tu deixou esta bonequinha (a única com cabelo), para vir buscar agora e coloca afastada das demais? K.: Senta aqui! F.: Compreendo, mas sei que tu falas assim porque foi assim que tu aprendeu quando estava em casa... (K. tenta abrir a porta do banheiro). K., tu não está querendo falar sobre isso?

Pn4	
Pn5	

A narrativa dezessete, descrita no terceiro exemplo, foi construída no final do quinto encontro terapêutico realizado entre Fabiane e Karine. O estado inicial de equilíbrio não esteve presente nessa narrativa, mas como afirma Todorov há narrativas que iniciam já em estado de desequilíbrio. Logo, essa narrativa começa em um estado de desequilíbrio estabelecido pela colocação de Karine: “outro dia minha mãe trouxe um salgadinho para mim e eu dividi com o Gerson e com a Nágila”, que são seus irmãos e que também estão no abrigo. A situação apresentada por Karine é problematizada por Fabiane: “tua mãe trouxe salgadinho pra ti aqui na instituição?” Esse questionamento age como uma força perturbadora que incita Karine a seguir sua argumentação, desenvolvendo a tessitura da intriga que é composta juntamente com Fabiane através de seus apontamentos e interrogações. A passagem do estado de desequilíbrio (Pn3) para a tentativa de restituição do estado de equilíbrio (Pn4) é marcada pela exclamação de Fabiane: “e tu K.!” , que lança Karine a afirmar que não recebeu nada de sua mãe e a procurar justificar essa condição: “eu não quero e não preciso porque eu tomo chimarrão na cuia maior”. A quarta proposição é, como esclarece Todorov (1978/1987), a inversão da segunda, pois Karine passa de uma situação em que havia recebido um presente de sua mãe (salgadinho) e que seus irmãos não ganharam, para uma situação que indica não ter recebido um outro presente de sua mãe (a cuia), ao contrário de seus irmãos. Houve, portanto, uma transformação de um estado a outro. Fabiane busca ainda fazer um fechamento para esse ciclo narrativo quando aponta para Karine: “nosso tempo acabou e parece que tu tens bastante o que falar, mas nosso tempo já terminou, continuamos na semana que vem”. A atitude de Karine perante Fabiane: “não vou...” demonstra, porém, que o estado de equilíbrio não pode ser restabelecido nessa seqüência narrativa, necessitando, talvez, de uma maior elaboração ao longo do processo terapêutico.

Exemplo 3: Ciclo narrativo incompleto (Pn4). Tema: Família.

Pn	Descrição da narrativa 17 (20/06)
Pn1	
Pn2	<p>K.: (...)eu dei bala para a tia do berçário para ela dar para o meu irmão. F.: Tu dividiu tuas balas com o teu irmão? K.: É, com ele e com a minha irmã, daí eu dei para a tia do berçário, eu sempre reparto, outro dia minha mãe trouxe um salgadinho para mim e eu dividi com o Gerson e com a Nágila. F.: Tua mãe trouxe salgadinho para ti aqui na instituição?</p>
Pn3	<p>K.: Não, ela trouxe aqui no portão. F.: E como foi isto? K.: (K. fica sorrindo, rolando no tapete). Eu vou dormir aqui, quer ver?</p>

	<p>F.: Tu queres dormir?</p> <p>K.: (K. sorri). Eu durmo aqui se eu quiser.</p> <p>F.: E tu quer?</p> <p>K.: (K. continua se rolando) Olha tia, eu fui cheirosa para o colégio hoje, cheira aqui para ti ver (mostrando o pescoço)?</p> <p>F.: É K., tem um cheiro bom, o que é?</p> <p>K.: Meu perfume... Eu queria dormir hoje de manhã, aí a tia levou só o Diego para o colégio?</p> <p>F.: Então, tu não foste para o colégio e ficou dormindo?</p> <p>K.: A tia levou só o Diego.</p> <p>F.: E tu K.?</p> <p>K.: Não, eu fui junto com a tia para o colégio. (K. pega a boneca que está sentada na almofada). Nas outras vezes que eu tive aqui, eu não peguei mais esta boneca.</p> <p>F.: E porque tu não pegou mais a boneca?</p> <p>K.: (Silêncio). Ela (boneca) cortou o cabelo?</p> <p>F.: Não K., o cabelo não foi cortado, porque tu acha que o cabelo foi cortado?</p> <p>K.: Foi sim, está bem curtinho (fazendo chuquinha no cabelo da boneca). Eu quero fazer trancinha e prender o cabelo dela com borrachinha.</p> <p>F.: Se tu precisares, tem borrachinha no estojo em cima da mesa.</p> <p>K.: (K. bota a boneca sentada no lugar. O Diego vem na janela e eu peço que se retire. K. busca a caixa da Barbie). Vou botar os sapatinhos nas bonecas. (Fica tentando encontrar os pares, calça as bonecas, veste um maiô numa das bonecas e vai guardá-las). A minha irmã judia das bonecas.</p> <p>F.: E o que ela faz com as bonecas?</p> <p>K.: Ela bate nelas e em mim também.</p> <p>F.: E como ela bate em ti?</p> <p>K.: Ela atira pedra na minha boca.</p> <p>F.: E como é isso?</p> <p>K.: Eu estava fazendo uma casinha para mim brincar, com as coisas que a minha mãe me deu e a minha irmã me atirou uma pedra na boca e aqui (mostra as costas), mas daí eu também atirei pedra nela. (K. bota a boneca sentada. Ao ver o Diego na janela, K. olha um banquinho que está em baixo desta). A minha mãe deu para minha irmã um banquinho deste e a Nágila senta assim (encena e depois sobe no banco). E para o meu irmão ela deu uma cuinha de chimarrão.</p>
Pn4	<p>F.: E tu K.?</p> <p>K.: Para mim ela não deu nada. Eu não quero e não preciso porque eu tomo chimarrão na cuia maior. Eu quero fazer trabalhinho! (Senta-se e pega uma folha). Eu não gosto de folha suja (referindo-se a folha que estava em cima manchada com tinta de carimbo).</p> <p>F.: E qual motivo de não gostar de folha borrada?</p> <p>K.: Eu odeio.</p> <p>F.: E que a folha borrada te lembra?</p> <p>K.: (K. desenha). É um sol bichinho, com o lápis preto.</p> <p>F.: K. nosso tempo está acabando.</p> <p>K.: Eu não vou! (Desenha rapidamente). Olha um sorvete.</p> <p>F.: K., nosso tempo acabou e parece que tu tens bastante o que falar, mas nosso tempo já terminou, continuamos na semana que vem.</p> <p>K.: Não vou. (Contrato com ela). Não vou.</p>
Pn5	

A trigésima nona narrativa foi constituída entre Fabiane e Karine no início da décima sexta entrevista. Temos um estado de equilíbrio inicial estável, que é novamente rompido pelo questionamento de Fabiane acerca da atitude de Karine: “o que tu está enxergando aí K?”. Essa pergunta faz com que Karine desenvolva um enredo baseado na ‘fantasia de um homenzinho de toca dentro da casinha’. Fabiane segue interrogando Karine na tentativa de seguir compondo a intriga, porém esta nada mais ‘vê’. A proposta de Fabiane à Karine: “talvez, seja mais fácil tentar abrir algumas portinhas”, pode ser entendida como uma nova tentativa de seguir o enredo rumo a um restabelecimento do estado de equilíbrio, ou seja, a um fechamento do ciclo narrativo mesmo que temporário. Há, portanto, uma transformação de uma situação de existência de ‘um homenzinho de toca’ (Pn2) para a sua não existência, ou seja, a sua inversão (Pn4): “sumiu”. Entretanto, o estado de equilíbrio definitivo não foi explicitamente restituído tendo em vista que o(s) efeito(s) dessa passagem de um estado a outro fica em aberto. O quarto exemplo descreve essa narrativa.

Exemplo 4: Ciclo narrativo incompleto (Pn4). Tema: ‘Homenzinho de toca’.

Pn	Descrição da narrativa 39 (12/09)
Pn1	F.: Oi K! K.: Oi tia! (Vai direto pegar a casinha e traz para o tapete e fica espiando pelas janelinhas e portinhas da casa e explorando as portinhas).
Pn2	F.: O que tu está enxergando aí K.? K.: Tem um homenzinho de toca aqui dentro, olha aqui para ti ver. (Olho). K.: Viu?
Pn3	F.: Não consegui enxergar, mas quem sabe tu podes me falar um pouco sobre este homenzinho? K.: Ele está de costas, está de toca, está de pé... F.: E o que mais? (K. permanece em silêncio. K. fica revirando, botando a casinha de perna para baixo tentando ver algo no interior da casinha). F.: O que mais tu vê K.? K.: Nada.
Pn4	F.: Talvez, seja mais fácil tentar abrir algumas portinhas. K.: (Abre). Vê! Cadê o homenzinho, ele estava aqui. F.: E agora! K.: Sumiu. (Vai guardar a casinha).
Pn5	

Fabiane e Karine compuseram a narrativa exemplificada abaixo no final da sétima entrevista. A situação de desequilíbrio foi constituída quando Karine relata como sua mãe cozinhava e Fabiane segue a intriga perguntando: “e como é a tua mãe K.?” Essa questão possibilita a elas construírem um faz de conta cujo enredo narrativo se desdobra, por exemplo, entre a cozinha, os cuidados domésticos ou maternos, e a questão do saber. Fabiane procura retomar as várias teias dessa tessitura tentando restituir o estado de

equilíbrio e, assim, transformar a situação. Para isso, ela inicialmente aborda a situação que foi a fonte do desequilíbrio: “eu gostaria de retomar algumas coisas que tu trouxeste hoje para o atendimento, tu começou a falar em tua mãe, depois logo parou de falar, está difícil falar dela?”. Essa colocação de Fabiane leva Karine a desenvolver ainda mais essa rede narrativa relatando as atitudes de sua mãe, ocorrendo assim uma transformação do estado ‘falar da mãe que cozinha coisas boas ’ para ‘falar sobre a mãe que bate’. Em seguida, Fabiane estabelece um elo claro e preciso entre essa situação e a questão do saber desenvolvida por Karine: “tu sempre me dizes que sabe, mas grande parte das vezes como hoje quando nós falávamos do estetoscópio, tu não sabias...”. Essas indicações de Fabiane permitem que Karine elabore, pelo menos parcialmente, as forças perturbadoras do estado de equilíbrio. Ela busca a restituição do estado de equilíbrio brincando de maquiagem e reagindo à interpretação de Fabiane: “parece K. que eu falei coisas hoje para ti que me deixaram feias e agora tu queres me arrumar para mim ficar bonita?”, quando diz “não tia, eu vou me pintar”. Karine constrói um desfecho definitivo para a intriga narrada quando se olha no espelho, pois essa atitude pode ser interpretada como uma resposta ao apontamento de Fabiane: “K. tu podes te olhar no espelho, para te enfeitar, não é?”. Podemos dizer, então, que o ciclo narrativo se completa aos olhos de Fabiane com essa ação de Karine tendo em vista que o estado de equilíbrio é claramente restabelecido.

Exemplo 5: Ciclo narrativo completo (Pn5). Tema: Questão do saber.

Pn	Descrição da narrativa 22 (09/07)
Pn1	
Pn2	<p>K.: (Começa a brincar com as panelinhas, fazendo comidinha). A minha mãe cozinha.</p> <p>F.: E como é isto?</p> <p>K.: Ela cozinha assim (mostra mexendo a comidinha na panela), ela bota açúcar e faz assim, mexe, daí tem comida. (Pega alguns pratinhos).</p> <p>F.: E como é a tua mãe K.?</p>
Pn3	<p>K.: Ela é boa, ela faz comida para o Gerson. e para a Nágila.</p> <p>F.: E para ti?</p> <p>K.: Para mim também. Oh tia (servindo comida para mim), é para ti comer. (Faço de conta que como).</p> <p>K.: Agora vou te dar aquilo, aquilo...</p> <p>F.: Aquilo o que K.?</p> <p>K.: Batata com açúcar. (Faço de conta que eu como).</p> <p>K.: Agora tu lava os pratos!</p> <p>F.: Eu tenho que lavá-los?</p> <p>K.: (Pega os pratos). Está bom, já estão lavados.</p> <p>F.: K., mas e tu não vai comer?</p> <p>K.: (Faz de conta que leva algo à boca. Ri.). Eu vou fazer um suco para nós.</p> <p>F.: Mas, tu não vais comer também?</p> <p>K.: Eu vou tomar um suco. (Sai rolando no tapete, vai até a casinha de brinquedo, abre e dá uma olhada, fecha novamente, começa a mexer no kit-médico). Oh, o</p>

	<p> teu remédio! F.: Remédio para mim? K.: É! Tu estás doente. F.: Eu estou doente? K.: Está! F.: Mas, o que eu tenho para estar doente? K.: (Ri e me traz uma seringa). Abre a boca para tomar remédio tia! F.: K., tu estás fugindo de alguma coisa, pois tu ainda não me disse o que eu tenho de doença? K.: Vou ver se tu estás com febre. (K. bota um termômetro em mim). O que é isto tia (estetoscópio)? F.: Tu não sabe K.? K.: (Silêncio). O que é isto tia? F.: Isto é um estetoscópio, serve para escutar o coração e para ouvir as coisas aqui dentro. K.: (Tenta colocá-lo). Deita tia! F.: Deitar para quê? K.: Para mim ouvir o teu coração. F.: Mas, o que tu queres ouvir aqui? (K. chega perto de mim, mal encosta o brinquedo e começa a rir). K.: Eu sei que isto aqui é para ouvir o coração. (Vai guardando o kit-médico). F.: Sabe mesmo? K.: Sei! (Mexendo nas mobílias da estante). Essa cadeira é de verdade? F.: O que tu acha K? K.: É de verdade sim e aqui é um guarda-roupa, que guarda sapato, nas gavetas as blusas (abrindo uma estante), aqui é um sofá, uma mesinha. E o que é isto aqui tia (roupheiro)? F.: O que tu achas que é? K.: Não sei. O que é? F.: Bom K., isto sim é um roupeiro de guardar roupas. K.: Mas, isso (estante) era o que, então? F.: O que parece? (Silêncio). F.: É uma estante. K.: (Pega duas bonecas iguais). E quem são estas? F.: Não sei, mas quem sabe tu podes me dizer quem tu acha que elas são? K.: Elas são iguais e o nome desta é, é, é... (indo guardar as bonecas) é a raposa. (Guarda as bonecas). F.: E a outra K.? K.: É raposa também, oh tia, onde estão as pinturas, o batom aquele que o Diego tinha? F.: Tu também queres? K.: Quero, mas eu sei onde estão. F.: E onde estão? (Mostra os carimbos). F.: Bem, acho que não estão aí! K.: Onde está tia? F.: Em cima da outra mesa, na caixinha de maquiagens! K.: (Abre e começa a mexer). Eu sei! </p>
Pn4	<p> F.: Bem K., eu gostaria de retomar algumas coisas que tu trouxeste hoje para o atendimento, tu começou a falar em tua mãe, depois logo parou de falar, está difícil falar dela? K.: A minha mãe bate no Gerson e na Nágila, porque o Gerson fica rindo dela. F.: E tu K.? </p>

	<p>K.: Ela também bate em mim. F.: Por quê? K.: Ela bate em mim porque eu não obedeco ela. F.: Como assim? K.: (Silêncio). O nosso tempo já acabou? F.: K., tem coisas muito importantes que tu estás trazendo, as tuas dificuldades podem ser compartilhadas comigo, pois eu vou estar aqui para te ajudar e te escutar. K.: Eu sei! F.: Sabe mesmo K.? (Silêncio). Tu sempre me dizes que sabe, mas grande parte das vezes como hoje quando nós falávamos do estetoscópio, tu não sabias... A tia entende que parece ser difícil, mas tu não podes fugir, pois isto não vai resolver, o que eu posso fazer é te escutar para te ajudar, mas tu tens que dividir as dificuldades, tu tens que poder falar as coisas comigo... K.: (Silêncio. Começa a pintar as unhas). Pinta para mim a outra mão tia? F.: Pinto. K.: Deixa eu te pintar tia? F.: Porquê? K.: Porque sim. O nosso tempo já acabou? F.: Mas, tu não quer te pintar? K.: Quero, mas eu quero te pintar para ti dar um beijo na Renata. F.: Como assim? K.: Eu gosto da Renata. F.: Mas, se tu gostas da Renata porque eu tenho que dar um beijo nela? K.: Mas, eu também gosto de ti e quero fazer tu ficar bonita. F.: Parece K. que eu falei coisas hoje para ti que me deixaram feias e agora tu queres me arrumar para mim ficar bonita?</p>
Pn5	<p>K.: Não tia, eu vou me pintar. Vou passar batom. (K. começa a rir, mas não consegue olhar-se no espelho para passar batom). F.: K. tu podes te olhar no espelho para te enfeitar, não é? K.: É. (Olhando-se no espelho. Pinta-se mais um pouco). F.: Bem K., nosso tempo hoje acabou, até a semana que vem. K.: Tá tia, tchau! F.: Tchau!</p>

A narrativa quarenta e quatro, ilustrada no sexto exemplo, foi desenvolvida no final do décimo oitavo encontro terapêutico entre Fabiane e Karine. Da mesma forma que os ciclos narrativos anteriores, Fabiane interroga a sua paciente sobre a situação apresentada por esta, sendo esse questionamento o responsável pela abertura da argumentação, ou seja, da composição do enredo narrativo. Essa intriga, assim como as narrativas anteriores, é composta pela dupla terapêutica. Nessa narrativa, a situação ‘ficar brilhosa’ é associada ‘a ficar bonita’ e a tessitura da intriga se desenvolve na direção de estabelecer uma definição para essa situação e, dessa forma, restituir o estado de equilíbrio. Isto começa a ser alcançado quando Fabiane interroga: “e como é ficar bonita?”, cuja resposta de Karine é: “é ficar limpinha”. Essa resposta possibilita uma transformação de conhecimento: ficar bonita significa ficar limpinha. Esta transformação leva à restituição do estado de

equilíbrio, pois Karine concorda com a proposta de Fabiane: “podemos continuar falando nisso na próxima semana” e, assim, o ciclo narrativo se completa.

Exemplo 6: Ciclo narrativo completo (Pn5). Tema: ‘Ficar bonita’.

Pn	Descrição da narrativa 44 (10/10)
Pn1	
Pn2	<p>K.: (K. pega a caixa de maquiagem). Senta aqui no chão! (Abre a caixa e vai separando algumas coisas).</p> <p>K.: Olha tia, eu já tenho brilho na mão. (Estava com algumas purpurinas).</p> <p>F.: A tua mão já está brilhosa.</p> <p>K.: É! Eu tenho que fazer uma coisa. (Entra no banheiro. Deixa a porta aberta).</p> <p>F.: O que tu vais fazer!</p> <p>K.: Vou tomar água, espera aí, vou pegar uma coisinha ali (armário) para ter copo. (Pega uma panelinha, toma água e volta para o tapete).</p> <p>F.: Vai te arrumar?</p>
Pn3	<p>K.: Não, eu já estou bonita eu vou passar brilho numa boneca. (Vai ao armário e escolhe uma boneca que ainda não havia pegado). Eu vou arrumar ela! (Abre um batom vermelho). Não, esse eu não gosto! (Passa um batom e passa sombra).</p> <p>F.: Do que tu não gosta?</p> <p>K.: Deste batom (vermelho), eu gosto deste que fica brilhoso (batom cintilante). Deu, já arrumei a boneca, agora eu vou fazer outra coisa. (Bota a boneca sentada na almofada).</p> <p>F.: A boneca está pronta?</p> <p>K.: Está, eu já passei brilho. (Pega um espelho e fica mexendo, pega umas maquiagens). Eu não preciso de espelho.</p> <p>F.: Tu não precisas de espelho para que?</p> <p>K.: (Leva para o banheiro batom cintilante e sombra). Tia, pode vir aqui no banheiro?</p> <p>F.: O que tu está fazendo K.?</p> <p>K.: Eu vim aqui me arrumar.</p> <p>F.: No banheiro?</p> <p>K.: Passa batom em mim. (Passo. K. vai ao espelho se olhar e volta para o banheiro, passo sombra na mão). Agora eu estou brilhosa.</p> <p>F.: E como é ficar brilhosa K.?</p> <p>K.: Assim (mostra as mãos). Tia, espera ali fora só um pouco.</p> <p>F.: O que tu vais fazer.</p> <p>K.: Eu vou terminar de me arrumar. (Vou). Pode vir, tia!</p> <p>F.: O que tu fizeste K?</p> <p>K.: Lavei meu cabelo e me limpei. (Se molhou).</p> <p>F.: Porque tu te limpou?</p> <p>K.: Para ficar bonita.</p>
Pn4	<p>F.: E como é ficar bonita?</p> <p>K.: É ficar limpinha.</p> <p>F.: Como assim?</p> <p>K.: Pinta minhas unhas dos pés.</p> <p>F.: (Começo a pintar).</p> <p>K.: Espera tia, meus pés estão com tinta, primeiro eu vou lavar pra ficar bonito. (Os pés estavam com tinta mesmo. K. vai ao banheiro lavar os pés e demora).</p> <p>F.: K., pelo que entendi, tu está desejando ficar bonita e para isso tu precisa ficar limpinha?</p> <p>K.: É.</p>

Pn5	F.: Podemos continuar falando nisso na próxima semana.
	K.: Ta! O nosso horário acabou, né?
	F.: É. Tchau K.!
	K.: Ta tia, tchau!

Passamos, a seguir, para a análise do segundo caso.

1.3. Caso Renata-Andréia:

Andréia entrou na instituição pela segunda vez quando tinha dez anos. Ela foi institucionalizada “pelo mesmo motivo da primeira internação: ela foi encontrada com seus irmãos em situação de abandono, maus-tratos e negligência. Ambos os pais encontravam-se frequentemente alcoolizados, não conseguindo, portanto, exercerem as funções básicas necessárias para com os seus filhos” (Renata). Andréia é a irmã mais velha de seis irmãos e, segundo Renata, “se sabe que ela realizava todas as tarefas domésticas da casa, assim como cuidava de seus irmãos menores”. Ela foi encaminhada para atendimento devido a um pedido seu e permaneceu em tratamento até voltar novamente para a casa parental, período este em que foi necessário interromper os encontros terapêuticos devido à distância a que se encontrava sua casa. Os encontros terapêuticos entre Renata e Andréia aconteceram de 28 de junho a 10 de setembro, perfazendo um total de dez encontros.

Foram codificadas vinte e cinco narrativas (Anexo D) nas dez transcrições analisadas. Destas, seis narrativas terminaram em uma situação de desequilíbrio (Pn3), oito narrativas encerraram em uma tentativa de restabelecer o estado de equilíbrio (Pn4) e onze narrativas tiveram o estado de equilíbrio restituído. Quatorze narrativas (Pn3 e Pn4) apresentaram, portanto, um ciclo narrativo incompleto, representando 56% do total das narrativas encontradas, e 44% das narrativas analisadas desenvolveram um ciclo narrativo completo (Pn5), de acordo com as Figuras 4 e 5, respectivamente.

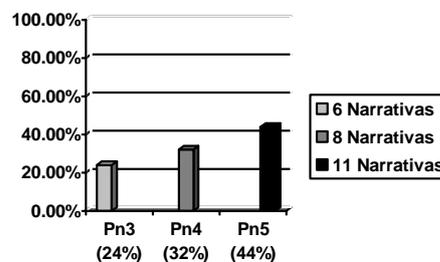


Figura 4: Percentagens de acordo com cada proposição narrativa. Caso Renata-Andréia.

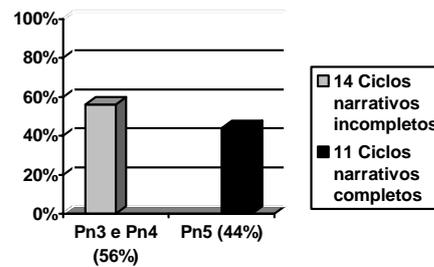


Figura 5: Percentagens de acordo com a evolução do ciclo narrativo. Caso Renata-Andréia.

Da mesma forma que no caso anterior, esboçamos abaixo seis exemplos das narrativas analisadas, procurando explicitar o que determinou a passagem de uma proposição à outra. A primeira narrativa a ser exemplificada é a décima nona narrativa que Renata e Andréia desenvolveram na sétima entrevista. Podemos observar que a situação inicial, apesar da observação de Renata sobre a ansiedade de sua paciente, é estável, pois Andréia exercita o jogo da memória sem contratempos. Essa situação é rompida quando Renata associa e, poderíamos dizer interpreta, o jogo com os fatos vivenciados por Andréia: “esse jogo diz muito do que você está passando agora – relembrando as coisas que lhe aconteceram”. A colocação da terapeuta relacionada com as figuras do jogo produz uma recordação, uma ‘memória’ em Andréia: “eu já olhei esse filme (Rei Leão)!”. Essa situação desencadeia um estado de desequilíbrio tendo em vista que a possibilidade de desenvolver a tessitura de uma intriga se apresenta quando Renata procura explorar a lembrança de Andréia, interrogando-a sobre o filme. Esta, porém, encerra o assunto quando diz: “eu vou pensar, depois eu te digo”, deixando o enredo em questão sem conclusão e não havendo, assim, uma transformação.

Exemplo 7: Ciclo narrativo incompleto (Pn3). Tema: ‘O leão bom contra o leão mau’.

Pn	Descrição da narrativa 19 (20/08)
Pn1	(A. vem ao atendimento às 14:30 e lhe aviso que ainda não estamos na hora – ANSIOSA). (A. entre na sala, abre o armário e me convida para jogar o jogo da memória. Jogamos por um tempo em que A. vai expressando alguns nomes das gravuras – não se atendo ao jogo em si).
Pn2	R.: Sabe A., esse jogo diz muito do que você está passando agora – relembrando as coisas que lhe aconteceram. (A. fala das peças, me escutando, mas não respondendo nada). A.: Eu já olhei esse filme (Rei Leão)! R.: É mesmo?
Pn3	A.: O leão bom protege o filhotinho contra o leão mau! Também tenho um livro. R.: E qual parte tu mais gostou? A.: Eu vou pensar, depois eu te digo. (Jogamos por um tempo, A. bem distraída, ansiosa). Ah, tia, não quero mais jogar. R.: Tudo bem. (A. guarda o jogo).

Pn4	
Pn5	

A vigésima segunda narrativa é constituída pela dupla terapêutica no começo da oitava transcrição. Da mesma forma que a narrativa anterior, temos uma situação estável no início que somente é desfeita pela iniciativa de Andréia em propor à Renata a composição de um enredo: “sabe aonde elas vão hoje?”. Essa questão lança a terapeuta a seguir a dramaticidade da cena, perguntando a sua paciente: “onde?” O estado de equilíbrio está, assim, rompido e o desenvolvimento de uma argumentação se faz necessária para o seguimento do faz de conta. Nessa trajetória, Renata aponta para Andréia: “você se dá conta que está organizando tudo de novo”, afirmação esta que produz na paciente a interrupção da temática de jogo e, dessa forma, o enredo narrativo fica novamente sem fechamento, a transformação de um estado a outro não ocorre e a narrativa termina, assim, em um estado de desequilíbrio. O oitavo exemplo ilustra essa narrativa.

Exemplo 8: Ciclo narrativo incompleto (Pn3). Tema: Organizando tudo de novo.

Pn	Descrição da narrativa 22 (27/08)
Pn1	(A. entrou na sala e logo viu a caixa nova em que colocamos as maquiagens. Incluímos algumas coisas como pulseiras, sombra...) A.: Que é isso, deixa eu ver. (Olha tudo). Coloca para mim a azul (sombra). (Maquio A., ela se olha no espelho). Bonito, passa o batom agora. Gostei! Não vou fazer as unhas hoje!
Pn2	A.: Vou levar a caixinha para pintar as Barbies. (A faz da pintura como bolsa e pega a caixa das Barbies). Vamos vestir elas, tia? (Sentamos no chão. Me entrega uma Barbie e vai escolhendo as roupas que quer que eu coloque...). Olha, um bebê bem pretinho! (Também é novo! A. fica arrumando as bonecas, tem toda calma, colocando os enfeites novos...). Sabe onde elas vão hoje? R.: Onde?
Pn3	A.: Ao baile! R.: É mesmo, elas gostam bastante de ir ao baile. A.: Hã, hã. (Depois de um tempo, A. coloca colares e pulseiras nela também e me entrega uma). Eu sou sua mãe e você é minha filha. (A. coloca batom vermelho e se ajeita no espelho). R.: Onde eu vou ficar quando vocês forem no baile, já que sou sua filha? A.: Vai junto, ora! (A. arruma e enfeita todas as Barbies. Tira todo o material da caixa de maquiagem e o organiza). R.: A., você se dá conta que está organizando tudo de novo? A.: E daí, eu gosto. (A. arruma tudo, guarda as Barbies).
Pn4	
Pn5	

Renata e Andréia construíram a oitava narrativa, a qual é descrita no exemplo abaixo, no final da segunda entrevista. Como podemos observar, essa narrativa já começa com o estado de equilíbrio desfeito, pois a paciente logo solicita o jogo de montar para brincar, instrumento este que será fonte de todo o enredo que se desenvolve ao longo da narrativa. Isto porque a terapeuta utiliza a metáfora do jogo ‘montar’ para interrogar Andréia: “você gosta de montar coisas?” e, assim, impulsionar a paciente a desenvolver o enredo da intriga. Andréia responde a essa interrogação com uma associação: “gosto, eu sempre ajudava minha mãe na roça”. O diálogo segue entre elas, sendo que a terapeuta delimita como ponto central de desequilíbrio do enredo narrativo a questão: “o que mais você fazia com a sua mãe?”. Renata insiste na pergunta e aponta para Andréia a sua ‘não resposta’ para a questão. A terapeuta tenta restabelecer o estado de equilíbrio interpretando o comportamento de Andréia: “você está querendo me dizer com isto que você organizava todas as coisas na sua casa para sua mãe”. Renata estabelece com essa interpretação uma possível resposta para a questão apresentada por ela como central nesse enredo narrativo, ou seja, uma das coisas que Andréia fazia com sua mãe é organizar todas as coisas da casa. Teríamos, assim, uma transformação de um estado a outro: uma ‘não resposta’ para uma resposta possível. Mas, podemos dizer que o estado de equilíbrio não é claramente restabelecido nesse ciclo narrativo, apesar da resposta afirmativa de Andréia diante da interpretação de Renata, porque os efeitos do reconhecimento da paciente à interpretação de Renata não estão explicitados nessa narrativa.

Exemplo 9: Ciclo narrativo incompleto (Pn4). Tema: ‘Você me ajuda a montar?’.

Pn	Descrição da narrativa 8 (04/07)
Pn1	
Pn2	<p>A.: Ainda temos tempo para jogar um jogo? R.: Temos. (A. vai até o armário procurar um jogo). A.: Cadê aquele jogo de montar? (Abro o outro armário para ela). É isso que eu quero! (A. pegou um jogo de quebra-cabeças). Esse aqui está montado. R.: É só desmontar, então montamos de novo. A.: Não, eu prefiro jogar aquele outro. (Guarda e pega outro quebra-cabeça). Você me ajuda, ta?!</p>
Pn3	<p>R.: Claro. Você gosta de montar coisas?</p> <p>A.: Gosto, eu sempre ajudava minha mãe na roça. R.: É mesmo? A.: Eu fazia um monte de coisa. (Começa a falar sobre o quebra-cabeça). R.: O que mais você fazia com a sua mãe? (A. finge que não escutou e acaba de montar). A.: Me ajuda a guardar as coisas? R.: Claro. A.: Vou pegar aquele outro quebra-cabeça. Você me ajuda a montar. Você faz estes e eu esse. R.: Vamos montar juntas?</p>

	<p>A.: Ta. (A. fica falando sobre o jogo sem parar).</p> <p>R.: A., tu notou que eu te fiz uma pergunta e você ainda não respondeu? (A. faz que sim com a cabeça). E tu lembra o que eu te perguntei? (A. faz que não). Eu perguntei o que mais tu fazia com a tua mãe? (A. começa a falar sobre o quebra-cabeça que está montando). Este espaço também é para falar sobre essas coisas. (A. acaba o jogo, o guarda de forma organizada e continua falando do jogo).</p> <p>A.: Ainda temos bastante tempo?</p> <p>R.: Já está na hora de guardarmos as coisas. (A. começa a arrumar as coisas, mas em vez de arrumar o que ela pegou, começa a organizar toda a sala, angustiada. Observo-a por um tempo).</p>
Pn4	<p>R.: A., você está querendo me dizer com isto que você organizava todas as coisas na sua casa para sua mãe. (A. concorda com a cabeça. Ela para de organizar a sala e começa a organizar suas coisas e eu a ajudo). A., este espaço é justamente para a gente conversar e organizar essas coisas que acontecem contigo. Semana que vem a gente continua.</p>
Pn5	

A narrativa dezessete inicia, assim como a narrativa anterior, em uma situação já instável: “você nota como você precisa sempre organizar as coisas”. Isto devido ao fato de que esta situação provoca um estado de desequilíbrio que serve de impulso para o desenrolar da intriga. Renata insiste com Andréia na colocação de que esta evita falar sobre determinados assuntos como: “eu comentei contigo sobre o quanto você precisa ficar arrumando as coisas, igual você fazia em casa pra sua mãe. Deve ser um sofrimento pra ti isso!”. Andréia não responde diretamente ao apontamento dado por Renata e desenvolve a intriga estabelecendo um elo entre a sua atividade com carimbos, que eram de bichos, e a sua realidade doméstica. A terapeuta explora os conteúdos relatados por Andréia através de uma via interpretativa baseada na investigação de quais eram as atividades desenvolvidas pela paciente em casa e se estas eram desempenhadas de forma obrigatória ou espontânea. Quando Andréia fala “eu sempre fazia!”, ocorre a transformação de um estado de fazer as atividades domésticas esporadicamente para o estado de sempre fazer estas atividades. Assim, o estado de equilíbrio começa a ser restituído, não o sendo completamente porque Renata não explora a afirmação de Andréia a ponto de ajudá-la a elaborar de forma explícita a situação apresentada, fato este que foi observado pela própria terapeuta no seu relato: “poderia ter feito uma intervenção” e, dessa forma, o ciclo narrativo não se completa. O décimo exemplo ilustra essa narrativa.

Exemplo 10: Ciclo narrativo incompleto (Pn4). Tema: Organização das coisas.

Pn	Descrição da narrativa 17 (13/08)
Pn1	
Pn2	(A. levanta e começa a organizar a mesa melhor do que estava, dizendo-me que ia ajeitar melhor). A., você nota como você precisa sempre organizar as coisas?
Pn3	A.: Vou fazer outro desenho, posso?

	<p>R.: Pode.</p> <p>A.: Aqui vou carimbar os bichinhos... (A. fica falando para não me escutar/resistência).</p> <p>R.: A., você percebe que às vezes eu falo contigo e você dá um jeito para não precisar falar sobre isso?</p> <p>A.: Quando? O que? (A. para e me olha).</p> <p>R.: Eu comentei contigo sobre o quanto você precisa ficar arrumando as coisas, igual você fazia em casa para a sua mãe. Deve ser um sofrimento para ti isso!</p> <p>A.: Sabe que lá em casa nós tínhamos todos esses bichos?</p> <p>R.: É mesmo?</p> <p>A.: Hã, hã.</p> <p>R.: Então, vocês tinham um sítio.</p> <p>A.: Isso aí! (A. vai carimbando enquanto falamos). Acabei. (A. pega a caixa de carimbos, me mostra o desenho na caixa). Da próxima vez, eu vou fazer essa grade, só sem esses bichos dentro.</p> <p>R.: E o que você vai deixar dentro da cerca?</p> <p>A.: Só vaca.</p> <p>R.: As vacas ficavam no cercado lá na tua casa?</p> <p>A.: Ficavam.</p> <p>R.: E você também cuidava dos animais?</p> <p>A.: Sim!</p> <p>R.: Você, então, cuidava da casa e dos bichos?</p> <p>A.: Sim, mas só quando eu queria!</p> <p>R.: Só quando você queria?</p> <p>A.: Sim, se eu não estava afim, não fazia!</p> <p>R.: E quem fazia?</p> <p>A.: A mãe. Eu só fazia quando ela pedia.</p> <p>R.: E se você não estava afim e a mãe pedia?</p> <p>A.: Eu sempre fazia! (Poderia ter feito uma intervenção). Coloquei chão nos bichos. (A. me entrega o desenho).</p>
Pn4	<p>R.: Você quer que eu guarde?</p> <p>A.: Hã, hã. (Pego a pasta). Olha só quanto desenho que eu fiz! Olha, os bichos no circo! (A. mexe um pouco e me pede pra guardar os desenhos).</p>
Pn5	

A narrativa onze foi constituída por Renata e Andréia no final da terceira entrevista e está exemplificada abaixo. A narrativa começa com uma força perturbadora do estado de equilíbrio tendo em vista que o faz de conta, que será fonte do enredo narrativo, é proposto por Andréia no início. O estado de desequilíbrio segue sua trajetória através da questão colocada por Renata: “você já cuidou de um nenê antes?”. Esta pergunta leva Andréia a formular o drama narrativo centrado na doença do nenê. O drama se desenvolve pela investigação de qual é a doença e o estado de equilíbrio começa a ser restabelecido no momento em que Andréia diz saber qual é a doença e, assim, obtemos a transformação de um estado de não saber a doença para o estado de identificação da doença: “dor de barriga”. O estado de equilíbrio é restituído completamente quando Andréia apresenta a

causa da possível doença: “ele tomou muito comprimido errado... comprimido para gravidez...” Temos, assim, um ciclo narrativo completo.

Exemplo 11: Ciclo narrativo completo (Pn5). Tema: ‘Bebê com dor de barriga’.

Pn	Descrição da narrativa 11 (11/07)
Pn1	
Pn2	A.: Vou brincar com o nenê. (Pega o carrinho e passeia com ele até o banheiro. Lá, ela coloca mais roupa nele). R.: Você gosta do banheiro, hein? A.: Gosto. Tem que colocar mais roupa no nenê. R.: Você já cuidou de um nenê antes?
Pn3	A.: Não. (Leva o carrinho para a sala). Vem, vamos passear com o nenê no parque. (Pega o material de médico. Pega outra boneca). Tem outra passeando no parque também. (Mexe com os primeiros socorros). O nenê está doente. R.: É mesmo? A.: Ele está com problema na barriga. R.: O que será que é? A.: Isso nem eu mesma sei! R.: Você está querendo me dizer que está com algum problema e não sabe o que é? A.: Eu não, o bebê! R.: E o outro tem alguma coisa? A.: Não, só o nenê. (Me entrega o material. Verifico o nenê). R.: Não sei o que é. A.: Tem tempo ainda? R.: Só uns minutos. (A. começa a guardar o material).
Pn4	A.: Eu sei o que é. R.: O que? A.: Dor de barriga. R.: Dor de barriga? A.: É, ele tomou muito comprimido errado. R.: É mesmo? A.: Comprimido para gravidez, a irmã que deu para ele.
Pn5	R.: Como nós já estamos passando do horário, semana que vem a gente continua falando sobre estas coisas, ta bom? (A. concorda. Organizamos o que falta).

A narrativa vinte e três foi estabelecida no final da oitava transcrição. Ela apresenta um estado inicial estável marcado pelo começo do faz de conta. Esse estado de equilíbrio é perturbado quando Andréia, dentro do contexto de faz de conta, declara ter um segredo para contar à Renata. Essa declaração permite o desenlace do enredo narrativo porque desencadeia uma interrogação da terapeuta, que provoca a argumentação da paciente desvelando qual é o segredo. No decorrer do tecer da intriga, Andréia apresenta uma atitude semelhante àquela que desencadeou o enredo narrativo dizendo à Renata que quer contar uma coisa a ela, que quer lhe mostrar algo. E assim, revela o que quer ‘mostrar’ fazendo uma solicitação à Renata: “escreve aqui para mim o que você gosta em mim?”, que se nega em atender a sua solicitação e aponta para ela que o espaço terapêutico é para

falar sobre as suas coisas. Essa colocação de Renata é aceita por Andréia e é isto que possibilita o desenvolvimento do processo de restabelecimento do estado de equilíbrio tendo em vista que Andréia reage dizendo: “eu começo, então” e escreve o que ela gosta na terapeuta. Essa atitude da paciente leva a terapeuta a uma interpretação, que visa estabelecer uma ‘conclusão’ para o enredo narrativo desenvolvido nessa entrevista: “notei você bastante angustiada, com vontade de falar muita coisa e achando difícil”. Podemos dizer que o fechamento desse ciclo narrativo é obtido quando Andréia, a partir da interpretação de Renata, informa o que a estava angustiando até então: “sabe o que é, é que eu briguei com a tia do projeto hoje”. Ocorre assim uma transformação de modo: de segredo a ser desvelado e de algo a ser mostrado para segredo revelado e algo identificado. Essa formulação permite o restabelecimento do estado de equilíbrio de forma explícita nessa seqüência narrativa, estado este que é sempre temporário. O décimo segundo exemplo ilustra essa narrativa.

Exemplo 12: Ciclo narrativo completo (Pn5). Tema: ‘Escreve que gosta de mim’.

Pn	Descrição da narrativa 23 (27/08)
Pn1	A.: Eu vou brincar de massinha de modelar! (Também nova). (A. tira a azul para fora, mexe um pouco e a guarda). Eu vou te ligar, ta? Só deixa eu fazer isso. (Pega a máquina de datilografar). Quando fizer barulho, tu atende. (A. bate um tempo na máquina). Tim... R.: Alô! A.: Oi mana, tudo bem? R.: Tudo e você?
Pn2	A.: Eu tenho um segredo para te contar, você não pode falar para ninguém. (Fala sussurrando). R.: O que foi mana? (Sussurro).
Pn3	A.: A mãe já teve um nenê. R.: É mesmo? A.: Eu descobri domingo. R.: E como você descobriu? A.: O juiz (Ato falho), eu fui lá visitar ela na casa dela. R.: E como estava o nenê? A.: Eu não sei, quer dizer, eu bati na porta e não tinha ninguém lá. Mana, você pode vir para cá? Bem rápido, que eu quero te contar uma coisa. R.: Está bem. (Levanto e vou perto da porta). Tim, dom... A.: Oi mana. Quero te mostrar algo. (Procura a agenda). Cadê aquela caixa de lápis? (Mudamos a caixa de lugar. A. a acha). Escreve aqui para mim o que você gosta em mim? R.: O que você quer que eu escreva? A.: Ah R., escreve que você gosta de mim! R.: A., este tempo aqui é para falarmos sobre suas coisas (dar este suporte que está pedindo), falando de mim estaremos deixando de lado suas coisas!
Pn4	A.: Eu começo, então. (A. escreve no papel que gosta do meu cabelo, das minhas unhas...) R.: A., será que você quer que eu diga que gosto de você por medo de eu deixar de gostar se você me disser certas coisas. Você pode me falar qualquer coisa que

	<p>eu vou estar com você, te gostando do mesmo jeito e te ajudando. (A. fecha a agenda, arrancando a folha do lado que havia escrito. Coloca a folha na máquina e a enrola).</p> <p>A.: Deu certo!</p> <p>R.: A., nosso tempo está acabando por hoje. Notei você bastante angustiada, com vontade de falar muita coisa e achando difícil.</p>
Pn5	<p>A.: Sabe o que é, é que eu briguei com a tia do projeto hoje.</p> <p>R.: É mesmo!</p> <p>A.: Estou meio chateada!</p> <p>R.: O que aconteceu? Podemos conversar sobre isso!</p> <p>A.: Deixa para terça que vem!</p>

Vamos agora para a análise do terceiro caso.

1.4. Caso Renata-Carla:

Carla tinha nove anos quando foi acolhida pela primeira vez na instituição. Ela foi encaminhada para acompanhamento psicoterapêutico devido “ao seu comportamento extremamente retraído, pois mantinha uma certa distância das pessoas que a cercavam, mostrando grande dificuldade de interação com as outras crianças da instituição e também pelo fato de haver suspeita de abuso” (Renata). Dados de sua história pessoal, segundo Renata, expressam que Carla "nasceu devido a um estupro que aconteceu a sua mãe quando esta era ainda muito jovem. Atualmente, sua mãe é casada e possui um filho deste casamento”. Este menino é mais novo que Carla e continua em casa com os pais. Carla foi acompanhada por Renata de 21 de agosto a 25 de novembro, em um total de doze encontros terapêuticos.

Foram encontradas catorze narrativas (Anexo E) no total das doze transcrições analisadas. Desse total, seis narrativas concluem em um estado de desequilíbrio (Pn3), três narrativas terminam em uma tentativa de restabelecer o estado de equilíbrio (Pn4) e cinco narrativas compõem um ciclo narrativo completo em que o estado de equilíbrio foi restituído (Pn5), como mostra a Figura 6.

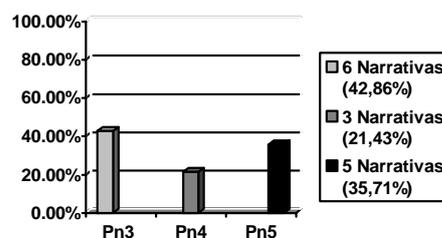


Figura 6: Percentagens de acordo com cada proposição narrativa. Caso Renata-Carla.

Em termos percentuais, 64,29% das narrativas representam um ciclo narrativo incompleto (Pn3 e Pn4) e 35,71% das narrativas analisadas constituem um ciclo narrativo completo, de acordo com a Figura 7.

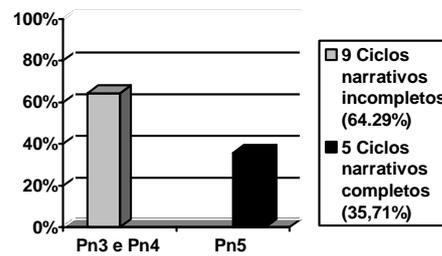


Figura 7: Percentagens de acordo com a evolução do ciclo narrativo. Caso Renata-Carla.

Descrevemos a seguir, seis fragmentos narrativos que permitem exemplificar como a codificação narrativa foi realizada. O décimo terceiro exemplo ilustra a seqüência narrativa que foi desenvolvida na primeira entrevista ocorrida entre Renata e Carla. A situação inicial não é estável e de equilíbrio, pois a colocação apresentada por Renata: “se você quiser eu posso ir contigo para você conhecer a sala”, desencadeia uma rede de significações que permitem compor a tessitura de uma intriga. Carla aceita a proposta da terapeuta de explorarem o espaço terapêutico e propõe um enredo para a intriga: “quero aqueles carrinhos”. A intriga se constitui, segundo Renata, em um trânsito confuso. Ela tenta apresentar uma interpretação ao ‘caos’ representado na brincadeira por Carla: “será que você está me mostrando como invadiram o seu espaço, não te respeitando”, procurando com essa sentença dar ordem ao caos e, com isso, caminhar rumo à tentativa do restabelecimento do estado de equilíbrio. Carla, porém, segue o seu enredo narrativo sem ceder à ordem proposta por Renata e, dessa forma, o ciclo narrativo fica incompleto, terminando em um estado de desequilíbrio (Pn3).

Exemplo 13: Ciclo narrativo incompleto (Pn3). Tema: Invasão do espaço.

Pn	Descrição da narrativa 2 (21/08)
Pn1	
Pn2	R.: C., se você quiser eu posso ir contigo para você conhecer a sala. C.: Eu quero. (C. me olha de relance envergonhada. Pego sua mão, abro o armário). R.: Se você quiser alguma coisa é só pegar. C.: Quero aqueles carrinhos.
Pn3	R.: Pode pegá-los. (Sentamos no chão. C. pega três carrinhos, dois sinalizadores de um tipo e cinco de outro. Geralmente, em sua brincadeira, o carro que vem atrás bate no outro. C. brinca de uma maneira confusa, os carros vão para todas as direções se batendo e não respeitando os sinais. Observo C. cerca de 15 minutos). Será que você está me mostrando como invadiram o teu espaço, não te

	respeitando. (C. muda a seqüência e a ordem dos carrinhos, agora eles tentam passar por baixo dos sinalizadores ou derrubá-los. Deu-me a impressão de estar tentando romper: o que aconteceu? Ou o rompimento por sua vinda à instituição?).
Pn4	
Pn5	

A décima segunda narrativa foi composta pela dupla terapêutica durante a décima primeira entrevista. Temos uma situação inicial estável na qual Renata e Carla brincam com os peões do tiro ao alvo. Esta situação transcorre em estado de equilíbrio até o momento em que Carla propõe uma outra brincadeira através da casinha e dos bonecos. Essa proposta permite o desenvolvimento do enredo narrativo marcado pelo tema: “brincamos um tempo: eu pegava ela e ela me pegava”. Esta situação demarca o estado de desequilíbrio, pois ela implica na necessidade de compor argumentos a fim de solucionar o(s) problema(s) desencadeado(s) pelo enredo proposto. Assim, Renata interroga Carla sobre a brincadeira, questão que é pautada pela leitura da terapeuta de que esse faz de conta, que é marcado pela repetição do ato de pega-pega, poderia estar representando o possível abuso que Carla foi vítima. A menina encerra a brincadeira, não ‘respondendo diretamente’ à pergunta de Renata. Carla procura iniciar uma outra temática, dessa vez com as bonecas: “vamos fazer outra coisa, tia. Quero brincar de Barbie”. Essa atitude de Carla é interpretada por Renata como “fuga” da situação apresentada. Dessa forma, o enredo narrativo do pega-pega não se conclui, a situação permanece em estado de desequilíbrio e, portanto, o ciclo narrativo não se completa. Exemplificamos, a seguir, essa narrativa.

Exemplo 14: Ciclo narrativo incompleto (Pn3). Tema: ‘Que brincadeira é essa?’.

Pn	Descrição da narrativa 12 (21/11)
Pn1	(C. vem ao meu encontro no nosso horário. Entra na sala me dizendo que quer continuar a brincar que nem a última vez. Brincamos por um tempo. C. se diverte bastante, estando bem descontraída. Deita no meu colo e me abraça diversas vezes. Sempre procuro reforçar quando C. acerta o peão no espelho).
Pn2	(Após uns 15 minutos, C. diz que quer brincar de outra coisa. Guardamos o material e ela pega a casinha – nas primeiras sessões, ela sempre a pegava. C. apresenta um pouco de dificuldade no manejo com os bonecos (dois bonecos), não se autorizando a brincar fluentemente).
Pn3	(C. maneja um pouco a casinha, mexe na campainha, aperta em alguns botões... e coloca os bonecos para dormir. Espera um tempinho, acorda-os e me convida para brincar de pegar com os bonecos. Brincamos um tempo: eu pegava ela e ela me pegava. Coloca os bonecos para dormir. Espera e os acorda e brincamos de novo. Repete isso inúmeras vezes – abuso). R.: Como esses bonecos dormem. O que será que eles fazem de noite? C.: Eles brincam juntos.

	R.: Eles brincam? Que brincadeira será que é essa? (C. pega os bonecos – fuga). C.: Vamos fazer outra coisa, tia. Quero brincar de Barbie. (Ela guarda a casinha e pega as bonecas). Escolhe uma! (C. começa a arrumar as bonecas, pintando-as. Eu lhe ajudo). R.: Onde elas vão tão arrumadas? C.: Vão sair, ora! R.: Sair para onde? C.: Sair, ora! (Arrumamos elas por um tempo...).
Pn4	
Pn5	

A terceira narrativa é constituída por Renata e Carla na segunda entrevista e é ilustrada no décimo quinto exemplo. Há uma situação inicial estável que é problematizada por Renata quando questiona Carla sobre o que ela gostaria de brincar. Essa questão leva Carla a desenvolver um enredo narrativo: “bonecas”, composto pelo tema vestir, mexer e sentar as bonecas. Renata procura restabelecer o estado de desequilíbrio marcado pelo silêncio verbal de Carla com a seguinte afirmação: “eu tenho notado que está muito difícil para você falar... e também para dividir alguma coisa comigo... mas, nós conversando, juntas, ficará bem mais fácil para você entender algumas coisas. É assim que poderei te ajudar”. Essa sentença de Renata permite uma transformação de conhecimento, ou seja, Carla toma conhecimento de como Renata está interpretando seu silêncio verbal. As observações da terapeuta: “C. está bastante bloqueada, a própria expressão corporal está bloqueada. TODO o corpo está ‘falando’ da dificuldade de falar...” são explicitadas para a paciente através daquela afirmação e, dessa forma, Carla pode ter acesso àquilo que ‘guiava’ as intervenções de Renata até então. O estado de equilíbrio não foi claramente restituído devido ao fato de Carla não ter explicitado, pela transcrição de Renata, uma ação à colocação final de sua terapeuta.

Exemplo 15: Ciclo narrativo incompleto (Pn4). Tema: Difícil falar.

Pn	Descrição da narrativa 3 (28/08)
Pn1	(C. entra na sala e fica parada de pé, envergonhada. Sento no chão e ela faz o mesmo).
Pn2	(Como ela fica em silêncio, com a cabeça para o chão, relembro a ela o motivo de estar sendo atendida, explicando novamente que pode usar a sala à vontade. C. permanece quieta. Questiono-lhe com o que gostaria de brincar que eu pegaria para ela).
Pn3	C.: Bonecas! (Entrego-lhe todas as bonecas, colocando-as ao seu lado. Vagarosamente, C. mexe nas Barbies... veste-as, as arruma... organiza as roupas... permanece uns 35 minutos mexendo nas Barbies, sempre de costas para mim, brincando de forma retraída, não se permitindo criar muito e se permitindo simplesmente mexê-las. C. não se mostrou aberta para a minha participação na brincadeira – mal permitiu observá-la. Após um tempo, colocou todas as Barbies sentadas com o bebê no carrinho, virando pela primeira vez para mim com o

	<p>corpo. Logo tirou as Barbies novamente, colocando-as sentadas no chão. Levantou uma Barbie, movimentava-a um pouco e a soltava fazendo ela cair em cima das outras. Repetiu tal movimento algumas vezes). Não quero mais brincar tia, cansei!</p> <p>R.: Vamos, então, guardar as coisas. Você quer fazer alguma outra coisa?</p> <p>C.: Não. (Ela permaneceu imóvel, de cabeça para o chão por um tempo...).</p>
Pn4	<p>R.: C., eu tenho notado que está muito difícil para você falar... e também para dividir alguma coisa comigo... mas, nós conversando, juntas, ficará bem mais fácil para você entender algumas coisas. É assim que poderei te ajudar. (C. está bastante bloqueada, a própria expressão corporal está bloqueada. TODO o corpo está ‘falando’ da dificuldade de falar... Tem que ir bastante devagar com ela, deixar ela criar seu espaço primeiro, se descobrir, dando o suporte no sentido de deixar ela ser dentro de seus limites... para só então ‘fortalecê-la’. C. foi à delegacia de mulheres pela manhã. Não falou nada espontaneamente. ‘Disse’ que não gostava do padrasto, mas quando lhe era perguntado algo mais íntimo, baixava a cabeça sem dizer nada).</p>
Pn5	

Renata e Carla construíram a décima narrativa no nono encontro terapêutico e ela é exemplificada abaixo. Da mesma forma que a narrativa anterior, há uma situação inicial de equilíbrio rompida pela pergunta de Renata: “o que você vai querer fazer hoje?”. Carla propõe brincar com a máquina de escrever, objeto que permitirá toda a série de intervenções de Renata, as quais compõem o enredo narrativo. Diante da irritação inicial de Carla devido ao fato de não conseguir colocar a folha na máquina, Renata tenta demonstrar a ela como colocar a folha na máquina. Mas, como Renata relata: “ela não quer mais saber...” e, assim, ela ensaia diferentes interpretações para essa atitude de Carla e procura, também, propor a ela fazerem outra coisa. Carla “permanece imóvel” e Renata tenta restabelecer o estado de equilíbrio com a seguinte afirmação: “digo a ela que noto o quão difícil é para ela lidar com as suas dificuldades... mas, que este espaço também serve para isso e que, com o tempo, as coisas se tornarão mais fáceis”. Podemos dizer que através dessa colocação Renata busca uma transformação de modo, ou seja, a passagem de um estado de dificuldade para uma promessa de que com o tempo, as coisas ficarão mais fáceis. O fato de Carla abraçá-la e sair com ela da sala de atendimento, poderia estar indicando que o estado de equilíbrio foi restituído, porém esse comportamento não explicita claramente se esta é a condição. Nesse sentido, optamos por manter esse ciclo narrativo como incompleto.

Exemplo 16: Ciclo narrativo incompleto (Pn4). Tema: Espaço para as dificuldades.

Pn	Descrição da narrativa 10 (29/10)
Pn1	R.: (C. entra na sala abraçada em mim, sorrindo. Espero um tempo.)

Pn2	R.: (Mas, como ela permanece abraçada em mim, questiono-lhe): o que você vai querer fazer hoje? C.: (C. me aponta para a máquina de escrever. Senta na mesa e me pede uma folha): Dobra para mim?
Pn3	R.: (Dobro a folha e entrego para ela, que tenta colocar na máquina, como fizemos na sessão anterior. Não consegue colocar a folha, se irrita e larga a folha. Pego a folha e lhe mostro como fazer). É assim C.! (Ela não quer mais saber, abaixa a cabeça emburrada e fica imóvel olhando para o chão). Eu sei que você ficou bastante chateada por não ter conseguido, mas eu estou aqui para te ajudar... quem sabe vamos tentar de novo. (C. não fala mais e permanece imóvel, na mesma posição até o final da sessão. Coloco para ela a questão do espaço de atendimento servir também para vermos juntas as dificuldades... convido-a para fazermos outra coisa... de nada adianta).
Pn4	R.: (No final da sessão, digo a ela que noto o quão difícil é para ela lidar com as suas dificuldades... mas, que este espaço também serve para isso e que, com o tempo, as coisas se tornarão mais fáceis. C. resiste um pouco, mas acaba por me abraçar e sair comigo).
Pn5	

A sétima narrativa é composta durante a quinta entrevista. Carla quebra o estado inicial estável quando comenta que não vai mais tocar flauta. Essa colocação abre o caminho para a composição do drama narrativo, pois Renata intervém buscando saber mais sobre a afirmação de Carla. As duas constroem juntas um diálogo pautado pela questão de Renata: “o que mais você gosta de fazer?” Essa indagação lança Carla ao faz de conta com as bonecas e ela convoca Renata a brincar junto. A terapeuta observa que está difícil para Carla seguir tecendo a intriga: “C. encosta levemente nas bonecas, com ‘muita dificuldade’”. Renata procura explicitar essa observação para a menina e, então, dar seguimento ao drama narrativo para, com isso, restabelecer o estado de equilíbrio: “C., eu noto que é bastante difícil para ti brincar na minha frente”. Essa colocação de Renata permite uma transformação na atitude de Carla que agora segue o seu faz de conta, porém com maior desenvoltura. Podemos dizer que esse comportamento de Carla demonstra explicitamente a restituição do estado de equilíbrio, pois esta brinca “com bastante calma... organiza tudo delicadamente na caixa” e se movimenta sozinha na sala de atendimento. Dessa forma, temos a composição de um ciclo narrativo completo. O décimo sétimo exemplo ilustra essa narrativa.

Exemplo 17: Ciclo narrativo completo (Pn5). Tema: ‘Tem que brincar junto’.

Pn	Descrição da narrativa 7 (26/09)
Pn1	(C. entra na sala e fica em pé, no canto. Sento no tapete e lhe comento que o grupinho de música chegou bem mais tarde hoje – pontuando a questão do horário. C. senta no chão comigo).
Pn2	C.: Eu não vou mais tocar flauta! R.: Por que não?

	<p>C.: Eu não toco bem. R.: E o que você faz, então? (C. conversa comigo olhando para o chão).</p>
Pn3	<p>C.: Eu leio revistinha. R.: Que revisitinha tu leu? C.: Da Mônica. R.: (Conversamos sobre o que leu. C. comentou que a Berenice e a Lilian também liam... a conversa foi até eu perguntar): o que mais você gosta de fazer? C.: De brincar. R.: De que? C.: De boneca. R.: Você quer brincar agora? C.: Quero, mas você tem que brincar junto. R.: Tem essas bonecas e aquelas. C.: Vamos junto. (Acompanho ela até as caixas de Barbies, sento na cadeira ao lado). R.: Pode pegar. (C. pega a caixa e senta no tapete. Sento ao seu lado. Abro a caixa e coloco as Barbies no chão. C. fica em silêncio, olhando para o chão. Espero. Aos poucos, C. encosta levemente nas bonecas, com ‘muita dificuldade’. Faço o mesmo.).</p>
Pn4	<p>R.: (Enquanto isso, comentário): C., eu noto que é bastante difícil para ti brincar na minha frente. (Após algum tempo encosta nas bonecas, para, encosta de novo... ela mexe no cabelo de uma boneca. Arruma seu cabelo, procura algo para prendê-lo, procuro também. Acha uma escova, penteia a boneca e a arruma. Faz tudo com bastante calma. Arruma e penteia o cabelo de todas as Barbies. Depois, começa a olhar as roupas, escolhe uma e veste uma Barbie. Demora toda a sessão fazendo isso).</p>
Pn5	<p>R.: C., nosso tempo está acabando! (C. organiza tudo delicadamente na caixa, ajudo-a. Fecho a caixa e entrego a ela a fim de fazê-la se movimentar, também sozinha, na sala. C. levanta e guarda a caixa. Vejo pela primeira vez um sorriso no canto de sua boca).</p>

A narrativa abaixo descrita foi estabelecida durante a décima entrevista. Mais uma vez, há uma situação inicial de equilíbrio que é problematizada pela questão de Carla: “o que tem nessas gavetas?”. Essa pergunta permite a composição do enredo narrativo cujo tema é o tiro ao alvo, ou seja, Carla tece a intriga através da situação de desequilíbrio provocada pela sua investigação acerca dos objetos que estão nas gavetas, entre eles a arma de tiro ao alvo. Renata demonstra para a menina como utilizar a arma, que “gosta muito disso” convidando a terapeuta para brincarem de tiro ao alvo. Renata observa que Carla agiu nessa brincadeira “assumindo uma postura espontânea e criativa”. A terapeuta explicita esta observação para Carla: “fiz pontuações a ela no sentido de como era bom poder brincar, fazer o que se tinha vontade, reforçando como jogava bem e se sentia bem conseguindo se expressar”. Renata tenta com essas “pontuações” dar uma devolução à Carla acerca de suas atitudes e, com isso, obtém uma transformação de um estado em que Carla “não responde sobre o que deseja brincar” para uma outra situação em que ela “consegue expressar a sua vontade e se permitir fazer”. Carla explicita a elaboração da

situação apresentada e, portanto, a restituição do estado de equilíbrio quando, diante da colocação de Renata, solicita para ficar na sala e jogar mais uma vez, dando um final para o ciclo narrativo composto nessa entrevista.

Exemplo 18: Ciclo narrativo completo (Pn5). Tema: Tiro ao alvo.

Pn	Descrição da narrativa 11 (07/11)
Pn1	(C. entra na sala bastante disposta e diz que quer brincar de bonecas. Questiono-lhe, antes, o que quer fazer).
Pn2	(Peço para escolher com qual boneca deseja brincar, ela não responde. Mostro a ela, então, todas as opções). C.: O que tem nessas gavetas?
Pn3	(Abro as gavetas, dizendo-lhe para pegar o que quiser. Ela me questiona sobre uma arma, explico-lhe que serve para colocar água dentro e atirar). C.: E isso? (Ela tenta colocar na arma peças de tiro ao alvo – que grudam na parede). R.: Isso é de uma outra arma que não está aqui. Mas, serve para isso, olha! (Vou até a porta e joga a peça onde ela se fixa quando jogada de forma correta. C. gosta muito disso e me convida para jogar. Buscamos todas as peças e brincamos. C. ri muito). C.: Vamos jogar no espelho? R.: Vamos! (Jogamos até o final da sessão. C. conseguiu se soltar bastante – ria o tempo todo, tanto quando não acertávamos como quando acertávamos. Abraçou-me diversas vezes, assumindo uma postura espontânea e criativa. Procurei, à medida que íamos brincando, mostrar e valorizar o seu jogo – fazendo com que ela também tomasse o rumo do jogo, conseguindo expressar a sua vontade e se permitir fazer. Ao longo do nosso jogo, C. já conseguiu tomar a iniciativa do que queria...).
Pn4	R.: (Fiz pontuações a ela no sentido de como era bom poder brincar, fazer o que se tinha vontade, reforçando como jogava bem e se sentia bem conseguindo se expressar. No final de nosso horário, C. reclamou dizendo que estava tão bom perguntando se não poderíamos ficar).
Pn5	R.: (Expliquei-lhe a questão do horário... mas, aceitei que jogássemos mais uma vez. C. saiu bastante satisfeita).

1.5. Síntese e discussão dos resultados do primeiro estudo.

Foram registradas oitenta e oito narrativas no total das quarenta e três entrevistas preliminares transcritas a partir dos três casos analisados. Desse total, trinta e três narrativas (37,50%) desenvolveram-se até a terceira proposição (Pn3) proposta por Todorov, vinte e três narrativas (26,14%) até a quarta proposição (Pn4) e trinta e duas narrativas (36,36%) até a quinta proposição (Pn5), conforme a Figura 8.

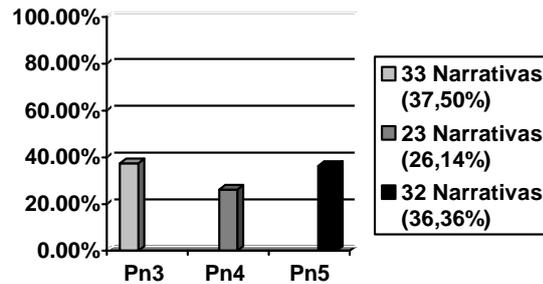


Figura 8: Percentagens de acordo com cada proposição narrativa.

Ou seja, cinquenta e seis narrativas apresentaram um ciclo narrativo incompleto (Pn3 e Pn4), perfazendo um total de 63,64% das narrativas codificadas e trinta e duas narrativas, que representam 36,36% das narrativas analisadas, estabeleceram um ciclo narrativo completo na sua formulação (Pn5), dentro do modelo proposto por Todorov, como mostra a Figura 9.

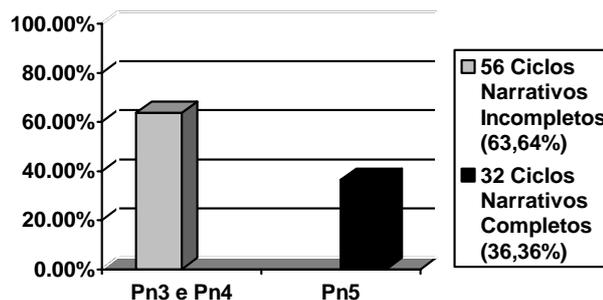


Figura 9: Percentagens de acordo com a evolução do ciclo narrativo.

Esses resultados permitem concluir, em primeiro lugar, que **as entrevistas preliminares transcritas se organizam de uma forma narrativa e que as narrativas constituídas na relação estagiária-terapeuta/paciente, objeto desse estudo, estruturam-se narrativamente nos termos propostos por Todorov (1978/1987)**. Isto porque esse discurso é constituído pelos dois princípios da narrativa, que são a sucessão e a transformação, estando presente de forma explícita pelo menos uma das partes que compõem o ciclo narrativo. Em outras palavras, podemos dizer que os fatos narrados se organizam entre uma situação inicial e uma situação final que podem ser apresentadas por somente duas proposições. Ou seja, algo se produz (uma ação) que provoca uma reação a qual conduz ou não a um desfecho e a uma nova situação: a situação inicial foi transformada. Dessa forma, ocorre a organização da experiência, pois como vimos no

tópico sobre a composição narrativa, uma das características da narrativa é o ordenamento dos eventos em uma seqüência temporal, pois como afirma Ricoeur (1983/1994; 1984/1995), é a temporalidade que funda a narrativa. Essa seqüência é marcada pelo encadeamento lógico dos fatos o que constitui o acontecimento e introduz uma causalidade semântica em uma relação de coerência entre o início e o fim da narração. Esta coerência pode ser explicada, nos termos desse autor, como uma síntese do heterogêneo: existe uma situação inicial e, em seguida, uma outra situação se apresenta que é oposta ou divergente à situação dada. A partir daí, desenvolve-se a trama. O seu término será marcado pela homogeneidade ou síntese do heterogêneo, não necessariamente um final definitivo, mas que coloca uma concordância momentânea entre as situações relatadas ou descritas.

Um importante aspecto observado, entretanto, é que mais da metade das narrativas analisadas (63,64%) apresentam um ciclo narrativo incompleto (Pn3 e Pn4). Isto nos permite concluir, em segundo lugar, que **as seqüências narrativas investigadas nesse estudo, no processo de sua composição, nem sempre apresentam a restituição do estado de equilíbrio, segundo o modelo de Todorov, ou a síntese do heterogêneo, nos termos de Ricoeur.** Ou seja, a grande maioria das narrativas compostas nos encontros terapêuticos analisados não segue a seqüencialidade completa defendida pelos dois autores.

Uma das explicações possíveis para isso é, como coloca Todorov (1967), que uma sucessão narrativa é muitas vezes intercalada “pelo encadeamento ou pelo encaixe de outras micronarrativas, as quais são compostas de três (às vezes duas) proposições obrigatórias. Assim, todas as narrativas do mundo seriam constituídas por diferentes combinações de uma dezena de micronarrativas...” (p.53). Essa afirmação de Todorov permite pensar que haveria um universo narrativo constituído pela composição de inúmeras micronarrativas, as quais se unificariam a fim de compor um enredo dramático central. Não podemos esquecer, porém, que os resultados encontrados demonstram que há ciclos narrativos completos ao longo do processo terapêutico os quais poderiam estar representando uma estrutura ou diferentes estruturas do universo configurado. Nesse sentido, uma **hipótese** possível é que as narrativas elaboradas nos encontros terapêuticos analisados se constituem como micronarrativas que, uma vez combinadas, comporiam um mesmo enredo narrativo os quais representariam o(s) universo(s) narrativo delineado(s). Ou seja, o conjunto das narrativas elaboradas em cada caso analisado configuraria uma estrutura do universo representado, pois a lógica responsável pela seqüencialidade entre elas seria a sucessão cronológica linear entendida por Todorov em termos de linearidade.

Uma outra explicação possível para o fato observado é, como coloca Bertrand (1998), que o processo analítico não visa à composição narrativa, porém ele é constituído

por narrativas. Essa é uma posição aparentemente paradoxal, pois como vimos no quinto tópico do primeiro capítulo, o sujeito tende a organizar a sua experiência temporalmente e isso também se dá na terapia, porém o objetivo da intervenção analítica, salvo o caso da necessária construção em análise, seria na direção da desorganização do enredo constituído a fim de propiciar a ressignificação dos acontecimentos e, assim, a composição de outras narrativas. Poderíamos dizer, então, que o processo de composição narrativa no contexto analítico apresentaria uma lógica rumo a uma desconstrução de sentidos ou, em outros termos, à ‘desordem’ do sentido formulado. Mas, para ocorrer essa ‘desordem’ é necessário existir primeiro uma certa ‘ordem’, uma homogeneização de sentidos mesmo que provisória, efêmera, que pode ser, como sugere Ricoeur (1983/1994), desconstruída em seguida, na próxima fala ou no próximo gesto. Nessa direção, podemos formular a **hipótese** de que a ‘incompletude’ ou a não homogeneização encontradas em algumas narrativas respondem a uma polifonia de sentidos, fruto de uma causalidade semântica. Essa polifonia pode ser justificada, talvez, pela técnica da associação livre, eixo teórico-prático escolhido pelas estagiárias que participaram do estudo como norteador do seu trabalho de acompanhamento terapêutico.

A partir desses resultados, podemos formular a seguinte questão: a organização narrativa do universo representado segue a lógica da sucessão cronológica linear como propõe Todorov (1967; 1978/1987) ou, como argumenta Ricoeur (1983/1994; 1984/1995), a lógica da composição narrativa é construída na práxis, no ato de narrar e, portanto, ela responde a uma causalidade semântica e, nessa direção, polifônica? Não podemos esquecer, porém, que essa polifonia precisa ser ‘capturada’ rumo a uma homogeneização para que a narrativa seja concluída. O segundo estudo, portanto, foi desenvolvido com o objetivo de responder a essa questão tendo como eixo norteador as hipóteses acima explicitadas.

2. Segundo estudo: Investigação das repetições das seqüências de ações entre os diversos ciclos narrativos. Qual é a lógica que rege essa seqüencialidade?

2.1. Procedimentos específicos de análise dos resultados no segundo estudo.

Uma segunda forma de análise da narrativa proposta por Todorov (1967) e que foi descrita no tópico sobre a composição narrativa, como foi exposto no tópico sobre a composição narrativa, supõe que a narrativa representa a projeção sintagmática de uma rede de relações paradigmáticas. Ele esclarece que, na narrativa, a sucessão das ações não é arbitrária, mas obedece a uma certa lógica, pois existe, no conjunto da narrativa, uma dependência entre certos elementos. Busca-se achar essa dependência na sucessão

temporal linear (sintagmática) e ela é, na maior parte dos casos, uma ‘homologia’, quer dizer uma relação proporcional que pode ser a quatro termos ($A : B :: a : b$). O autor coloca, porém, que há uma outra maneira de analisarmos uma sucessão: dispor de diferentes maneiras os acontecimentos que se sucedem temporalmente para descobrir, a partir das relações que se estabelecem, a estrutura do universo representado. Para seguir a intriga, segundo Todorov, é necessário ler as linhas horizontais que representam o aspecto sintagmático da narrativa e, em seguida, comparar as proposições nas colunas e buscar seu denominador comum, conforme exemplificamos no quarto tópico com o romance ‘Ligações Perigosas’. Assim, nesse segundo estudo partimos das narrativas registradas no primeiro estudo e as categorizamos, em um primeiro momento, de acordo com as suas ações a fim de compormos o aspecto sintagmático de cada narrativa transcrita. Em um segundo momento, verificamos as seqüências das ações apresentadas nas diferentes narrativas visando compará-las e, dessa forma, visualizarmos a possível existência de uma mesma seqüência de ações que comporia uma homologia. Por fim, procuramos a existência ou não de um denominador comum ao conjunto das narrativas em cada caso analisado, o qual uma vez presente desvelaria, como afirma Todorov, a estrutura do universo representado.

2.2. Síntese dos resultados do segundo estudo.

As oitenta e oito narrativas compostas pelas duplas terapêuticas Fabiane-Karine, Renata-Andréia e Renata-Carla, as quais registramos no primeiro estudo foram, inicialmente, categorizadas linearmente, uma a uma, de acordo com as suas ações para compormos o aspecto sintagmático de cada narrativa transcrita, conforme descrito nos Anexos F e G (caso Fabiane-Karine), Anexos I e J (caso Renata-Andréia) e Anexo M (caso Renata-Carla).

A primeira observação dessa categorização mostra que não foi possível codificar essas ações de forma simplificada. Todorov (1967), como vimos no capítulo sobre a composição narrativa, delimitou de forma direta e resumida as ações que se sucediam linearmente e que configuravam a lógica da sucessão, portanto, a estrutura narrativa do romance ‘Ligações Perigosas’. Mas, as narrativas compostas no contexto terapêutico não puderam ser decompostas em ações genéricas como no romance analisado por Todorov, ou seja, caso cada coluna representasse uma ação, teríamos tabelas de até oito ou mais colunas. A nossa tentativa de manter as quatro colunas foi na direção de procurar adaptar o nosso estudo ao modelo de Todorov, pois mesmo que optássemos por tabelas com um número superior a quatro colunas, teríamos tabelas disformes, quer dizer, algumas tabelas

teriam quatro colunas, outras três, cinco e até mesmo oito colunas. Isto impossibilitaria a comparação entre as colunas em busca da seqüência de ações que poderiam representar o denominador comum entre as diversas narrativas. Essa primeira observação permite uma primeira conclusão: **as narrativas configuradas no encontro terapêutico apresentam uma organização de ações múltiplas que, na sua grande maioria, impossibilitam a decomposição dessas ações em quatro termos.** As exceções a essa regra, no caso Fabiane e Karine, são as narrativas 3, 4, 7, 13, 37, 41, 42, 44 e 47 e, no caso Renata e Andréia, são as narrativas 3, 13, e 15. Pela leitura que realizamos das narrativas encontradas, portanto, **não foi possível codificá-las em ações mínimas que seguissem a lógica de uma sucessão linear relativa ao conjunto das narrativas em cada caso analisado e que, dessa forma, representassem ‘o todo’ do processo narrativo no contexto terapêutico de tal modo a não comprometer o sentido nele configurado.**

Mesmo não sendo possível codificarmos as seqüências narrativas linearmente de forma simplificada, partimos para a comparação entre a seqüência das ações apresentadas nas diversas narrativas para, com isso, verificarmos a possível existência de uma seqüência de ações comum a todas ou a várias narrativas em cada caso investigado, o que comporia um denominador comum ao conjunto das narrativas e, assim, delimitarmos a possível estrutura do universo representado. Essa análise demonstrou que não há uma mesma seqüência de ações que responda a um todo do universo representado, pois as seqüências de ações delineadas no processo terapêutico, da mesma forma que as ações isoladamente, são múltiplas. Essa segunda observação leva a uma segunda conclusão: **não existe um denominador comum entre as diversas narrativas e, portanto, as várias narrativas compostas no processo terapêutico não se combinam a fim de comporem um enredo dramático central que configuraria a estrutura do universo representado.** Dessa forma, as narrativas poderiam ser lidas, segundo Todorov (1978/1987), como narrativas autônomas e, assim, poderíamos dizer que não existiria, em princípio, elo algum entre elas e, portanto, a primeira hipótese elaborada na síntese dos resultados do primeiro estudo não é confirmada. Ou seja, as narrativas constituídas nos processos terapêuticos analisados não seguem uma lógica de seqüencialidade regida pela sucessão cronológica linear comum a todas as narrativas, nem apresentam um denominador comum entre elas que poderia configurar a estrutura do universo representado, como propõe Todorov. Logo, uma vez desconstruída a primeira hipótese formulada no primeiro estudo, vamos em direção à segunda hipótese elaborada no primeiro estudo. Essa segunda hipótese, que advém das idéias de Ricoeur (1983/1994; 1984/1995), é confirmada pela análise das narrativas desenvolvidas no segundo estudo: a relação de seqüencialidade entre os ciclos narrativos

pode ser entendida como efeito de uma causalidade semântica. Assim, os enredos narrativos são compostos pela lógica das ações constituídas no próprio ato de narrar, ou seja, a articulação entre as ações e, conseqüentemente, entre as várias narrativas, é estabelecida como necessária na práxis narrativa. Temos, assim, como argumenta Bertrand (1998), uma polifonia de sentidos decorrente da proposição feita pelas estagiárias-terapeutas a suas pacientes de seguirem a regra fundamental da psicanálise: a associação livre.

Uma terceira observação é que podemos encontrar as mesmas seqüências de ações em várias narrativas. Nesse sentido, poderíamos nos perguntar, novamente, se essa seqüencialidade não estaria configurando uma sucessão linear nos termos de Todorov (1967; 1978/1987)? Pensamos que essa seqüencialidade não define a lógica de sucessão linear relativa ao conjunto das narrativas como defende esse autor porque essas seqüências de ações são construídas em diferentes momentos da organização narrativa, isto quer dizer que as ações que as antecedem ou que as precedem são distintas em cada narrativa compondo, dessa forma, uma seqüencialidade diferente. Ou seja, não há uma seqüência única comum a todas as narrativas que compõem cada caso isoladamente e que, dessa forma, caracterize uma sucessão cronológica linear uniforme produzindo, assim, uma ou mais de uma estrutura do universo delimitado. Mesmo assim, optamos por manter nesse estudo a lógica de análise elaborada por Todorov (1967). Ele propõe, conforme exposto anteriormente, que as seqüências de ações podem ser lidas como homologias, porém Todorov utilizou esse termo para demonstrar a estrutura do universo representado. Nesse estudo, uma vez que não há uma estrutura do universo delineado, utilizamos o termo homologia somente para representar a repetição de uma mesma seqüência de ações em algumas narrativas e, nesse sentido, acreditamos manter o princípio da homologia. As homologias encontradas nos casos analisados são identificadas nas narrativas descritas pelo sombreamento.

Uma quarta observação é que a comparação entre essas seqüências de ações ou entre ações singulares demonstra que, muitas vezes, elas apresentam a repetição de uma mesma lógica de organização ou a repetição de um mesmo conteúdo temático. Nessas situações, essas repetições também podem ser lidas, como descrevemos no tópico sobre a composição narrativa, de acordo com Todorov (1978/1987), como *variações*. O autor utilizou esse termo para explicar que, muitas vezes, mudam os agentes ou as circunstâncias de cada proposição sem efetivamente ocorrer uma transformação de uma a outra. Nesse caso, ‘essas proposições aparecem como *variações* sobre uma mesma situação ou como aplicações paralelas de uma mesma regra’ (p. 61). Nos três casos analisados foram

encontradas diferentes situações que obedecem ou à repetição de uma mesma lógica de ação em seqüências de ações distintas ou à repetição de uma mesma ação compondo *variações* temáticas ou aplicações paralelas de uma mesma regra. As repetições registradas nos casos analisados são identificadas nos exemplos citados em itálico. A repetição da ação ‘Fabiane ou Renata constrói uma devolução para’ aparece nos três casos analisados e ela será examinada em detalhes no terceiro estudo. Isto porque a construção em análise, como foi exposto no capítulo sobre a narrativa, seria a ação que, no contexto terapêutico, representaria o movimento na direção da composição narrativa, como nos propõe Ricouer (1983/1994; 1984/1995), pois levaria a uma homogeneização de sentidos, ou seja, à síntese do heterogêneo. Podemos dizer, em outros termos, que a construção seria o único ato terapêutico cujo objetivo é a composição narrativa rumo a uma homogeneização explícita de sentidos, ou seja, o terapeuta apresenta ao seu paciente a construção de um sentido possível para a sua história. Assim, analisaremos essa repetição no terceiro estudo tendo em vista que essa ação é que configura, segundo Bertrand (1998), o uso da narrativa no contexto analítico e, podemos pensar em um contexto terapêutico cuja escuta clínica é guiada pelos princípios psicanalíticos.

Expomos, a seguir, as homologias e as *variações* encontradas em cada caso analisado, apresentando conjuntamente a discussão desses resultados. Cabe salientar que algumas narrativas apresentavam mais de uma homologia e, nessa situação, optamos por registrar somente a primeira homologia que surgiu na seqüência narrativa, exceto no caso Renata e Carla, bem como somente as homologias que, em cada caso, apresentavam o maior número de termos.

2.3. Caso Fabiane-Karine:

Foram encontradas homologias a três termos em trinta e cinco narrativas das quarenta e nove narrativas constituídas pela dupla terapêutica Fabiane e Karine, conforme exposto no Anexo F. A primeira homologia delimitada foi denominada por nós como: Karine associa: Fabiane solicita detalhes: Karine responde. Essa homologia representa uma seqüência de ações presente em sete ciclos narrativos. Karine associa algum objeto que faz parte da sala de atendimento ou que compõe o enredo do seu faz de conta, com a história de sua família ou com os fatos de seu cotidiano. Essa associação provoca a ação de Fabiane definida por nós, como solicitação, pois entendemos que Fabiane procura explorar a informação dada por Karine, solicitando a esta mais detalhes sobre a sua associação. Karine, diante do questionamento da terapeuta, responde as questões. Destacamos, a seguir, dois exemplos dessa seqüência de ações.

Exemplo 19: Homologia Karine associa: Fabiane solicita detalhes: Karine responde.

Narrativa 8 (23/05)

K. comenta sobre sua família: ‘a minha irmã faz assim, porque ela é pequena, não sabe caminhar...’ ‘eu também faço assim, mas é mais ligeiro...’ F. pergunta: ‘tu gosta quando a boneca chora?’	K. associa a boneca com sua família: ‘a minha mãe me deu uma boneca, mas não é assim.’ F. solicita mais detalhes: ‘e como é a boneca?’ K. responde: ‘ela não tem nada...’	K. associa o cavalo de brinquedo e o tapete da sala com a família: ‘eu só gosto de cavalo de verdade, que tem este pelo que a minha mãe tem, mas eu não gosto da minha mãe.’ F. solicita mais detalhes: ‘tu não gosta da tua mãe?’ K. responde: ‘não.’	F. aponta: ‘tu já falou na tua mãe várias vezes hoje, tu quer dizer como é a tua mãe?’ K. responde: ‘não.’
--	--	---	---

Exemplo 20: Homologia Karine associa: Fabiane solicita detalhes: Karine responde.

Narrativa 19 (27/06)

K. associa a boneca da sala de atendimento com outra boneca: ‘eu tinha uma boneca, eu levei ela para o colégio... aí, eu quebrei.’	F. solicita mais detalhes: ‘e qual o motivo para que tu quebrasse a boneca?’ K. responde: ‘foi o João que quebrou a boneca, lá no colégio.’	K. demonstra o seu saber para F.: ‘...ontem de noite eu amarrei meu tênis sozinho.’ ‘eu sei cantar.’ F. aponta: ‘agora tu conseguiste amarrar sozinho o teu tênis?’ ‘tu estás cantando?’	K. responde: ‘arrã’ ‘é eu aprendi (uma música), quando eu saio com a minha tia Márcia.’ ‘nós vamos na gruta, porque eu nem preciso das outras tias da instituição, eu me arrumo sozinho.’
---	--	---	--

Uma segunda homologia verificada concerne onze narrativas constituídas por Fabiane e Karine e nós a definimos como: Karine comenta: Fabiane solicita detalhes: Karine responde. Essa homologia se diferencia da homologia anterior somente em relação ao primeiro termo: Karine comenta. Isto porque, nessa ação, Karine traz para o contexto terapêutico algum fato que marcou a sua trajetória pessoal ou comenta sobre algo que irá fazer, porém ela não associa esse fato ou essa atitude a algum objeto presente na sala ou que ela utilizou na sua brincadeira. As ações que são desencadeadas por essa atitude de Karine seguem a mesma lógica da homologia anterior, ou seja, Fabiane busca explorar o fato relatado pela sua paciente solicitando detalhes acerca do mesmo. Karine, por sua vez, procura responder aos questionamentos de sua terapeuta. Trazemos dois exemplos a fim de demonstrarmos essa seqüência de ações.

Exemplo 21: Homologia Karine comenta: Fabiane solicita detalhes: Karine responde.

Narrativa 12 (17/06)

<p>K. comenta sobre a escola: ‘ah, tia, tu sabia que lá no meu colégio vai ter festa de São João, de noite... a minha profa. disse e nós temos que desenhar meninos e meninas?’</p>	<p>F. solicita mais detalhes: ‘vocês tem que desenhar o que?’ ‘e como é esta festa?’ K. responde: ‘a profa. disse que vai ter festa de meninos e meninas.’</p>	<p>K. pergunta: ‘tia, tu sabe desenhar uma menina?’ K. solicita ajuda: ‘desenha para mim?’ F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘este espaço é para ti, para podermos falar das tuas coisas, para tu dividir as tuas coisas.’</p>	<p>K demonstra o seu saber: ‘oh, tia, eu não sei desenhar um menino, mas eu vou te ensinar a desenhar outra coisa.’ F. aponta: ‘tu falou em me ensinar a desenhar?’ K. responde: ‘não, eu vou te mostrar...’</p>
--	--	---	---

Exemplo 22: Homologia Karine comenta: Fabiane solicita detalhes: Karine responde.

Narrativa 17 (20/06)

<p>K. comenta sobre a sua família: ‘eu dei bala para a tia do berçário para ela dar para o meu irmão...’ F. solicita mais detalhes: ‘tu dividiu tuas balas com o teu irmão?’ ‘tua mãe trouxe salgadinho pra ti aqui na instituição?’ ‘e como foi isto?’</p>	<p>K. responde: ‘é, com ele e com a minha irmã, daí eu dei para a tia do berçário, eu sempre reparto, outro dia minha mãe trouxe um salgadinho pra mim e eu dividi com o Gerson e a Nágila.’ ‘não, ela trouxe aqui no portão.’</p>	<p>K. associa a boneca da sala de atendimento com a família: ‘a minha irmã judia das bonecas.’ F. solicita mais detalhes: ‘e o que ela faz com as bonecas?’ ‘e como é isso?’ ‘e tu K.?’</p>	<p>K. responde: ‘ela bate nelas e em mim também.’ ‘eu estava fazendo uma casinha para mim brincar com as coisas que a minha mãe me deu e a minha irmã me atirou uma pedra na boca e aqui, mas daí eu também atirei pedra nela... a minha mãe deu para minha irmã um banquinho deste e a Nágila senta assim... e para o meu irmão ela deu uma cuinha de chimarrão.’ ‘para mim ela não deu nada. Eu não quero e não preciso porque eu tomo chimarrão na cuia maior.’</p>
---	---	---	---

Temos, enfim, a terceira homologia que representa dezessete narrativas do total das quarenta e nove narrativas analisadas. Essa homologia foi denominada Karine começa algo: Fabiane interroga sobre: Karine responde. Ela é delimitada pela ação de Karine em começar a desenhar, a brincar com algum utensílio ou começar o faz de conta. Fabiane reage a essa ação de Karine, interrogando-a sobre as atitudes desempenhadas pela paciente na ação que foi iniciada ou, então, interrogando-na sobre a brincadeira em si. Diante dessa interrogação, a ação de Karine é marcada pela suas tentativas de responder às questões

colocadas pela terapeuta. Da mesma forma que as homologias anteriores, destacamos dois exemplos a fim de elucidar a seqüência de ação encontrada.

Exemplo 23: Homologia Karine começa algo: Fabiane interroga sobre: Karine responde.

Narrativa 38 (05/09)

F. observa: ‘hoje K. começou a falar infantilizado.’	F. interroga sobre a brincadeira: ‘o que tu vais fazer?’ ‘e como eu estou quando eu fico feia?’	K. começa o faz de conta: ‘eu vou brincar de outra coisa... de casinha, daí tu é a mamãe.’ ‘... eu vou arrumar ela (boneca) para ela ir ao médico.’	F. observa: ‘no dia 06/09, K. foi conversar com a psicóloga da instituição e pediu para ir para casa, pois estava com saudade da mãe.’
K. começa a brincar: ‘eu vou fazer como no outro dia, eu vou te fazer bonita.’	K. responde: ‘eu vou te arrumar para te deixar bonita porque às vezes tu fica feia.’	F. interroga sobre a brincadeira: ‘e o que ela tem para ir ao médico?’ ‘tu vais pintar o cabelo dela com que?’ ‘o que aconteceu aqui?’ ‘ela vai em algum lugar?’	
		K. responde: ‘nada...’ ‘com isto (rímel)!’ ‘ela tomou uma injeção.’ ‘não.’	

Exemplo 24: Homologia Karine começa algo: Fabiane interroga sobre: Karine responde.

Narrativa 41 (03/10)

F. observa: ‘K. chega 15 minutos atrasada.’	K. começa a brincar com a massa de modelar: ‘eu vou fazer um trabalhinho com massinha hoje.’	F. interroga sobre a brincadeira: ‘o que tu está fazendo?’ ‘é um banco?’ ‘tu queres que eu faça um banco, como?’	K. responde: ‘um banco.’ ‘é, agora tu faz o banco.’ ‘com as massinhas.’
--	---	---	--

Como podemos observar em cada homologia acima descrita, a mesma seqüência de ações é delineada em diferentes momentos da composição narrativa. A leitura pormenorizada dessas homologias demonstra, porém, que elas são guiadas pela mesma lógica de ação, fruto de uma causalidade semântica como propõe Ricoeur (1983/1994; 1984/1995). Isto quer dizer que, nas três homologias destacadas, a paciente é quem inicia uma determinada ação (associar, comentar ou começar algo), essa ação provoca uma reação da terapeuta demarcada pela busca em explorar o material trazido pela sua paciente e esta reage à ação de sua terapeuta respondendo diretamente as questões colocadas por ela ou, então, ampliando ainda mais o contexto narrado relatando novos elementos. Caso utilizarmos os termos de Todorov (1978/1987), notamos que essas seqüências de ações se caracterizam como *variações* no sentido de que são aplicações paralelas de uma mesma regra, pois podemos interpretar que a lógica que permeia essas seqüências de ações é

orientada pelo “método de dizer tudo a quem tudo escuta” (Dolto, 1979/1980, p. 10). Em outras palavras, podemos pensar que a estagiária partiu do material trazido pela sua paciente para compor a sua intervenção, que é caracterizada por questões abertas que visam seguir as significações dadas pela paciente. Assim, Fabiane procura tecer a rede de significações intrínseca a sua paciente. Esse princípio norteador das entrevistas iniciais, como define Mannoni (1980), ou entrevistas preliminares, como denomina Dolto (1990) e Quinet (1993), entre outros, ‘de tudo falar a quem tudo pode escutar’ é considerado o pilar fundamental da escuta analítica e este é elucidado como a regra fundamental da psicanálise na formação dos futuros psicólogos. Fabiane demonstra através dessas homologias os seus primeiros passos em direção ao exercício da regra fundamental em um contexto terapêutico. Ela busca cumprir o preceito básico no exercício da escuta clínica e, assim, parte do enredo narrativo proposto por Karine para compor com ela caminhos diversos que, muitas vezes, exploram a polifonia dos sentidos possíveis. Dessa forma, podemos pensar que a lógica diretriz da organização dessas narrativas seria a de ampliar a possibilidade de sentidos e, assim, vamos em direção à segunda hipótese formulada no primeiro estudo, quer dizer, de que a associação livre guia a interlocução terapêutica.

Uma outra análise mostra, entretanto, o quanto o exercício dessa escuta clínica é marcado por contradições, ou dizendo de outra forma, por repetições do próprio analista, no caso, estagiária-terapeuta. Não estamos falando nesse momento em homologias ou seqüências de ações, mas em repetições de uma mesma ação configurada por um mesmo tema ou, como nos diz Todorov (1978/1987), *variações* de um mesmo tema. Destacamos, no caso Fabiane-Karine, a repetição do mesmo conteúdo temático na ação ‘Fabiane esclarece Karine sobre as regras do espaço terapêutico’, conforme demonstra o Anexo H. Essa ação de Fabiane aparece em onze narrativas das quarenta e nove narrativas, sendo que essa ação é delimitada por uma repetição temática que pode ser exemplificada pela primeira e pela última narrativa em que essa *variação* temática se manifesta.

Exemplo 25: Variações da ação ‘Fabiane esclarece Karine sobre as regras do espaço terapêutico’.

Narrativa 1 (16/05)			
F. pergunta sobre o motivo de estar em tratamento: ‘tu sabes o motivo de tu estar aqui hoje?’	F. esclarece K. <i>sobre as regras do espaço terapêutico: ‘este seria um espaço para ti, para falar de coisas tuas e eu vou estar aqui para</i>	K. solicita esclarecimentos acerca do espaço terapêutico: ‘tia, tu vai conversar comigo todo dia?’ ‘tu conversa com outras crianças?’ ‘e se eu ficar doente?’	F. responde: ‘nosso horário é quinta-feira...’ ‘sim, converso.’ ‘aí, as tias vão avisar para mim, aí não vai ter problema.’

	<i>te ouvir e te ajudar.’ ‘nesse tempo que estamos aqui, tu podes conversar o que tu quiser que eu vou guardar segredo e não vou contar pra ninguém.’</i>	
--	---	--

Exemplo 26: Variações da ação ‘Fabiane esclarece Karine sobre as regras do espaço terapêutico’.

Narrativa 32 (15/08)			
K. começa o faz de conta: ‘vamos brincar como da outra vez?’ ‘é, ela vai dormir.’ ‘ela vai deitar aqui contigo.’	F. interroga sobre a brincadeira: ‘deitar?’ ‘porque tu não precisa de cobertor?’ K. responde: ‘é, vamos brincar que vamos dormir...’ ‘ta, um pouquinho é meu.’	F. constrói uma devolução: ‘eu gostaria de rever algumas coisas contigo, primeiro é que eu sei que tu tens falado bastante das tuas coisas no atendimento e eu estou aqui te escutando para poder te ajudar.’ K. responde: ‘tu me ouve tia.’ F. esclarece K. sobre as regras do espaço terapêutico: ‘todas essas coisas que tu fala eu te escuto, mas não conto para ninguém, como nós já tínhamos combinado.’	K. responde: ‘ta, na outra vez eu falo mais.’ F. aponta para K. a sua atitude: ‘tu fala muitas coisas, a tia consegue te entender e é muito importante as coisas que tu fala.’

A leitura dessa repetição temática coloca uma questão: para quem é necessário repetir que o terapeuta está ali para *escutar* o paciente, que o espaço terapêutico é para o paciente *falar* para que o terapeuta possa *ajudar* e que tudo que for falado será mantido em *segredo*? Sabemos que os cursos de Psicologia responsáveis pela formação do psicólogo trabalham as regras do contrato terapêutico e que estas devem ser colocadas nas primeiras entrevistas entre terapeuta e paciente, sendo uma de suas regras fundamentais a questão do sigilo. Claro que as regras de contrato podem ser modificadas ou recolocadas à medida que elas se fazem necessárias para a continuidade do processo terapêutico. Escutar e falar podem ser vistos como os princípios da regra fundamental acima exposta: de tudo falar a quem tudo escuta. Nesse sentido, Fabiane estaria colocando em prática, como salienta Quinet (1993), um dos objetivos das entrevistas preliminares ao estar iniciando sua paciente nas regras da psicanálise, mesmo que a proposta terapêutica no estágio não seja de uma análise. Procuramos, porém, destacar aqui a necessidade de repetir o contrato nos

mesmos termos da primeira à décima segunda entrevista. Afinal, o que poderia estar permeando essa repetição temática, principalmente tendo em vista que o segredo contratado está, em princípio, comprometido, tendo em vista que a estagiária-terapeuta supervisionava os atendimentos com a própria psicóloga da instituição e, também, em supervisão acadêmica? Para tentarmos elucidar essa questão, recorreremos a algumas passagens da supervisão acadêmica. Fabiane trouxe a interrogação acerca do sigilo nos momentos iniciais dessa supervisão, tendo como questões básicas “como contratar algo que não seria cumprido? E, caso expusesse para sua paciente ‘a verdade’, será que esta lhe contaria as coisas? Como a paciente poderia relatar aspectos relativos à instituição caso soubesse que esse relato seria supervisionado com a própria psicóloga da instituição?”. Certamente, são questões bastante pertinentes e que resultaram na escolha da estagiária em manter o contrato de sigilo apesar de discutirmos a questão ética dessa postura em supervisão acadêmica. Poderíamos pensar que a repetição temática do sigilo poderia estar representando aquilo que insiste ou, em termos psicanalíticos, a compulsão à repetição da própria estagiária-terapeuta, que se interrogava constantemente sobre essa questão. É interessante observar que em algumas narrativas a própria paciente ‘percebe o engano’ e pergunta a sua terapeuta sobre o destino da sua produção. A narrativa onze é um exemplo.

Exemplo 27: Variações da ação ‘Fabiane esclarece Karine sobre as regras do espaço terapêutico’.

Narrativa 11 (06/06)			
K. solicita permissão para levar seus desenhos consigo: ‘vou levar meus desenhos para continuar lá em cima.’	F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘ <i>lembra que nós combinamos que houvesse segredo, pois é, mas para mim poder te ajudar vou precisar ficar com o teu desenho, está bom?</i> ’	K. pergunta: ‘ <i>tu vai mostrar meu desenho para a tia Carmem?</i> ’ F. responde: ‘não.’	F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘ <i>mas, lembra que a gente combinou que faríamos segredo sobre as coisas que falamos no atendimento?</i> ’

Essa narrativa mostra a insistência da estagiária-terapeuta em manter a idéia do sigilo, nomeado por ela como ‘segredo’, mesmo diante do questionamento de sua paciente. Podemos observar, também, que há uma articulação entre essa questão e o espaço para falar, para dividir as coisas, para falar das dificuldades. Uma das interpretações de Fabiane em supervisão acadêmica é que Karine precisava ter garantias de ‘segredo’, a fim de se

sentir segura para poder explicitar as suas dificuldades. Ou seja, há nessas intervenções uma pré-leitura de que há algo difícil em ser falado e que a manutenção da idéia de sigilo poderia facilitar ou permitir que esse algo fosse falado, narrado. Situação difícil essa tendo em vista que essa ilusão sigilosa é lida ‘inconscientemente’ pela paciente e é explicitada por ela a sua terapeuta, que insiste na repetição da ilusão do ‘segredo’. A colocação de que há algo a falar e que somente a partir disso a terapeuta poderá ajudar lança uma questão sobre a ‘escolha’ desse último termo nesse contexto terapêutico. O que poderia estar determinando a escolha da palavra ajudar como um dos objetivos do encontro terapêutico? Uma tentativa de elucidar essa questão traz mais um fragmento da supervisão acadêmica em que Fabiane comenta sobre a história de sua paciente e das demais crianças da instituição marcadas pelo abandono ou negligência parentais. Fabiane associava essa situação com a saída de algumas crianças da instituição devido à adoção ou ao retorno à casa parental. Os profissionais sensibilizados pela ‘saída’ dessas crianças reagiam, aos olhos de Fabiane, abandonando a lembrança que tinham dessas crianças: “quando elas saem ninguém fala delas, é como se elas não existissem. É só depois de um tempo que se volta a falar sobre elas”. Fabiane demarca com essa interpretação a repetição do abandono, também observado por ela em alguns projetos delineados pela equipe institucional e que acabavam, durante a tentativa de execução dos mesmos, muitas vezes sendo abandonados. Essa estagiária-terapeuta traz em outro momento como se sentiu ‘abandonada’ pelo paciente que retornou à casa parental. Abandonar e ser abandonado, como descreve Marin (1999) em seu estudo sobre a Febem de São Paulo, caracteriza parte da dialética subjetiva dos profissionais que trabalham nos abrigos e que se reproduz em ato nesse contexto. A estagiária-terapeuta sempre produzia o seguinte questionamento em relação a essa questão do abandono: o que fazer para ajudar? É impossível compor a trama inconsciente que levou Fabiane a produzir essa proposta terapêutica junto a sua paciente, mas ela reproduz, na nossa experiência, uma colocação freqüente dos alunos que estão nos primeiros anos do curso de Psicologia: ‘escolhi Psicologia para ajudar as pessoas’. Ajudar é socorrer, prestar auxílio, facilitar, mas em que direção, com quais objetivos? Esse parece ser um imaginário que, nesse caso, não foi desconstruído e que coloca a terapeuta em uma posição de saber, um saber que poderia auxiliar o paciente a esquecer o que lhe aconteceu? Dar um outro rumo para a sua vida? Viver melhor? Seria ajudar um dos objetivos terapêuticos?

Uma outra ação que se repete em diversas narrativas, como já expusemos nas conclusões gerais desse estudo, é ‘Fabiane constrói uma devolução para Karine’. Essa ação compõe a subunidade de análise do terceiro estudo.

2.4. Caso Renata-Andréia:

A dupla terapêutica Renata e Andréia constituiu vinte e cinco narrativas do total das dez entrevistas transcritas. A segunda análise dessas narrativas demonstra que dezessete delas apresentam homologias a três termos, como mostra o Anexo I. A primeira homologia foi encontrada em seis narrativas e denominamos Andréia começa: Renata relaciona: Andréia responde. Essa seqüência de ações é marcada pela iniciativa de Andréia em começar o faz de conta ou um jogo. Renata, diante dessa atitude de sua paciente, procura questionar Andréia relacionando com a realidade alguns dados da temática do jogo simbólico ou comportamentos desta na brincadeira. Andréia, por sua vez, reage respondendo às questões colocadas pela sua terapeuta. É interessante observar que essa seqüência de ações foi composta pela dupla nos três primeiros encontros terapêuticos. Citamos, a seguir, dois exemplos dessa homologia.

Exemplo 28: Homologia Andréia começa: Renata relaciona: Andréia responde.

Narrativa 8 (04/07)			
A. pergunta: ‘ainda temos tempo para jogar um jogo?’ R. responde: ‘temos.’	A. começa a jogar: ‘cadê aquele jogo de montar?’ R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘você gosta de montar coisas?’ A. responde: ‘gosto, eu sempre ajudava minha mãe na roça’.	R. solicita mais detalhes: ‘é mesmo?’ ‘o que mais você fazia com a sua mãe?’ R. aponta: ‘tu notou que eu te fiz uma pergunta e você ainda não respondeu?’ ‘e tu lembra o que eu te perguntei?’ R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘este espaço também é para falar sobre essas coisas.’ A. pergunta: ‘ainda temos bastante tempo?’ R. responde: ‘já está na hora de guardarmos as coisas.’	R. observa: ‘em vez de arrumar o que ela pegou, começa a organizar toda a sala, angustiada.’ R. constrói uma devolução: ‘você está querendo me dizer com isto que você organizava todas as coisas na sua casa para sua mãe.’ A. responde positivamente.

Exemplo 29: Homologia Andréia começa: Renata relaciona: Andréia responde.

Narrativa 11 (11/07)			
A. começa o faz de conta: ‘vou brincar com o nenê.’	R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘você já cuidou de um nenê antes?’ A. responde: ‘não.’ ‘o nenê está doente.’	R. interroga sobre a brincadeira: ‘é mesmo?’ ‘o que será que é?’ A. responde: ‘ela está com problema na barriga.’ ‘isso nem eu mesma sei.’ R. constrói uma devolução: ‘você está querendo me dizer que está com algum problema e não sabe o que é?’	A. responde: ‘eu não, o bebê!’. R. interroga sobre a brincadeira: ‘e o outro tem alguma coisa?’ A. responde: não, só o nenê.’

A segunda homologia corresponde somente a três narrativas do total das vinte e cinco narrativas analisadas. Ela foi definida como Andréia associa: Renata solicita: Andréia responde. Essa seqüência de ações foi composta nas sexta e sétima entrevistas e representa a ação de Andréia em associar o tema de seu faz de conta ou de seu jogo com algo da sua realidade como a família ou um filme que assistiu. Renata responde a essa ação de Andréia solicitando a esta mais detalhes acerca da sua associação, ou seja, ela procura explorar detalhes do comentário de sua paciente. Andréia diante do questionamento de Renata, responde. Como na situação anterior, destacamos dois exemplos dessa seqüência de ações.

Exemplo 30: Homologia Andréia associa: Renata solicita: Andréia responde.

Narrativa 18 (13/08)			
<p>A. começa o faz de conta: ‘me ajuda a vestir elas (Barbies) que está frio!’</p> <p>A. associa a brincadeira com a realidade: ‘você sabe que a mãe colocava um monte de roupa em nós quando estava frio?’</p> <p>R. solicita mais detalhes: ‘é mesmo!’ ‘só tu?’ ‘e como você se sentia?’</p>	<p>A. responde: ‘só que eu me vestia sozinha!’ ‘é, meus irmãos ela vestia, eu não precisava.’ ‘às vezes bem, às vezes mal.’</p> <p>A. segue o faz de conta: ‘as Barbies estão prontas.’ ‘fica com ele que eu vou preparar a mamadeira.’</p> <p>R. observa: ‘fuga, poderia ter pontuado.’</p>	<p>R. interroga sobre a brincadeira: ‘como é o nome dele?’ ‘é tua irmã?’</p> <p>A. responde: ‘Luís, não, é Fernanda.’ ‘minha filha.’</p> <p>R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘o nosso tempo está acabando.’</p> <p>R. observa: ‘A. começa a organizar todas as coisas que não mexeu novamente.’</p> <p>R. aponta: ‘você só precisa arrumar o que pegou’.</p> <p>A. responde: ‘eu sei.’</p>	<p>R. constrói uma devolução: ‘eu sei que você tem muito mais pra falar... você falou várias coisas hoje, já está conseguindo falar sobre coisas que te aconteceram, isso é muito bom!’</p>

Exemplo 31: Homologia Andréia associa: Renata solicita: Andréia responde.

Narrativa 19 (20/08)			
<p>R. observa: ‘A. está ansiosa.’</p> <p>A. começa o jogo de memória.</p>	<p>R. constrói uma devolução: ‘esse jogo diz muito do que você está passando agora – lembrando as coisas que lhe aconteceram.’</p>	<p>A. associa o jogo com um filme (Rei Leão): ‘o leão bom protege o filhotinho contra o leão mau!’</p>	<p>R. solicita mais detalhes: ‘e qual parte tu mais gostou?’</p> <p>A. responde: ‘eu vou pensar, depois eu te digo.’</p>

A última homologia registrada no caso Renata e Andréia foi definida Andréia começa: Renata interroga: Andréia responde e está presente em oito narrativas. Ela possui uma característica diferente das demais porque está distribuída ao longo do processo terapêutico, ou seja, encontramos essa seqüência de ações da segunda até a oitava entrevista. Nessa homologia, Andréia começa o faz de conta e Renata entra no contexto de brincadeira para seguir o diálogo com sua paciente. Renata, por exemplo, interroga Andréia sobre as atitudes e os comportamentos dos personagens do jogo simbólico. Esta responde às questões dando continuidade à brincadeira. Descrevemos abaixo dois exemplos dessa situação.

Exemplo 32: Homologia Andréia começa: Renata interroga: Andréia responde.

Narrativa 7 (04/07)

<p>A. começa o faz de conta: ‘... faz um barquinho para mim?’</p>	<p>R. interroga sobre a brincadeira: ‘o que você está escrevendo?’ ‘para quem é a carta?’ ‘quando você acabar de escrevê-la, lê ela para mim?’ A. responde: ‘uma carta.’ ‘para a senhora.’</p>	<p>A. solicita autorização: ‘eu posso pintar tia?’ ‘vou usar algodão, posso tia?’</p>	<p>R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘lembra que eu te disse que você pode usar tudo o que quiser na sala, não precisa me perguntar.’ A. responde: ‘tá.’</p>
--	--	--	--

Exemplo 33: Homologia Andréia começa: Renata interroga: Andréia responde.

Narrativa 23 (27/08)

<p>A. começa o faz de conta: ‘eu vou te ligar, tá?’ ‘eu tenho um segredo para te contar, você não pode falar para ninguém.’ R. interroga sobre a brincadeira: ‘o que foi mana?’ ‘é mesmo?’ ‘e como você descobriu?’ ‘e como estava o nenê?’</p>	<p>A. responde: ‘a mãe já teve um nenê.’ ‘eu descobri domingo.’ ‘o juiz... eu fui lá visitar ela na casa dela.’ ‘eu não sei, quer dizer, eu bati na porta e não tinha ninguém lá.’</p>	<p>R. observa (em relação ao ‘o juiz’): ‘ato falho.’ A. solicita: ‘escreve aqui para mim o que você gosta em mim?’ R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘este tempo aqui é para falarmos sobre suas coisas, falando de mim estaremos deixando de lado suas coisas’. R. constrói uma devolução à A: ‘será que você quer que eu diga que gosto de você por medo de eu deixar de gostar se você me disser certas coisas. Você pode me falar qualquer coisa que eu</p>	<p>A. responde: ‘sabe o que é, é que eu briguei com a tia do projeto hoje.’ R. observa: ‘o sintoma pode estar mascarando sua angústia, sua culpa; entrar no jogo dela, no jogo modificar o seu sistema de funcionamento; deixar ela mais solta, brincar; ser sua mãe, dar colo, aquele carinho que não tinha; não entrar tanto no real: é brincadeira</p>
---	---	---	---

		vou estar com você, te gostando do mesmo jeito e te ajudando.’ ‘notei você bastante angustiada, com vontade de falar muita coisa e achando difícil.’	(A. fala) – pedido de não ser tão real; intervenção: deixa eu ser mãe hoje; vamos deixar tudo bagunçado hoje.’
--	--	--	--

Essas três homologias representam a maioria das narrativas desenvolvidas por Renata e Andréia. Uma primeira observação mostra, como no caso anterior, que em todas as homologias é a paciente, no caso Andréia, quem inicia a ação (começa e associa), sendo a ação da terapeuta, no caso Renata, uma reação (relaciona, solicita e interroga), a qual desencadeia uma outra ação de Andréia (responde). Poderíamos dizer que essa tríade ação: reação: reação à reação delimitaria, como refere Todorov (1978/1987), são *variações* de aplicações paralelas de uma mesma regra. Salientamos, porém, que duas ações de Andréia correspondem a três ações de Renata, isto quer dizer que a ação começar corresponde às reações relaciona e interroga; a ação associa corresponde à reação solicita detalhes. O que as diferencia ou as unifica?

As três reações de Renata vão em direção a explorar em detalhes o universo configurado por Andréia. Podemos pensar que Renata ensaia seguir a rede de significações de sua paciente partindo do material que esta traz para, junto com ela, tentar decodificá-lo. A ação relaciona, por exemplo, mostra a tentativa ativa de Renata em estabelecer uma rede de associação entre os dados elaborados por sua paciente e a realidade desta. Renata busca, portanto, explorar alguns aspectos do enredo proposto por Andréia, direcionando-os diretamente à realidade da paciente. Nessa ação, Renata parte da polifonia da tessitura da intriga formulada por Andréia para associar brincadeira e realidade, o que nos leva a supor que Renata parte do princípio que o jogo infantil representa de forma indireta situações da realidade da criança. Esse fato pode ser demonstrado na narrativa doze.

Exemplo 34: Variações da ação ‘Renata relaciona’.

Narrativa 12 (18/07)			
A. começa o faz de conta: ‘oi mana, você quer vir aqui em casa hoje?’ ‘eu quero conversar contigo.’	R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘sua mana tem namorado?’	R. interroga sobre a brincadeira: ‘não sei, o que você acha?’ ‘que festa?’	R. constrói uma devolução: ‘você me contou várias coisas hoje, como a maneira que agia em casa tendo o controle de toda a situação... algumas coisas eu não entendi bem, mas com tempo eu vou entender melhor.’
R. interroga sobre a brincadeira: ‘conversar	A. responde: ‘é brincadeira, tia’.	A. responde: ‘eu acho que sim...’ ‘uma festa que vai ter depois.’	
	R. responde: ‘eu sei, no telefone você	R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘você já teve algum namorado?’ ‘você sabe o que é namorar’ ‘você tem irmãos?’ ‘você já foi a algum baile antes?’	

sobre o que?’ A. responde: ‘sobre uma coisinha importante, depois eu te conto.’ ‘vê se traz o teu namorado junto.’	pediu para ela trazer...’ A. responde: ‘ela tem e eu também. Você vai trazer ele junto?’	A. responde: ‘eu não!’ ‘eu sei, mas eu não tenho namorado não!’ ‘tenho três. Eles estão aqui.’ ‘eu não...’	
--	---	--	--

A ação ‘Renata relaciona’ esboçada nessa narrativa, embora apareça fora da seqüência de ações ‘A. começa: R. relaciona: A. responde’, evidencia a tentativa ativa da estagiária-terapeuta nessa narrativa em ‘impor’ a associação do faz de conta com a realidade de Andréia. Esta reage à insistência de sua terapeuta alertando que o contexto é de brincadeira. Teóricos do campo da Psicanálise de crianças, como Lebovici e Diatkine (1988) e Rodulfo (1990), mostram que a criança necessita, muitas vezes, do suporte da fantasia para poder ‘falar’ de seus traumas ou do suporte do objeto para desenvolver a sua rede associativa. Freud (1920/1976) coloca que o faz de conta é o espaço lúdico que a criança cria para expressar e organizar psiquicamente as situações traumáticas cotidianas e que essa ação pode ser interrompida toda vez que o conteúdo fantasiado pode ‘ser lido’ como sendo realidade. Poderíamos dizer que Andréia explicita, na narrativa acima descrita, para a sua terapeuta a sua necessidade em utilizar o lúdico para se expressar e elaborar os seus conteúdos psíquicos e que a tentativa ativa de Renata em relacionar o faz de conta com a realidade, estava impossibilitando-na de seguir associando. Nessa direção, a reação de Renata ‘interroga’ parece demonstrar um movimento diferente, senão inverso a sua atitude de relacionar a brincadeira com a realidade. Quando a estagiária-terapeuta interroga Andréia sobre a brincadeira, ela está exatamente ‘entrando’ no universo lúdico configurado pela sua paciente para explorar a polifonia ali presente. Esses diferentes movimentos de Renata em relação à ação lúdica de sua paciente podem ser associados ao seu relato em supervisão acadêmica em que esta dizia “ter dificuldade em brincar, em entender o papel do lúdico no tratamento infantil” e se interrogava: “como interpretar essa ação da criança?”. Assim, essas homologias representam o seu exercício em escutar as possíveis associações da sua paciente a partir do lúdico. A narrativa vinte, por exemplo, traz a dificuldade de Renata em lidar com uma situação de faz de conta apresentada por Andréia em diferentes entrevistas: ela apagava as luzes da sala de atendimento para brincar de dormir. Renata conta que essa situação a incomodava, pois ela não sabia o que Andréia estava fazendo no escuro, sendo assim Renata procura relacionar essa situação à realidade

de Andréia tentando com isso diminuir a sua ansiedade. A questão é como e/ou em que momentos estabelecer essa relação? Andréia, entretanto, segue o seu faz de conta sem ceder às tentativas interpretativas de sua terapeuta.

Exemplo 35: Variações da ação ‘Renata relaciona’.

Narrativa 20 (20/08)			
<p>A. começa o faz de conta: ‘quero brincar com o nenê. Fecha a janela, por favor. Vamos dormir, você deita aqui.’</p>	<p>R. observa: ‘fico angustiada com a situação.’ R. interroga sobre a brincadeira: ‘o que você está fazendo?’ A. responde: ‘nada!’</p>	<p>R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘você fazia coisas escondidas à noite na tua casa?’ A. responde: ‘não.’ A. segue a brincadeira: ‘desliga a luz mana e me acorda quando for de manhã.’ ‘vou lavar a louça, mana!’</p>	<p>R. observa: ‘A. atira a louça dentro do armário – não organiza.’</p>

Em relação à homologia Andréia associa: Renata solicita detalhes: Andréia responde, podemos observar que ela também apresenta uma situação inversa à relação da homologia Andréia começa: Renata relaciona: Andréia responde, pois nessa seqüência de ações é Andréia quem relaciona ou associa algo do seu contexto lúdico com a sua realidade. Renata parte, então, da associação de sua paciente para explorar esse material na busca de compor com Andréia os significados possíveis. Podemos concluir, então, que a relação entre as três homologias é de inversão à primeira homologia Andréia começa: Renata relaciona: Andréia responde. Esse movimento dialético vai ao encontro da segunda hipótese formulada nas conclusões gerais do primeiro estudo, pois demonstra a busca incessante de Renata em ‘descobrir’ o campo semântico de sua paciente e talvez seja essa posição que a leve a procurar decifrar os possíveis significados ocultos na rede associativa de sua paciente. Posição diferente seria se ela entendesse a situação terapêutica como uma composição semântica fruto de um processo de construção/desconstrução de sentidos resultante do seu encontro com Andréia e vice-versa. Renata procura desvelar os sentidos e, nesse movimento, tenta exercitar a escuta clínica rumo à associação livre, mas como ela mesma coloca: “como escutar sem pré-julgar e sem utilizarmos o imperativo institucional se fazemos parte da equipe e somos informadas que a criança que acompanhamos fugiu ou está agressiva? Como compor a história dessa criança se nada sabemos sobre ela?”. Essa última questão revela o inquietante lugar do não-saber do analista e, nesse caso, poderíamos pensar que Renata ainda está se movendo guiada pela idéia de que há como saber algo a priori sobre o paciente. Na nossa experiência, esse confronto com o não saber

sobre, que pode ser lido de forma estreita como o não saber terapêutico e, nesse sentido, do uso das técnicas, movimenta e, em outros momentos, imobiliza a trajetória dos estagiários. Dar-se conta que não se sabe sobre e que o saber construído é polifônico e, por isso, os saberes constituídos na práxis de cada um são provisórios, relativiza os saberes elaborados até então pelo psicólogo em formação. O movimento de nossos pacientes evidencia exatamente a desconstrução dos nossos saberes constituídos e a necessidade de seguirmos compondo possibilidades semânticas.

Para refletirmos no presente caso sobre a questão dos saberes elaborados, destacamos a repetição de uma ação apresentada por Renata em dez do total de suas narrativas transcritas denominada ‘Renata observa’, conforme Anexo L. Essa ação é uma observação que Renata faz acerca de diferentes elementos do contexto terapêutico em que ela expõe para o leitor de suas transcrições como ela percebe alguns comportamentos de Andréia, mas ela explicita também a sua interpretação acerca desses comportamentos e de como pensa em direcionar a sua intervenção. Trazemos dois exemplos para a posterior discussão.

Exemplo 36: Variações da ação ‘Renata observa’.

Narrativa 17 (13/08)			
<p>R. observa: ‘A. se levanta e começa a organizar a mesa melhor do que estava...’</p> <p>R. aponta: ‘você nota como você precisa sempre organizar as coisas.’</p> <p>A. começa o desenho: ‘aqui vou carimbar os bichinhos.’</p>	<p>R. observa: ‘A. fica falando para não me escutar/resistência.’</p> <p>R. aponta: ‘você percebe que às vezes eu falo contigo e você dá um jeito para não precisar falar sobre isso.’</p> <p>A. responde: ‘quando? O que?’</p> <p>R. constrói uma devolução: ‘eu comentei contigo sobre o quanto você precisa ficar arrumando as coisas, igual você fazia em casa para sua mãe. Deve ser</p>	<p>A. associa os carimbos com a sua família: ‘sabe que lá em casa nós tínhamos todos esses bichos?’</p> <p>R. solicita mais detalhes: ‘é mesmo?’ ‘então, vocês tinham um sítio?’</p> <p>A. responde: ‘isso aí! Da próxima vez, eu vou fazer essa grade, só sem esses bichos dentro.’</p> <p>R. interroga sobre o desenho: ‘e o que você vai deixar dentro da cerca?’</p> <p>A. responde: ‘só vaca.’</p> <p>R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘as vacas ficavam no cercado lá da tua casa?’ ‘você, então, cuidava da casa e dos bichos?’</p> <p>A. responde: ‘ficavam.’ ‘sim, mas só quando eu queria.’</p>	<p>R. solicita mais detalhes: ‘só quando você queria?’ ‘e quem fazia?’ ‘e se você não tava afim e a mãe pedia?’</p> <p>A. responde: ‘sim, eu não tava afim, não fazia!’ ‘a mãe. Eu só fazia quando ela pedia.’ ‘eu sempre fazia!’</p> <p>R. observa: <i>poderia ter feito uma intervenção diante da afirmativa de A.</i></p>

	um sofrimento para ti isso!		
--	-----------------------------	--	--

Exemplo 37: Variações da ação ‘Renata observa’.

Narrativa 23 (27/08)			
<p>A. começa o faz de conta: ‘eu vou te ligar, ta?’ ‘eu tenho um segredo para te contar, você não pode falar para ninguém.’</p> <p>R. interroga sobre a brincadeira: ‘o que foi mana?’ ‘é mesmo?’ ‘e como você descobriu?’ ‘e como estava o nenê?’</p>	<p>A. responde: ‘a mãe já teve um nenê.’ ‘eu descobri domingo.’ ‘o juiz... eu fui lá visitar ela na casa dela.’ ‘eu não sei, quer dizer, eu bati na porta e não tinha ninguém lá.’</p>	<p>R. observa (em relação ao ‘o juiz’): ‘ato falho.’</p> <p>A. solicita: ‘escreve aqui pra mim o que você gosta em mim?’</p> <p>R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘este tempo aqui é para falarmos sobre suas coisas, falando de mim estaremos deixando de lado suas coisas’.</p> <p>R. constrói uma devolução à A: ‘será que você quer que eu diga que gosto de você por medo de eu deixar de gostar se você me disser certas coisas. Você pode me falar qualquer coisa que eu vou estar com você, te gostando do mesmo jeito e te ajudando.’ ‘notei você bastante angustiada, com vontade de falar muita coisa e achando difícil.’</p>	<p>A. responde: ‘sabe o que é, é que eu briguei com a tia do projeto hoje.’</p> <p>R. observa: ‘o sintoma pode estar mascarando sua angústia, sua culpa; entrar no jogo dela, no jogo modificar o seu sistema de funcionamento; deixar ela mais solta, brincar; ser sua mãe, dar colo, aquele carinho que não tinha; não entrar tanto no real: é brincadeira (A. fala) – pedido de não ser tão real; intervenção: deixa eu ser mãe hoje; vamos deixar tudo bagunçado hoje.’</p>

Os exemplos acima descritos demonstram o efeito de transcrever a cena terapêutica, ou seja, o ato de escrever leva Renata a refletir sobre o fato relatado. As observações não fazem parte do momento da entrevista, mas são compostas no ato de transcrever essas entrevistas. É como se Renata se ‘desse conta’ de algumas passagens transcritas, refletisse sobre elas e compartilhasse essas impressões com o leitor, no caso, as supervisoras local e acadêmica. Esses registros permitem visualizar o seu entendimento do processo terapêutico bem como o seu arcabouço teórico. Essas observações podem ser lidas também como a gradual transformação de uma narrativa da experiência para uma narrativa de formação, como discutimos no quinto tópico do primeiro capítulo. Renata expõe na supervisão acadêmica que o processo de transcrever as entrevistas, apesar de “chato, provoca uma reflexão, pois é inevitável não se dar conta dos equívocos da intervenção”. Essa foi a forma que Renata encontrou para registrar essas impressões, esses equívocos e, com isso, ela demonstra que a construção de sentidos é sempre *après-coup* o que torna toda antecipação impossível. Ou seja, os saberes constituídos servem como referências para a composição

de nosso fazer terapêutico, entretanto, esse ato somente poderá ser delineado na práxis o que pode inclusive desconstruir saberes já constituídos. A narrativa de formação é composta a partir do próprio movimento de saberes desfeitos cujo efeito é uma recomposição ou uma reescritura.

Uma outra ação que se repete, como já expomos nas conclusões gerais, em diversas narrativas é ‘Renata constrói uma devolução para Andréia’. Analisaremos essa repetição no terceiro estudo.

2.5. Caso Renata-Carla:

Foram registradas três homologias a dois termos nas catorze narrativas elaboradas por Renata e Carla ao longo do processo terapêutico, conforme descritas no Anexo M. As narrativas sete, oito e nove apresentam duas homologias, porém nesse caso optamos em codificá-las duas vezes, ao contrário dos dois casos anteriores, tendo em vista que as homologias desse caso são de somente dois termos e, assim, procuramos aproveitar ao máximo as seqüências de ações repetidas. A primeira homologia foi encontrada em nove narrativas e foi definida como Renata pergunta: Carla responde. Ela é caracterizada pela tentativa de Renata em estabelecer um diálogo com a sua paciente colocando para ela diferentes questões como: o motivo de estar em acompanhamento terapêutico, de que Andréia pretende brincar, como foram as atividades realizadas fora da instituição. Carla responde às questões de Renata de forma sucinta e objetiva, muitas vezes gestuais. Descrevemos dois exemplos a fim de elucidar essa dinâmica das ações.

Exemplo 38: Homologia Renata pergunta: Carla responde.

Narrativa 1 (21/08)			
R. pergunta se C. sabe o motivo do tratamento. C. responde negativamente.	R. esclarece sobre o motivo: ‘...está aqui por se encontrar bastante triste, quieta.’	R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘... um espaço para conversar, falar sobre as coisas que lhe estão acontecendo, que não entende. Falo sobre o significado que terá todo o seu comportamento aqui dentro... sobre os brinquedos, a organização destes... o uso da sala por outras crianças... o sigilo... que pode fazer o que desejar...’	R. observa: ‘C. apresenta postura retraída, como se aquela cadeira a estivesse protegendo de algo.’ ‘C. permanece em silêncio, róí as unhas’.

Exemplo 39: Homologia Renata pergunta: Carla responde.

Narrativa 10 (29/10)

<p>R. pergunta: ‘o que você vai querer fazer hoje?’</p> <p>C. responde apontando para a máquina de escrever: ‘dobra para mim?’</p>	<p>C. para de brincar com a máquina: ‘C. não consegue colocar a folha, se irrita e larga a folha.’</p>	<p>R. aponta: ‘eu sei que você ficou bastante chateada por não ter conseguido, mas eu estou aqui para te ajudar...’</p> <p>R. propõe a C. que continue a brincar com a máquina.</p> <p>R. observa: ‘C. permanece imóvel e em silêncio.’</p>	<p>R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘coloco para ela a questão do espaço de atendimento servir também para vermos juntas as dificuldades...’ ‘que este espaço também serve para isso e que, com o tempo, as coisas se tornarão mais fáceis.’</p>
--	---	--	--

A segunda homologia registrada no caso Renata e Carla aparece em cinco narrativas e foi denominada Renata propõe: Carla aceita. Da mesma forma que a homologia anterior, é Renata quem inicia essa seqüência de ações, pois ela propõe à Carla com que objetos brincar e como, ou seja, ela dita as regras da brincadeira e até mesmo propõe a sua paciente modificar as regras do tratamento. Carla, por sua vez, aceita as idéias propostas por sua terapeuta e as duas seguem a interação. Trazemos, a seguir, dois exemplos a fim de configurar a seqüência de ações.

Exemplo 40: Homologia Renata propõe: Carla aceita.

Narrativa 5 (12/09)

<p>C. convoca R. para a brincadeira: ‘eu quero brincar contigo!’</p> <p>R. solicita mais detalhes: ‘do que você quer brincar?’</p> <p>‘você quer ir olhar os brinquedos para escolher um?’</p>	<p>C. convoca R. para escolher os brinquedos: ‘você tem que ir junto.’</p> <p>R. solicita mais detalhes: ‘o que você quer?’</p>	<p>C. convoca R. para a brincadeira: ‘você tem que brincar junto!’</p> <p>R. observa: ‘C. está me dizendo que, no momento, precisa desse suporte meu. Só assim consegue...’</p> <p>R. propõe como brincar buscando interagir com ela: ‘quem sabe a gente monta a casinha... eu pego os objetos e você me diz onde colocá-los’ ‘que bonequinho você quer?’</p> <p>C. aceita a brincadeira proposta por R.: ‘C. aceita e, bastante retraída, me diz onde colocar cada objeto.’</p>	<p>R. observa: ‘faço uma tentativa de aproximação maior com C., mas em relação ao brincar ela se mantém bastante fechada –dificuldade de elaborar as coisas, está bastante bloqueada.’</p>
--	---	---	---

Exemplo 41: Homologia Renata propõe: Carla aceita.

Narrativa 14 (25/11)			
C. começa a brincar com o tiro ao alvo. C. para de brincar com o tiro ao alvo.	C. começa a desenhar. C. solicita ajuda: ‘eu não sei desenhar. Faz para mim.’	R. propõe à C. que desenhem juntas: ‘vamos fazer juntas, então. Que desenho nós iremos fazer?’ C. aceita a proposta de R.: ‘uma casa.’ R. aponta: ‘eu acho que você desenha bem C.. Olha, que bonito!’	R. observa: ‘sinto-a um pouco distante, regrediu um pouco em função do término de nossos encontros.’ R. aponta: ‘converso com ela a respeito de eu saber que ela vai sentir saudades desse espaço, que está sendo difícil para ela...’ C. concorda.

A terceira homologia foi demarcada somente em três narrativas, que foram constituídas entre Renata e Carla na metade final do tratamento, ou seja, na sétima, décima e décima primeira entrevistas. Ela apresenta uma característica inversa às homologias anteriores, pois nessa seqüência de ações é Carla quem inicia a ação propondo à Renata com que objeto brincar e como brincar. Renata aceita as propostas de sua paciente entrando no universo lúdico delineado por ela. Destacamos dois exemplos dessa homologia.

Exemplo 42: Homologia Carla propõe: Renata aceita.

Narrativa 8 (10/10)			
R. pergunta: ‘você está feliz hoje?’ ‘o que você quer fazer hoje?’ C. responde: ‘hã!’ ‘brincar contigo!’	R. solicita mais detalhes: ‘com o que você quer brincar?’	C. propõe de que brincar: ‘o rádio’ R. aceita a brincadeira proposta por C.: ‘após algum tempo, participo com ela da brincadeira de trocar os canais.’	C. para de brincar com o rádio: ‘Não quero mais brincar disso!’

Exemplo 43: Homologia Carla propõe: Renata aceita.

Narrativa 12 (21/11)			
C. começa a brincar com o tiro ao alvo. C. para de brincar com o tiro ao alvo.	C. propõe brincar de pegar com os bonecos. R. aceita a brincadeira proposta por C..	R. observa: ‘eu pegava ela e ela me pegava. Coloca os bonecos para dormir. Espera e os acorda e brincamos de novo. Repete isso inúmeras vezes – abuso.’ R. interroga sobre a brincadeira: ‘como esses	R. observa: ‘C. pega os bonecos – fuga.’ C. começa a brincar com as bonecas Barbies. R. interroga sobre a brincadeira: ‘onde elas vão tão arrumadas?’

		<p>bonecos dormem... o que será que eles fazem de noite?’ ‘eles brincam... que brincadeira será que é essa?’</p> <p>C. responde: ‘eles brincam juntos.’ ‘vamos fazer outra coisa, tia.’</p>	<p>C. responde: ‘sair, ora!’</p>
--	--	--	---

A análise das homologias constituídas pela dupla terapêutica Renata e Carla mostra que a dinâmica narrativa configurada por elas, no geral, é diferente da dinâmica desenvolvida nos dois casos anteriores. Isto porque a lógica das ações que guia o fluxo das seqüências de ações verificadas nos outros dois casos é delimitada pela ação inicial das pacientes Karine e Andréia, seguida pela reação das terapeutas Fabiane e Renata e, conseqüentemente, uma resposta das pacientes a essa reação de suas terapeutas. Nesse caso, é a terapeuta quem toma a iniciativa de grande parte das ações e a sua paciente reage a elas, e é essa lógica de ação que constitui, nesse caso, *variações* de aplicações paralelas de uma mesma regra. Podemos observar em diferentes momentos desse processo terapêutico que Carla convoca Renata para brincar ou para explorar com ela os objetos. É como se ela dissesse para Renata ‘preciso que tu sirvas de espelho, preciso do teu suporte’. Dolto (1990) comenta que, muitas vezes, o corpo e a voz do analista funcionam como suporte imaginário necessário para o desenlace da cadeia associativa de algumas crianças. Seria uma tentativa da criança em sintonizar com os significantes do outro para poder compor a partir deles a sua trama narrativa, pois o “o espelho antecipa o ato de palavra” (Bergès e Balbo, 1997, p. 86). Esse movimento remonta aos primórdios da constituição psíquica do sujeito, ou seja, ao estágio do espelho proposto por Lacan (1966/1996). Nessas situações, como coloca Rabello (www.estadosgerais.org/encontro/dizeres_de_crianças.shtml), “deparamo-nos com um sujeito que pede pelo atravessamento do outro para que possa fazer circular significações, já que se apresentam coladas e petrificadas e, portanto, impedidas de funcionarem como uma rede associativa, onde o deslocamento e a condensação seriam os instrumentos desta tessitura deslizante”. Poderíamos dizer que o ‘pedido’ de Carla vai na direção da solicitação do atravessamento do outro. As homologias Renata pergunta: Carla responde e Renata propõe: Carla aceita podem estar demonstrando o ‘pedido’ da paciente pelo suporte imaginário de sua terapeuta, para que a rede associativa possa se recompor e deslizar a fim de que a tessitura da intriga possa se constituir. Nessas homologias é Renata quem toma a iniciativa da ação e isto pode estar demonstrando o seu entendimento de que Carla necessitava desse suporte e de tempo para compor a sua rede de intriga. Ou seja, Renata atende ao ‘pedido’ de Carla compreendendo que esse movimento é

temporalmente necessário para que a rede associativa possa se constituir. Renata traz algumas observações na sua transcrição que permitem visualizar esse entendimento, sendo que a narrativa cinco, descrita anteriormente, contém uma observação em que Renata coloca claramente, diante do pedido de sua paciente para que brinque com ela, que Carla “está precisando desse suporte seu”. Destacamos abaixo mais duas narrativas em que as observações descritas por Renata apresentam essa compreensão.

Exemplo 44: Variações da ação ‘Renata observa’.

Narrativa 3 (28/08)			
<p>R. esclarece sobre o motivo de estar em tratamento. R. observa: C. permanece em silêncio.</p>	<p>R. pergunta: ‘o que gostaria de brincar que eu pegaria para ela.’ C. responde: ‘bonecas.’</p>	<p>C. começa a brincar com as bonecas (Barbies): ‘veste elas, as arruma.. organiza as roupas...’ R. observa: ‘C. está brincando de forma retraída, não se permitindo criar muito e se permitindo simplesmente mexê-las’ ‘não se mostrou aberta para a minha participação na brincadeira – mal permitiu observá-la.’ C. para de brincar: ‘não quero mais brincar tia, cansei.’ R. aponta: ‘eu tenho notado que está muito difícil para você falar... e também para dividir alguma coisa comigo...’</p>	<p>R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘nós conversando, juntas, ficará bem mais fácil para você entender algumas coisas. É assim que poderei te ajudar.’ R. observa: ‘C. está bastante bloqueada, a própria expressão corporal está bloqueada. Todo o corpo está ‘falando’ da dificuldade de falar... Tem que ir bastante devagar com ela, deixar ela criar seu espaço primeiro, se descobrir, dando o suporte no sentido de deixar ela ser dentro de seus limites... para só então ‘fortalecê-la.’</p>

Exemplo 45: Variações da ação ‘Renata observa’.

Narrativa 11 (07/11)			
<p>R. pergunta: ‘o que quer fazer?’ C. pergunta: ‘o que tem nessas gavetas?’</p>	<p>C. propõe à R. brincar com a arma de tiro ao alvo. R. aceita a brincadeira proposta por C..</p>	<p>R. observa: ‘procurei, a medida que íamos brincando, mostrar e valorizar o seu jogo – fazendo com que ela também tomasse o rumo do jogo, conseguindo expressar a sua vontade e se permitir fazer. Ao longo do nosso jogo, C. já conseguiu tomar a iniciativa do que queria...’</p>	<p>R. aponta: ‘fiz pontuações a ela no sentido de como era bom poder brincar, fazer o que se tinha vontade, reforçando como jogava bem e se sentia bem conseguindo se expressar.’</p>

A leitura das transcrições de Renata acerca do encontro terapêutico permitem também visualizar, nas primeiras entrevistas entre a dupla, uma repetição temática ou *variações* de um mesmo tema que diz respeito ao silêncio de Carla. Renata traz para a supervisão acadêmica a sua inquietação em relação ao silêncio de sua paciente. Renata comenta o quanto era difícil para ela lidar com o silêncio de Carla, ou melhor, com a sua ausência de palavras. Podemos notar que muitas observações que Renata transcreve são descrições das brincadeiras exploratórias de Carla ou de seu faz de conta ‘mudo’. Renata reage a essa postura também em silêncio procurando raramente estabelecer, nessas situações, elos associativos entre essas diversas tramas aparentemente soltas e sem sentido. Rabello (www.estadosgerais.org/encontro/dizeres_de_crianças.shtml) coloca que “o traumático, por vezes, se traduz como um romance (familiar) e por outras produz repetições, sem deslocamentos nem condensações, pura repetição. Silêncios e intensidades”. Silêncios que podem ser vistos como sem sentido porque muitas vezes “procura-se ver sentido em dizeres de crianças onde este não se evidencia de imediato”. Um das leituras possíveis para esses dizeres silenciosos é que eles podem ser entendidos como tentativas da criança em falar de alguma forma para seu interlocutor, porém ela acaba não encontrando reconhecimento por parte dele. Podemos notar que esse discurso mudo de Carla é interpretado por Renata como uma dificuldade de sua paciente “em brincar na sua frente” ou como uma dificuldade desta “em falar e em dividir alguma coisa com ela”. Essa interpretação de Renata pode estar representando a sua busca em uma narrativa linear já composta, ou seja, uma procura por sentidos já constituídos. Certamente, como colocamos anteriormente, Renata observa que Carla precisa de tempo e de seu suporte para estabelecer elos associativos e tecer a tessitura da intriga. Nesse sentido, podemos dizer que os silêncios podem estar sendo interpretados por Renata como necessários para que os sentidos já dados a priori se revelem posteriormente. E, com essa leitura, Renata se cala. Bergès e Balbo (1997) colocam que “se o silêncio for demasiado prolongado ou inoportunamente mantido pelo psicanalista, a questão que se pode colocar é a de se indagar se, por seu silêncio, ele não fixaria seu analisante à função do eu...” (p.87). Claro que, às vezes, é recomendável nada dizer, porém a questão é se o silêncio, no caso de Renata, como uma resposta ao silêncio ou à ausência de palavras de Carla não estaria impossibilitando ou dificultando o desenlace da sua cadeia associativa, pois como lembra Rabello, em situações em que os dizeres não deslizam o analista precisaria ocupar um papel ativo, ou pelo menos, abandonar a sua posição de aparente ‘neutralidade’.

Há, entretanto, passagens na interlocução desempenhada pela dupla terapêutica que esboçam movimentos de Carla em desencadear uma rede associativa, como por exemplo, na narrativa dois Carla começa a brincar com os carrinhos; na narrativa sete ela comenta sobre a aula de música; na narrativa nove ela associa o objeto (espelho) utilizado por ela em sua brincadeira com um espelho que seu pai possuía; na narrativa doze Carla começa a brincar de tiro ao alvo. Essas ações também podem ser vistas como repetições de uma mesma lógica de ação em que Carla ativamente começa, comenta ou associa algo, ou seja, ela é a agente de uma ação que desencadeia um drama narrativo. É possível unirmos essas narrativas à terceira homologia Carla propõe: Renata aceita, pois apesar delas não compõem uma mesma seqüência de ações, elas representam *variações* de aplicações paralelas de uma mesma regra, o que quer dizer que Carla é quem inicia uma determinada situação e Renata reage a essa proposta de maneiras diversas. Essas reações podem ser lidas como tentativas de Renata em seguir a rede associativa de sua paciente e, com isso, seguir o método de ‘tudo dizer a quem tudo escuta’, ou seja, o método da associação livre, o que vai ao encontro da segunda hipótese formulada na síntese dos resultados do primeiro estudo. Nessas interlocuções Renata entra no campo semântico de sua paciente a fim de procurar explorá-lo, ampliá-lo, porém esse processo flui de forma lenta e até mesmo gradual, muitas vezes interrompido pelas rupturas discursivas desencadeadas por Carla. E por fim, uma outra observação interessante é que a ação ‘Renata constrói uma devolução para Carla’ aparece somente em uma narrativa elaborada por essa dupla terapêutica. Esse fato pode servir como um diferencial em relação aos outros dois casos analisados tendo em vista que esses apresentaram várias repetições da ação construções. O terceiro estudo discute essas questões.

3. Terceiro estudo: Análise das construções da estagiária-terapeuta. Um possível efeito de autoria no narrador ‘paciente’?

3.1. Procedimentos específicos de análise dos resultados no terceiro estudo.

Como foi esboçado no capítulo I por Persicano, as construções do psicanalista a respeito do paciente são narrativas de fragmentos de uma história pessoal possível do paciente, que teriam um efeito sobre este e o qual corresponderia com novas associações, novas narrativas de sua história pessoal. O analista constrói, então, um outro fragmento da construção e o comunica ao paciente, que reage a ela. Bertrand (1998) lembra que a construção em análise se justifica toda vez que a análise insiste, ‘teima’ no traumático, ou seja, nesses dramas precoces que não puderam ser inscritos no registro narrativo. Nesses casos, a palavra se esgota, a lembrança falta e somente o afeto se manifesta com uma

compulsão a se repetir. A construção poderia possibilitar, então, o delineamento de um sentido para esses ‘fatos’ ainda não simbolizados e ou a abertura de novos significados para os eventos que tinham um fim pronto e acabado. Para essa construção obter um efeito terapêutico é preciso, portanto, que o paciente além de ‘contar’ os fatos que lhe pareçam pertinentes, consiga também reinterpretá-los, distanciando-se dos mesmos. Esse movimento é que permite o surgimento do narrador ‘paciente’ como autor de sua história, ou seja, é esse movimento que produz o efeito de autoria. Temos, assim, como já foi dito no quinto tópico do primeiro capítulo, a composição narrativa do narrador ‘paciente’, que procura elaborar uma história para o seu sofrimento psíquico e a construção do narrador ‘terapeuta’ quando este é o narrador do sofrimento psíquico do seu paciente.

Esse terceiro estudo analisou, portanto, as construções narradas pelos ‘estagiários-terapeutas’ durante os atendimentos com seus pacientes e o possível efeito de autoria nesses últimos. Para atingirmos esse objetivo, em um primeiro momento, selecionamos todas as narrativas registradas no segundo estudo em que a ação “‘o terapeuta’ **constrói** uma devolução ‘para o paciente’” estava presente. Em um segundo momento, partimos das narrativas em que essa ação estava delineada e circunscrevemos somente as narrativas em que essa ação se caracterizava como esboço de construção do terapeuta. E, por fim, realizamos a análise do terceiro estudo propriamente dita. Para isso, esboçamos um modelo analítico a partir das idéias elaboradas por Bertrand (1998), descritas no quinto tópico do capítulo I, tendo como eixo principal a teoria de Ricoeur (1983/1994; 1984/1995) desenvolvida no tópico sobre a composição narrativa. O modelo analítico é descrito na Tabela 2.

Tabela 2: Modelo de análise das construções baseado nas idéias de Bertrand (1998) e de Ricoeur (1983/1994; 1984/1995).

Fontes:	As etapas da composição narrativa na terapia:
Registros da supervisão; apontamentos e observações descritos pelas estagiárias-terapeutas em suas narrativas transcritas.	<p>Mimesis I: explicita as condições da narrativa. A forma narrativa parte de uma pré-compreensão do mundo da ação.</p> <p style="text-align: center;">↓</p>
Entrevistas transcritas: a narrativa do narrador 'terapeuta'.	<p>Mimesis II: é o da configuração da narrativa, a composição narrativa propriamente dita. O tecer da intriga.</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">As construções da estagiária-terapeuta.</p> <p style="text-align: center;">↓</p>
<p style="text-align: center;">Mimesis III: é a refiguração do passado, entendido como a seqüência inacabada e sempre aberta de suas reinterpretações. As construções resultam em uma produção de sentido(s), que pode permitir:</p> <p style="text-align: center;">Efeito de distanciamento ou decalagem.</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Tornar-se autor de sua história.</p>	

Descrevemos, a seguir, os resultados e a discussão dos mesmos em cada caso analisado. Posteriormente, apresentamos a síntese e a discussão dos resultados dos três casos analisados no terceiro estudo.

3.2. Caso Fabiane-Karine:

Encontramos dez narrativas em que a ação 'Fabiane **constrói** uma devolução' parece se constituir como uma construção da estagiária-terapeuta para a sua paciente Karine, conforme o Anexo N. Isso corresponde a 20,41% do total das quarenta e nove narrativas constituídas por essa dupla terapêutica. A primeira narrativa em que essa ação se caracterizou como uma construção corresponde à sétima entrevista. Exemplificamos abaixo a ação em que a construção se manifesta.

Exemplo 46: Variações da ação ‘Fabiane constrói uma devolução’.

Narrativa 22 (09/07)

<p>K. associa a brincadeira (brincar com as panelinhas, fazendo comidinha) com a família: ‘a minha mãe cozinha.’</p> <p>F. solicita mais detalhes: ‘e como é isto?’ ‘e como é a tua mãe?’ ‘e para ti?’</p> <p>K. responde: ‘ela cozinha assim... ela bota açúcar...’ ‘ela é boa, ela faz comida para o Gerson e para a Nágila’ ‘para mim também.’</p>	<p>F. aponta: ‘tu está fugindo de alguma coisa, pois tu ainda não me disse o que eu tenho de doença?’</p> <p>K. pergunta: ‘o que é isto tia?’</p> <p>F. responde: ‘isto é um estetoscópio, serve para escutar o coração e para ouvir as coisas aqui dentro.’</p>	<p>K. demonstra o seu saber: ‘eu sei que isto aqui é para ouvir o coração’ ‘...aqui é um guarda-roupa, aqui um sofá, uma mesinha...’</p> <p>F. aponta: ‘sabe mesmo?’ ‘... tu começou a falar em tua mãe, depois logo parou de falar, está difícil falar dela?’</p> <p>K. responde: ‘a minha mãe bate no Gerson e na Nágila porque o Gerson fica rindo dela.’</p> <p>F. solicita mais detalhes à K.: ‘e tu?’ ‘porquê?’</p> <p>K. responde: ‘ela também bate em mim.’ ‘ela bate em mim porque eu não obedeco ela.’</p> <p><i>F. constrói uma devolução à K.: ‘tem coisas muito importantes que tu estás trazendo, as tuas dificuldades podem ser compartilhadas comigo, pois eu vou estar aqui para te ajudar e te escutar.’ ‘tu sempre me diz que sabe, mas grande parte das vezes como hoje quando falávamos do estetoscópio, tu não sabias...a tia entende que parece ser difícil, mas tu não podes fugir, pois isto não vai resolver, o que eu posso fazer é te escutar para te ajudar, mas tu tem que dividir as dificuldades, tu tens que poder falar as coisas comigo...’</i></p>	<p>K. começa o faz de conta: ‘deixa eu te pintar?’ ‘...eu quero te fazer bonita.’</p> <p>F. constrói uma devolução à K.: ‘parece K. que eu falei coisas hoje para ti que me deixaram feia e agora tu queres me arrumar para mim ficar bonita?’</p> <p>K. responde: ‘não tia, eu vou me arrumar.’</p>
--	---	---	---

Demarcamos essa ação como uma construção porque ela se configura em diferentes momentos do processo terapêutico, ou seja, em outras narrativas, em torno da mesma versão que pode ser assim resumida: há algo difícil em ser dito por Karine, ela ‘foge’ das situações em que esse algo pode vir a ser explicitado, narrado; Fabiane está presente para escutar e ajudar, porém é preciso que Karine compartilhe as suas dificuldades. Esse algo

difícil parece ter relação com a mãe de Karine, pois Fabiane, na mesma narrativa, aponta para a sua paciente que ela “começou a falar na mãe, depois logo parou de falar” e pergunta: “está difícil falar dela?”. Karine responde a essa interpretação narrando que sua mãe costumava ‘bater’ nela. Fabiane salienta que esses dados são importantes e os nomeia como dificuldades as quais podem ser compartilhadas com ela, pois ela está ali “para escutar e ajudar” Karine em suas dificuldades. Fabiane acrescenta, porém, que Karine tem algo difícil para narrar, para expor, mas não está conseguindo fazê-lo apesar das “coisas importantes” que ela têm contado sobre a sua vida relativas, em geral, à relação com a sua mãe. Essa leitura de Fabiane sobre os fragmentos trazidos pela sua paciente aponta para algum segredo ou para algo que não está sendo possível simbolizar, narrar na cena terapêutica. Mesmo Karine relatando que a mãe bate nela, entre tantas outras coisas que ela já contou sobre o convívio materno, ainda há algo difícil em falar, em narrar, há dificuldades que precisam ser ditas, explicitadas. Mas, que indícios Karine traz para que Fabiane construa essa versão dos fatos? Nessa narrativa, um indício possível é que Karine começa a falar da mãe e afirma que ‘a mãe é boa para ela também’ e segue no faz de conta. Será que é essa afirmação que Fabiane interroga? Que pressuposição Fabiane tem acerca dessa situação? Será que é um pressuposto marcado pelo motivo de abrigo de Karine justificado pelos maus tratos e negligência maternos? Essa é uma leitura possível na trama narrativa elaborada por Fabiane, sendo que ela articula essa *dificuldade* de Karine em falar do que é difícil com a *dificuldade* de Karine em admitir que não sabe sobre algumas coisas: Karine diz saber amarrar o tênis, mas não consegue; não admite que não sabe as cores. Entretanto, Karine apresenta algumas passagens em narrativas anteriores e na descrita acima, em que ela demanda a sua terapeuta que a ensine a amarrar o tênis, que nomeie os objetos e a utilidade desses, que a ensine a desenhar flor, que desenhe uma menina. É uma oscilação entre o saber e o não saber que compõem diferentes momentos narrativos, mas a construção de Fabiane interroga o saber que Karine diz possuir, lançando questão sobre o mesmo: “sabe mesmo?”. De que não saber Fabiane se refere, ou melhor dizendo, de que saber ela fala? Como dissemos, essa construção de Fabiane que articula algo difícil a falar e a interrogação acerca do saber de Karine aparece em outras narrativas. Citemos mais um exemplo dessa articulação.

Exemplo 47: Variações da ação ‘Fabiane constrói uma devolução’.

Narrativa 23 (11/07)			
K. começa a brincar: ‘me dá a tua unha!’	F. esclarece sobre as regras do espaço	F. solicita mais detalhes: ‘como foi isto?’ ‘tu tomou este?’	F. observa: ‘K. tem um pouco de dificuldade de ir até o espelho.’
F. pergunta:	terapêutico: ‘este	F. constrói uma devolução: ‘eu estou aqui para te ajudar, mas	

<p>‘mas, tu lembra o que a tia faz aqui contigo?’ K. responde: ‘me ajuda.’</p>	<p>espaço é para ti falar das tuas coisas, o que tu não entende, o que tu não sabes, e eu vou estar aqui para te escutar e te ajudar.’ K. comenta sobre a escola: ‘a tia do colégio misturou umas coisas e nos enganou.’ ‘ela deu suco com cachaça para nós.’</p>	<p><i>não adianta tu fugires, ou não querer falar, por mais difícil que possa ser, o importante é que tu consigas dividir, me falar das tuas dificuldades.’</i> K. responde: ‘eu sei’. F. aponta: ‘agora mesmo quando tu falas sempre eu sei, será que tu entendes tudo?’ K. pergunta: ‘o nosso horário já acabou?’ F. aponta: ‘tu estás tentando escapar do atendimento?’ K. começa a brincar: ‘vou passar batom.’</p>	<p>F. constrói uma devolução: ‘parece que tu estás me mostrando o quanto é difícil de chegar no espelho e conseguir se enxergar.’ K. começa a pintar a testa: ‘eu vou assustar os outros que estão dormindo.’ F. constrói uma devolução: ‘está me parecendo K. que tu estás te escondendo atrás dessa maquiagem, não é? Tu queres ficar feia?’</p>
--	---	---	---

Como podemos observar, a primeira construção que é identificada nessa narrativa é praticamente uma repetição da construção elaborada na narrativa anterior: “não adianta fugires ou não querer falar, por mais difícil que possa ser...”. E a interrogação sobre o saber se transmuta na forma de entendimento: “será que entendes tudo quando falas eu sei?”. Poderíamos dizer que a interrogação de Fabiane marcada pela sua construção que lança questões sobre o saber está articulada à capacidade de entendimento de Karine: entendimento cognitivo, pois ela confunde as cores, apresenta uma fala infantilizada,... e ou entendimento afetivo, pois não compreende as atitudes de sua mãe por exemplo? Em todo caso, a versão de Fabiane para os fragmentos narrativos de Karine se constitui como uma narrativa baseada em algo difícil de falar, difícil de compreender. É interessante observar também que essa construção de Fabiane se apresenta em formas travestidas em outras narrativas como, por exemplo: “é difícil de chegar no espelho e conseguir se enxergar...”, “o que está tão difícil para desenhar”, “parece estar difícil para ti conseguir se olhar”, “parece que fazer uma casinha é difícil”. É interessante notar que na narrativa quarenta e cinco, que foi constituída na décima nona entrevista, Fabiane expõe uma construção que vai em direção ao entendimento cognitivo que Karine, segundo a terapeuta, não tinha até então: “tu notou que tu disse os nomes das cores! (K.ficou me olhando). E ainda mais, disse o nome das cores corretamente. (K. fica em silêncio). Lembra que

quando tu chegou no atendimento pela primeira vez tu não conhecia as cores, mas que logo após tu falou o nome das cores e depois confundiu de novo as cores, mas agora parece que tu aprendeu”. A confusão acerca das cores pode ser uma referência de Fabiane à narrativa vinte e quatro na qual ela já aponta para a sua paciente “que ela agora sabe as cores”. Assim, uma via da construção anterior relativa ao “será que tu entende tudo quando diz eu sei” parece estar desvelada, concluída, elaborada. A outra via do difícil de compreender, que caracterizamos como da ordem afetiva e que é delimitada pela construção de Fabiane de algo difícil a falar, é nomeada explicitamente para Karine nas construções esboçadas por Fabiane nas narrativas descritas abaixo.

Exemplo 48: Variações da ação ‘Fabiane constrói uma devolução’.

Narrativa 34 (22/08)			
K. comenta sobre os objetos da sala: ‘vou trocar os ursos de lugar.’ ‘eu não gosto do preto.’	F. solicita mais detalhes: ‘mas, o que foi que o preto fez ou tem que tu não gosta?’ K. responde: ‘eu não gosto.’	K. começa o faz de conta: ‘eu vou fazer uma casinha.’ (K. vai ao banheiro). F. aponta: ‘antes de ir ao banheiro tu disse que ia fazer uma casinha. Me parece que fazer uma casinha é difícil...’ K. responde: ‘eu vou pegar uns bonequinhos para colocar lá.’ ‘senta aqui’ (fala para a boneca).	F. constrói uma devolução: ‘compreendo, mas sei que tu falas assim porque foi assim que tu aprendeu quando estava em casa... tu não está querendo falar sobre isso...’

Exemplo 49: Variações da ação ‘Fabiane constrói uma devolução’.

Narrativa 35 (22/08)			
K. começa a desenhar: ‘vou desenhar.’ F. interroga sobre o desenho: ‘e o que tu estás desenhando?’ K. responde: ‘eu não estou copiando.’ ‘eu não sou louquinha da APAE.’	F. solicita mais detalhes: ‘mas, quem te disse isso?’ K. responde: ‘não sei.’ F. aponta: ‘mas, isso de ser louquinha da APAE não faz sentido, pois nem estudar na APAE tu estuda, não é?’	K. comenta sobre a escola: ‘a minha professora briga comigo, mas eu brigo com ela também.’ F. solicita mais detalhes: ‘e como a tua professora briga contigo?’ K. responde: ‘ela me xinga.’ ‘me xinga daí eu intico com ela.’ ‘eu deito no chão e sacudo as pernas para ela não me pegar.’ K. pergunta: ‘nosso horário já acabou?’ F. constrói uma devolução: ‘eu sei que tu tens ficado bastante angustiada, mas tu estás conseguindo me falar das tuas coisas, mesmo que não seja muito fácil falar, mas eu vou te escutar a partir de tudo isso para poder te ajudar.’ ‘agora sim nosso horário acabou.’	F. constrói uma devolução: ‘eu sei que às vezes tu não gostaria de escutar algumas coisas, mas é preciso que tu cumpra com os nossos combinados sobre o horário e os brinquedos. Eu gosto de ti e na medida do possível eu vou te ajudar...’ K. responde: ‘eu não quero que tu goste de mim.’

		K. se recusa a sair: ‘eu não vou sair.’	F. constrói uma devolução: ‘isto é porque tu pensa que porque a tua mãe não gostava de ti, os outros também não podem gostar... eu gosto de ti, eu vou te ajudar.’
--	--	--	---

Na narrativa trinta e quatro, que foi delineada na décima terceira entrevista entre a dupla terapêutica, Fabiane relaciona claramente a atitude imperativa de Karine: “senta aqui” com a possível atitude imperativa da mãe de Karine quando esta ainda estava convivendo com a mesma. Fabiane não apresenta, porém, essa construção como uma possibilidade, ela afirma que “foi assim que Karine aprendeu em casa”. Karine responde a essa construção, no formato de imposição, com silêncio procurando abrir a porta do banheiro. A narrativa trinta e cinco, que é composta na mesma entrevista e em seqüência à narrativa trinta e quatro, apresenta uma negativa de Karine em organizar os brinquedos e em ouvir a sua terapeuta (Karine tapa os ouvidos). Seria esse comportamento um indício de que a afirmação de Fabiane, na forma de construção na narrativa anterior, é pertinente? Fabiane interpreta esse comportamento como uma confirmação de que está no caminho certo, pois coloca para a sua paciente que “ela está conseguindo falar coisas, mesmo que não seja muito fácil falar”. Podemos pensar que nessa construção opera um movimento do difícil de falar para o não muito fácil de falar. Que coisas Karine tem dito que podem ter motivado essa operação de mudança? Uma explicação possível para essa questão está na narrativa trinta e um em que Karine admite para Fabiane que “sua mãe é ruim mesmo”. Nessa narrativa Karine relata porque sua mãe “batia” no seu irmão, o quanto ela “judiava” de sua irmã e o motivo do abrigamento: “a minha mãe fez a minha irmã voar do berço, daí ela vomitou e foi por isso que nós viemos aqui para a instituição”. Esclarece-se nessa seqüência entre as narrativas e com a posterior construção de Fabiane na narrativa trinta e quatro, acima descrita, que o difícil de falar a que a terapeuta se referia era relativo à história pregressa de Karine, que se enlaça com a sua institucionalização. Fabiane coloca em supervisão acadêmica, logo após a elaboração da narrativa trinta e um, que Karine estava muito confusa, estava sem nexos a sua fala a tal ponto de ficar preocupada se ela estava tendo uma alucinação ou um surto psicótico. E Fabiane conclui: “hoje vi, percebi que era da história dela que ela falava porque ela organizou tudo, amarrou as coisas, deu sentido e me contou algumas coisas”. Essa colocação de Fabiane é elucidativa do processo

de composição narrativa do narrador terapeuta: Fabiane estava confusa, ela não estava conseguindo dar sentido aos fragmentos trazidos por Karine, talvez estava difícil para ela, terapeuta, falar. Há, entretanto, uma outra construção associada a essa que se delinea: diante da afirmação de Karine “eu não quero que tu goste de mim”, Fabiane constrói uma versão para essa posição de sua paciente: “tu pensa que porque a tua mãe não gostava de ti, os outros também não podem gostar...”. Essa construção de Fabiane pode estar se apoiando na afirmação de Karine que sua mãe “é ruim mesmo” e em outra afirmação da paciente constituída na oitava narrativa em que ela diz “eu não gosto da minha mãe”, porém isso não significa que Karine pense que sua mãe não gostava dela. Claro que essa afirmação pode ser fruto da escuta inconsciente, daquilo que se presentifica na intersubjetividade. O que parece complicado nessa construção é que ela se dá, como na narrativa trinta e quatro, na forma de afirmação em que somente um sentido é possível e, por isso, ela pode tomar o tom de uma imposição de sentido. Não podemos esquecer que a construção em análise deve ser tomada toda vez que algo se repete ou que não está sendo simbolizado. Nessa vertente, podemos dizer que a leitura de Fabiane é de que a sua paciente repete um comportamento de fuga ou de dificuldade em falar algo, talvez por não estar ainda simbolizado, que concerne a sua mãe. A construção visa uma composição narrativa através da articulação de vários elementos ou indícios trazidos pelo paciente na forma de fragmentos de sua história, sendo que o terapeuta irá reunir esses elementos diversos apresentando ao paciente uma versão possível dessa heterogeneidade. Isso quer dizer que o terapeuta irá constituir uma síntese do heterogêneo para seu paciente na forma de versão e não de único sentido possível. Mas, Fabiane exercita, nas narrativas acima explicitadas, essa intervenção chamada construção, procurando seguir os indícios trazidos por sua paciente, na forma de uma única versão possível. Temos aí, então, um paradoxo: ao procurar compor uma narrativa possível para os fragmentos de história da sua paciente, Fabiane constrói uma única versão para essa história. E, assim, que distanciamento essa construção poderia provocar em Karine a não ser o da repetição de um único sentido possível para a sua existência, sentido este que podemos pensar como pré-configurado, ou seja, como a Mimesis I: “tu pensa que a tua mãe não gostava de ti”. Quem insiste no traumático nessa composição narrativa? Sabemos através de Benjamim (1935/1983), Gagnebin (1999), Kohn (1998), Bertrand (1998), entre tantos outros, que é preciso nomear aquilo que toma as feições de um trauma. O erro pode ser atribuímos essa dimensão traumática a priori e esse parece ser, como lembra Kohn, um risco e uma tentação em casos extremos como esse, extremos no sentido da condição humana de abandono, de violência, de negligência a que essas crianças foram expostas. Como diz Lani-Bayle (1999), é como

se os profissionais que trabalham com essas crianças ‘funcionassem’, muitas vezes, movidos pelo interdito do esquecer ou do lembrar para saber. Ou seja, não se pode esquecer o que aconteceu ou não se pode lembrar porque se é muito pequeno para saber. Fabiane procurou junto com Karine compor uma narrativa da vida de sua paciente e não podemos dizer que não foi possível essa composição em outros níveis, porém no que diz respeito ao ato de construção acima explicitado, podemos dizer que Fabiane expõe com clareza a armadilha dessa composição: agir sobre as multiplicidades semânticas em direção a uma uniformidade de sentido. E assim, a polifonia é ‘paralizada’ momentaneamente e os sentidos giram em torno da repetição e da insistência interpretativa do terapeuta. O narrador terapeuta, ao procurar a autoria de sua ação através do exercício de sua interpretação e de sua construção, pode calar, temporariamente ou de forma definitiva, o narrador paciente. Dessa forma, não há decalagem possível por parte desse último e ele segue como narrador ator. Uma abertura possível para a última construção de Fabiane é que ela afirma que Karine *pensa* que sua mãe não gostava dela e por isso, os outros também não podem gostar e acrescenta: “eu gosto de ti, eu vou te ajudar”. Talvez essa última afirmação de Fabiane possa abrir para a leitura de que há pelo menos um que gosta de Karine, ou seja, há uma saída possível, uma leitura ao avesso no sentido de que ‘Karine pensa isso, mas pode não ser’.

3.3. Caso Renata-Andréia:

Registramos sete narrativas em que a ação ‘Renata **constrói** uma devolução’ para Andréia se caracterizou como uma construção, conforme Anexo O. Isso representa 28% do total das vinte e cinco narrativas codificadas. A primeira construção de Renata acontece na segunda entrevista. Ela é descrita abaixo.

Exemplo 50: Variações da ação ‘Renata constrói uma devolução’.

Narrativa 8 (04/07)			
A. pergunta: ‘ainda temos tempo para jogar um jogo?’	R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘você gosta de montar coisas?’	R. aponta: ‘tu notou que eu te fiz uma pergunta e você ainda não respondeu?’ ‘e tu lembra o que eu te perguntei?’	R. observa: ‘em vez de arrumar o que ela pegou, começa a organizar toda a sala, angustiada.’
R. responde: ‘temos.’	A. responde: ‘gosto, eu sempre ajudava minha mãe na roça’.	R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘este espaço também é para falar sobre essas coisas.’	R. constrói uma devolução: ‘você está querendo me dizer com isto que você organizava todas as coisas na sua casa para sua mãe.’
A. começa a jogar: ‘cadê aquele jogo de montar?’	R. solicita mais detalhes: ‘é mesmo?’ ‘o que	A. pergunta: ‘ainda temos bastante tempo?’	
R. responde: ‘esse aqui está		R. responde: ‘já está na hora de guardarmos as	A. responde

montado.’	mais você fazia com a sua mãe?’	coisas.’	positivamente.
-----------	---------------------------------	----------	----------------

Essa primeira construção de Renata é baseada na observação que ela faz do comportamento repetitivo e ‘angustiado’ de sua paciente em organizar tudo na sala de atendimento. Ela já havia apontado esse comportamento para Andréia na sétima narrativa: “notei que você é bastante organizada”. Renata formula uma hipótese explicativa para esse comportamento de sua paciente: Andréia organiza tudo na sala de atendimento da mesma forma que precisava fazer tudo para sua mãe quando morava com ela. A questão que fazemos é em que indícios Renata se baseou para elaborar essa construção? Em todo caso, Andréia confirma essa versão de sua história e a reafirma através da repetição, aos ‘olhos’ de Renata, do mesmo comportamento de organização em outras entrevistas. Essa construção é recolocada por Renata em diferentes momentos do processo terapêutico, sendo uma de suas últimas formulações na narrativa dezessete, elaborada na sétima entrevista, a qual exemplificamos abaixo.

Exemplo 51: Variações da ação ‘Renata constrói uma devolução’.

Narrativa 17 (13/08)

<p>R. observa: ‘A. se levanta e começa a organizar a mesa melhor do que estava...’</p> <p>R. aponta: ‘você nota como você precisa sempre organizar as coisas.’</p> <p>A. começa o desenho: ‘aqui vou carimbar os bichinhos.’</p>	<p>R. observa: ‘A. fica falando para não me escutar/resistência.’</p> <p>R. aponta: ‘você percebe que às vezes eu falo contigo e você dá um jeito para não precisar falar sobre isso?’</p> <p>A. responde: ‘quando? O que?’</p> <p>R. constrói uma devolução: ‘eu comentei contigo sobre o quanto você precisa ficar arrumando as coisas, igual você fazia em casa para sua mãe. Deve ser</p>	<p>A. associa os carimbos com a sua família: ‘sabe que lá em casa nós tínhamos todos esses bichos?’</p> <p>R. solicita mais detalhes: ‘é mesmo?’ ‘então, vocês tinham um sítio?’</p> <p>A. responde: ‘isso aí! Da próxima vez, eu vou fazer essa grade, só sem esses bichos dentro.’</p> <p>R. interroga sobre o desenho: ‘e o que você vai deixar dentro da cerca?’</p> <p>A. responde: ‘só vaca.’</p> <p>R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘as vacas ficavam no cercado lá da tua casa?’ ‘você, então, cuidava da casa e dos bichos?’</p> <p>A. responde: ‘ficavam.’ ‘sim, mas só quando eu queria.’</p>	<p>R. solicita mais detalhes: ‘só quando você queria?’ ‘e quem fazia?’ ‘e se você não tava afim e a mãe pedia?’</p> <p>A. responde: ‘sim, eu não tava afim, não fazia!’ ‘a mãe. Eu só fazia quando ela pedia.’ ‘eu sempre fazia!’</p> <p>R. observa: poderia ter feito uma intervenção diante da afirmativa de A.</p>
---	---	---	--

	<i>um sofrimento pra ti isso!</i>		
--	---------------------------------------	--	--

Como podemos notar, Renata insiste na articulação entre organização e casa materna acrescentando nessa construção o imperativo do sofrimento: “deve ser um sofrimento para ti isso!”. É interessante observar que somente nessa narrativa parece haver algum indício explícito por parte da paciente em relação à associação estabelecida por Renata entre organização e casa materna. Esse indício aparece no ato falho de Andréia, que não foi pontuado por Renata na entrevista, quando ela diz “eu sempre fazia!”, referindo-se a sua obrigação em fazer as tarefas domésticas. Podemos pensar que esse indício poderia estar colocado desde a segunda entrevista no campo transferencial constituído pela dupla terapêutica, mas podemos pensar também que essa associação de Renata foi constituída pela sua pré-compreensão acerca de sua paciente, ou seja, pelos dados que Renata obteve antes do início do tratamento junto à equipe da instituição sobre a dinâmica da família de Andréia. Nessa direção, podemos dizer que a construção de Renata não se baseou, em princípio, nos indícios compostos na cena terapêutica, mas sim em um a priori sobre a história de vida da sua paciente. O ato falho de Andréia, a seqüência de associações que ela faz acerca do seu cotidiano familiar, assim como o seu aceno positivo na segunda entrevista, confirmam a pertinência da construção de Renata, que insiste em compor cenas do cotidiano familiar de Andréia junto com a mesma. Renata inicialmente constrói hipoteticamente essa articulação, porém as demais construções relativas a essa formulação não são hipotéticas e sim afirmativas. A questão que se denota aqui é se, ao compor uma narrativa sobre a vida de sua paciente baseada na observação de um comportamento repetitivo, que como sabemos demanda uma significação possível, o qual é associado a uma informação anterior à própria constituição do processo terapêutico, Renata não estaria fechando os sentidos. Em outras palavras, ela não estaria insistindo em uma versão já constituída, a qual pode ser vista como responsável de certa maneira pelo abrigamento de Andréia? Isso não significa que as informações que o terapeuta têm sobre o paciente fora do espaço terapêutico não possam ser utilizadas e discutidas com o paciente. A questão é que Renata não informa Andréia sobre a origem da hipótese formulada na segunda entrevista, hipótese que é transformada em fato consumado nas narrativas seguintes. Ao não informar sua paciente da fonte de sua articulação e ao compor uma narrativa sobre a sua história que insiste em uma versão anterior ao tratamento, Renata não estaria construindo uma composição narrativa unívoca? Essa questão demonstra, assim como no caso anterior, a armadilha que a composição narrativa pode favorecer: ao procurar um sentido possível para a compulsão à repetição do paciente, o terapeuta pode compor um

sentido único. A composição narrativa fruto da construção de Renata acaba, dessa forma, não abrindo para novas possibilidades de sentido e sim consolidando uma versão que insiste no trauma. Andréia rompe com esse comportamento, segundo observa Renata, no sétimo encontro. Essa observação pode estar denotando o quanto o ‘olhar’ de Renata estava capturado por esse comportamento. Assim, como apontamos no caso anterior, o narrador terapeuta ao se autorizar em compor um ato narrativo acerca da história de seu paciente, acaba subtraindo a polifonia a uma monofonia traumatizante que impede que o narrador paciente se distancie da descrição dos fatos para ocupar o lugar de autoria.

Na mesma entrevista em que é constituída a narrativa anterior, elas elaboram a décima oitava narrativa cujo conteúdo temático trata sobre os cuidados maternos. Andréia relata que sua mãe vestia os irmãos, porém ela se vestia sozinha e que se sentia “às vezes bem, às vezes mal” frente a essa situação. Em seguida, ela começa um faz de conta e essa atitude é interpretada por Renata como fuga do assunto. Renata compõe uma construção que versa sobre o fato de Andréia “ter falado muitas coisas hoje, que ela já está conseguindo falar sobre coisas que aconteceram, isso é muito bom!”. A formulação dessa construção se repete na entrevista posterior, que exemplificamos abaixo.

Exemplo 52: Variações da ação ‘Renata constrói uma devolução’.

Narrativa 21 (20/08)			
<p>A. começa o desenho: ‘desenha também!’</p> <p>R. responde: ‘prefiro não desenhar, este espaço é teu!’</p> <p>R. observa: ‘A. está fazendo tudo rápido hoje’.</p>	<p>R. aponta: ‘você notou como você está ansiosa hoje, você começa várias coisas e não consegue acabar.’</p> <p>A. responde: ‘vou desenhar no outro quadro!’</p> <p>R. constrói uma devolução: ‘quando falo com você, muitas vezes você finge não me escutar – está difícil falar hoje, né? Você falou muito na semana passada.’</p>	<p>A. responde: ‘não tem nada a ver o que você está falando.’</p> <p>A. começa o faz de conta: ‘vou dar banho nas Barbies, me ajuda a tirar a roupa.’</p> <p>R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘nosso tempo está acabando, mas você pode continuar na semana que vem.’</p>	<p>R. constrói uma devolução: ‘eu senti você bastante angustiada hoje, como você falou e trouxe muita coisa da outra vez... fica às vezes difícil continuar. Você acaba ficando meio confusa descobrindo tan-ta coisa.’</p> <p>A. pergunta: ‘vem mais alguém aqui hoje?’</p> <p>R. responde: ‘não.’</p> <p>R. observa: ‘A. não organizou a sala como sempre fez: ruptura do comportamento.’</p>

A vertente dessas construções aponta o quanto foi falado na entrevista anterior e a atitude de Andréia em fingir não escutar. Esse falar muito, trazer muita coisa é relativo à sexta entrevista em que Andréia relata vários momentos de seu cotidiano. O interessante nessa construção de Renata é a importância atribuída ao fato de relatar as coisas que aconteceram antes de sua vinda à instituição e que essas constituem “um falar muito, que pode se tornar difícil continuar, pode confundir”. É uma construção que compõe um excesso nos fragmentos da história trazida por Andréia, um excesso que remonta ao imperativo do sofrimento formulado por Renata na narrativa dezessete, como se os fatos que tecem a trama narrativa de Andréia fossem demais para suportar. Mas, eles são demais para quem? O “deve ser um sofrimento”, expresso por Renata à Andréia, é um dever a partir de que lugar, de que origem, de que leitura? Não queremos dizer que não há sofrimento em Andréia, mas será que ele necessariamente está articulado a sua necessidade de cumprir com os afazeres domésticos? Será que seu sofrimento não é de outra ordem? O imperativo também pode funcionar de uma maneira hermética, impossibilitando que se diga ‘não é isso que me faz sofrer, ou até mesmo eu não sofro’. O imperativo pode aprisionar caso não se abrirem espaços para formulações diversas.

A narrativa vinte e três, constituída na oitava entrevista, aponta para uma outra questão. Andréia solicita que Renata escreva o que ela gosta em Andréia. Renata liga os elementos apresentados até então para compor a sua construção. Exemplificamos a seguir essa narrativa.

Exemplo 53: Variações da ação ‘Renata constrói uma devolução’.

Narrativa 23 (27/08)

<p>A. começa o faz de conta: ‘eu vou te ligar, tá?’ ‘eu tenho um segredo para te contar, você não pode falar para ninguém.’</p> <p>R. interroga sobre a brincadeira: ‘o que foi mana?’ ‘é mesmo?’ ‘e como você descobriu?’ ‘e como estava o nenê?’</p>	<p>A. responde: ‘a mãe já teve um nenê.’ ‘eu descobri domingo.’ ‘o juiz... eu fui lá visitar ela na casa dela.’ ‘eu não sei, quer dizer, eu bati na porta e não tinha ninguém lá.’</p>	<p>R. observa (em relação ao ‘o juiz’): ‘ato falho.’</p> <p>A. solicita: ‘escreve aqui pra mim o que você gosta em mim?’ ‘escreve que você gosta de mim’.</p> <p>R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘este tempo aqui é para falarmos sobre suas coisas, falando de mim estaremos deixando de lado suas coisas’.</p> <p>R. constrói uma devolução à A: ‘<i>será que você quer que eu diga que gosto de você por medo de eu deixar de gostar se você me disser certas coisas. Você pode me falar qualquer coisa que eu</i></p>	<p>A. responde: ‘sabe o que é, é que eu briguei com a tia do projeto hoje.’</p> <p>R. observa: ‘o sintoma pode estar mascarando sua angústia, sua culpa; entrar no jogo dela, no jogo modificar o seu sistema de funcionamento; deixar ela mais solta, brincar; ser sua mãe, dar colo, aquele carinho que não tinha; não entrar tanto no real: é brincadeira (A. fala) – pedido de</p>
--	---	---	--

		<i>vou estar com você, te gostando do mesmo jeito e te ajudando.’ ‘notei você bastante angustiada, com vontade de falar muita coisa e achando difícil.’</i>	não ser tão real; intervenção: deixa eu ser mãe hoje; vamos deixar tudo bagunçado hoje.’
--	--	---	--

Nessa construção, Renata transforma o já falou muito em vontade de falar muita coisa. Mas, além disso, nessa construção ela formula a hipótese de que Andréia pode estar querendo que Renata diga gostar dela por medo de que a terapeuta deixe de gostar dela caso mostrar certas coisas. Que coisas podem ser estas? Renata expõe em supervisão acadêmica e, de certa forma, ela explicita isso na própria narrativa, que supõe que Andréia esteja tentando controlar a manifestação da sua agressividade e da sua revolta com tudo que lhe aconteceu bem como Renata supõe que sua paciente possa pensar ser culpada, devido as suas atitudes e comportamentos, pelo ‘abandono’ e ‘negligência’ maternos. Isso explicaria, de acordo com Renata, a tentativa de Andréia em obter o controle de tudo, demonstrada no seu comportamento de organização, e o seu pedido de que Renata escreva que gosta nela. Essa suposição é que está permeando a construção de Renata. Essa construção é elaborada por Renata na forma hipotética e, diferentemente das construções anteriores, ela abre possibilidades para Andréia manifestar ‘certas coisas’ as quais não são nomeadas a priori por Renata. É uma composição narrativa que introduz a versão de que pode existir algo que desagrade e que pode provocar que o outro não goste mais de..., porém há um espaço em que essas coisas podem se manifestar e que elas não modificarão esse sentimento. Nas entrevistas posteriores a essa, conforme relata Renata, Andréia brinca de “uma maneira mais solta”. Essa última construção de Renata pode ser entendida como liberadora daquilo que insiste no trauma porque ela amplia o campo dos sentidos: há muito mais para falar, há certas coisas que podem ser ditas. É uma construção que pode estar libertando Andréia de ficar presa em uma composição narrativa que insistia no trauma, é talvez uma construção que denota a liberação do olhar de Renata que insistia em repetir a compulsão à repetição de Andréia.

3.4. Caso Renata-Carla:

Essa dupla terapêutica constituiu catorze narrativas nos doze encontros analisados. Nessas narrativas, registramos somente uma ação ‘Renata **constrói** uma devolução’ para Carla. Essa ação pode ser caracterizada como um esboço de construção, e foi delineada na primeira entrevista. Exemplificamos abaixo a possível construção.

Exemplo 54: Variações da ação ‘Renata constrói uma devolução’.

Narrativa 2 (21/08)			
R. pergunta se C. que ir ver a sala.	R. esclarece sobre as regras do espaço	C. começa a brincar com os carrinhos.	R. constrói uma devolução: ‘será que você está me mostrando como invadiram o seu espaço, não te respeitando.’
C. responde positivamente.	terapêutico: ‘se você quiser alguma coisa é só pegar.’	R. observa: ‘Geralmente, em sua brincadeira, o que vem atrás bate no outro. C. brinca de uma maneira confusa, os carros vão para todas as direções se batendo e não respeitando os sinais.’	

Delimitamos essa ação como um esboço de construção porque poderíamos dizer que Renata ensaia compor uma narrativa possível para o brincar de Carla. Essa composição versa sobre uma invasão de espaço que desrespeita Carla. A questão que nos colocamos acerca desse caso é porque não há construções de Renata nesse percurso terapêutico? O que pode existir de diferente nessa situação que as construções não são articuladas como nos casos anteriores? É difícil responder a essa questão sendo que somente podemos formular possíveis versões para esse fenômeno. Renata comenta na supervisão acadêmica acerca do silêncio de sua paciente e o pouco que sabe sobre a história pregressa da mesma. O único dado concreto que Renata tinha era de que Carla estava no abrigo por uma suspeita de abuso. O fato de ser uma suspeita e não um dado definido talvez tenha lançado Renata a uma posição de interrogação, como podemos observar na narrativa doze, na décima primeira entrevista: será que alguns comportamentos de Carla simbolizados no faz de conta poderiam estar representando o possível abuso sofrido por ela? Renata procura investigar isso com Carla perguntando a ela em um contexto de faz de conta “o que os bonecos costumam fazer à noite?”, mas essa muda de brincadeira e Renata interpreta como fuga. Porém, diante da incerteza, Renata se cala, não compõe uma narrativa para a sua paciente que poderia confirmar ou não essa suposição. De qualquer forma, o esboço de construção delineado na segunda narrativa e acima exemplificado apresenta uma suposição de que pode ter havido uma invasão de espaço que, como formula a terapeuta na própria narrativa, Carla pode estar querendo romper. Entretanto, interroga Renata: “romper com sua vinda à instituição, com o que aconteceu?”. As suposições de Renata fazem-na compor uma construção ampla, hipotética e não afirmativa e, portanto, que não fecha os sentidos.

Há um comportamento de Carla que intriga e angustia Renata: o faz de conta de apagar a luz e ficar no escuro. A terapeuta se angustia, mas não consegue amarrar esse comportamento repetitivo de Carla a nenhum elemento de sua história. Assim, Renata aguarda compondo uma narrativa explicativa pessoal para essa atitude: “tem que ir

bastante devagar com Carla, deixar ela criar seu espaço primeiro, se descobrir, dando o suporte no sentido de deixar ela ser dentro de seus limites... para só então ‘fortalecê-la’”. Essa atitude de Renata pode estar demonstrando uma certa maturidade de escuta, mas pode estar denotando também que os fragmentos trazidos por Carla acerca de sua história parecem não produzirem um efeito de articulação em Renata, de composição narrativa. Podemos hipotetizar que Renata não amarra os vários elementos elaborados na cena terapêutica porque eles não constituem aparentemente sentido para ela. Não estamos dizendo com isso que é necessário sempre compor construções no processo terapêutico, porém uma formulação possível nesse caso é que Renata pode ainda estar presa na pré-compreensão dos seus pacientes, ou seja, nos textos pré-figurados, nas histórias já constituídas a priori e, na falta desses elementos, ela não consegue compor ensaios narrativos junto com Carla. Nesse caso, o narrador terapeuta não se manifesta para o paciente e esse, por sua vez, permanece compondo histórias através de seu faz de conta, mas sem possibilidades, até então, de se desprender delas para ocupar uma posição de autoria. Não podemos esquecer, porém, que estamos nas entrevistas preliminares e que, nesse caso, Carla traz poucos fragmentos de sua história que possam ser articulados pela terapeuta para produzir uma versão para a história de sua paciente. Renata está em uma posição de espera, aguardando que Carla “crie seu espaço” e que “com o tempo se manifeste”. Essa última colocação demonstra que essa postura de espera é instigante, mas ela pode estar representando também uma idéia de que há algo a se manifestar e não que há algo a construir. Essa posição é avessa ao ato narrativo, pois esse se dá na práxis e, portanto, não está composto a priori.

3.5. Síntese e discussão dos resultados do terceiro estudo.

A análise dos três casos apresentados, mais especificamente dos dois primeiros casos, permite concluir que as construções esboçadas pelos narradores estagiários-terapeutas são, em grande parte, versões afirmativas de histórias já constituídas. Ou seja, são composições presas às pré-compreensões existentes acerca do paciente, são versões que insistem no pré-figurado pela visão de mundo do terapeuta e que dialogam de forma restrita com o universo configurado na cena terapêutica. Bertrand (1998), Kohn (1998) e Weil (1998) comentam sobre o paradoxo presente no percurso terapêutico, pois ao convocar o paciente para tudo dizer, o terapeuta o lança a organizar os acontecimentos de sua vida em uma forma narrativa, que restringe a associação a uma produção de sentidos coerente. Esse paradoxo pode ser transposto para os casos analisados: ao procurar compor uma versão para os fragmentos de história trazidos pelas suas pacientes, as estagiárias-

terapeutas paradoxalmente produziram, na maioria das vezes, um fechamento de sentidos, impedindo ou dificultando a produção de novas associações pela paciente. Isto porque ao se autor(izarem) como terapeutas, elas impediram de uma certa maneira que suas pacientes se desvencilhassem das versões constituídas insistentemente acerca do motivo do abrigo e, assim, essas pacientes não conseguiram ascender através dessas construções à autoria de sua história. Está certo que Freud (1932/1976), como dissemos no segundo tópico do primeiro capítulo, lembra que o passado e a tradição vivem nas ideologias do superego. Dolto (1979/1980) afirma que a criança somente poderá se libertar desse passado dizendo a verdade sobre si mesma a quem possa ouvir. É necessário, portanto, como salienta Lani-Bayle (1999), regressar ao passado e decifrar suas mensagens para poder transcrevê-las e ressignificá-las, pois a criança não estaria onde está se não fossem os elementos fundadores de sua vida e isso não pode ser negado ou ocultado. Mas, como alerta Gagnebin (1999), esse passado não pode se tornar um fardo inexorável, ele não precisa ser insistentemente reafirmado, recontado na mesma versão. Ele pode ser um ponto de partida, de origem mítica como refere Benjamin (1935/1983), porém esse ponto não precisa necessariamente ser enlaçado à situação que motivou o abrigo e que pode ter feições de trauma. O importante, como lembram Bertrand e Baldacci (1998), é que as construções do analista permitam ao paciente refigurar o passado compondo novas associações e novas narrativas de sua história pessoal para darem contornos e configurações, como diz Ricoeur (1983/1994), a uma história ainda não contada.

Essa construção-desconstrução de autorias demonstra o quão difícil pode ser nesse percurso de formação na prática clínica se desamarar do texto pré-configurado e se entregar a uma escuta configurada na práxis. Kohn (1998) salienta a tentação que é nos termos ao psicopatológico para compor as construções em análise. Green (1973; 2002) também aponta como as primeiras intervenções em um processo analítico podem se configurar a partir dos saberes já sabidos acerca do paciente. Esses paradoxos presentificados nos casos analisados denotam a tensão que envolve a formação na prática clínica, pois o estagiário-terapeuta precisa ‘ensaiar’ intervenções para se autor(izar) como terapeuta, porém elas muitas vezes sucumbem às armadilhas dessa empreitada. As entrevistas analisadas são preliminares e uma das funções das entrevistas preliminares é abrir os sentidos que se apresentam como já dados e já constituídos, porém o que vislumbramos foi, em geral, o avesso disso. Ou seja, as construções que compuseram narrativas sobre eventos da vida do paciente reificaram, muitas vezes, os sentidos pré-configurados o que demonstra a dificuldade dos narradores terapeutas em se ‘despirem’ das significações estabelecidas por eles fora da cena terapêutica. E é somente no apê-

coup que o estagiário-terapeuta poderá se distanciar do ato narrativo composto na cena terapêutica e refletir sobre as significações pré-concebidas para construir uma outra versão sobre a sua práxis. É nesse momento que a supervisão, tanto a acadêmica quanto a local, podem contribuir operando como alteridade aos sentidos elaborados.

Os ensaios das estagiárias-terapeutas, entretanto, também são formados por momentos de construções que abrem os sentidos e que permitem novas associações a seus pacientes, que unificam os fragmentos trazidos pelas pacientes, porém sem constituir uma versão unívoca, hermética. Esses momentos foram mais raros nos casos que analisamos, mas eles se delinearam como possíveis, o que nos permite concluir que os encontros terapêuticos investigados se constituíram, mesmo que de uma forma descontínua, em espaços em que o endereçamento da mensagem, uma das condições para o desenlace narrativo, segundo Ricoeur (1984/1995) e Lani-Bayle (1999), tornou-se viável e acessível. Essas construções possibilitam dizer que o encontro terapeuta-paciente pode efetivamente se constituir como um dos espaços em que a criança, separada temporariamente ou não de sua família, ordena temporalmente sua experiência, constrói uma versão para os eventos de sua vida e pode quem sabe assim, elaborar os eventos traumáticos. Como nos lembra Benjamin (1935/1983), o primeiro passo para a elaboração de uma situação marcante é a possibilidade de contá-la, de narrá-la. O segundo passo, lembra Bertrand (1998) e Weil (1998), é a possibilidade de se distanciar dessa situação e, assim, poder resignificá-la, compondo uma nova versão para os acontecimentos na posição de autor de sua história. Observamos que as pacientes reagiram muitas vezes às construções de suas terapeutas, como sugere Freud (1937/1976), com um sim, com um não, com novas associações e até mesmo com a repetição do sintoma. Essas 'reações' podem ser lidas como ensaios de autoria pelo narrador 'paciente', ou seja, por esse narrador que pacientemente aguarda espaços efêmeros para se manifestar como Eu-sujeito de sua história.

CAPÍTULO IV

CONCLUSÕES GERAIS: A NARRATIVA COMO UM DISPOSITIVO DE TRABALHO PARA A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO

As sínteses dos resultados de cada estudo foram descritas anteriormente. A comparação entre os três estudos permite visualizar que o segundo estudo desconstrói, pelo menos em parte, o primeiro estudo. Isto porque o primeiro estudo tem como uma de suas conclusões que as narrativas constituídas em cada entrevista preliminar durante o percurso terapêutico, nos três casos analisados, organizam-se de forma narrativa como propõe Todorov (1978/1987), pois apresentam os dois princípios narrativos: a sucessão e a transformação. Esse primeiro estudo analisou as narrativas isoladamente, seguindo a linearidade narrada, e não as investigou em seu conjunto. Esta análise somente foi realizada no segundo estudo e nele podemos verificar que a relação estabelecida entre as narrativas ao longo do processo terapêutico não é de sucessão cronológica linear, ou seja, não foi encontrada uma lógica de sucessão nos termos propostos por Todorov. Em outras palavras, podemos dizer que as narrativas analisadas em seu conjunto não puderam ser reduzidas a uma lógica de sucessão linear nem a um denominador comum que constituíssem a estrutura do universo representado como defende Todorov (1967). O segundo estudo demonstra que a seqüência narrativa é regida pela lógica de causalidade semântica, como sugere Ricoeur (1983/1994; 1984/1995), e é de natureza polifônica. Isso não quer dizer que não ocorra a síntese do heterogêneo em algumas narrativas, subtraindo momentaneamente a polifonia de sentidos a um sentido possível, pois a temporalidade semântica permite o ordenamento da experiência fundada pela necessidade de buscar uma articulação entre os vários sentidos esboçados no próprio ato de narrar. Essa tentativa vai, como argumenta Ricoeur, na direção de uma homogeneidade de sentido provisória e circunstancial. Mas, o segundo estudo denota, também, e nesse sentido reforça uma das conclusões do primeiro estudo, que essa homogeneidade nem sempre é alcançada. Isto decorre do fato que o processo terapêutico inspirado na psicanálise deve se guiar não pelo princípio da composição narrativa, este da síntese do heterogêneo, mas sim, como alertam Bertrand (1998) e Weil (1998), pelo princípio da regra fundamental: a associação livre. As homologias encontradas e descritas no segundo estudo demonstram que, muitas vezes, as ações estabelecidas pelas estagiárias-terapeutas com suas pacientes visam colocar em prática a regra fundamental. Mas, se a composição narrativa é viável, e até mesmo desejável no processo terapêutico, é para romper com a repetição traumática e possibilitar ao paciente um ponto de articulação inicial, uma origem mítica como refere Benjamin

(1935/1983) e Gagnebin (1999). É a partir desse ponto de articulação inicial que ele poderá desconstruir ou até mesmo construir uma ou várias versões para a sua história e, assim, se distanciar e se diferenciar. Dessa forma, a composição do ato narrativo pela dupla terapêutica apesar de constituir um sentido possível e, com isso, uma homogeneidade provisória de sentidos, ela deve ser elaborada de uma forma que abra o sentido. Ou seja, a intervenção do terapeuta na forma de construção deve ser constituída de tal maneira que permita ao paciente desconstruir os sentidos formulados e seguir estabelecendo novas associações e novas configurações narrativas. Essas reconfigurações produzem um efeito de decalagem, através do qual o paciente poderá se distanciar de sua história e ocupar, assim, a posição de autor da mesma, de Eu-narrador.

O terceiro estudo expressa, porém, que as composições narrativas elaboradas pelas estagiárias-terapeutas não seguem, em sua maioria, essa lógica polifônica e, portanto, de abertura de sentidos. Suas construções obedecem, em grande parte, a uma univocidade de sentido marcada principalmente pela recolocação da situação que determinou o afastamento de suas pacientes da família de origem e, em decorrência, o abrigo. Dessa forma, o paciente não consegue articular uma outra versão para a sua história, nem se distanciar da mesma permanecendo na posição de ator dos fatos de sua vida. Nessa mesma direção, o segundo estudo demonstra que as *variações* de algumas ações desenvolvidas pelas estagiárias-terapeutas produzem um fechamento de sentido e, com isso, não funcionam regidas pela lógica da causalidade semântica nem pela regra fundamental da livre associação, mas sim pela lógica do sentido constituído a priori. Essas *variações* se constituem em repetições do terapeuta, na sua dificuldade de entrar no universo narrado do paciente, desprendendo-se de idéias pré-concebidas e de saberes pré-estabelecidos. Entretanto, o terceiro estudo mostra, também, que as construções estabelecidas pelas estagiárias-terapeutas não são de todo herméticas, há lacunas nessas produções que permitem aberturas e possibilitam reconfigurações. Essas composições são raras nos casos estudados, mas demonstram que o encontro terapêutico pode se constituir em um espaço de alteridade para essas crianças em situação de abrigo.

O interessante a ser observado, principalmente na articulação entre os dois últimos estudos, é que o exercício terapêutico parece se constituir em um ponto de tensão que toma uma configuração paradoxal em alguns momentos. As estagiárias-terapeutas ensaiam a livre associação com seus pacientes e nesse exercício elas interrogam suas frases e seus comentários, interpretam seus comportamentos e suas ações e formulam construções. É uma tentativa de colocar em prática um saber constituído ao longo da formação acerca da regra fundamental em Psicanálise. Entretanto, ao ensaiarem essas diferentes modalidades

de intervenção rumo à associação livre, elas muitas vezes repetem formulações já feitas e constroem para seus pacientes composições já constituídas acerca de suas histórias. E assim, paradoxalmente, na busca de abrir os sentidos, elas os fecham e produzem uma repetição interpretativa que pode ‘prender’ o paciente a uma versão dos eventos de sua vida, não o liberando dessa versão já dada a priori e, assim, não o libertando para novas associações e novas composições sobre a história de sua vida. Esses paradoxos, conforme minha experiência como supervisora acadêmica demonstra, não parecem dizer respeito à prática exclusiva dessas estagiárias-terapeutas, antes pelo contrário, eles acompanham a maioria dos estagiários. Claro que cada um articula a sua maneira o seu ponto de tensão, de acordo com seu estilo, com sua história, com seus pontos cegos, com suas questões. Esses paradoxos não estão discutidos aqui para ‘denunciar’ uma prática que não é ‘adequada’, pois é impossível estabelecer o que é adequado de uma forma hermética, descolada da práxis e, mesmo assim, essa noção pode ter múltiplas formulações. Eles denotam na verdade o grau de exigência dessa escuta clínica e a impossibilidade de formá-la de uma maneira antecipada. A práxis dos fundamentos psicanalíticos teorizados e exemplificados nos cursos de graduação não é linear, não é especular aos modelos utilizados. Os pacientes se movimentam, ‘traem’ a nossa expectativa, nos interrogam e interpretam as nossas ações. Nesse vai e vem terapêutico é impossível preparar a intervenção a priori, o máximo possível, como colocam Green (2002) e Cifali (2003), é refletir sobre ela *après-coup*. Sabemos, através desses autores, que a experiência é a base da psicanálise e que ela é preliminar a toda teorização possível, pois a teoria somente se esclarece e se amplia se ela ‘aprender’ com a experiência. Mas, não podemos entender essa articulação entre teoria e prática como processos dicotômicos, eles na verdade se retroalimentam, o ideal, como diz Green, é um equilíbrio entre teoria e prática. A teoria pode funcionar como uma referência para a práxis profissional, porém não há receitas prontas e acabadas, um guia infalível como refere Cifali que dê conta do terreno da ação. Por isso, é necessário construirmos recursos para refletirmos com nossos estudantes sobre essa prática a fim de abordarmos a intersubjetividade e a subjetividade nos quadros de ensino rumo à elaboração de dispositivos próprios à démarche clínica. Cifali propõe como dispositivos os estudos de caso, os trabalhos sobre situações e tudo mais que permitir a quem está em formação construir suas próprias convicções. Essa autora propõe, em específico, o uso da narrativa como uma das ferramentas de trabalho na formação, tendo em vista que ela pode contribuir para a construção de uma memória da prática.

Nessa pesquisa, nós apresentamos, como um dos dispositivos possíveis, as transcrições das entrevistas preliminares que podem ser caracterizadas, conforme propõe

Green (1973), como memorizações do desenvolvimento das entrevistas. Essas transcrições podem ser lidas como narrativas que versam sobre uma memória da prática, contribuindo, assim, na construção dos saberes e, conseqüentemente, do pensamento clínico. Sabemos que essa descrição da experiência não é suficiente para a formação do pensamento clínico e para a execução da *démarche* clínica, mas ela é um dispositivo importante nessa trajetória de formação. Isto porque quando o estagiário coloca em ordem a experiência, as associações aparecem, os detalhes esquecidos se reencontram, os laços se tecem. Os acontecimentos descontínuos tomam lugar em um quadro. O que parecia não ter começo nem fim se delimita. Isso que era detalhe toma sua importância, uma associação encadeia uma lembrança, um sentido emerge de uma experiência bruta. Assim, uma seleção se opera e se constrói o que nada mais é do que somente uma versão da história, mas ela permite uma primeira inteligibilidade. Essas memorizações do desenvolvimento da entrevista são transcrições que procuram descrever cada encontro terapêutico atravessadas pelo olhar de seu narrador, no caso as estagiárias-terapeutas. A análise desse material demonstra a importância dessa primeira tentativa de escritura. As estagiárias-terapeutas ao tentarem descrever os detalhes dos encontros com suas pacientes são ‘forçadas’ a o fazerem temporalmente, linearmente, pois essa é a forma canônica, como refere Bruner (1990), de inscrevermos nossa experiência. Os gestos, os movimentos silenciosos e os suspiros de suas pacientes são descritos por elas em contornos de detalhes e eles são, como sugere Green (1973), essenciais para rememorarmos *après-coup* os efeitos de nossa intervenção. Essa descrição não é suficiente para a construção do pensamento clínico, mas ela permite, segundo Paré (1987), a reapropriação da experiência a qual é o primeiro passo para a sua reflexão.

As transcrições dessas estagiárias denotam, portanto, como esses primeiros registros por escrito da experiência podem ser configurados como narrativas da experiência que apresentam as primeiras marcas de uma escritura e os primeiros esboços de uma narrativa de formação, conforme formula Thibault (2002). Isto porque o próprio ato de transcrever se configura como um dos terceiros necessários, termo utilizado por Green (2002), para a construção do saber, pois esse ato exige que o seu narrador se distancie da experiência bruta, aquela da ação, e rabisque no papel, na forma escrita, os primeiros vestígios deixados pela experiência em sua memória. Esse é um primeiro distanciamento possibilitado pelo ato de produzir uma memorização do desenvolvimento da entrevista. O segundo distanciamento propiciado vem da própria reflexão realizada pelo autor da escritura ao longo do ato de transcrever, tendo em vista que esse ato permite que ele ‘olhe’ a experiência à distância e esboce as primeiras impressões provocadas por esse ‘olhar’.

Esse segundo movimento pode ser delineado em nossa pesquisa através das observações transcritas pelas estagiárias em que se evidenciam as tomadas de consciência dessas alunas acerca das cenas descritas. Por exemplo, elas registram: ato falho, resistência, fuga e contradição de suas pacientes, mas afirmam também que elas esqueceram ou negaram tal acontecimento, que elas deveriam ter pontuado tal comportamento ou tal ato falho, etc.

O terceiro distanciamento é produzido pela discussão desses registros com os pares. É nesse espaço que a supervisão, no caso a acadêmica, ocupa um lugar definitivo. Ela compõe, junto com a transcrição ou memorização do desenvolvimento da entrevista, bem como junto com outros dispositivos que fizeram parte da prática de estágio que essas estagiárias-terapeutas experienciaram, como as discussões de caso, os estudos de caso, a análise institucional, os relatórios de estágio e os módulos teóricos, um outro tempo da construção do pensamento clínico. Isso não quer dizer que o registro da experiência necessite ser no formato escolhido pelas nossas estagiárias. Pelo contrário, como sugere Band (1995), a escolha de uma supervisão que procure as significações dos acontecimentos do campo transferencial, de forma a estabelecer e restabelecer – sempre provisoriamente – a estruturação da teia inconsciente que lhe é própria, traz como uma de suas conseqüências que as decisões sobre as características da supervisão somente podem ser constituídas pelo par supervisionando-supervisor, ao longo dos encontros e não estabelecidas a priori. Esse espaço terceiro, assim como os demais terceiros, são imprescindíveis para que ocorra a reflexão da experiência narrada cujo efeito é o distanciamento necessário para a construção dos saberes de alteridade. A supervisão é um espaço, como afirma Marques (2000), de criação de novas possibilidades de pensar em que se apreende o que já faz parte de si mesmo. É um lugar em que o estudante tenta formular articulações entre a sua prática e a teoria, intermediado pela escuta desse terceiro, o supervisor, e pelos outros elementos terceiros, entre eles, o seu registro da experiência. É um espaço de questionamento e de interrogação dos saberes constituídos, cujo efeito é a abertura de sentidos, a produção de novas associações e a composição de novas narrativas. Assim, podemos ultrapassar os saberes pré-concebidos, passar pelos saberes frutos da experiência e chegarmos aos saberes de alteridade, que é fruto da reflexão construída com os terceiros. Cifali (2003) refere que a construção dos saberes de experiência e de alteridade não se realiza no abstrato. O formador, segundo ela, pode utilizar as narrativas da prática para deixar entrever como um profissional reflete a sua prática, mas isso não é suficiente. É preciso construir os dispositivos em que o estudante ponha em prova as situações falando nelas, compartilhando-as, observando-as *après coup*, compreendendo sua incompreensão, colocando questões, não tendo medo de suas incompetências, aceitando seus limites

momentâneos para construir o saber futuro. Essa capacidade de falar, em formação inicial, é muito importante nesse processo de formação porque ela supõe uma palavra que não se inibe diante de um iniciante que ainda não confia em sua prática e que idealiza o saber do formador. Para que essa palavra surja é necessário construir um respeito e um clima de criação. Tais dispositivos deveriam, afirma Cifali, se situar fora de uma situação de avaliação, pois nossa capacidade de pensar se desenvolve em um espaço que escapa à sanção, o que não significa que não é necessária nem possível a avaliação.

Os paradoxos esboçados nessa pesquisa a partir da prática clínica de nossas estagiárias reiteram as concepções de que o pensamento clínico se apóia na prática clínica e, nesse sentido, é impossível antecipar qualquer intervenção e, conseqüentemente, formar a priori o pensamento clínico. Ele exige para a sua formação a práxis clínica, a passagem pela experiência bruta, a partir da qual todos os saberes constituídos poderão ser questionados, indagados e reformulados. Ele exige ainda a discussão dessa práxis com os pares e, por isso, o pensamento clínico é um saber em constante formação, colocado em questão sistematicamente. Em outras palavras, podemos dizer que o pensamento clínico é construído como efeito da desconstrução e da reconstrução permanente dos saberes. Para isso, os formadores precisam criar dispositivos que permitam a reflexão dessa ação *après-coup* e, em decorrência, o distanciamento da mesma para que o estudante possa compor a sua versão dessa experiência e construir o seu saber, que é sempre provisório. Nesse sentido, o processo de formação da escuta e do pensamento clínico é contínuo, sistemático e um percurso singular intermediado pelos terceiros. Assim, cada percurso narrado já é, pelo próprio efeito de sua narração, uma história em desconstrução que abre espaço para uma história ainda não narrada.

REFERÊNCIAS

- Abels-Eber, C. (2000). Enfants placés et construction d'historicité. Paris: L'Harmattan.
- Aguirre, A. M. de B., Pinto, E. B., Becker, E., Carmo, H. M. & Santiago, M. D. E. (2000). A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia. Psicologia USP, 11 (1), 29-48.
- Aristóteles (1992). Poética (Eudoro de Souza, Trad.). São Paulo: Ars Poetica. (Original publicado em torno de 335 a.C.)
- Band, Ar. (1995). Supervisão: A permanente fugacidade do sentido buscado. Pulsional, 78, 6-18.
- Benjamin, W. (1983). Le narrateur. Réflexions sur l'oeuvre de Nicolas Leskov. Em Maurice de Ganlillac (Org.), Essais 2. Paris. (Original publicado em 1935)
- Bergès, J. & Balbo, G. (1997). A Criança e a Psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bertrand, M. (1998). Valeur et limites du narratif en psychanalyse. Em Michèle Bertrand (Org.), Psychanalyse et récit. Stratégies narratives et processus thérapeutiques (pp. 9-19). Besançon: Presses Universitaires Franc-Comtoises.
- Bertrand, M. e Baldacci, J-L. (1998). Argument. Revue Française de Psychanalyse, 3 (LXII), 709-711.
- Bonnafé, M. (1995). Le passage au temporel: d'un "arrêt sur image" à une trajectoire de conte. Revue Française de Psychanalyse, 4, 1063-1070.
- Bruner, J. (1990). Acts of meaning. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bruner, J. (1998). Realidade mental, mundos possíveis. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cifali, M. (2003). Démarche clinique, formation et écriture. Material pedagógico apresentado no Seminário Écritures, no curso Ciências da Educação, Université de Nantes, França.
- Cesar, C. M. (1998). O problema do tempo. Em Constança Marcondes Cesar (Org.), Paul Ricoeur. Ensaaios (pp. 27-37), São Paulo: Paulus.
- Costa, A. (2001). Corpo e escrita. Relações entre memória e transmissão da experiência. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Dartigues, A. (1998). Paul Ricoeur e a questão de identidade narrativa. Em Constança Marcondes Cesar (Org.), Paul Ricoeur. Ensaaios (pp. 7- 25), São Paulo: Paulus.
- Dolto, F. (1980). Prefácio (Roberto Cortes de Lacerda, Trad.). Em M. Mannoni (Org.), A primeira entrevista em psicanálise (pp. 9-30). Rio de Janeiro: Campus. (Original publicado em 1979)
- Dolto, F. (1990). Séminaire de psychanalyse d'enfants 2. Paris: Éditions du Seuil.

- Dunn, J. (1988). The beginnings of social understanding. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Estatuto da Criança e do Adolescente (1991). Brasília: Ministério da Saúde.
- Fivush, R. (1991). The social construction of personal narratives. Merril-Palmer Quarterly, 37 (1), 59-82.
- Freud, S. (1976). Além do princípio do prazer (Christiano M. Oiticica, Trad.). Em J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 18, pp. 17-90). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920)
- Freud, S. (1976). Conferência XXXI. A dissecação da personalidade psíquica (José L. Meurer, Trad.). Em J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 22, pp. 75-102). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1933 [1932])
- Freud, S. (1976). Construções em análise (José O. de Aguiar Abreu, Trad.). Em J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 23, pp. 290-304). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1937)
- Gagnebin, J. M. (1999). História e narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectiva.
- Gaulejac, V. de (2000). Préface. Em Christine Abels-Eber (Org.), Enfants placés et construction d'historicité (pp. 7-9). Paris: L'Harmattan.
- Green, A. (1973). L'enfant de ça. Psychanalyse d'un entretien: la psychose blanche. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Green, A. (2002). La pensée clinique. Paris: Éditions Odile Jacob.
- Gutfreind, C. (2002). La psychothérapie de groupe à travers les contes: une expérience clinique avec les enfants placés en foyer. Psychiatrie de l'enfant, 1 (XLV), 207-245.
- Gutfreind, C. (2003). O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Harel, S. (2001). La démesure de la voix. Parole et récit en psychanalyse. Québec: Liber.
- Kaës, R. (1993). Introduction: Le sujet de l'héritage. Em R. Haës, H. Faimberg, M. Enriquez & J. J. Baranes (Orgs.), Transmission de la psychique entre générations (pp.1-16). Paris: Dunod.
- Kehl, M. R. (2001). Prefácio. Em A. Costa (Org.), Corpo e escrita. Relações entre memória e transmissão da experiência (pp. 11-24). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Kohn, M. (1998). Le récit dans la psychanalyse. Ramonville Saint-Agne: Editions Erès.

- Kristeva, J. (1998). Auto-érotisme et paranóia dans l'acte narratif. Em Michèle Bertrand (Org.), Psychanalyse et récit. Stratégies narratives et processus thérapeutiques (pp.37-47). Besançon: Presses Universitaires Franc-Comtoises.
- Jouthe, E. (1996). Enjeux éthiques de l'utilisation dès récits de pratique dans la formation des intervenants sociaux. Em D. Desmarais & J. M. Pilon (Orgs.), Pratiques des histoires de vie. Au carrefour de la formation, de la recherche et de l'intervention (pp. 71-87). Paris: L'Harmattan.
- Lacan, J. (1996). Escritos. São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1966)
- Lani-Bayle, M. (1997). L'histoire de vie généalogique. D'edipe à hermès. Paris: L'Harmattan.
- Lani-Bayle, M. (1999). L'enfant et son histoire. Vers une clinique narrative. Ramonville Saint-Agne: Editions Erès.
- Lebovici, S. & Diatkine, R. (1988). Significado e Função do Brinquedo na Criança. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lisbona, Y. (1995). Sobre a prática da supervisão. Pulsional, 78, 29-33.
- Mannoni, M. (1980). A primeira entrevista em psicanálise. Rio de Janeiro: Campus. (Original publicado em 1979)
- Mannoni, M. (1986). De um impossível a outro (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1982)
- Marin, I. da S. K. (1999). Febem, família e identidade: O lugar do outro. São Paulo: Escuta.
- Marques, S. F. (2000). Narrativa e supervisão na psicanálise. Psychê Revista de Psicanálise, IV (5), 105-115.
- Morin, E. (1990). *Introduction à la pensée complexe*. Paris: ESF.
- Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986, 2ª ed.). Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.
- Paré, A. (1987). Le journal, instrument d'intégrité personnelle et professionnelle. Québec: Centre d'integration de la personne de Québec Inc..
- Quinet, A. (1993). As 4+1 condições da análise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- Ricoeur, P. (1994). Tempo e Narrativa. Tomo I (Constança Marcondes César, Trad.). Campinas: Papirus. (Original publicado em 1983)
- Ricoeur, P. (1995). Tempo e Narrativa. Tomo II (Marina Appenzeller, Trad.). Campinas: Papirus. (Original publicado em 1984)
- Rodolfo, R. (1990). O brincar e o significante: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Thibault, M.-C. (2002). Wilhelm Meister de Goethe, un personnage entre récit d'expérience et récit de formation. Chemins de Formation au fil du temps, 4, 36-46.
- Todorov, T. (1967). Littérature et signification. Paris: Larousse.
- Todorov, T. (1987). La notion de littérature et autres essais. Paris: Éditions du Seuil. (Original publicado em 1978 sob o título: Les genres du discours, Paris: Éditions du Seuil).
- Todorov, T. (2001). Théorie de la littérature. Textes des formalistes russes. Paris: Éditions du Seuil. (Original publicado em 1965)
- Vermesch, P. (1994). L'entretien d'explicitation. Paris: ESF.
- Weil, D. (1998). Roman ou mythe, les chemins du sujet-parlant en psychanalyse. Em Michèle Bertrand (Org.), Psychanalyse et récit. Stratégies narratives et processus thérapeutiques (pp.21-35). Besançon: Presses Universitaires Franc-Comtoises.
- Yin, R. K. (2001). Estudo de caso. Planejamento e métodos (Daniel Grassi, Trad.). Porto Alegre: Bookman.

**O PROCESSO DE COMPOSIÇÃO NARRATIVA NO ENCONTRO
TERAPÊUTICO: (DES)CONSTRUINDO AUTORIAS.**

ANEXOS

Luciane De Conti

Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia
sob orientação da Professora Dra. Tania Mara Sperb

Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Abril de 2004

ANEXO A**Modelo de consentimento informado (acadêmicas de Psicologia)**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Curso de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento

Consentimento Informado

Pelo presente consentimento, declaro que fui informada desde o princípio, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa da presente pesquisa que buscou investigar “O processo de composição narrativa no processo terapêutico: (des)construindo autorias”. Declaro também ter conhecimento de que a referida pesquisa utiliza como fontes de seus dados: a) a descrição escrita acerca do desenvolvimento das entrevistas realizadas por mim enquanto estagiária de Psicologia Clínica pelo Curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) em um abrigo municipal; b) os comentários e discussões acerca dessa prática de estágio realizados em supervisão acadêmica na Unisc cuja responsável pela supervisão é a pesquisadora.

Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa; terei total liberdade para retirar o meu consentimento, a qualquer momento, e retirar o meu material que é fonte dos dados, sem que isso traga prejuízo ao andamento do estágio e da minha formação em Psicologia.

Entendo que não serei identificada, que a identidade do meu paciente e da instituição em que foi realizado o estágio serão mantidos em sigilo.

A pesquisadora responsável por essa pesquisa é a supervisora acadêmica pela Unisc e psicóloga Luciane De Conti, que poderá ser contatada pelo telefone (051) 3717.7388.

Data: 18/04/2004

Acadêmica do Curso de Psicologia/Unisc

ANEXO B**Modelo de consentimento informado (coordenação da instituição)**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Curso de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento

Consentimento Informado

Estamos realizando um estudo a fim de compreender o processo de composição narrativa no acompanhamento terapêutico tendo como foco principal a intervenção clínica do estagiário de Psicologia responsável por esse tratamento. Esperamos que essa pesquisa possibilite tanto uma melhor compreensão do papel da narrativa no percurso terapêutico quanto uma reflexão sobre a formação do psicólogo no campo clínico. Para isso, utilizamos as descrições do desenvolvimento das entrevistas realizadas pelos estagiários de Psicologia Clínica com as crianças, as quais eles são os responsáveis pelo tratamento psicológico, de Vossa instituição. Essas descrições são registradas por escrito pelos estagiários após o término das entrevistas. Outra fonte de dados para o referido estudo são as reflexões acerca do estágio produzidos no espaço da supervisão acadêmica na Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Portanto, salientamos que a fonte de nossos dados é o material produzido pelos estagiários de psicologia a partir do acompanhamento terapêutico dos pacientes pelos quais eles são responsáveis em Vossa instituição.

Os dados obtidos nesse estudo serão mantidos em sigilo e utilizados somente para fins da pesquisa. Os participantes e a instituição não serão identificados e o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a privacidade dos mesmos será mantido. As descrições, fonte desse estudo, ficarão sob os cuidados da pesquisadora Luciane.

Os pesquisadores responsáveis por essa pesquisa são a Profa. Dra. Tania Mara Sperb e a supervisora acadêmica pela Unisc e psicóloga Luciane De Conti, que poderá ser contatada pelo telefone (051) 3717.7388.

Pelo presente Consentimento, declaramos termos sido informadas, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa da presente pesquisa intitulada “O processo de composição narrativa no encontro terapêutico: (des)construindo autorias”. Dessa forma, autorizamos a utilização da descrição do desenvolvimento das entrevistas

realizadas pelas estagiárias de Psicologia Clínica da Unisc cuja prática de estágio foi realizada em nossa instituição.

Data: 18/04/2004.

Coordenador(a) da instituição

Psicólogo(a) da instituição

Luciane De Conti
Pesquisadora responsável

ANEXO C

Caso Fabiane-Karine:

Narrativas codificadas de acordo com as proposições que compõem o ciclo narrativo.

Primeira entrevista K. (16/05):

Temática: Regras do atendimento.

Pn	Descrição da narrativa 1
Pn1	<p>(Ao entrar na sala de atendimento): F.: K. se tu quiseres pode sentar? K.: Onde? F.: Aqui nas almofadas, nas cadeiras, onde tu quiser? K.: No chão. (Sentou-se no tapete).</p>
Pn2	<p>F.: K., tu sabes o motivo de tu estar aqui hoje? K.: Não.(Ri). F.: Tu sabes o porque de estarmos conversando aqui? K.: Não. (Ri). F.: A tia Lara (psicóloga da instituição), já não havia conversado contigo sobre vir aqui? K.: Tinha. F.: E então? (K. ri, mexendo na roupa).</p>
Pn3	<p>F.: Pois é, vocês conversaram que este seria um espaço para ti, para falar de coisas tuas e eu vou estar aqui para te ouvir e te ajudar. Tá bom! K.: Arrã! (Fazendo que sim com a cabeça)... F.: K, temos que combinar algumas coisas. Tá? K.: Tá. F.: Primeiro, é combinar contigo que nosso horário é quintas-feiras, toda semana. Tá? K.: Tá. (Ri). F.: Nosso horário é quinta-feira, às 15:30. (Mostrei para ela que o horário era quando os dois ponteiros do relógio estavam no três). Tá bom? K.: Tia, tu vai conversar comigo todo dia? F.: Não K., só nas quintas-feiras, uma vez por semana, assim tu entendes? K.: (K. balança a cabeça concordando). Arrã! F.: Outra coisa muito importante é que nesse nosso horário, teremos 45 minutos para conversar. (Mostrei para K. no relógio e expliquei que o ponteiro maior iria para o nº 12 e o menor para o 4). Certo! K.: Certo! (Ri). F.: Nesse tempo que estamos aqui tu podes conversar o que tu quiser, que eu vou guardar segredo e não vou contar pra ninguém. Tá! (K. concorda com a cabeça). K., tu já deve ter visto que aqui nesta sala tem um monte de brinquedo, durante o tempo que tu estiver aqui dentro da sala, tu podes pegar todos eles pra brincar, mas depois que tu terminar de usá-los, tem que guardá-los no mesmo lugar. Tá! K.: Tá! F.: Sabe K., estes brinquedos devem ficar aqui, pois nesta sala outra psicóloga, estagiária, também ocupa para conversar com outras, assim como eu também converso com outras crianças. K.: Tu conversa com outras crianças?</p>

	<p>F.: Sim, converso.</p> <p>F.: K., tu sabes que estou aqui pra te ajudar, para conversar contigo, se tu faltares, não vier três vezes (mostrei nos dedos), a tia vai pensar que tu não quer mais conversar comigo e vai fazer outra coisa neste espaço.</p>
Pn4	<p>K.: E se eu tiver doente?</p> <p>F.: Aí as tias vão avisar para mim, aí não vai ter problema.</p> <p>K.: Eu tava doente.</p> <p>F.: Tu estavas doente...</p> <p>K.: Eu tenho muito piolho. Agora eu passei xampu.</p> <p>F.: Tu pegou piolho? (K. concorda com a cabeça. Neste momento, tive que pedir para algumas crianças saírem da janela, mas como não saíram pedi licença e fechei a mesma, pois estavam espiando, falei que aquele momento eu precisava conversar somente com a K.).</p>
Pn5	

Temática: Família

Pn	Descrição da narrativa 2
Pn1	
Pn2	<p>K.: Na casa da minha mãe tem uma sala igual a essa.</p> <p>F.: Igual a essa?</p> <p>K.: Igual a esta!</p> <p>F.: E como é esta sala?</p>
Pn3	<p>K.: Tem uma porta de madeira. (Ela fala alguma coisa que eu não entendi. Ouvi apenas eu gosto da minha mãe...).</p> <p>F.: K., eu não entendi o que tu falou, tu pode falar de novo, devagar.</p> <p>K.: Eu tenho uma irmã.</p> <p>F.: Você tem uma irmã apenas?</p> <p>K.: Eu tenho uma irmã e um irmão aqui e uma outra irmã com a minha mãe. (Fica sorrindo e deitando-se no chão). Olha tia, eu sei desenhar um coração. (Desenha o coração com os dedos no tapete).</p> <p>F.: K., se precisar ou quiser, tem folha, giz de cera e lápis de cor em cima da mesa ali.</p> <p>K.: Olha aqui tia, um coração se faz assim. (K. vai demonstrando, fazendo no tapete). A minha professora diz giz de cera lápis. Eu vi a minha vó...</p> <p>F.: Tu viu a tua vó?</p> <p>K.: Eu vi ela, lá no conselho... Olha tia eu sei dar um mortal.</p> <p>F.: K., o que é um mortal?</p> <p>K.: Quer ver eu te mostrar, eu levanto os pés retos.</p> <p>F.: Como?</p> <p>K.: Assim! (K. planta uma bananeira). Eu sei fazer um mortal sem botar a cabeça no chão. (K. tenta, mas não consegue). Me ajuda tia, segura meus pés. (Ao me levantar para ajudá-la, ela diz): Não precisa, eu não consigo.</p>
Pn4	
Pn5	

Temática: 'Esconder o botão'.

Pn	Descrição da narrativa 3
Pn1	<p>(K. acha tipo um botão no chão).</p> <p>K.: Tia, é uma roda. (K. começa a jogar o botão em minha direção, vai buscá-lo). Vou jogá-lo numa rampa. (A rampa é um friso no tapete. K. joga forte e o botão vai para baixo do armário. K. busca, retorna a jogar o botão na rampa e perde o botão).</p>

Pn2	K.: Eu vou tirar a rampa. (K. empurra os frisos do tapete de um lado para o outro). Olha tia! (K. começa a empurrar os frisos no sentido oposto até esbarrar numa almofada).
Pn3	K.: Eu vou escondê-lo aqui! Não, vou tirá-lo daí. (K. faz um movimento de ir e voltar empurrando o friso).
Pn4	K.: Vou deixá-lo aqui! (K. esconde o botão atrás da almofada).
Pn5	

Temática: 'Ela chorou'.

Pn	Descrição da narrativa 4
Pn1	(Neste instante, K. vê a boneca que fica na frente da almofada e a pega, puxa o cabelo). K.: Puxei o cabelo dela, não só passei a mão. (K. passa a mão no cabelo da boneca). Deita aí! (K. falou para a boneca colocando-a na almofada. K. pegou a boneca rapidamente e a boneca chorou). Ela fez barulho...
Pn2	F.: Fez, ela chorou. K.: Como? F.: Quando você vira ela pra baixo, ela chora, assim. (Fui demonstrar, mas a boneca está estragada, não funcionou, insisti algumas vezes). K., acho que está estragada. K.: (K. pegou a boneca e repetiu a cena). Alguém arrotou. F.: Quem?
Pn3	K.: Lá fora! (K. pega a boneca pelas mãos fazendo a boneca pular e ela chora). Ela chorou tia! F.: Chorou! K.: Tia eu vou lavar ela. (Foi tirando a roupa da boneca e começou a coçar a cabeça). Eu tenho muito piolho. F.: Eles estão incomodando? K.: Não, eu botei xampu. (K. leva a boneca do outro lado, faz de conta que liga um chuveiro na parede). Tsiiii! Já lavei! Vou botar a roupa! (Vai botando a roupa). Vou passear com ela! (K. caminha um pouco com a boneca). Vou botar ela para dormir naquele carrinho que tem um nenê. (K. refere-se a um brinquedo que estava no outro canto da sala). Não, vou botá-la no caminhão (brinquedo que estava ao lado). Eu sei andar com este carrinho. (Pega o carrinho com o bebê). Ta muito pesado! F.: Quer ajuda? K.: Não, eu consigo! (Traz o carrinho e senta-se ao meu lado, tira o bebê). Vou trocar de roupa! (Pega um macacão pequeno para a boneca, tenta vestir a força, desata um tope).
Pn4	F.: Eu acho que esta roupa é pequena para o bebê, tu não acha? K.: Tia, ata pra mim? (Eu ato o tope). Olha o bebê, olha para outra roupinha no carrinho. Essa roupa serve. (Troca o bebê.)
Pn5	F.: K. nosso tempo está acabando. K.: Vou guardar o carrinho! (Leva o carrinho e põe ele no lugar). Vou botar a boneca sentada no lugar (a boneca que havia deixado dormindo no caminhão). Preciso ir no banheiro. (Mostro o banheiro para ela. K. vai ao banheiro e retorna). F.: Tchau K! Até a semana que vem. (Vamos nos dirigindo até a porta). K.: Tchau!

Segunda entrevista K. (23/05):

Temática: 'Amarra para mim'.

Pn	Descrição da narrativa 5
Pn1	F.: Oi! K.: Oi! F.: Quer sentar K? K.: Arrã. (Fica me olhando). No chão! F.: Eu vou me sentar junto no chão, posso? K.: Arrã. (Silêncio e risos).
Pn2	F.: K., tu lembra do que a gente combinou, na semana passada, sobre este nosso espaço?
Pn3	K.: Sim... Depois é a Amanda que vem conversar. F.: A Amanda é atendida aqui pela outra psicóloga, mas agora este espaço é teu, pra tu falar das tuas coisas, o que te incomoda, porque eu estou aqui pra te ajudar. Neste espaço, a sala e os brinquedos são usados por ti, desde que depois tu guarde os brinquedos para que as outras crianças também possam usar...
Pn4	K.: Tia, eu sei amarrar meus tênis. Quer ver? F.: Tu quer me mostrar? K.: Quero! (K. tenta desamarrar o nó) A tia deu dois nós. (Continua tentando). Me ajuda tia, não, não precisa, já consegui. (K. tenta amarrar o tênis, mas não consegue). Amarra pra mim tia? F.: K., tu não sabe amarrar teus tênis? K.: Não. F.: Tu quer aprender a amarrar?
Pn5	K.: Sim. F.: (Mostrei para ela como se dava um tope, desfiz). Agora tu quer tentar? K.: Quero (ela tenta), não consigo, tu me ajuda tia? (Eu ajudei a amarrar o tênis.)

Temática: Família.

Pn	Descrição da narrativa 6
Pn1	K.: Tia, tem um espinho aqui? F.: Onde? K.: No tapete de cavalo. (Ri). Tirei!
Pn2	F.: Isto é um tapete de cavalo? K.: É, estes cabelos vão em cima do cavalo para não machucar quem senta. F.: Agora entendi, este pelego vai em cima do cavalo. K.: É, eu vi lá na minha vó. F.: A tua vó tem cavalo?
Pn3	K.: Tem, com este pêlo em cima e com umas coisas nos olhos. (K. pega a boneca que está no chão rapidamente). A minha mãe deu para a minha irmã uma boneca que chora e tem batom, brinco ... e pro meu irmão um carrinho que tem pilha. F.: E pra ti, o que a tua mãe deu? K.: Ela só me deu uma boneca que chora. (K. estava manuseando a boneca, brincando de largar as mãos e segurá-la com os pés). Olha tia como a boneca não cai. (larga a boneca).
Pn4	
Pn5	

Temática: ‘Comer massa de modelar’.

Pn	Descrição da narrativa 7
Pn1	<p>K.: Lá na minha escola, da minha professora, tem um canto que eu faço bambolê e também dou um mortal (referindo-se a plantar bananeira). Quer ver eu fazer uma estrelinha?</p> <p>F.: Quer me mostrar? (K. vira uma estrelinha, tira os tênis, bota no canto e começa a rir e rolar no chão. Vê um pingo de massa de modelar no chão de cimento onde está quebrado).</p>
Pn2	<p>K.: (...) foi isso que eu comi lá no projeto, é doce, é ruim?</p> <p>F.: Tu comeu massa de modelar?</p>
Pn3	<p>K.: Comi, tem açúcar, é ruim, ficou aqui na minha garganta (a massa de modelar era verde), isso vai no café?</p> <p>F.: O que vai no café?</p> <p>K.: Isso! Não, o açúcar é que vai no café.</p>
Pn4	
Pn5	

Temática: Família.

Pn	Descrição da narrativa 8
Pn1	<p>K.: (K. rola pelo chão.) A minha irmã faz assim, porque ela é pequena não sabe caminhar (mostrando que ela se arrasta e engatinha), agora ela caminha bem devagarinho, ali no berçário, eu também fui ali no berçário com as tias. Olha tia! Olha! Eu também faço assim (se arrasta no chão), mas é mais ligeiro, fecha os olhos tia. (K. queria mostrar que vinha ligeiro).</p> <p>F.: Fechar os olhos?</p> <p>K.: É, daí quando tu abrir eu vou estar aqui.</p> <p>F.: (Fechei os olhos, e ela demonstrou).</p> <p>K.: Viu!</p> <p>F.: Vi.</p>
Pn2	<p>(K. pega a boneca novamente ela chora e ela ri).</p> <p>F.: K. tu gosta quando a boneca chora?</p> <p>K.: Não! A minha mãe deu para mim uma boneca, mas não é assim.</p> <p>F.: E como é a boneca.</p>
Pn3	<p>K.: Ela não tem nada, pra minha irmã ela deu uma boneca (eu não me lembro mais: que tinha mais acessórios?) e pro meu irmão um caminhão como este (que estava no outro canto da sala) com isto (tampa traseira)! Vou botar a boneca sentada. (K. foi guardar o caminhão. K. viu um cavalo de brinquedo). Este cavalo não é de verdade, não gosto dele.</p> <p>F.: Tu não gosta deste cavalo de brinquedo.</p> <p>K.: Não, eu só gosto de cavalo de verdade, que tem este pêlo (tapete) que a minha mãe tem, mas eu não gosto da minha mãe.</p> <p>F.: Tu não gosta da tua mãe?</p> <p>K.: Não.</p> <p>F.: Tu já falou na tua mãe várias vezes hoje, tu quer dizer como é a tua mãe?</p> <p>K.: Não. (ri)</p> <p>F.: Mas, como ela é contigo?</p> <p>K.: Eu não gosto dela, eu gosto do cavalo que foi lá pro campo da minha vó, prá pastar.</p> <p>F.: O nosso tempo acabou, tchau, até a semana que vem.</p> <p>K.: Tchau tia.</p>
Pn4	
Pn5	

- Diferença, ciúme dos irmãos – raiva da mãe.

- Sente falta da casa, cavalo da mãe não.

OBS: Como as crianças iriam na pracinha passear, tive que falar com a K. para saber se preferia ir ao atendimento ou ir passear. Em nenhum momento ela hesitou, respondeu rapidamente, duas vezes, “eu quero conversar”.

Terceira entrevista K. (06/06):

Temática: ‘Falar das tuas coisas’.

Pn	Descrição da narrativa 9
Pn1	(Obs: A K. teve que ser acordada para poder comparecer na sessão). F.: Oi. K! K.: Oi, tia! (K. senta-se no tapete, no chão). F.: Antes de tu começar, eu gostaria de poder combinar uma outra coisa contigo. Tá bom? K.: Tá! (Ela fala bocejando).
Pn2	F.: Bem K., como tu podes perceber nosso horário teve que ser modificado para mais cedo. Tem algum problema? K.: Tem! F.: Tem problema se nós tivermos que modificar teu horário de atendimento, para um pouco mais cedo, como hoje?
Pn3	K.: Não. F.: Podemos então deixar certo que teu horário será sempre a 1h30, para quando tiver passeio tu poder ir ao passeio e vir no atendimento, tá certo? K.: Tá! F.: Bem K., lembra o que mais nós tínhamos combinado? K.: Arrã! (K. fala bocejando. Silêncio). F.: K. lembra que este espaço é para tu falar sobre as tuas coisas e que eu estarei aqui para te escutar e te ajudar? K.: Lembro! F.: Tu lembra, também, que tudo que tu falares aqui eu vou guardar segredo? K.: Sim. (K. fica mexendo no cadarço do tênis). Agora eu sei amarrar o tênis, minha professora me ensinou, quer ver, vou te mostrar! (Ela tenta amarrar o tênis e não consegue). Tia, amarra pra mim? F.: K., tu quer que eu te ajude a amarrar teus tênis? K.: Quero! (Mostro para ela como se amarra o tênis. K. fica olhando o tênis). A minha prof(a) me xingou porque eu mexi na cadeira, aí ela me xingou e eu chorei. F.: E o que foi que a tua prof(a) te xingou? K.: Ela pediu para eu ficar quieta. F.: E o que tu fizeste? K.: Nada, eu tava brincando quietinha, sentada na cadeira.
Pn4	
Pn5	

Temática: ‘Eu sei’.

Pn	Descrição da narrativa 10
Pn1	
Pn2	K.: Tia! Tia! Olha, eu tirei a florzinha do meu tênis. F.: Tu tirou? K.: Tirei uma florzinha iguais a estas outras (K. mostra no tênis algumas

	<p>flores). Tu sabe desenhar flor? F.: Tu queres desenhar K.?</p>
Pn3	<p>K.: Quero. F.: As folhas e os lápis estão em cima da mesa. (K. dirige-se para a mesa e senta). Aqui estão as folhas e os lápis de cor, mas tu lembras que tu podes usar tudo que tem aqui na sala, desde que tu arrume tudo como estava, por causa dos outros atendimentos que acontecem aqui. K.: (K. começa a pintar as bordas. Pega um lápis preto). Desenha uma flor para mim pintar.</p>
Pn4	<p>F.: K., tu sabe desenhar! K.: Sei, mas flor não, desenha tia, me ajuda? F.: Vou desenhar, então. (Desenho). K.: (K. começa a pintar uma pétala de cada cor). Lá na escola eu também pinto e eu sei as cores, esta é forte (referindo-se ao verde), esta é roxo, é esta, é esta (mostra um lápis de cor parecido na caixa dos lápis de cor). Tia, desenha outra flor? F.: Tu não queres desenhar? K.: (K. começa a desenhar). Eu sei desenhar!</p>
Pn5	<p>F.: O que tu desenhou? K.: Um sol! F.: E o que é isto? K.: É os olhos.... o nariz.... e a boca. (Continua). F.: E agora o que tu desenhou? K.: Outro sol, tia desenha outra flor, porque eu quero pintar. (Desenho outra flor). Olha, eu sei pintar, tia pinta uma (pétala). F.: Mas, não era tu quem queria pintar uma flor? (Neste momento, K. troca a cor do lápis e pinta esta pétala de marrom). Porque esta pétala é escura? K.: É uma folha. (Começa a desenhar algo embaixo das flores). F.: O que tu desenhou K.? K.: O vaso.</p>

Temática: Regras do espaço terapêutico.

Pn	Descrição da narrativa 11
Pn1	(K. vê um telefone e pega, começa a mexer, começa a tentar encaixar os números que devem passar nos buracos respectivos, mas não consegue encaixar nenhum, larga. Pega a máquina de escrever mexe um pouco, vai até o final e bate a sinetinha).
Pn2	<p>F.: K., nosso horário está acabando. K.: Vou levar meus desenhos para continuar lá em cima.</p>
Pn3	<p>F.: K., lembra que nós combinamos que houvesse segredo, pois é, mas para mim poder te ajudar vou precisar ficar com o teu desenho, tá bom? K.: Tá! F.: Tchau K., até a próxima semana. K.: Tchau! (Quando estávamos saindo e eu levava seu desenho, K. me disse): Me leva lá na frente. F.: K., eu tenho uma reunião com a tia Lara, não posso te levar junto. K.: Tu vai mostrar meu desenho para a tia Carmem (coordenadora da instituição)? F.: Não. K.: Mas, pode mostrar.</p>
Pn4	F.: Mas, lembra que a gente combinou que faríamos segredo sobre as coisas que falamos no atendimento.

	K.: Tá, então tá bom. Tchau! F.: Tchau!
Pn5	

Obs: falar com K. que estou ali para ouvi-la, mas que às vezes ela pode não querer falar, que talvez isto esteja sendo difícil para ela.

Quarta entrevista K. (17/06):

Temática: ‘Desenhar meninos e meninas’.

Pn	Descrição da narrativa 12
Pn1	F.: Oi K.! K.: Oi! (K. foi sentar em uma cadeira). Oh tia, tu sabia que lá no meu colégio vai ter festa de São João, de noite..., a minha prof(a) disse e nós temos que desenhar “meninos e meninas” (acho que foi isso que ela disse).
Pn2	F.: Vocês tem que desenhar o quê? (Pois, eu não havia entendido). K.: A prof(a) disse que vai ter festa de menina e meninos. F.: E como é esta festa? K.: Nós temos que desenhar para a festa... E eu coleí os desenhos numa cartolina que a prof(a) deu.
Pn3	F.: K., deixa ver se eu entendi, vocês tem que fazer desenhos de meninas e meninos para a festa de São João. K.: É, eu desenhei um foguete também... não, um fogo. F.: O que tu desenhou K.? K.: Um fogo e só... K.: (...)Tia tu sabe desenhar uma menina? Desenha pra mim? F.: K. este espaço é para ti, para podermos falar das tuas coisas, para ti dividir as tuas coisas. K.: É a Amanda que vem depois de mim... F.: Lembra que no primeiro dia ... (reforço do contrato) K.: A Amanda me viu no colégio e eu me abaixei e amarrei o cadarço do tênis bem rápido. F.: Tu já aprendeu a amarrar os cadarços dos tênis. K.: (Neste instante, K. pega um chiclete do bolso e diz): Eu guardei, ta bem limpinho). Arrã. Oh tia, eu não sei desenhar um menino, mas eu vou te ensinar a desenhar outra coisa. (Pegou folha e lápis). F.: K., tu falou em me ensinar a desenhar? K.: Não, eu vou te mostrar, quer ver? (Começa a esboçar em vermelho no canto, escola)...
Pn4	
Pn5	

Temática: Espaço terapêutico.

Pn	Descrição da narrativa 13
Pn1	
Pn2	K.: Tia tu sabia que a Amanda leva os trabalhinhos delas daqui desta sala, lá para a casa grande? F.: K., eu não sei exatamente qual é o combinado da Amanda com a psicóloga dela, mas tu sabe o nosso, né?
Pn3	K.: Sei, eu tenho que dar para ti, mas tia, pra quem tu mostra os meus trabalhinhos?

	F.: K., os teus trabalhinhas eu guardo para mim, para que eu possa te compreender melhor.
Pn4	
Pn5	

Temática: 'Amiga da escola'.

Pn	Descrição da narrativa 14
Pn1	
Pn2	<p>K.: (K. desenhava). Oh tia, a Amanda me persegue no colégio e eu não quero brincar, aí eu fujo.</p> <p>F.: K. me parece que tu está incomodada com a Amanda, não é?</p> <p>K.: É porque eu não quero mais brincar com ela.</p> <p>F.: E qual o motivo de tu não querer brincar com ela?</p>
Pn3	<p>K.: Porque eu quero fazer as coisas que a prof(a) pede no colégio. Oh tia, tu sabia que eu tenho uma amiga no colégio que é a Ana e ela namora com o Diego?</p> <p>F.: Com quem ela namora?</p> <p>K.: Com o Diego que mora aqui.</p> <p>F.: E como é esta tua amiga?</p> <p>K.: É a Ana. (K. terminou o desenho).</p> <p>F.: K., o que tu desenhou.</p> <p>K.: Uma mulher cabeluda, uma bicha louca, uma lua, um sol, um céu.</p> <p>F.: O que é isto? (Apontando para o que ela dizia ser um céu).</p> <p>K.: É um sol, não, é um céu. Tia, adivinha o que eu sei fazer?</p> <p>F.: K., é importante que tu ocupes o nosso espaço para falar as tuas coisas, eu não sei como adivinhar.</p> <p>K.: Adivinha o que eu vou fazer aqui na folha!</p> <p>F.: O que tu vais fazer?</p>
Pn4	<p>K.: Vou pintar, mas não com lápis de cor, nem com giz... (K. levanta da cadeira). Com uma coisa que brilha (K. guarda os lápis).</p> <p>F.: E com que tu vais pintar?</p> <p>K.: Com esta (cola colorida preta), tinta preta. (K. tenta lambuzar seu desenho, mas não consegue. Ela vai pegar outra cola verde e vai sentar-se). Parece uma mamadeira (referindo-se ao formato do tubo de cola. Silêncio enquanto abre a tampa). Eu como nata.</p> <p>F.: Tu come nata? (Tive que perguntar, pois não havia entendido).</p> <p>K.: É, eu como a nata que tem no café. (Borrou-se com a cola). Onde eu tiro a tinta vermelha (verde) das mãos.</p> <p>F.: Ali tem um banheiro! (Mostrando a porta do banheiro. K. lava-se e guarda as colas).</p>
Pn5	<p>F.: K. nosso horário acabou. Tchau! Até a outra semana!</p> <p>K.: Tchau! Até a outra semana.</p>

Temática: 'Machucados'.

Obs: Neguei isso, só me lembrei quando transcrevia quase metade dessa sessão:

Pn	Descrição da narrativa 15
Pn1	
Pn2	<p>K.: Olha tia, eu tenho um couro levantado. Aqui no dedo.</p> <p>F.: E como aconteceu isto?</p>
Pn3	<p>K.: Eu fui ajudar a tia a abrir um negocinho de comida e me furei (mexendo e puxando o couro).</p> <p>F.: Não está doendo?</p>

	<p>K.: Não dói, olha aqui (mexendo com o couro solto). Mexe aqui pra ti ver? F.: Não K., posso te machucar mais. K.: Não tia, não dói. F.: Mas, tu estás machucada no rosto também, pelo que estou vendo? K.: É foi o Diego. F.: E como aconteceu isto? K.: Ele passou um ferrinho aqui e me arranhou, mas eu tinha feito primeiro nele.</p>
Pn4	<p>F.: Como assim? K.: Eu tava lá com as tias desenhando e brincando com uma faquinha, aí o Diego quis pegar de mim a faquinha e me deu um chute aqui (mesmo lugar do arranhão), aí eu peguei um ferrinho que tinha ali e arranhei ele.</p>
Pn5	<p>F.: E ele o que fez? K.: Me arranhou também...</p>

Quinta entrevista K. (20/06):

Temática: 'Machucados'.

Pn	Descrição da narrativa 16
Pn1	<p>(K. chega sozinha ao atendimento). F.: Oi K.! (K. fica me olhando). Oi K.! K.: (Ri). Oi. F.: Queres sentar K.?</p>
Pn2	<p>K.: Não. (E me abraça). Eu não quero sentar tia, quero te abraçar. F.: Parece que tu estás com saudade?</p>
Pn3	<p>K.: (K. sorri e vai sentar no chão, fica olhando para as mãos, vê um corte no dedo). Olha tia! F.: Te machucou? (<i>Melhor: O que tu fizeste no dedo</i>). K.: Machuquei, na janela do quarto eu passei o dedo e raspou, daí esfreguei o dedo na cama (encenando no chão), olha tia! F.: O que K.? K.: Olha, não tem casca e não dói (apertando o corte).</p>
Pn4	
Pn5	

Temática: Família.

Pn	Descrição da narrativa 17
Pn1	
Pn2	<p>K.: (...)eu dei bala para a tia do berçário para ela dar pro meu irmão. F.: Tu dividiu tuas balas com o teu irmão? K.: É, com ele e com a minha irmã, daí eu dei pra tia do berçário, eu sempre reparto, outro dia minha mãe trouxe um salgadinho para mim e eu dividi com o Gerson e com a Nágila. F.: Tua mãe trouxe salgadinho para ti aqui na instituição?</p>
Pn3	<p>K.: Não, ela trouxe aqui no portão. F.: E como foi isto? K.: (K. fica sorrindo, rolando no tapete). Eu vou dormir aqui, quer ver? F.: Tu queres dormir? K.: (K. sorri). Eu durmo aqui se eu quiser. F.: E tu quer? K.: (K. continua se rolando) Olha tia, eu fui cheirosa para o colégio hoje, cheira</p>

	<p>aqui pra ti ver (mostrando o pescoço)? F.: É K., tem um cheiro bom, o que é? K.: Meu perfume... Eu queria dormir hoje de manhã, aí a tia levou só o Diego para o colégio? F.: Então, tu não foste para o colégio e ficou dormindo? K.: A tia levou só o Diego. F.: E tu K.? K.: Não, eu fui junto com a tia para o colégio. (K. pega a boneca que está sentada na almofada). Nas outras vezes que eu tive aqui, eu não peguei mais esta boneca. F.: E porque tu não pegou mais a boneca? K.: (Silêncio). Ela (boneca) cortou o cabelo? F.: Não K., o cabelo não foi cortado, porque tu acha que o cabelo foi cortado? K.: Foi sim, ta bem curtinho (fazendo chuquinha no cabelo da boneca). Eu quero fazer trancinha e prender o cabelo dela com borrachinha. F.: Se tu precisares, tem borrachinha no estojo em cima da mesa. K.: (K. bota a boneca sentada no lugar. O Diego vem na janela e eu peço que se retire. K. busca a caixa da Barbie). Vou botar os sapatinhos nas bonecas. (Fica tentando encontrar os pares, calça as bonecas, veste um maiô numa das bonecas e vai guardá-las). A minha irmã judia das bonecas. F.: E o que ela faz com as bonecas? K.: Ela bate nelas e em mim também. F.: E como ela bate em ti? K.: Ela atira pedra na minha boca. F.: E como é isso? K.: Eu tava fazendo uma casinha para mim brincar, com as coisas que a minha mãe me deu e a minha irmã me atirou uma pedra na boca e aqui (mostra as costas), mas daí eu também atirei pedra nela. (K. bota a boneca sentada. Ao ver o Diego na janela, K. olha um banquinho que está em baixo desta). A minha mãe deu para minha irmã um banquinho deste e a Nágila senta assim (encena e depois sobe no banco). E pro meu irmão ela deu uma cuinha de chimarrão.</p>
Pn4	<p>F.: E tu K.! K.: Pra mim ela não deu nada. Eu não quero e não preciso porque eu tomo chimarrão na cuia maior. Eu quero fazer trabalhinho! (Senta-se e pega uma folha). Eu não gosto de folha suja (referindo-se a folha que estava em cima das outras manchada com tinta de carimbo). F.: E qual motivo de não gostar de folha borrada? K.: Eu odeio. F.: E que a folha borrada te lembra? K.: (K. desenha). É um sol bichinho, com o lápis preto. F.: K. nosso tempo está acabando. K.: Eu não vou! (Desenha rapidamente). Olha um sorvete. F.: K., nosso tempo acabou e parece que tu tens bastante o que falar, mas nosso tempo já terminou, continuamos na semana que vem. K.: Não vou. (Contrato com ela). Não vou.</p>
Pn5	

Sexta entrevista K. (27/06):

Temática: Jogo de iguais.

Pn	Descrição da narrativa 18
Pn1	(K. vem ao atendimento sozinha e senta-se na porta). F.: Oi K.! K.: Oi tia! K.: (...)Eu não vou mais incomodar na janela da salinha. F.: E o que te fez decidir isso? K.: Nada. F.: Como assim? K.: É porque senão as outras crianças vão vir aqui incomodar, quando for o meu horário. (Ri e rola no tapete. K. trouxe junto alguns cartões de figurinhas, espalhou-os pelo chão).
Pn2	K.: Tia, vamos tentar achar as figuras iguais? F.: Tu queres jogar? K.: Arrã! (Vai jogando, mas nos cartões as figuras eram diferentes). F.: K., mas não tem como jogar para acharmos figuras iguais, porque estas figuras são todas diferentes, o que podemos fazer?
Pn3	K.: Não sei, mas eu queria jogar. (Silêncio). F.: Tu queres jogar para achar figuras iguais? K.: Arrã! F.: Talvez eu possa te ajudar, se tu quiser. K.: Eu quero, tia. F.: Ali no armário tem este jogo.(K. vai procurar e eu auxilio, montamos o jogo e iniciamos a jogar). K.: Eu vou ganhar de ti, tia! F.: Pode ser K., é um jogo, uns ganham e outros perdem. (O jogo prossegue, eu acabo terminando com mais peças). Quer contar K.? K.: Não, acho que eu ganhei. F.: Bom, se não contarmos, não saberemos e então... (K. mistura as figuras e começa a organizá-las lentamente na caixa e vai guardar). F.: Me parece K. que tu ficou chateada com o nosso jogo, nem quis saber o resultado. K.: Não!
Pn4	
Pn5	

Temática: 'Eu sei'.

Pn	Descrição da narrativa 19
Pn1	(K. começa a rolar no tapete e rir, abre o armário, olha e fecha, rola no chão, ri, pega a boneca sentada nas almofadas, olha, pega no colo, coloca novamente no lugar). Eu tinha uma boneca, eu levei ela pro colégio... Ela tinha uma calcinha assim (mostra até o joelho), aí eu quebrei.
Pn2	F.: E qual o motivo para que tu quebrasse a boneca? (K. sussurra). O que foi que tu disse? K.: Não foi eu, foi o João. F.: Como assim K.?
Pn3	K.: Foi o João que quebrou a boneca, lá no colégio. F.: E quem é o João? K.: É meu colega. Oh tia, eu sei cantar (ri), eu sei dançar (rola no chão). (K. olha os tênis, olha as meias). Olha tia, hoje as minhas meias são iguais, tem ratinhos

	<p>nela, ontem de noite eu amarrei meus tênis sozinha. F.: Agora tu conseguiste amarrar sozinha teus tênis? K.: Arrã! (Fica cantarolando). F.: Tu estás cantando K.? K.: É eu aprendi, quando eu saio com a minha tia Márcia. F.: Como assim? K.: Nós vamos na gruta, porque eu nem preciso das outras tias da instituição, eu me arrumo sozinha (continua cantarolando). Viu! F.: O que é para mim ver? K.: Eu sei cantar! Eu aprendi quando eu saio de carro sozinha com a tia Márcia. F.: E como é isto? K.: (Cantarola). É assim...</p>
Pn4	
Pn5	

Temática: 'Me ajuda'.

Pn	Descrição da narrativa 20
Pn1	
Pn2	<p>K.: (...) Oh tia, me ajuda. F.: Te ajudar o que? K.: Eu quero brincar, vou montar uma casinha. (K. separa algumas panelinhas de dentro do armário). Vou brincar sozinha! (Ri). Não, tia me ajuda?</p>
Pn3	<p>F.: Sim, o que tu queres que eu brinque contigo? (K. leva as panelinhas para perto da boneca, no chão, para nós arrumarmos. Auxilio ela, mas é ela quem coloca as coisas onde ela quer). E, então K., está arrumado? K.: Não, eu vou fazer um sofá (almofada) aqui para ti (bem ao lado do que ela havia arrumado). Não! Eu vou arrumar aqui para ti (almofada posterior), e aqui vai ser o meu lugar de dormir (bem ao lado). F.: Este lugar que tu me arrumou é para que? K.: É uma cama, aí eu durmo aqui do teu lado e aqui do meu lado é o teu sofá. F.: Mas, tu realmente quer dormir aqui? K.: Não! Eu quero brincar de mamãe e filhinha, eu vou ser a mamãe e tu a filhinha... (ri) não, tu vai ser a mamãe e eu a filhinha. F.: E como vamos brincar? (K. pega no armário as varetas, espalha no chão, junta e me entrega). K.: São canetas, aí tu me dá uma. F.: Mas, qual tu quer? K.: A cor forte. F.: Que cor é essa. K.: Mostra a vareta verde. F.: K., nosso horário terminou. K.: (Guarda os brinquedos). Tu vai fechar a janela, tia? F.: Vou! (Fechei). Tchau, K! Até a semana que vem. K.: Tchau tia.</p>
Pn4	
Pn5	

Sétima entrevista K. (09/07):

Temática: 'Me ajuda'.

Pn	Descrição da narrativa 21
Pn1	(K. já me esperava quando cheguei para o atendimento). F.: Oi K! K.: Oi tia, nós vamos conversar agora? (Pegando na minha mão, enquanto nos direcionávamos para a sala de atendimento) F.: Vamos conversar sim, hoje e agora é a hora do teu atendimento. (Entramos na sala. K.vai direto para o tapete. Sento-me ao lado).
Pn2	K.: (Vai até o armário, começa a mexer no conjunto de panelinha). Me ajuda tia? F.: Ajudar com o quê K.? (K. leva as panelinhas daqui lá para o tapete). F.: Mas, o que tu quer fazer? K.: Quero brincar!
Pn3	F.: E tu queres que eu brinque contigo? K.: É! (Começo a ajudá-la. K. pega um vaso sanitário). As bonecas nem cabem aqui! F.: Como assim! K.: Mas, o ursinho cabe! (Ri, colocando o ursinho no vaso). Oh tia, o Diego quando vem aqui passa batom (ri)! F.: K., quando fizemos nossas combinações eu te disse que este horário era para as tuas coisas, era um espaço para ti falar de ti e que eu estaria aqui para te ouvir e te ajudar. Portanto, este horário é teu, o horário do Diego é outro.
Pn4	
Pn5	

Temática: Questão do saber.

Pn	Descrição da narrativa 22
Pn1	
Pn2	K.: (Começa a brincar com as panelinhas, fazendo comidinha). A minha mãe cozinha. F.: E como é isto! K.: Ela cozinha assim (mostrando mexendo a comidinha na panela), ela bota açúcar e faz assim, mexe, daí tem comida. (Pega alguns pratinhos). F.: E como é a tua mãe K.?
Pn3	K.: Ela é boa, ela faz comida pro Gerson e pra Nágila. F.: E pra ti? K.: Pra mim também. Oh tia (servindo comida pra mim), é pra ti comer. (Faço de conta que como). K.: Agora vou te dar aquilo, aquilo... F.: Aquilo o que K.? K.: Batata com açúcar. (Faço de conta que eu como). K.: Agora tu lava os pratos! F.: Eu tenho que lavá-los? K.: (Pega os pratos). Tá bom, já estão lavados. F.: K., mas e tu não vai comer? K.: (Faz de conta que leva algo à boca. Ri.). Eu vou fazer um suco para nós. F.: Mas, tu não vais comer também? K.: Eu vou tomar um suco. (Sai rolando no tapete, vai até a casinha de brinquedo, abre e dá uma olhada, fecha novamente, começa a mexer no kit-médico). Oh, o teu remédio!

	<p>F.: Remédio para mim? K.: É! Tu tá doente. F.: Eu tô doente? K.: Tá! F.: Mas, o que eu tenho para estar doente? K.: (Ri e me traz uma seringa). Abre a boca para tomar remédio tia! F.: K. tu está fugindo de alguma coisa, pois tu ainda não me disse o que eu tenho de doença? K.: Vou ver se tu está com febre. (K. bota um termômetro em mim). O que é isto tia (estetoscópio)? F.: Tu não sabe K.? K.: (Silêncio). O que é isto tia? F.: Isto é um estetoscópio, serve para escutar o coração e para ouvir as coisas aqui dentro. K.: (Tenta colocá-lo). Deita tia! F.: Deitar para quê? K.: Para mim ouvir o teu coração. F.: Mas, o que tu queres ouvir aqui? (K. chega perto de mim, mal encosta o brinquedo e começa a rir). K.: Eu sei que isto aqui é para ouvir o coração. (Vai guardando o kit-médico). F.: Sabe mesmo? K.: Sei! (Mexendo nas mobílias da estante). Essa cadeira é de verdade? F.: O que tu acha K? K.: É de verdade sim e aqui é um guarda-roupa, que guarda sapato, nas gavetas as blusas (abrindo uma estante), aqui é um sofá, uma mesinha. E o que é isto aqui tia (roupheiro)? F.: O que tu achas que é? K.: Não sei. O que é? F.: Bom K., isto sim é um roupeiro de guardar roupas. K.: Mas, isso (estante) era o que, então? F.: O que parece? (Silêncio). F.: É uma estante. K.: (Pega duas bonecas iguais). E quem são estas? F.: Não sei, mas quem sabe tu podes me dizer quem tu acha que elas são? K.: Elas são iguais e o nome desta é, é, é... (indo guardar as bonecas) é a raposa. (Guarda as bonecas). F.: E a outra K.? K.: É raposa também, oh tia, onde estão as pinturas, o batom aquele que o Diego tinha? F.: Tu também queres? K.: Quero, mas eu sei onde estão. F.: E onde estão? (Mostra os carimbos). F.: Bem, acho que não estão aí! K.: Onde está tia? F.: Em cima da outra mesa, na caixinha de maquiagens! K.: (Abre e começa a mexer). Eu sei!</p>
Pn4	<p>F.: Bem K., eu gostaria de retomar algumas coisas que tu trouxeste hoje para o atendimento, tu começou a falar em tua mãe, depois logo parou de falar, está difícil falar dela? K.: A minha mãe bate no Gerson e na Nágila, porque o Gerson fica rindo dela. F.: E tu K.? K.: Ela também bate em mim.</p>

	<p>F.: Por quê?</p> <p>K.: Ela bate em mim porque eu não obedeco ela.</p> <p>F.: Como assim?</p> <p>K.: (Silêncio). O nosso tempo já acabou?</p> <p>F.: K., tem coisas muito importantes que tu estás trazendo, as tuas dificuldades podem ser compartilhadas comigo, pois eu vou estar aqui para te ajudar e te escutar.</p> <p>K.: Eu sei!</p> <p>F.: Sabe mesmo K.? (Silêncio). Tu sempre me dizes que sabe, mas grande parte das vezes como hoje quando nós falávamos do estetoscópio, tu não sabias... A tia entende que parece ser difícil, mas tu não podes fugir, pois isto não vai resolver, o que eu posso fazer é te escutar para te ajudar, mas tu tens que dividir as dificuldades, tu tens que poder falar as coisas comigo...</p> <p>K.: (Silêncio. Começa a pintar as unhas). Pinta para mim a outra mão tia?</p> <p>F.: Pinto.</p> <p>K.: Deixa eu te pintar tia?</p> <p>F.: Porquê?</p> <p>K.: Porque sim. O nosso tempo já acabou?</p> <p>F.: Mas, tu não quer te pintar?</p> <p>K.: Quero, mas eu quero te pintar para ti dar um beijo na Renata.</p> <p>F.: Como assim?</p> <p>K.: Eu gosto da Renata.</p> <p>F.: Mas, se tu gostas da Renata porque eu tenho que dar um beijo nela?</p> <p>K.: Mas, eu também gosto de ti e quero fazer tu ficar bonita.</p> <p>F.: Parece K. que eu falei coisas hoje para ti que me deixaram feias e agora tu queres me arrumar para mim ficar bonita?</p>
Pn5	<p>K.: Não tia, eu vou me pintar. Vou passar batom. (K. começa a rir, mas não consegue olhar-se no espelho para passar batom).</p> <p>F.: K., tu podes te olhar no espelho, para te enfeitar, não é?</p> <p>K.: É. (Olhando-se no espelho). Pinta-se mais um pouco.</p> <p>F.: Bem K., nosso tempo hoje acabou, até a semana que vem.</p> <p>K.: Tá tia, tchau!</p> <p>F.: Tchau!</p>

Oitava entrevista K. (11/07):

Temática: 'Me ajuda'.

Pn	Descrição da narrativa 23
Pn1	<p>(K. teve que ser acordada para ir ao atendimento).</p> <p>F.: Oi K.!</p> <p>K.: Oi tia! (Senta-se no chão). Oh tia, senta ali!</p> <p>F.: Ali onde K.?</p> <p>K.: Na cadeira.</p> <p>F.: Para quê?</p>
Pn2	<p>K.: (Vem do meu lado e fica em pé ao meu lado). Me dá a tua unha!</p> <p>F.: O que tu quer com as minhas unhas?</p> <p>K.: Eu não vou pintá-las, eu quero fazer uma coisa.</p> <p>F.: Mas, que coisa é essa?</p> <p>K.: É uma coisa.</p> <p>F.: Mas, tu lembra o que a tia faz aqui contigo?</p>
Pn3	<p>K.: Me ajuda.</p>

F.: Então K., este espaço é para ti falar das tuas coisas, o que tu não entende, o que tu não sabes, e eu vou estar aqui pra te escutar e te ajudar.

K.: A tia do colégio misturou umas coisas e nos enganou. (É a tia do colégio ou outra pessoa?)

F.: Como assim?

K.: Ela deu suco com cachaça para nós.

F.: Como foi isto K.?

K.: Ela disse que era suco, mas não era, era cachaça.

F.: Tu tomou este?

K.: Eu quero ir no banheiro, me ajuda, abre a porta para mim.

F.: Tu queres que eu abra a porta para ti? (K. saiu rápido e foi sozinha ao banheiro, demorou um pouco, retornou e começou a mexer na caixa de maquiagens e pintar as unhas, mas pintou apenas a mão esquerda, pegou outro esmalte, tentou, mas não conseguiu pintar a mão direita).

F.: K., eu estou aqui para te ajudar, mas não adianta tu fugires, ou não querer falar, por mais difícil que possa ser, o importante é que tu consigas dividir, me falar das tuas dificuldades.

K.: Eu sei.

F.: Agora mesmo K. quando tu falas sempre “eu sei”, será que tu entendes tudo?

K.: (Começa a mexer nas sombras). A outra tia não vem? Quem ela vai atender?

F.: Parece que tu estás me dizendo que é difícil falar das tuas coisas.

K.: O nosso horário já acabou?

F.: Tu está tentando escapar do atendimento?

K.: Não! Vou passar batom. (K. tem um pouco de dificuldade de ir até o espelho, rola no tapete, ri, limpa a boca, tapa com a mão, se olha no espelho e começa a contornar a boca com o batom, desenha a boca com umas cinco camadas de batom).

F.: K. parece que tu está me mostrando o quanto é difícil de chegar no espelho e conseguir se enxergar.

K.: (Rola, ri, busca as sombras, leva de volta, busca outras, começa a pintar o olho borra na testa). Vou pintar a minha testa.

F.: Para quê?

K.: Eu tenho um galo na testa que eu fiz lá no colégio.

F.: Como aconteceu?

K.: Eu caí e bati na pia. Olha tia, minha testa está pintada, agora vou botar outra cor. (Busca outra sombra). Eu vou assustar os outros que estão dormindo.

F.: Os outros quem?

K.: Os outros.

F.: E como tu vai assustá-los?

K.: Eu vou botar um pano na cara e fazer bú!

F.: E porque tu quer assustá-los?

K.: Porque sim, eu vou assustar a tia.

F.: Que tia?

K.: Não tu, a tia Carolina.

F.: Porque?

K.: Vamos brincar?

F.: E do que tu quer brincar K.?

K.: Eu vou ver lá no armário. (Olha o armário, mas fecha).

F.: Do que tu quer brincar?

K.: Eu vou continuar me pintando. (Começa a se rabiscar e carimbar no rosto).

	<p>F.: O que tu está fazendo K.?</p> <p>K.: Eu desenhei uma lagartixa, vou assustar os outros.</p> <p>F.: E tu acha que te pintando assim, tu vai assustar?</p> <p>K.: Não, eu vou chegar e fazer bú! Eu vou assustar as tias.</p> <p>F.: Como assim? (K. fica em silêncio).</p>
Pn4	<p>F.: Está me parecendo K. que tu está te escondendo atrás dessa maquiagem, não é? (Tu queres ficar feia?)</p> <p>K.: (Silêncio. Vai até a mesa das canetinhas e começa a sussurrar “filha da puta, vai tomar no cú”) (Parece estar brava com algo).</p> <p>F.: O que tu disse K.?</p> <p>K.: Desculpe tia, mas não foi prá ti, foi pras canetinhas. Amanhã de tarde, depois que eu voltar do colégio, nós vamos conversar de novo? (Fica a impressão que ela não disse nada.)</p> <p>F.: Tu precisa conversar mais?</p> <p>K.: Não.</p> <p>F.: Então, o nosso combinado é de que o atendimento é nas quintas-feiras, só uma vez na semana. (Silêncio). Bem K. nosso horário acabou, até a semana que vem.</p> <p>K.: Tchau!</p> <p>F.: Tchau!</p>
Pn5	

Nona entrevista K. (18/07):

Temática: ‘Eu consigo ganhar de ti’.

Pn	Descrição da narrativa 24
Pn1	<p>F.: Oi K.!</p> <p>K.: Oi! (Combinação das férias. K. vai sentar-se numa cadeira e começa a brincar com a máquina de escrever de brinquedo. K. aperta as teclas...).</p>
Pn2	<p>K.: Eu consigo ganhar de ti.</p> <p>F.: Como assim?</p> <p>K.: Eu ganho de ti nesse jogo.</p>
Pn3	<p>F.: Que jogo é esse K.? (Silêncio. K. continua mexendo na máquina de escrever por alguns instantes, guarda, pega um telefone de encaixar números, põe no ouvido, retira os números para fora, tenta encaixá-los).</p> <p>K.: Eu ganho de ti nesse jogo.</p> <p>F.: Qual jogo K.? (Silêncio). Me parece K. que está querendo falar sobre o que acontece aqui no atendimento... (K. guarda o telefone, vai até o armário, busca um jogo de varetas).</p> <p>K.: Palitinhos... Vamos jogar aqui no chão?</p> <p>F.: Tu queres jogar? (K. concorda com a cabeça). Tu sabes como se joga?</p> <p>K.: Eu quero jogar assim. (Espalha as varetas e pega somente as de cor amarela).</p> <p>F.: E como se joga assim?</p> <p>K.: Tu pega só as varetas iguais.</p> <p>F.: (Pego as pretas). E agora, o que se faz para jogar?</p> <p>K.: Não pega as vermelhas.</p> <p>F.: Por que K.?</p> <p>K.: (Silêncio). O nosso horário não acabou, né?</p>
Pn4	<p>F.: Ainda não K.. Mas, eu gostaria de te mostrar o que tu podes mostrar-me agora conhecendo todas as cores, pois logo que iniciou o atendimento, tu ainda</p>

	se confundia com elas. K.: Vamos contar?
Pn5	F.: Tu queres contar as varetas pra que? K.: (Começa a contar errado). Tia, me ajuda, conta quantas têm. F.: (Conto as varetas). K. tu tens 24 varetas e eu tenho 21.

Temática: ‘Algo está te incomodando’.

Pn	Descrição da narrativa 25
Pn1	
Pn2	K.: Eu quero fazer um trabalhinho! (Guardando as varetas. Vai até a mesa, pega uma folha de ofício e lápis de cor). Eu vou fazer um trabalhinho, como naquele dia! (Olhando para a caixa de lápis de cor onde havia o desenho de uma casa). F.: Qual trabalhinho K.?
Pn3	K.: Eu vou fazer uma casa. (Começa a desenhar de lápis de cor, busca canetinha, passa por cima, mexe nas colas coloridas, volta para o desenho). F.: K., o que foi que tu desenhou aqui? K.: É uma casa. Agora eu vou desenhar umas luas. F.: O que é isto que tu desenhou? K.: É... (Ri) umas luazinhas. F.: E como é esta casa e estas luazinhas? K.: São pra ti. F.: São pra mim? K.: É... (Ri). F.: K., o que me parece é que tu estás falando da nossa relação de um jeito que parece demonstrar um jogo para ver quem ganha ou perde e agora tu quer me dar algo, para que? K.: Não! (Pega um giz e rabisca o quadro, sombreando).
Pn4	F.: Me parece K. que algo está te incomodando? K.: Não tia! (Apaga o quadro). F.: Será que não? (Silêncio). Eu acho que tem coisas que precisam ser faladas, mas parece estar bem difícil, mas é para isto que eu estou aqui para te escutar e ajudar nestas coisas difíceis. (Silêncio). O nosso horário está acabando K., lembra que combinamos que seria apenas uma vez que eu não viria, mas que na outra semana estarei de volta e te atendendo (mostrando no calendário). Ta certo? K.: Ta tia! Tchau! F.: Tchau K.!
Pn5	

Décima entrevista K. (01/08):

Temática: ‘Está difícil falar’.

Pn	Descrição da narrativa 26
Pn1	F.: Oi K.! K.: Oi! (Pega a minha mão para se dirigir a sala de atendimento). A tua mão tá fria, tia. F.: Está porque eu estou com frio. K.: A minha tá bem quentinha, porque eu estava embaixo do cobertor... Oh tia, o que é isto no teu dedo? F.: Tu não sabes? K.: Não!

	F.: É um anel. K.: (Entrando na sala de atendimento, vai sentar-se numa cadeira e pega a máquina de escrever de brinquedo e começa a brincar).
Pn2	K.: (...) Eu tinha uns bichinhos malvados. F.: Que bichinhos eram estes? K.: Um urso e um elefante... F.: E eles eram malvados? K.: Eram. F.: O que parecia ser malvado neles?
Pn3	K.: ... eu tinha também uma girafa, um cachorro... e eles eram malvados. F.: Mas, o que é ser malvado? K.: (Brincando na máquina). Vamos ver quem faz isso chegar primeiro (rolo da máquina)? F.: Como assim K.? K.: Vamos jogar? (Continua mexendo na máquina). F.: O que vamos jogar? (K. ri). F.: K., me parece que tu quer me falar alguma coisa, mas parece que está difícil para ti conseguir falar. K.: Olha, tem um monte de bichinhos aqui. (Teclas da máquina). F.: Tu os conhece? K.: Sapo, pato, cachorro, girafa... (Empurra a máquina e a guarda). Eu quero desenhar! Posso? F.: Se tu quiseres? K.: (Pega os lápis de cor e uma folha de ofício). Eu vou desenhar uma casa... Não... Vou... de marrom... não... de azul. F.: K., o que está tão difícil para desenhar? K.: Eu vou desenhar uma coisa aqui (fica desenhando...).
Pn4	
Pn5	

Temática: Fuga.

Pn	Descrição da narrativa 27
Pn1	
Pn2	K.: (...)Eu vomitei banana hoje. F.: Tu vomitou? K.:É, eu fui tossir e vomitei, aí a tia me atirou um como d'água. F.: Como assim K.?
Pn3	K.: Eu vomitei, daí a tia me atirou um copo de água porque eu fugi. F.: K. está um pouco confuso para mim o que tu está dizendo, tu podes me explicar melhor... K.: Eu e a Solange fugimos com um telefone de brinquedo. F.: Para onde? K.: A gente foi prá rua com o Leonardo, a Amanda, depois que a gente tomou banho, daí a Slange foi pro médico porque a tia foi buscar nós na rua. F.: E daí o que aconteceu? K.: Depois a Solange saiu com a Márcia para o médico e eu vomitei. F.: K. porque vocês fugiram. K.: A gente fugiu... F.: Para quê? (Silêncio).
Pn4	
Pn5	

Temática: 'Fiz para ti'.

Pn	Descrição da narrativa 28
Pn1	
Pn2	<p>K.: (...)Tá pronto o desenho, vou colocar um carimbo... agora vou colocar o teu nome... tá pronto... vou pintar as unhas. F.: K., mas o que foi que tu desenhou? K.: Umas coisas. F.: Mas, que coisas são estas?</p>
Pn3	<p>K.: (Vai pintando as unhas). São coisas... Isso aqui é uma coisa amarela, aquela coisa que vem depois da lua... F.: Mas, o que vem depois da lua? K.: O sol. F.: E o que é isto? K.: Um cavalo. F.: E isto? K.: Isto é um foguete, daí aqui tem um quadro do foguete e umas bolinhas do foguete. F.: E isto aqui, o que é? K.: É... é... é... uma tinta que foi passada para a água não sair. F.: E aonde está a água? K.: Aqui! Vou passar o lápis cor de laranja prá ti ver. F.: E o que é isto? K.: É o teu nome. F.: O que está escrito? K.: Fabiane. F.: O que te levou a fazer este desenho K.? K.: Não sei, eu fiz prá ti, com bastante coisa e bem bonito. F.: E o que significa? K.: Vou tirar o esmalte com acetona. (Patrícia e Jeferson ficam na janela e peço licença para K. e peço que se retirem, pois este horário é para ela conversar). Tia, eu quero mesmo é passar batom, posso? F.: Se tu quiseres K.? K.: (Pega o batom e vai para o tapete e começa a ajoelhar). Estou fazendo uma mágica. F.: Que mágica K.? K.: Eu faço assim para não doer as pernas. F.: Mas, as tuas pernas doem? K.: Não... (Começa a rolar no chão sem coragem de se olhar no espelho para passar o batom).</p>
Pn4	<p>F.: K., eu acho que tu está com vergonha de te olhar no espelho. K.: Não! Olha, eu fecho um olho, daí eu abro... F.: K., parece estar difícil para ti conseguir te olhar. K.: Não é! (Passa o batom). F.: K., eu estou aqui para te ajudar, este espaço para que tu também possa falar das tuas dificuldades, mas só quando tu consegue falar que eu posso te ajudar, tá bom? K.: Tá. Oh tia, eu vou no banheiro tirar o batom e fazer xixi. (Demora). F.: K., nosso horário acabou. K.: Na outra semana tem de novo. F.: Tu lembra do nosso combinado. K.: Lembro. F.: Então ta, nos falamos semana que vem.</p>

	K.: Tchau tia! F.: Tchau K.!
Pn5	

Décima primeira entrevista K. (08/08):

Temática: 'É porque eu gosto de ti'.

Pn	Descrição da narrativa 29
Pn1	F.: Oi K.! K.: Oi! (Chega e senta-se no tapete e, logo que me sento, ela deita-se). Que cor é a minha bala? (Com uma bala na boca e outra na mão).
Pn2	F.: Que cor é a tua bala K.? K.: Eu sei... Tia, que cor é a minha bala? F.: Que cor é K.? K.: É azul! F.: É azul? K.: Não, é vermelha... Eu trouxe outra bala junto pra dar para alguém. F.: Esta outra bala tu vais dar para alguém?
Pn3	K.: É prá... uma tia chamada "psicóloga"... (ri)... é prá ti, tia! F.: E porque tu gostaria de me dar essa bala K.? K.: Porque sim. F.: Mas, o que foi que eu fiz para que tu quisesse dividir as tuas balas comigo? K.: É porque eu gosto de ti. F.: E como tu gosta de mim? K.: Gostando ora...
Pn4	
Pn5	

Temática: 'Sou gurria'.

Pn	Descrição da narrativa 30
Pn1	(K. levanta-se do chão e mexe nos brinquedos). Olha, tem bastante roupa! (Referindo-se à caixa de Barbies, pega a caixa e leva para o tapete). K.: Olha o maiô desta (brincando com as bonecas). Viu, eu não sou guri! Sou gurria!
Pn2	F.: Mas, quem falou que tu era guri K.? K.: Uma tia aí, que tu não conhece..., me chamou de guri. F.: Mas, como ela falou isso prá ti?
Pn3	K.: Ela me chamou de guri. (Mexendo no cabelo da Barbie). F.: Porque tu acha que ela te chamou assim? K.: Não sei... F.: E quando ela te chamou de guri, o que tu sentiu? K.: Nada. F.: Me parece K. que tu não gostou disso... K.: Eu não, fiquei triste e chorei. Oh tia, eu vou no banheiro. F.: Tá bem! (K. vai ao banheiro, e demora, ela abre a porta). K.: Tia, coloca a toalha ali prá mim? F.: Coloco. K.: Tia, eu tô com sede, posso beber dessa água? F.: Mas K., não tem copo. K.: Eu pego uma xicrinha de brinquedo. F.: Se tu precisas.

	<p>K.: (Busca a xícara, toma água e guarda a xícara, volta para o tapete e continua a mexer nas Barbies. K. arrotta). Eu sou porca sim!</p> <p>F.: Como assim K.?</p> <p>K.: Eu arroto.</p> <p>F.: E porque tu arrotta, tu é porca?</p> <p>K.: Eu sô porca mesmo, eu arroto toda vez que eu tomo água.</p>
Pn4	<p>F.: Mas K., às vezes a gente se sente estufado e precisa se aliviar, portanto não há nada de mal nisso.</p> <p>K.: Eu vou guardar isso aqui bem rapidinho (bonecas). (K. as guarda).</p>
Pn5	

Temática: 'A minha mãe é ruim mesmo'.

Pn	Descrição da narrativa 31
Pn1	<p>(K. senta-se na frente da casinha de brinquedo, mexe um pouquinho, olha pro carrinho com a boneca deitada e coberta).</p> <p>K.: É um cobertor de verdade (Começa a mexer). Precisa de força, mas eu consigo. (Empurrando o carrinho até o tapete, senta-se no tapete, mexe na cobertura do nenê, acha uma mamadeira, sacode e abre). Tem água! Vou dar mamá pro nenê. (Colocando a mamadeira na boca da boneca).</p>
Pn2	<p>F.: K., o mamá do nenê é água?</p> <p>K.: É água e açúcar, daí sacode assim.</p> <p>F.: Como tu aprendeu a fazer mamá para o nenê?</p>
Pn3	<p>K.: Eu via a minha mãe fazendo para a minha irmãzinha.</p> <p>F.: E como ela fazia?</p> <p>K.: Ela botava açúcar e não sal e água e daí sacudia.</p> <p>F.: Era água e açúcar...</p> <p>K.: E chimarrão.</p> <p>F.: Mas, onde a tua mãe colocava o chimarrão?</p> <p>K.: No lixo... A minha mãe é ruim mesmo.</p> <p>F.: Como assim K.?</p> <p>K.: Ela bate muito.</p> <p>F.: Em ti?</p> <p>K.: Não, no meu irmão.</p> <p>F.: E em ti K.?</p> <p>K.: Em mim não, eu fujo dela.</p> <p>F.: E porque ela bate no teu irmão?</p> <p>K.: Porque ele incomoda! (K. vai até a estante, busca um rádio com microfone e traz para o tapete) Fala aqui tia (microfone)! Como é teu nome?</p> <p>F.: Fabiane. (K. continua mexendo no rádio). K., porque todas as vezes em que falamos na tua mãe tu tenta fugir do assunto?</p> <p>K.: É por causa que ela bate em mim.</p> <p>F.: Ela bate em ti?</p> <p>K.: Ela bate muito em mim e joga o Gerson no sofá.</p> <p>F.: E porque ela faz isto?</p> <p>K.: Ela dá mamadeira pra minha irmã e bota ela na cama sacudindo forte... aí ela vomita. Tia, eu vou no banheiro encher a mamadeira. (Vai ao banheiro).</p> <p>F.: K., tu ainda lembra o que nós combinamos que tudo o que tu falasse aqui seria um segredo e eu não contaria para ninguém?</p> <p>K.: Oh tia, a minha mãe fez a minha irmã voar do berço, daí ela vomitou e foi por isso que nós viemos aqui para a instituição.</p> <p>F.: Me explica um pouco melhor isso K.?</p>
Pn4	<p>K.: Pega a boneca tia e deita. Eu vou botar o cobertor em cima de ti, daí eu</p>

	<p>apago a luz e bota esse outro nenê no carrinho, no berço prá cá, ela não precisa de cobertor daí eu deito aqui (do meu lado). Daí o nenê chora de madrugada, eu levanto, dou leite, daí ele volta a dormir. Tia, eu vou no banheiro botar a água da mamadeira fora.</p> <p>F.: Bem K., já que nós brincamos, então tu podes me dizer porque aquela boneca ficou sem cobertor?</p> <p>K.: Eu tiro a minha blusa e bota em cima dela.</p> <p>F.: K., quem eu era nessa brincadeira?</p> <p>K.: Mamãe.</p> <p>F.: E a boneca?</p> <p>K.: O nenê.</p> <p>F.: E tu quem era?</p> <p>K.: Eu (ri)... eu era filhinha. (Bota o nenê sentado numa almofada, vai buscar um batom na caixa de maquiagem e passa na boca da boneca).</p> <p>F.: K., porque tu passou batom na boca do nenê.</p> <p>K.: É para ela ficar bonita. Eu vou no banheiro. (Vai, guarda o batom).</p> <p>F.: K., já que brincamos de mamãe e filhinha, eu queria saber como era lá na tua casa, era assim?</p>
Pn5	<p>K.: Não, eu dormia em outro quarto, a minha irmã no berço perto de mim e do Gerson e a minha mãe dormia com o tio, pai do meu irmão. Tia, eu vou guardar as coisas.</p> <p>F.: K. eu gostaria de te dizer algumas coisas antes de acabar o nosso horário, primeiro é que as coisas que tu fala aqui são segredo, eu não vou contar.</p> <p>K.: Eu sei, tu só fica ouvindo.</p> <p>F.: É K., eu escuto e tento te ajudar. Outra coisa é que eu sei que tu tens muito o que conversar, mas a tia está te entendendo, na outra sessão podemos retomar algumas coisas, tá bom?</p> <p>K.: Tá.</p> <p>F.: Bem K. nosso tempo acabou, mas nos veremos semana que vem. Tá?</p> <p>K.: Tchau tia!</p> <p>F.: Tchau K.!</p>

Décima segunda entrevista K. (15/08):

Temática: 'Te escutando'.

Pn	Descrição da narrativa 32
Pn1	<p>F.: Oi K.!</p> <p>K.: Oi! (Entrando dentro da sala de atendimento).</p> <p>K.: (...) Vamos brincar, como da outra vez?</p> <p>F.: Tu queres brincar como?</p>
Pn2	<p>K.: Eu vou pegar as coisas... (Pega no armário uma banheira, uma panela, uma colher, uma xícara, leva para o lado do tapete e ajeita as coisas no chão, coloca uma boneca na banheira). Vou colocar ela no berço.</p> <p>F.: No berço?</p>
Pn3	<p>K.: É, ela vai dormir. (Vai buscar um carrinho com mais uma boneca, pega a boneca do carrinho e coloca ao meu lado). Ela vai deitar aqui contigo. (Pega um pano e coloca por cima). Deita tia!</p> <p>F.: Deitar?</p> <p>K.: É, vamos brincar que vamos dormir, daí tu dorme com o nenê e eu deito ao lado, mas eu não preciso de cobertor.</p> <p>F.: Porque tu não precisa de cobertor?</p>

	<p>K.: Ta, um pouquinho é meu (ajeita-se no chão). F.: Bom K. e agora? K.: Agora, eu faço um carinho em ti e a gente dorme, daí eu acordo e tu acorda e tu senta neste sofá (almofada) e o bebê do lado, no outro sofá, daí eu faço um café. (Vai à mesa levar a mamadeira, uma panela e uma colher e faz-de-conta que está ajeitando o café). Daí tia, tu me pede um cobertor para dormir no sofá... Tu era a mamãe tá... “Péra” aí, eu vou no banheiro. (K. vai ao banheiro, demora um instante). Tia, agora eu vou brincar com as maquiagens. (Busca as maquiagens, começa a manuseá-las, pega uma boneca e maquia). Tia, eu vou tirar isso, fica feio. F.: O que fica feio K.? K.: A boneca com maquiagem. (K. vai ao banheiro e limpa a boneca, retorna e começa a mexer em alguns brinquedos, explorando-os).</p>
Pn4	<p>F.: Bem K., eu gostaria de rever algumas coisas contigo, primeiro é que eu sei que tu tens falado bastante das tuas coisas no atendimento, e eu estou aqui te escutando, para poder te ajudar. K.: Tu me ouve tia. F.: Pois é K., todas essas coisas que tu fala, eu te escuto, mas não conto pra ninguém, como nós já tínhamos combinado. Tá bom? K.: Tá.</p>
Pn5	<p>F.: Então, por hoje é só. K.: Tá, na outra vez eu falo mais. F.: K., tu fala muitas coisas, a tia consegue te entender e é muito importante as coisas que tu fala. K.: Tá tia, tchau! F.: Tchau K.!</p>

Décima terceira entrevista K. (22/08):

Temática: ‘Deve alguma coisa’.

Pn	Descrição da narrativa 33
Pn1	<p>F.: Oi K.! K.: Oi tia! (Deita-se no tapete).</p>
Pn2	<p>K.: Vou fazer uma coisa igualzinho as que fiz lá no colégio. F.: Como assim!</p>
Pn3	<p>K.: Eu vou desenhar, igual como eu fiz no colégio. (Pega uma folha e lápis de cor). Esse desenho vai ser pra ti. F.: K., talvez tu pense que me deva alguma coisa por eu estar aqui te escutando, mas esse é o meu trabalho, tá?</p>
Pn4	<p>K.: Ta, mas eu vou fazer esse pra ti. Eu vou desenhar um saci, uma nuvem... uma caveira. Não, uma flor e uma árvore! Não, uma nuvem que caiu. F.: Como essa nuvem caiu? K.: Caindo, eu sei escrever. (Escreve na folha). O que eu escrevi? F.: O que foi que tu escreveu?</p>
Pn5	<p>K.: Umas letras... teu nome (em sussurro). F.: O que foi que tu disse? K.: Nada! Ta tia! O desenho ta pronto.</p>

Temática: 'Senta aqui!'

Pn	Descrição da narrativa 34
Pn1	(K. mexe na injeção, mexe na casinha). K.: Vou trocar os ursos de lugar. F.: E qual o motivo? K.: Eu não gosto do preto.
Pn2	F.: Mas, o que foi que o preto fez ou tem que tu não gosta? K.: Eu não gosto. (K. vai na estante, pega o rádio com microfone, coloca no chão em frente à porta do banheiro). Eu vou fazer uma casinha! (K. abre a porta do banheiro e entra. K. sai do banheiro). F.: K., antes de ir ao banheiro tu disse que ia fazer uma casinha. (K. fica em silêncio). Me parece que fazer uma casinha é difícil.
Pn3	K.: (Vai à estante). Eu vou pegar uns bonequinhos para colocar lá. (Deixa só a bonequinha. Retorna para a estante, olha atentamente a mobília da casa e pega uma poltrona). Puti! Ta estragado, mas eu vou dar um jeito para arrumar. (Leva a poltrona para o lugar da brincadeira e volta e busca a bonequinha que antes tinha deixado). F.: K., por que tu deixou esta bonequinha (a única com cabelo), para vir buscar agora e coloca afastada das demais? K.: Senta aqui! F.: Compreendo, mas sei que tu falas assim porque foi assim que tu aprendeu quando estava em casa... (K. tenta abrir a porta do banheiro). K., tu não está querendo falar sobre isso...
Pn4	
Pn5	

Temática: 'Eu não sou louquinha'.

Pn	Descrição da narrativa 35
Pn1	(K. pega um giz e passa por cima de um desenho mal apagado no quadro). K.: Vou desenhar. F.: E o que tu estás desenhando?
Pn2	K.: Eu não estou copiando. F.: Copiando? K.: Eu não sou louquinha da APAE. F.: Mas, quem disse isso K.?
Pn3	K.: Eu não sou louquinha da APAE. F.: Mas K., quem te falou isso? K.: Não sei... F.: K., mas isso de ser louquinha da APAE não faz sentido, pois nem estudar na APAE tu estuda, não é? K.: É! F.: Então? K.: A minha professora briga comigo... mas, eu brigo com ela também. F.: E como a tua professora briga contigo? K.: Ela me xinga. F.: E como é este xingamento? K.: Me xinga, daí eu 'intico' com ela. F.: Como? K.: Eu deito no chão e sacudo as pernas para ela não me pegar. (K. busca o carrinho do bebê). Eu vou arrumar esse carrinho, não precisa de cobertor hoje. (Tira a boneca e organiza o carrinho, fazendo o cobertor de forro). F.: E como tu vais arrumá-lo?

	<p>K.: Arrumando. (K. empurra a boneca no carrinho). Nosso horário já acabou?</p> <p>F.: É, quase, primeiro a tia precisa falar algumas coisas contigo....</p> <p>K.: Senta ao meu lado...</p> <p>F.: K., eu sei que tu tens ficado bastante angustiada, mas tu estás conseguindo me falar das tuas coisas, mesmo que não seja muito fácil falar, mas eu vou te escutar a partir de tudo isso para poder te ajudar. Ok? (K. concorda com a cabeça). Agora sim, nosso horário está no final.</p> <p>K.: Eu não vou sair.</p> <p>F.: K., nos veremos na próxima semana...</p> <p>K.: Eu não vou.</p> <p>F.: E os brinquedos, tu não vai organizá-los como já havíamos combinado?</p> <p>K.: Não vou. (Tenta fechar os ouvidos).</p>
Pn4	<p>F.: K., eu sei que às vezes tu não gostaria de escutar algumas coisas, mas é preciso que tu cumpra com os nossos combinados sobre o horário e os brinquedos. (K. relutando, mas começa a guardar). Eu gosto de ti K. e na medida do possível eu vou te ajudar...</p> <p>K.: Eu não quero que tu goste de mim.</p> <p>F.: Mas, eu gosto de ti.</p> <p>K.: Eu não quero que tu goste de mim.</p> <p>F.: Isto é por que tu pensa que porque a tua mãe não gostava de ti, os outros também não podem gostar. (K. fica em silêncio. K. termina de arrumar as coisas, deita no chão e sai se arrastando).</p>
Pn5	<p>F.: K., eu gosto de ti, eu vou te ajudar...</p> <p>K.: Ta tia, tchau!</p> <p>F.: Tchau.</p>

Décima quarta entrevista K. (29/08):

Temática: 'Eu posso passar batom'.

Pn	Descrição da narrativa 36
Pn1	<p>(Sento no chão).</p> <p>K.: Oi!... Eu estou com sono.</p> <p>F.: Tu estás com sono? (K. deita no tapete e fica em silêncio). Tu vais dormir?</p>
Pn2	<p>K.: (Silêncio). Eu sei fazer um robô!</p> <p>F.: Tu sabes fazer um robô?</p> <p>K.: Sei.</p> <p>F.: E como é?</p>
Pn3	<p>K.: Tu faz uma coisa grande embaixo, um braço e uma boca.</p> <p>F.: Tu falavas em uma coisa grande...</p> <p>K.: Uma perna.</p> <p>F.: Uma perna?</p> <p>K.: É uma perna, um braço, uma boca e uma coisa grande com chinelos.</p> <p>F.: Tu queres desenhar este robô K.?</p> <p>K.: Não! Eu quero fazer outra coisa. (Fica deitada na almofada).</p> <p>F.: E o que tu queres fazer?</p> <p>K.: Nada.</p> <p>F.: Nada?</p> <p>K.: É! (Fica deitada um tempo -15 a 20 min – levanta, olha os brinquedos da estante do armário, da mesa e pega a maleta de maquiagem). O tio do projeto disse pro Diego que se ele vier aqui e passar batom ele vai ver.</p> <p>F.: O que tu acha K.?</p>

	K.: Eu posso.
Pn4	
Pn5	

Temática: 'Eu quero te fazer bonita'.

Pn	Descrição da narrativa 37
Pn1	
Pn2	<p>K.: (...) Tia, senta no tapete, eu quero fazer uma coisa. F.: Que coisa K.? K.: (Mexo nos colares que estão na caixa de maquiagem e vai olhando). Coração, estrela, frutas... Tia, deixa eu fazer uma coisa? F.: Que coisa K.? K.: Eu quero te fazer bonita. (Sento no chão).</p>
Pn3	<p>K.: (Pega a caixa de maquiagem. Começa a me pentear, prender meu cabelo, fazer de conta que estava me maquiando). Eu vou te fazer bonita! F.: Tu vai me fazer bonita? K.: É! F.: Pra quê? K.: Pra ti ficar mais bonita. F.: Tu me acha bonita K.? K.: A minha tia é a mais bonita.</p>
Pn4	<p>F.: E tu vais me arrumar mais? K.: É pro Paulo! F.: Pro Paulo? K.: É. F.: Porque pro Paulo? K.: Porque sim. F.: Tu achas que o Paulo vai me achar bonita? K.: Vai... (Continua mexendo no meu cabelo e vai guardar a maleta). F.: Bem K., nosso tempo por hoje acabou, nos vemos na próxima semana. K.: Tá! Tchau tia! F.: Tchau K.!</p>
Pn5	

Décima quinta entrevista K. (05/09):

Temática: 'Ficar bonita'.

Pn	Descrição da narrativa 38
Pn1	<p>(Hoje K. começou a falar infantilizado). K.: Oi tia! F.: Oi K! K.: Hoje eu vou fazer trabalhinho! (Vai se dirigindo para a escrivaninha).</p>
Pn2	<p>F.: Tu vais fazer trabalhinho K.? K.: Não! Eu vou fazer como no outro dia, eu vou te fazer bonita. F.: E como tu vais me fazer bonita? K.: Senta na frente do espelho. F.: (Sento). O que tu vais fazer K.?</p>
Pn3	<p>K.: Eu vou te arrumar prá te deixar bonita, porque às vezes tu fica feia. F.: E quando eu fico feia? K.: Às vezes. F.: E como eu estou quando eu fico feia? (K. vai fazendo de conta que me</p>

arruma).

K.: Vamos brincar de uma coisa que eu aprendi no colégio.

F.: E como é esta brincadeira?

K.: Não! Eu vou brincar de outra coisa... de casinha, daí tu é a mamãe.

F.: Eu sou a mamãe e quem tu és?

K.: Não! Eu já sei! (Vai abrindo os armários e montando num canto da sala uma casinha com fogão, cama, penteadeira). Tia, pega uma boneca lá em cima prá mim?

F.: Qual tu queres?

K.: Esta de cabelo liso, a outra tem cabelo ruim.

F.: Como é cabelo ruim K?

K.: Assim, enroscado. (Mostrando a boneca. K. pega a outra boneca de cabelo liso). Pega, é teu nenê! (Pego a boneca. K arruma as coisas no canto da sala e pega a maleta de maquiagem e coloca junto). Me dá ela (boneca), eu vou arrumar ela para ela ir no médico.

F.: Ela vai ao médico?

K.: Vai.

F.: E o que ela tem para ir ao médico?

K.: Nada, ela só vai ao médico. Vou tirar a roupa dela, dar um banho, vou prender o cabelo, vou botar a roupa e arremangar porque hoje está quente, tem que cuidar para não aparecer as “teta”, vou colocar um cinto (pulseira). Tia, segura ela lá no espelho, eu vou passar batom nela.

F.: (Seguro a boneca). E agora, K.?

K.: (Faz de conta que passa batom). Agora, eu vou pintar o cabelo dela (Vai na caixa de maquiagem e pega rimel).

F.: Tu vais pintar o cabelo dela com que?

K.: Com isto! (Mostra o rímel). Isso é igual ao que minha mãe tinha para pintar o cabelo. (Faz de conta que pinta o cabelo). Agora vou pintar a unha (tenta passar esmalte e tira), não vou passar esmalte porque senão vai estragar.

F.: O que vamos fazer agora K.?

K.: Agora vamos pegar o carrinho, prá ela ir no médico. (Ajeita um carrinho de bebê). Bota ela aqui. (Coloco a boneca no carrinho. K. pega uma injeção do Kit-médico e põe na boca da boneca, como se ela estivesse tomando).

F.: O que aconteceu aqui K.?

K.: Ela tomou uma injeção.

F.: Para que?

K.: Prá ela parar quieta. (K. guarda a injeção e pega uma caminha com travesseiro na estante). Pronto, agora traz ela aqui que ela vai deitar. (K. arruma a cama na organização que ela fez na sala. Alcanço a boneca).

K.: (Põe a boneca deitada). Agora falta a outra.

F.: Que outra?

K.: Aquela ali (a boneca que fica sentada na almofada, a mesma que sempre é alvo de descuido). Vou pintar ela também! Não! Vou prender o cabelo dela (tenta prender).

F.: Tu vais arrumar ela!

K.: E daí, tu me ajuda!

F.: Ela vai em algum lugar?

K.: Não! (K. prende o cabelo da boneca, tenta arrumá-la como a outra). Com essa eu vou fazer outra coisa.

F.: O que tu vais fazer com essa boneca?

K.: (Desata o cabelo). Vou só pintar! (Pega um batom e faz pintinhas e depois passa outro batom por cima).

Pn4	F.: O que você está fazendo nela K.? K.: É... uma barba! F.: Uma barba? K.: É porque ela é feia, daí ela vai ficar bonita. F.: Como assim? K.: Ela está bonita... um pouco mais bonita. F.: Com a barba? K.: Tia, isso sai (batim)? F.: Sai. K.: Então, vou tirar. F.: E como a boneca ficou? K.: Ela ficou bonita. F.: Como é ficar bonita?
Pn5	K.: (Vai guardando o material). É ficar bonita. F.: Bem K., por hoje nosso horário acabou, nos veremos próxima semana. K.: Tchau tia! F.: Tchau K.!

No dia 06/09, K. foi conversar com a psicóloga da instituição e pediu para ir para casa, pois estava com saudade da mãe.

Décima sexta entrevista K. (12/09):

Temática: 'Homenzinho de toca'.

Pn	Descrição da narrativa 39
Pn1	F.: Oi K.! K.: Oi tia! (Vai direto pegar a casinha e traz para o tapete e fica espiando pelas janelinhas e portinhas da casa e explorando as portinhas).
Pn2	F.: O que tu está enxergando aí K.? K.: Tem um homenzinho de toca aqui dentro, olha aqui para ti ver. (Olho). K.: Viu?
Pn3	F.: Não consegui enxergar, mas quem sabe tu podes me falar um pouco sobre este homenzinho... K.: Ele tá de costas, tá de toca, tá de pé... F.: E o que mais? (K. permanece em silêncio. K. fica revirando, botando a casinha de perna para baixo tentando ver algo no interior da casinha). F.: O que mais tu vê K.? K.: Nada.
Pn4	F.: Talvez, seja mais fácil tentar abrir algumas portinhas. K.: (Abre). Vê! Cadê o homenzinho, ele estava aqui. F.: E agora! K.: Sumiu. (Vai guardar a casinha).
Pn5	

Temática: 'Ficar bonita'.

Pn	Descrição da narrativa 40
Pn1	
Pn2	K.: (...) Eu vou arrumar a boneca de novo. (Pega uma boneca e pinta com a caixa de maquiagem). F.: O que tu está fazendo K.? K.: (K. pega uma boneca e pinta com a caixa de maquiagem). Passando brilho

	na cara dela. F.: Ela vai passear?
Pn3	K.: Não, só vai se arrumar. (K. continua pintando a boneca e colocando pulseira e ajeitando rabicós para o cabelo da boneca). F.: Ela está ficando bem brilhosa. K.: Agora, eu vou escrever o nome dela aqui. (Testa com este batom: LEa). F.: E como é o nome dela? K.: Tatiana. Agora, eu já arrumei ela, vou levá-la para brincar na casinha. (K. coloca a boneca do lado da casinha). F.: E então K.? K.: Ela já está na casinha, agora eu vou me arrumar. (K. começa a se maquiar, passa batom vermelho e retira). É feio! F.: O quê? K.: Vermelho (passa outra cor de batom). Pinta minhas unhas? (Pinto).
Pn4	K.: Agora, eu estou bonita, posso ir. F.: Tu já quer sair? K.: Não! (Passa sombra). F.: O que tu está fazendo? K.: Passando brilho, para ficar bonita. F.: Bem K., por hoje nosso horário acabou. K.: (Guarda os materiais). Tchau tia! F.: Tchau K!
Pn5	

Décima sétima entrevista K. (03/10):

Temática: Fazer um banco'.

Pn	Descrição da narrativa 41
Pn1	(K. chega 15 minutos atrasada). F.: Tudo bom K.! K.: Tudo bom, não! F.: Como assim? K.: Não é tudo bom, é oi que tu tem que dizer.
Pn2	F.: Mas, tu não está bem? K.: Tô. (Vai mexendo e pegando as massas de modelar). Eu vou fazer um trabalhinho com massinha hoje.
Pn3	F.: Tudo bem! (K.fica mexendo nas massinhas). O que tu está fazendo K.? K.: Um banco! (Apenas juntou os tabletes de massa de modelar sem modelar, numa mão). F.: É um banco? K.: É, agora tu faz um banco. F.: Tu queres que eu faça um banco, como? K.: Com as massinhas.
Pn4	F.: (Modelo um banquinho). Acho que está pronto, e agora K.? K.: Agora eu vou fazer outra coisa! (Pegando a caixa de maquiagem).
Pn5	

Temática: 'Ficar bonita'.

Pn	Descrição da narrativa 42
Pn1	
Pn2	(K. pega a caixa de maquiagem). F.: O que tu vais fazer? K.: Eu vou pintar as unhas. (K. vai sentar no tapete e pinta uma unha de cada cor). Futi! Ficou feio, vou tirar com acetona. F.: Tu não gostou? K.: Não. Tia, podemos brincar que eu te arrumo para ti ficar bonita? F.: E como é isto K.?
Pn3	K.: Faz de conta que me pinta. F.: Me pintando eu fico bonita? K.: É. (Lara chama K. na janela e diz que todos vão para o teatro). Tia, eu vou guardar tudo. F.: Porquê? K.: Eu quero ir junto. (Arrumando tudo muito rápido). F.: Bem K., tu é quem sabe. K.: Eu quero ver o teatro. F.: Então, nos vemos na próxima semana. K.: Ta!
Pn4	
Pn5	

Décima oitava entrevista K. (10/10):

Temática: Encaixar números.

Pn	Descrição da narrativa 43
Pn1	F.: Oi K! K.: Oi, eu troquei de chinelo... agora, eu tenho um chinelo novo. F.: É mesmo K., tu trocou de chinelo! K.: (Pega em cima da escrivadinha um telefone, com números de encaixar, retira os números de dentro e começa a encaixar, sente dificuldade de encaixar o número 5, tenta encaixá-lo sempre virado). Bota aqui para mim?
Pn2	F.: Tu queres que eu te ajude? K.: É! (alcança o número). Bota aqui. (Coloco).
Pn3	K.: (Alcança aquele telefone para mim e pega outro para ela). Agora tu coloca os números nesse aí e eu nesse aqui. (Começo a encaixar e logo termino). Tu já acabou, tão rápido... F.: Já, e tu? K.: (Continua encaixando ao chegar nos números 5 e 6 desiste e vai guardar os telefones). F.: K., tu já terminou? K.: Já. F.: E esses números? K.: Esses não. F.: Porque esses números tu não encaixou? K.: (Puxa a máquina de escrever). Aperta ali (tecla do espaço), que eu aperto aqui (demais teclas). (Aperto). K.: Fica apertando. F.: Mas, o que estamos fazendo K.? K.: Vamos trocar, agora eu aperto aqui e tu ali.

	F.: Vamos apertar para quê? K.: (Empurra a máquina). Deu, agora vem aqui!
Pn4	
Pn5	

Temática: 'Ficar bonita'.

Pn	Descrição da narrativa 44
Pn1	
Pn2	<p>K.: (K. pega a caixa de maquiagem). Senta aqui no chão! (Abre a caixa e vai separando algumas coisas).</p> <p>K.: Olha tia, eu já tenho brilho na mão. (Estava com algumas purpurinas).</p> <p>F.: A tua mão já está brilhosa!</p> <p>K.: É! Eu tenho que fazer uma coisa. (Entra no banheiro. Deixa a porta aberta).</p> <p>F.: O que tu vais fazer!</p> <p>K.: Vou tomar água, pera aí, vou pegar uma coisinha ali (armário) para ter copo. (Pega uma panelinha, toma água e volta para o tapete).</p> <p>F.: Vai te arrumar?</p>
Pn3	<p>K.: Não, eu já estou bonita, eu vou passar brilho numa boneca. (Vai ao armário e escolhe uma boneca que ainda não havia pegado). Eu vou arrumar ela! (Abre um batom vermelho). Não, esse eu não gosto! (Passa um batom e passa sombra).</p> <p>F.: Do que tu não gosta?</p> <p>K.: Deste batom (vermelho), eu gosto deste que fica brilhoso (batom cintilante). Deu, já arrumei a boneca, agora eu vou fazer outra coisa. (Bota a boneca sentada na almofada).</p> <p>F.: A boneca está pronta?</p> <p>K.: Ta, eu já passei brilho. (Pega um espelho e fica mexendo, pega umas maquiagens). Eu não preciso de espelho.</p> <p>F.: Tu não precisas de espelho para que?</p> <p>K.: (Leva para o banheiro batom cintilante e sombra). Tia, pode vir aqui no banheiro.</p> <p>F.: O que tu está fazendo K.?</p> <p>K.: Eu vim aqui me arrumar.</p> <p>F.: No banheiro?</p> <p>K.: Passa batom em mim. (Passo. K. vai ao espelho se olhar e volta para o banheiro, passo sombra na mão). Agora, eu estou brilhosa.</p> <p>F.: E como é ficar brilhosa K.?</p> <p>K.: Assim (mostra as mãos). Tia, espera ali fora só um pouco.</p> <p>F.: O que tu vais fazer?</p> <p>K.: Eu vou terminar de me arrumar. (Vou). Pode vir, tia!</p> <p>F.: O que tu fizeste K.?</p> <p>K.: Lavei meu cabelo e me limpei. (Se molhou).</p> <p>F.: Porque tu te limpou?</p> <p>K.: Pra ficar bonita.</p>
Pn4	<p>F.: E como é ficar bonita?</p> <p>K.: É ficar limpinha.</p> <p>F.: Como assim?</p> <p>K.: Pinta minhas unhas dos pés?</p> <p>F.: (Começo a pintar).</p> <p>K.: Espera tia, meus pés estão com tinta, primeiro eu vou lavar pra ficar bonito. (Os pés estavam com tinta mesmo. K. vai ao banheiro lavar os pés e demora).</p> <p>F.: K., pelo que entendi, tu está desejando ficar bonita e para isso tu precisa ficar limpinha...</p>

	K.: É.
Pn5	F.: Podemos continuar falando nisso na próxima semana. K.: Ta! ... O nosso horário acabou, né? F.: É. K.: Ta tia, tchau! F.: Tchau K.!

Décima nona entrevista K. (24/10):

Temática: 'Guardar nosso segredo'.

Pn	Descrição da narrativa 45
Pn1	K.: Oi tia! F.: Oi K.! K.: Olha tia, a minha pulseira. (Mostrando um desenho que tinha no pulso). F.: Tu tens uma pulseira? K.: É, eu fiz. (Pega um batom na caixa de maquiagem).
Pn2	K.: Tia, eu vou fazer uma coisa porque eu não preciso de espelho e eu também quero fazer xixi. (Entra no banheiro e fecha a porta. Depois de um tempo, K. abre uma fresta na porta do banheiro.). Eu já acabei. F.: Então, tu vais me mostrar?
Pn3	K.: Vou! (Abre a porta e vem em direção para guardar o batom). F.: K., o que tu fizeste lá no banheiro que tu disse que não precisava de espelho? K.: Pra passar batom, viu, como eu sei, nem borrei... F.: Sim, de fato o batom está bem colocado. K.: Eu vou passar em ti também para te mostrar. (Passa). F.: Bem, agora tu/eu também está/estou de batom. (K. pega as sombras e começa a passar nas mãos). F.: E agora K., o que tu está fazendo? K.: Passando brilho. F.: Nas mãos? K.: E nas calças (esfregando nas calças). F.: Nas calças? K.: Para ficar brilhosa e bonita (fecha a sombra e guarda). F.: E para que tu deseja ficar bonita e brilhosa? K.: (Silêncio. Busca o pote com os pincéis atômicos). Tia, eu vou lavar a mão e já volto. (Volta. K. começa a desenhar no pulso e nos dedos). F.: O que tu está fazendo K.? K.: Eu tô fazendo mais anéis e pulseiras, os outros já estavam terminando. F.: Como assim terminando? K.: Apagando, agora eu estou fazendo uma pulseira roxa, outra verde, um anel azul, outro vermelho.
Pn4	F.: K., tu notou que tu disse os nomes das cores! (K. ficou me olhando). E ainda mais, disse o nome das cores corretamente. (K. fica em silêncio). Lembra que quando tu chegou no atendimento pela primeira vez tu não conhecia as cores, mas que logo após tu falou o nome das cores e depois confundiu de novo as cores, mas agora parece que tu aprendeu. K.: É, oh tia, eu vou fazer uma pulseira e um anel para ti... F.: Se tu quiseres. (K. faz e ao terminar passa brilho em minha mão). F.: O que tu fez K.? K.: Eu te arrumei, para ti ter as coisas como eu. F.: Bom K., eu tenho visto que tudo que tu faz para te arrumar, tu faz para mim

	<p>também. K.: É. F.: Fica parecendo K., que de alguma forma tu quer me retribuir, ou melhor, dar de volta alguma coisa para mim. (K. fica em silêncio). Eu fico muito feliz, porque este é o meu trabalho, poder te ajudar e parece que tu está me dizendo que ele está funcionando.</p>
Pn5	<p>K.: É tia, tu sempre me ajuda toda vez. F.: Pois é K., mas não precisa achar que me deve alguma coisa, pois é o meu trabalho. A tia estudou bastante para poder vir aqui e poder te escutar. K.: Tá bom! F.: Bem K., nosso horário terminou, nos vemos na outra semana. K.: Vamos lá tia, vamos tirar as tintas para guardar o nosso segredo. F.: É assim que tu queres? K.: É. (Tiramos os batons, as pulseiras e os anéis.) K.: Ta tia, tchau! F.: Tchau K.!</p>

Vigésima entrevista K. (31/10):

Temática: 'Eu vou te fazer bonita'.

Pn	Descrição da narrativa 46
Pn1	<p>F.: Oi K.! K.: Oi!... Tu sabia tia que o Diego tem uma coisinha verde? F.: E que coisinha é essa K.? K.: É uma capa de chuva para ir ao colégio. F.: O Diego tem uma capa de chuva para ir ao colégio, e tu K.?</p>
Pn2	<p>K.: Eu não tenho! Tia, eu vou fazer uma coisa que tu não sabe. (Pegando a caixinha de maquiagem). F.: E que coisa é esta K.? K.: Eu vou te fazer bonita! (Mexendo na caixinha). F.: E como tu vais fazer isso?</p>
Pn3	<p>K.: (Espalha todas as maquiagens pelo chão). Eu vou colocar isto em ti. (Pega uns colarzinhos e vai dobrando para colocar no meu pulso). Estica teu braço para mim colocar as pulseiras em ti. (Vai colocando). F.: Agora eu estou com muitas pulseiras coloridas, como eu fiquei? K.: Bonita! Mas, eu ainda não terminei de te arrumar. F.: E o que falta K.? K.: Pra ti ficar arrumada falta passar brilho nas mãos. (Pega a sombra e passa na minha mão). Agora esfrega uma mão na outra para ficar brilhosa, tia. F.: (Esfreguei). K., reparei que quase sempre nos atendimentos tu passa brilho nas mãos. Como é isso? K.: Eu acho bonito ficar brilhosa. F.: E como é ficar brilhosa nas mãos? K.: Ficando ora. F.: E qual é o motivo para que o brilho seja nas mãos? K.: Por que sim... oh, tia, falta passar um batom em ti ainda para ti ficar bem bonita. F.: K., para que tu está me arrumando bonita assim? K.: Pra ti ficar mais bonita ora... tu é bem mais bonita que a...a... Renata. F.: E por que tu acha que eu sou mais bonita que a Renata? K.: Por que a minha tia é a mais bonita de todas.</p>

	<p>F.: Quem é a tua tia K.? K.: É a minha 'psicóloga'. F.: Talvez K., tu esteja querendo dizer alguma coisa com eu ficar bonita. K.: Mas, tu é bonita. F.: E como eu sou bonita K.? K.: Sendo ora... tia, eu vou brincar com a casinha.</p>
Pn4	
Pn5	

Temática: 'Um homem na casinha'.

Pn	Descrição da narrativa 47
Pn1	<p>(K. pega a casinha de brinquedo e leva consigo para sentar no tapete. Fica explorando a casinha, pega os ursinhos, troca de lugar, bota dentro das garagens, segue explorando, abrindo porta, janela...) F.: O que a K. está fazendo?</p>
Pn2	<p>K.: Olhando a casinha. F.: Me parece que tu procuras algo na casinha, posso ajudar?</p>
Pn3	<p>K.: ... eu acho que tinha um homem aqui. (Espia para dentro da garagem, mesmo lugar que em outro atendimento disse ter visto um menino de costas). F.: E como era este homem K.? K.: Era um homem... F.: E como ele estava? K.: Não sei, ele não está mais aqui. (Fechando a porta da casinha). F.: Mas, onde está este homem K.?</p>
Pn4	
Pn5	

Temática: 'Nanar o nenê'.

Pn	Descrição da narrativa 48
Pn1	
Pn2	<p>K.: Vou continuar te arrumando. F.: Para que, já não estou bonita com pulseiras e com batom? K.: Mas, eu vou arrumar teu cabelo... eu vou pentear ele... cortar, não... só pentear... (silêncio)... e a tua filha, tia? F.: Que filha K.?</p>
Pn3	<p>K.: A tua filha de verdade. F.: O que tu queres saber da minha filha K.? K.: (K. vai guardar os pentes... vai ao carrinho, pega o bebê e me entrega). Pega aí! F.: Pegar o bebê? K.: É, nana ele! F.: Ele quer dormir? (Vou nanando o bebê). K.: (Silêncio, vai e busca um radinho e liga). Vou ligar uma música para o bebê. F.: E o bebê gosta de música? K.: Ele dorme com a música... Tia, eu preciso fazer xixi. (Vai ao banheiro). F.: K., acho que o bebê dormiu. K.: Vou botar ele na caminha (carrinho). (Põe o rádio atrás do bebê). F.: O que o rádio faz aí K.? K.: O bebê vai dormir com música. F.: E ele gosta? K.: Gosta.</p>
Pn4	<p>F.: Bem K., nosso horário está acabando.</p>

	<p>K.: Amanhã a gente vai conversar de novo. F.: Tu queres conversar amanhã K.? K.: Não, é só no outro dia. F.: E que dia. K.: É... é... quinta. F.: É isso mesmo!</p>
Pn5	<p>K.: Então ta, tchau tia! F.: Tchau K.!</p>

Vigésima primeira entrevista K. (07/11):

Temática: 'Desenha uma borboleta'.

Pn	Descrição da narrativa 49
Pn1	<p>K.: Oi F.! F.: Oi K.! K.: Hoje quero fazer uma brincadeira contigo. F.: E qual é a brincadeira K.?</p>
Pn2	<p>K.: É uma brincadeira. F.: E como ela é? K.: (Vai atrás de mim e põe a mão nos meus olhos). Adivinha quem é? F.: Quem está aí? K.: É tu quem tem que adivinhar quem é. F.: É a K.. K.: (Ri). Tu sabe desenhar uma borboleta?</p>
Pn3	<p>F.: Sei, mas e tu sabe desenhar uma borboleta? K.: Não, eu não sei desenhar borboleta... nem menina... nem... (Não consegui entender o que ela falou). F.: Mas, tu já tentou desenhar essas coisas? K.: Já. (Vai à estante e pega o rádio e o liga. Fica ligando e desligando o rádio e nomeando as cores do rádio). Tia, que cor é essa (rádio)? F.: Que cor tu acha que é K.? K.: Branca. F.: Isso mesmo, é branca... (K. repete a pergunta e retorno a pergunta até que todas as cores sejam nomeadas). Viu K., parece que tu já conhece bem as cores. K.: Tia, eu vou fazer uma casinha. F.: Tu queres brincar K.? K.: Eu vou pegar as coisas. (Vai buscando brinquedos e coloca em cima da cadeira que já havia colocado o rádio. Neste meio tempo em que buscava uma coisa de cada vez, olha pela janela um monitor que cortava a grama e mais alguns meninos). F.: O que foi K.? K.: Eu to olhando o tio cortar grama. F.: E então? (K. vai colocando em cima da cadeira a banheira, boneca, rádio, piu-piu, mamadeira). O que tu fizeste K.? K.: Eu fiz uma casinha, ali está a caminha (banheira) para o bebê dormir, agora tu nana o nenê e dá mamadeira. Tu é a mãe e eu vou arrumar o cobertorzinho para ele. F.: E tu K., quem tu vai ser? K.: A filha! K.: (Pega uma injeção na mão e vai para baixo da mesa). Não! F.: Então, quem tu é?</p>

	<p>K.: ...É... é ... (vai saindo debaixo da mesa).</p> <p>F.: Me parece K. que tu quer ser alguém na brincadeira, mas não está querendo me falar...</p> <p>K.: (Pega a caixa de maquiagem, abre, olha, faz de conta que passa batom em mim). Ta! Eu vou botar aqui, isto vai ser teu (banco ao lado da cadeira).</p> <p>F.: (Boto o nenê na 'caminha'). Pronto K., ele já dormiu.</p> <p>K.: Tu deu mamadeira?</p> <p>F.: Já dei mamadeira pro bebê!... Mas K., vamos ver esta caixinha de maquiagens, é minha e está dentro da casinha?</p> <p>K.: (Fica olhando os carimbos). Tia, eu quero uma folha, eu vou fazer uma coisa para ti.</p> <p>F.: (Entrego a folha). K., acho que tu não queres me responder sobre a pergunta que te fiz.</p> <p>K.: Vou encher de bichinhos a folha. (Vai carimbando). Tia, desenha uma borboleta para mim. (Me alcança um giz de cera vermelho).</p>
Pn4	<p>F.: Tu não queres fazer a borboleta.</p> <p>K.: Não! Tu faz.</p> <p>F.: Com este giz?</p> <p>K.: É.</p> <p>F.: (Desenho). Pronto K.!</p> <p>K.: Agora, eu vou fazer um sol, nuvens... Tia, escreve o meu nome de verde.</p> <p>F.: De verde?</p> <p>K.: É a cor que eu mais gosto.</p> <p>F.: Tu não sabe escrever K.?</p> <p>K.: Não!</p> <p>F.: (Escrevo). Pronto K!</p> <p>K.: É pra ti, tia, o desenho! (K. vai guardando os brinquedos).</p> <p>F.: Vamos conversar sobre o desenho?</p> <p>K.: É sol, nuvem, bichinhos... (Continua arrumando os brinquedos).</p> <p>F.: Me explica um pouco melhor K., o que eles estão fazendo?</p> <p>K.: Nada.</p>
Pn5	<p>F.: Bem K., nosso horário está acabando, nos vemos na próxima semana.</p> <p>K.: Tchau F.!</p> <p>F.: Tchau K.</p>

ANEXO D

Caso Renata-Andréia:

Narrativas codificadas de acordo com as proposições que compõem o ciclo narrativo.

Primeira entrevista A. (28/06):

Temática: Escolha do nome da boneca.

Pn	Descrição da narrativa 1
Pn1	(Busco a A. na sala de desenho da casa grande, ela me entrega um desenho que fez para mim. Entramos na sala de atendimento e ela vai direto pegar as Barbies. Coloca uma por uma na mesa). A.: Esta é a Angélica, a Sandy, a... e essa quem pode ser? (Fica pensando um pouco...) Quem pode ser ela tia?
Pn2	R.: Não sei. (Ficamos pensando por um tempo). A.: Esta vai ser a Rox., está bem tia? R.: Está bem. A.: Vou vestir esta boneca, segura ela para mim tia? (Seguro a boneca enquanto A. escolhe as roupas). Vou colocar esta saia, está bonito, né tia?!
Pn3	R.: Está bem bonito! A.: Fecha ela pra mim tia! (Fecho a saia). Agora tem que achar uma blusa... onde está a outra parte disso? R.: Tem que procurar nas roupas. A.: Quem sabe essa bota, tia? (Coloca em um pé a bota). Olha essa blusa que legal, daí vamos deixar com o umbigo de fora. (Coloca a blusa enquanto seguro a boneca. Vê o nome Barbie escrito na caixa). Vamos chamar ela de Barbie?
Pn4	R.: Vamos. A.: Olha que linda que ela ficou, só não dá pra deixar o umbigo de fora. (Larga a Barbie e vai até o armário).
Pn5	

Temática: Conversa ao telefone.

Pn	Descrição da narrativa 2
Pn1	
Pn2	A.: Posso montar uma casinha? R.: Você pode usar qualquer coisa aqui na sala. A.: Ta! (Pega as peças e começa a organizá-las no tapete). Vou tirar o sapato para ficar aqui. R.: Não precisa, vai ficar com frio nas pernas. A.: Eu estou de meia. (Deixa os sapatos no canto da sala). Eu vou ligar para a senhora. (Pega o telefone e me entrega o outro. Ajeita seus números. Ajeito um pouco enquanto ela ajeita o seu.). Trim, trim...
Pn3	R.: Alô! A.: Oi, tudo bem? R.: Tudo e você? A.: Vou bem e a mãe? R.: Vai bem, obrigado! A.: Você quer ir lá em casa comer um bolo? R.: Quero, que horas?

	A.: Amanhã de tarde. Está bem? R.: Está, obrigada!
Pn4	A.: Tchau. R.: Tchau.
Pn5	

Temática: Jogo de adivinhação.

Pn	Descrição da narrativa 3
Pn1	(A. levanta e pega uma caneta e uma folha.).
Pn2	A.: Vamos brincar de adivinhar? R.: Vamos.
Pn3	A.: Eu vou escrever uma coisa e você adivinha o que é. (Escreve numa folha o que eu acho que um cavalo come.). São quatro coisas. (Escrevo o que eu acho, ela concorda. Depois, lhe questiono sobre a quarta coisa). É mi... R.: Milho? A.: Isso mesmo. (Coloca um certo). Agora é a sua vez. (Penso um pouco). Coloca quando a luz queima o que é feito. (Coloquei). Coloquei um certo.
Pn4	
Pn5	

Temática: Atendimento anterior.

Pn	Descrição da narrativa 4
Pn1	(A. levantou e pegou a caixa de carimbos). A.: Vamos carimbar agora? Eu faço um carimbo e você faz outro. (Deixa o carimbo cair no chão). Não faz mal, é só limpar depois. (A. pega o carimbo, carimba um bichinho e pede para mim carimbar também). R.: Você gosta de bichinhos? A.: Hã, hã (concorda).
Pn2	A.: Oh, tia, eu já fui atendida antes, sabia? Pela Tatiane! R.: É mesmo?
Pn3	A.: Hã, hã. (A. levanta e vai até o armário). Deve ter alguns trabalhos meus aqui em cima do armário. (Sobe numa cadeira e não os acha). R.: A Tatiane deve ter guardado em outro lugar.
Pn4	A.: O que é isso? R.: É um mata-mosca. A.: Vou matar uma mosca tia. (Olha pela sala).
Pn5	A.: Não tem mosca aqui. (A. larga o mata-mosca e desce da cadeira).

Temática: Conversa ao telefone.

Pn	Descrição da narrativa 5
Pn1	
Pn2	A.: Eu posso colocar toda a casinha aqui? R.: Você pode usar o que quiser na sala A., só tem que guardar tudo depois no lugar. A.: Está bem. Me ajuda, tia?
Pn3	R.: Eu te entrego os móveis e você vai montando. (A. monta uma casinha, sempre verbalizando o que está fazendo). A.: Agora vai até o telefone que eu vou te ligar. Trim, trim... R.: Alô! A.: Alô! Você quer vir aqui em casa agora? R.: Claro, já estou indo aí. (Finjo que bato na campainha). Tim, dom! A.: Pode entrar. (A. pegou uma cadeira para mim sentar. Pega o estojo de

	maquiagem). Você me pinta, tia? R.: Claro, você gosta de se arrumar? A.: Gosto. (Pinto suas unhas, cílios e sombra. A. se olha no espelho, sorri satisfeita e guarda as maquiagens. Mexe na casinha um pouco).
Pn4	
Pn5	

Temática: Espaço terapêutico.

Pn	Descrição da narrativa 6
Pn1	
Pn2	A.: Quanto tempo ainda falta, tia?
Pn3	R.: Nós temos 15 minutos, mas daqui a pouco quero que guarde as coisas pra gente conversar um pouco. A.: Vou guardar as coisas agora, daí a gente joga um jogo. (Guardamos as coisas juntas). R.: A. senta aqui que eu quero combinar algumas coisas contigo. (A. pega os carimbos e fica me escutando carimbando. Faço o contrato).
Pn4	R.: Eu notei que você estava ansiosa hoje, que tem bastante vontade de falar sobre as coisas que você está precisando. (A. me abraça bem forte e me dá um beijo. Quando lhe pergunto se sabe o motivo de estar aqui, diz que é porque sua mãe bebe e está fazendo tratamento agora. Digo-lhe que é um espaço pra falar sobre isso também... mas, também é um espaço para falar sobre coisas suas, o que ela sente a respeito do que acontece com ela).
Pn5	

Histórico:

A. foi trazida à instituição por seus pais terem ido fazer tratamento numa clínica para alcoólatras. A. exercia a função materna e paterna destes já que era ela quem cozinhava, limpava a casa, etc. Era totalmente negligenciada pelos pais, já que estes estavam sempre alcoolizados. Tem plena consciência de sua situação.

Segunda entrevista A. (04/07):

Temática: Barco.

Pn	Descrição da narrativa 7
Pn1	(A. entra na sala e me convida para brincar de trenzinho com ela). A.: Me ajuda a montar tia? R.: Claro. (Montamos juntas a estrada. A. monta o trenzinho e faz todo o caminho até o fim). A.: Vamos guardar tia. E daí eu vou pintar. (Guardamos o jogo, A. senta na mesa e não vê as folhas).
Pn2	A.: Eu queria fazer um barquinho, mas não tem folha. (Procuo nas gavetas e encontro uma). Está bom essa tia, faz um barquinho pra mim? (A. pega a folha, a deixa na mesa e começa a datilografar).
Pn3	R.: O que você está escrevendo? A.: Uma carta. (Pega a folha e tenta colocá-la na máquina). Não entra tia, e eu queria escrever uma carta. R.: Tenta dobrar a folha. (A. dobra a folha e fica datilografando). O que você está escrevendo? A.: Uma carta.

	<p>R.: Pra quem é a carta?</p> <p>A.: Para a senhora.</p> <p>R.: Quando você acabar de escrevê-la, lê ela pra mim? (A. concorda com a cabeça. Datilografa até a carta cair da máquina).</p> <p>A.: Acabou, faz um barquinho pra mim?</p> <p>R.: Quem sabe vamos fazer juntas?</p> <p>A.: Está bem. (Dobro uma parte da folha e entrego a ela). Eu não sei fazer tia.</p> <p>R.: Faz do jeito que você sabe. (A. dobra a folha, olha e vê que consegue, satisfeita. Me entrega de novo, dobro a outra parte).</p> <p>A.: Está pronto, agora é só pintar. Eu posso pintar, tia?</p> <p>R.: Você pode fazer o que quiser A.. (A. pega as colas coloridas. Tenta usar o verde e não consegue).</p> <p>A.: Não funciona. (Me entrega, tira a tampa). Agora dá, não tem pincel?</p> <p>R.: Tem lá no canto.</p> <p>A.: Vou usar algodão, posso tia?</p> <p>R.: Lembra que eu te disse que você pode usar tudo o que quiser aqui na sala, não precisa me perguntar.</p> <p>A.: Ta. (Sorri. Pega um pouco de algodão, passa na cola e começa a cobrir o barco). Vou fazer um pouco de cada cor, mas primeiro quero aproveitar toda a tinta do algodão. (Quando muda de cor, vai ao banheiro colocar o algodão usado e pega outro... Acaba o barco, coloca o nome no desenho e guarda tudo). Eu queria pintar mais, mas não tem mais folhas.</p> <p>R.: O que tu acha de usarmos as folhas da agenda? Podemos arrancar as que estão em branco.</p> <p>A.: Isso! (A. pega a agenda). Vou pegar uma folha de julho. (A. arranca a folha). Vou pintar minha mão. (Pega a tinta verde e passa em toda a sua mão, colocando-a na folha. Seguro a folha para ela).</p>
Pn4	<p>A.: Viu que bonito que fica, vou fazer mais uma vez. Depois, vai tudo pra minha pastinha, né?</p> <p>R.: Isso mesmo. (A. vai lavar as mãos, a acompanho). Lava com sabonete que vai sair melhor. Eu notei que você é bastante organizada A.</p>
Pn5	<p>(A. concorda com a cabeça, seca as mãos e vai ver se o chuveiro funciona. Guarda o material que usou).</p>

Temática: 'Você me ajuda a montar'.

Pn	Descrição da narrativa 8
Pn1	
Pn2	<p>A.: Ainda temos tempo para jogar um jogo?</p> <p>R.: Temos. (A. vai até o armário procurar um jogo).</p> <p>A.: Cadê aquele jogo de montar? (Abro o outro armário pra ela). É isso que eu quero! (A. pegou um jogo de quebra-cabeças).</p>
Pn3	<p>A.: Esse aqui está montado.</p> <p>R.: É só desmontar, então montamos de novo.</p> <p>A.: Não, eu prefiro jogar aquele outro. (Guarda e pega outro quebra-cabeça). Você me ajuda, ta?</p> <p>R.: Claro. Você gosta de montar coisas?</p> <p>A.: Gosto, eu sempre ajudava minha mãe na roça.</p> <p>R.: É mesmo?</p> <p>A.: Eu fazia um monte de coisa. (Começa a falar sobre o quebra-cabeça).</p> <p>R.: O que mais você fazia com a sua mãe? (A. finge que não escutou e acaba de montar).</p> <p>A.: Me ajuda a guardar as coisas?</p>

	<p>R.: Claro.</p> <p>A.: Vou pegar aquele outro quebra-cabeça. Você me ajuda a montar. Você faz estes e eu esse.</p> <p>R.: Vamos montar juntas?</p> <p>A.: Ta. (A. fica falando sobre o jogo sem parar).</p> <p>R.: A., tu notou que eu te fiz uma pergunta e você ainda não respondeu? (A. faz que sim com a cabeça). E tu lembra o que eu te perguntei? (A. faz que não). Eu perguntei o que mais tu fazia com a tua mãe? (A. começa a falar sobre o quebra-cabeça que está montando). Este espaço também é para falar sobre essas coisas. (A. acaba o jogo, o guarda de forma organizada e continua falando do jogo).</p> <p>A.: Ainda temos bastante tempo?</p> <p>R.: Já está na hora de guardarmos as coisas. (A. começa a arrumar as coisas, mas em vez de arrumar o que ela pegou, começa a organizar toda a sala, angustiada. Observo-a por um tempo).</p>
Pn4	<p>R.: A., você está querendo me dizer com isto que você organizava todas as coisas na sua casa para sua mãe. (A. concorda com a cabeça. Ela para de organizar a sala e começa a organizar suas coisas e eu a ajudo). A., este espaço é justamente para a gente conversar e organizar essas coisas que acontecem contigo. Semana que vem a gente continua.</p>
Pn5	

Terceira entrevista A. (11/07):

Temática: tratamento anterior.

Pn	Descrição da narrativa 9
Pn1	<p>(A. entra na sala, pega a casinha e os bonequinhos pequenos).</p> <p>A.: Vamos brincar de casinha, tia?</p> <p>R.: Vamos. (Sentamos no tapete).</p>
Pn2	<p>A.: Eu vou colocar eles no pátio, eles estão perdidos na floresta. (Mexe na casa. Uma criança bate na campainha). Posso morar aqui com vocês? (Pergunta para outro boneco).</p>
Pn3	<p>A.: Espera um pouco que tenho que falar com o meu irmão. (Vai até o irmão). Pode. (Coloca todas os bonecos dentro da casa. Me questiona sobre alguns detalhes da casa). Vamos desenhar agora?</p> <p>R.: Tudo bem.</p> <p>A.: Posso deixar os bonecos aqui dentro, eles estão mais seguros assim. Um deles até já quebrou a perna fora.</p> <p>R.: E você, já quebrou a perna?</p> <p>A.: Eu não. Nunca fico doente. (A. vai até a mesa). Posso pegar uma folha?</p> <p>R.: Lembra que eu te disse que você pode usar tudo o que está na sala. (A. faz que sim e sorri. Pega a máscara do Mickey, a desenha e a pinta). Você gosta de máscaras?</p> <p>A.: Sim. Tia, você viu o barquinho que eu fiz com a Tatiane? Estava com um bilhete para ti na sala da Lara.</p> <p>R.: Claro que eu vi.</p> <p>A.: Viu que bonito?</p> <p>R.: Vi sim. Você fazia isso com a Tatiane, né? (A. concorda).</p>
Pn4	<p>R.: Você sabe que o que você faz aqui é uma continuação do que você fazia com ela, só que agora é comigo.</p>
Pn5	<p>A.: Eu sei. (A. acaba o desenho). Pode guardar na pastinha. (Guardo o</p>

	desenho).
--	-----------

Temática: 'Ficar bonita'.

Pn	Descrição da narrativa 10
Pn1	(A. mexe nas maquiagens). A.: Vou me pintar com essas coisas. Me pinta, tia. Tem que tirar o esmalte primeiro. (Tiro o esmalte para ela).
Pn2	R.: Você gosta de se arrumar, ficar bonita! A.: Gosto.(Enquanto tiro o esmalte, A. passa um pouco de batom nos lábios). A.: Eu vou ter que tirar o batom. R.: Por quê?
Pn3	A.: Vou comer bolo depois. (Acabo de tirar o esmalte). Eu já venho, vou fazer uma coisa. (Vai ao banheiro). R.: Você está tirando o batom? A.: Não. (Volta logo, sem o batom. É a segunda vez que A. repete isso, pois na sessão anterior ela também fez isso). R.: Você tirou o batom. (A. sorri). A.: Não quero mais me maquiar, tirar o esmalte. R.: Está bem. (A. guarda tudo).
Pn4	
Pn5	

Temática: 'Bebê com dor de barriga'.

Pn	Descrição da narrativa 11
Pn1	
Pn2	A.: Vou brincar com o nenê. (Pega o carrinho e passeia com ele até o banheiro. Lá, ela coloca mais roupa nele). R.: Você gosta do banheiro, hein? A.: Gosto. Tem que colocar mais roupa no nenê. R.: Você já cuidou de um nenê antes?
Pn3	A.: Não. (Leva o carrinho para a sala). Vem, vamos passear com o nenê no parque. (Pega o material de médico. Pega outra boneca). Tem outra passeando no parque também. (Mexe com os primeiros socorros). O nenê está doente. R.: É mesmo? A.: Ele está com problema na barriga. R.: O que será que é? A.: Isso nem eu mesma sei! R.: Você está querendo me dizer que está com algum problema e não sabe o que é? A.: Eu não, o bebê! R.: E o outro tem alguma coisa? A.: Não, só o nenê. (Me entrega o material. Verifico o nenê). R.: Não sei o que é. A.: Tem tempo ainda? R.: Só uns minutos. (A. começa a guardar o material).
Pn4	A.: Eu sei o que é. R.: O que? A.: Dor de barriga. R.: Dor de barriga? A.: É, ele tomou muito comprimido errado. R.: É mesmo? A.: Comprimido para gravidez, a irmã que deu pra ele.

Pn5	R.: Como nós já estamos passando do horário, semana que vem a gente continua falando sobre estas coisas, está bom? (A. concorda. Organizamos o que falta).
-----	--

Obs.: Sempre que me enxerga no pátio, A. me lembra de nosso atendimento. Possui bastante vontade de falar.

Quarta entrevista A. (18/07):

Temática: Casinha, telefone e namorado.

Pn	Descrição da narrativa 12
Pn1	(A. trouxe para atendimento o balde e dois potinhos de areia. Montou uma casa com os brinquedos, colocando bonequinhos na sala e no quarto. Pegou o telefone e ligou pra mim). A.: Trim, trim... R.: Alô!
Pn2	A.: Oi mana, você quer vir aqui em casa hoje? R.: Claro. A.: Eu quero conversar contigo. R.: Conversar sobre o que?
Pn3	A.: Sobre uma coisinha importante, depois eu te conto. R.: Então ta, quando eu chegar aí, tu me conta. A.: Vê se traz o teu namorado junto. R.: Está bom. (Desligamos o telefone). A.: Enquanto a mana não vem, eu vou desenhar um pouco... R.: O que você está desenhando? A.: Uma flor. R.: Uma flor? A.: É. R.: Sua mana tem namorado? A.: É brincadeira, tia! R.: Eu sei, no telefone você pediu para ela trazer... A.: Ela tem e eu também. Você vai trazer ele junto? R.: Não sei, o que você acha? A.: Eu acho que sim. Assim, nós levamos eles na festa com nós. R.: Que festa? A.: Uma festa que vai ter depois. Vamos ir? R.: Claro. A.: Como a mana está demorando. Vou ligar para ela. (Pega o telefone). Trim, trim... R.: Alô! A.: Mana, você está demorando demais! R.: Eu já estou indo. É que eu estou esperando o meu namorado para ir junto. A.: Então ta! R.: Você já teve algum namorado A.? A.: Eu não! R.: Você sabe o que é namorar? A.: Eu sei, mas eu não tenho namorado não! (A. continua desenhando). R.: Dim, dom! A.: Oi mana, tudo bem? Senta. (Sentamos na sala da casinha que ela montou. A. pega uns pratos e prepara a mesa).

	<p>R.: Você queria falar comigo sobre alguma coisa. A.: Eu queria ver se você vai querer ir no baile comigo. R.: Vamos sim. A.: Eu vou avisar logo a mãe, senão ela vai ficar brava. R.: A mãe vai ficar brava? A.: É, se não falar e avisar ela. (A. procura algumas coisas pela cozinha). R.: Você tem irmãos A.? A.: Tenho três. Eles estão aqui. R.: Você já foi a algum baile antes?</p>
Pn4	<p>A.: Eu não. Vem, vamos comer. (Servimo-nos na mesa. Arrumamos tudo por iniciativa da A). Nós temos ainda tempo? R.: Sim. A.: Eu quero ainda conversar contigo. (Senta e desenha).</p>
Pn5	<p>R.: Semana que vem eu vou viajar, tirar umas férias. (Enquanto falo, A. desenha um coração). Você me contou várias coisas hoje, A., como a maneira que agia em casa, tendo o controle de toda a situação... Algumas coisas eu não entendi bem, mas com tempo eu vou entender melhor.</p>

Quinta entrevista A. (01/08):

Temática: Baile.

Pn	Descrição da narrativa 13
Pn1	<p>(A. entra e se joga no tapete). A.: Aqui é meu quarto. Vamos colocar os nenês para dormir? R.: Vamos. (A. ajeita a boneca na caminha).</p>
Pn2	<p>A.: Pega o nenê para mim. Vou continuar cuidando dele. (Lhe entrego o nenê. A. comenta que a mamadeira está vazia, me entrega o nenê no colo e vai pegar as Barbies). Vamos colocar umas roupas bem bonitas nelas, né? (A. vai trocando as roupas).</p>
Pn3	<p>A.: Me ajuda a ajeitar elas tia! (A. me entrega uma Barbie. Lhe entrego o bebê). Vou colocar ele pra dormir. Coloca água na mamadeira para mim. (A. me entrega a mamadeira. Vou ao banheiro e entrego a mamadeira cheia. Nisto ela já está envolvida com as Barbies. Coloco a mamadeira ao seu lado e a ajudo com as roupas da Barbie). Temos que arrumá-las porque elas vão ao baile hoje. R.: É mesmo? Que baile? A.: Um baile lá. (A. fala sobre as roupas da Barbie. Tudo muito rápido). Temos que arrumá-las logo, pois o baile já começou. R.: Está bom. (Arrumamos elas por mais um tempo... A. arruma as Barbies numas cadeiras e senta). A.: Acho que elas nem vão mais no baile. Vão ficar aqui conversando. Pode ser, né? R.: Claro. A.: Eu quero desenhar agora. Mas, primeiro tem que guardar tudo. Vamos dobrar todas as roupas..., não, vamos fazer assim... (A. organiza a caixinha e arruma tudo).</p>
Pn4	
Pn5	

Temática: 'Escreve como gosta de mim'.

Pn	Descrição da narrativa 14
Pn1	
Pn2	(A. pega uma folha). A.: Você escreve para mim o que eu dizer. R.: Claro. A.: Espera, eu vou ligar para a minha mana. Trim, trim...
Pn3	R.: Alô! A.: Oi mana, você pode vir aqui? R.: Claro. A.: Então, vem logo que eu preciso que você faça algo para mim. R.: Está bem. Dim, dom... A.: Oi mana. (A. dá três beijinhos). R.: Tudo bem? A.: Não muito. R.: Mas, o que aconteceu? A.: Briguei com o meu namorado. R.: Oh, porquê? O que aconteceu? A.: Deixa para lá, não quero te incomodar com os meus problemas. R.: Irmã é para essas coisas, pode falar. A.: Está bom! Nós estávamos passeando e daí fomos numa loja e eu pedi pra ele comprar para mim. Ele não quis e eu não falei mais com ele. R.: E daí? A.: Daí eu não falo mais com ele, estou brava. Escreve aí, você vai escrever tudo o que eu disser, né? R.: Claro. A.: Escreve como gosta de mim.
Pn4	R.: A., eu também gosto de você e noto o quanto você considera importante este espaço para falar sobre suas coisas. Estou notando a sua ansiedade por falar, mas pode ir com calma que as coisas serão conversadas. Essa semana que eu faltei te angustiou, né? A.: Foram dez dias. (Me dá um beijo e põe o nariz dela no meu e mexe). Os duendes de um filme que eu vi fazem isso. R.: É mesmo? A.: As mães faziam nos filhos.
Pn5	

Temática: 'Casinha: pintar as unhas'.

Pn	Descrição da narrativa 15
Pn1	
Pn2	A.: Eu vou te ligar de novo, ta? Trim, trim... R.: Alô! A.: Oi, você pode vir aqui que eu preciso falar contigo? R.: Claro. Dim, dom...
Pn3	A.: Oi mana. (A. dá três beijos). R.: Você queria falar comigo? A.: Ah, sim! Pinta minhas unhas? R.: Claro. A.: Tem que tirar o esmalte primeiro. Tira para mim? (Começo a tirar, A. fica ansiosa). Tive uma idéia, vou passar por cima mesmo. Assim, oh! (A. derrama o esmalte). Que desastrada! R.: Tudo bem, é só limpar. Daí, vamos começar a arrumar as coisas que o

	tempo está acabando. A.: Está bom. Vou ao banheiro largar o algodão. (A. fecha a porta). R.: O que você está fazendo? A.: Pode entrar. (A. estava escondida atrás da porta. Guardamos o resto). R.: Semana que vem a gente continua.
Pn4	
Pn5	

Sexta entrevista A. (13/08):

Temática: Espaço terapêutico.

Pn	Descrição da narrativa 16
Pn1	A.: Hoje eu quero desenhar! (A. acaba o desenho e pega os carimbos. Vai me explicando o que cada bicho está fazendo).
Pn2	A.: Eu vou ligar pra você, ta? Trim, trim... R.: Alô! A.: Oi R., tudo bem? R.: Tudo! E você A.?
Pn3	A.: Mais ou menos. R.: O que aconteceu? A.: Eu não estou gostando mais tanto da aula de música, tomara que nem tenha hoje.
Pn4	R.: Será que você não está querendo dizer que prefere ter esse espaço pra falar hoje do que ir na aula de música. Você gosta de música, só não quer abrir mão do seu horário de atendimento.
Pn5	A.: Isso mesmo! Se você quiser pode vir aqui depois. R.: Está bem, eu vou!

Temática: Organização das coisas.

Pn	Descrição da narrativa 17
Pn1	
Pn2	(A. levanta e começa a organizar a mesa melhor do que estava, dizendo-me que ia ajeitar melhor). A., você nota como você precisa sempre organizar as coisas?
Pn3	A.: Vou fazer outro desenho, posso? R.: Pode. A.: Aqui vou carimbar os bichinhos... (A. fica falando para não me escutar/resistência). R.: A., você percebe que às vezes eu falo contigo e você dá um jeito pra não precisar falar sobre isso. A.: Quando? O que? (A. para e me olha). R.: Eu comentei contigo sobre o quanto você precisa ficar arrumando as coisas, igual você fazia em casa pra sua mãe. Deve ser um sofrimento para ti isso! A.: Sabe que lá em casa nós tínhamos todos esses bichos? R.: É mesmo? A.: Hã, hã. R.: Então, vocês tinham um sítio. A.: Isso aí! (A. vai carimbando enquanto falamos). Acabei. (A. pega a caixa de carimbos, me mostra o desenho na caixa). Da próxima vez, eu vou fazer essa grade, só sem esses bichos dentro. R.: E o que você vai deixar dentro da cerca? A.: Só vaca.

	<p>R.: As vacas ficavam no cercado lá na tua casa? A.: Ficavam. R.: E você também cuidava dos animais? A.: Sim! R.: Você, então, cuidava da casa e dos bichos? A.: Sim, mas só quando eu queria! R.: Só quando você queria? A.: Sim, se eu não tava afim, não fazia! R.: E quem fazia? A.: A mãe. Eu só fazia quando ela pedia. R.: E se você não tava afim e a mãe pedia? A.: Eu sempre fazia! (Poderia ter feito uma intervenção). Coloquei chão nos bichos. (A. me entrega o desenho).</p>
Pn4	<p>R.: Você quer que eu guarde? A.: Hã, hã. (Pego a pasta). Olha só quanto desenho que eu fiz! Olha, os bichos no circo! (A. mexe um pouco e me pede pra guardar os desenhos).</p>
Pn5	

Temática: Organização das coisas.

Pn	Descrição da narrativa 18
Pn1	
Pn2	<p>A.: Temos tempo ainda? R.: Temos. A.: Vou pegar as bonecas, então (Barbies). Me ajuda a vestir elas que está frio! (Vestimos elas por um tempo). Você sabe que a mãe colocava um monte de roupa em nós quando estava frio?</p>
Pn3	<p>R.: É mesmo? A.: Só que eu me vestia sozinha! R.: Só tu? A.: É, meus irmãos ela vestia, eu não precisava. R.: E como você se sentia? A.: Às vezes bem, às vezes mal! As Barbies estão prontas, me ajuda a guardar? (Fuga, poderia ter pontuado). (A. organiza toda a caixinha). Vou colocar o nenê para dormir agora! (A. coloca o nenê na almofada). Fica com ele que eu vou preparar a mamadeira. R.: Como é o nome dele? A.: Laércio, não, é Fabíola (nome do irmão). R.: É tua irmã? A.: Minha filha. Eu vou tirar o batom dela, nenê não usa batom. Vamos dormir? Você também, aqui está o travesseiro grande para ti, deita aí! (A. desliga a luz, deita com o nenê ao meu lado. Permanecemos no escuro, em silêncio, uns três minutos). É de manhã, vou preparar o café. (A. pega as panelas). R.: A., o nosso tempo está acabando. A.: Ta, vou arrumar tudo. (A. começa a organizar as coisas que não mexeu, novamente).</p>
Pn4	<p>R.: A., você só precisa arrumar o que pegou. A.: Eu sei. (Continua. Pego A. gentilmente pelas mãos). R.: Vem, vamos, as coisas que estão no tapete. A.: É, tem que arrumar isso... (A. vai ao armário, pega o regador de água e o enche no banheiro). R.: O que você está fazendo? A.: Eu só quero dar água para as plantas, me ajuda aqui. (A. sobe na janela).</p>

	Viu, agora deu. (A. joga o regador na grama). Hi! (A. me olha se dando conta do que fez). R.: Não faz mal, a gente pega depois. (Guardamos o resto. A. começa a datilografar sem parar).
Pn5	R.: A., eu sei que você tem muito mais para falar, semana que vem a gente continua. Você falou várias coisas hoje, já está conseguindo falar sobre coisas que te aconteceram, isso é muito bom! Nosso horário será sempre este agora, ta?

Obs.: Segundo o caderno, A. está desobediente, grita e diz palavrões para as tias. Há muitos comentários sobre isso.

Sétima entrevista A. (20/08):

Temática: 'O leão bom contra o leão mau'.

Pn	Descrição da narrativa 19
Pn1	(A. vem ao atendimento às 14:30 e lhe avisa que ainda não estamos na hora – ANSIOSA. A. entre na sala, abre o armário e me convida para jogar o jogo da memória. Jogamos por um tempo em que A. vai expressando alguns nomes das gravuras – não se atendo ao jogo em si).
Pn2	R.: Sabe A., esse jogo diz muito do que você está passando agora – relembrando as coisas que lhe aconteceram. (A. fala das peças, me escutando, mas não respondendo nada). A.: Eu já olhei esse filme (Rei Leão)! R.: É mesmo!
Pn3	A.: O leão bom protege o filhotinho contra o leão mau! Também tenho um livro. R.: E qual parte tu mais gostou? A.: Eu vou pensar, depois eu te digo. (Jogamos por um tempo, A. bem distraída, ansiosa). Ah, tia, não quero mais jogar. R.: Tudo bem. (A. guarda o jogo).
Pn4	
Pn5	

Temática: 'vamos dormir'.

Pn	Descrição da narrativa 20
Pn1	
Pn2	A.: Quero brincar com o nenê. (A. dá de mamar a ele, arruma sua coberta). Fecha a janela, por favor. Vamos dormir, você deita aqui. (A. desliga a luz e deita ao meu lado. Ficamos totalmente no escuro. Vejo ela se levantar e indo até a mesa mexer nas coisas). R.: O que você está fazendo? (Fico angustiada).
Pn3	(A. vai tropeçando até a luz). A.: Nada! Nada! Olha! R.: Pensei que fôssemos dormir. A.: Nós vamos. (A. mexe na mesa). R.: Você fazia coisas escondidas à noite na tua casa? A.: Não. (A. deita no chão). Desliga a luz, mana e me acorda quando for de manhã. De brincadeira, ta? (Dormimos). R.: Vamos acordar? A.: Prepara o café enquanto eu vou para o banho. (A. fica um tempo lá com a

	porta fechada, liga o chuveiro. Sai).
Pn4	R.: O café está pronto. (Coloco pratos e panelas). A.: Vou lavar a louça, mana! R.: Onde está a mãe? A.: Não sei, nem vi ela hoje. Deu, lavei tudo. (A. atira a louça dentro do armário – não organiza). Cansei de brincar disso!
Pn5	

Temática: ‘Ansiosa hoje’.

Pn	Descrição da narrativa 21
Pn1	
Pn2	A.: Vou desenhar! (A. começa um desenho). Desenha também! R.: Prefiro não desenhar, este espaço é teu!
Pn3	A.: Adivinha o que estou desenhando? Isso é água... Não estou gostando, não era isso que eu queria desenhar. Posso colocar fora? R.: Pode! (A. dobra em várias partes e põe no lixo). A.: Vou desenhar aqui (quadro mágico). (A. fica falando sobre seus desenhos. Deixa o quadro cair, ela está fazendo tudo rápido hoje). R.: A., você notou como você está ansiosa hoje, você começa várias coisas e não consegue acabar. (Desenha um cachorro e um coração onde escreve que me adora). Com isso, você está me mostrando como é importante este espaço para você? (A. concorda). A.: Vou desenhar no outro quadro! Vou fazer um cartão de Natal! R.: Quando falo com você A., muitas vezes você finge não me escutar. Está difícil falar hoje, né? Você falou muito na semana passada. A.: Não tem nada a ver o que você está falando. Vou dar banho nas Barbies, me ajuda a tirar as roupas. (A. leva uma para o banheiro, deita na banheira, enche o regador e lhe dá banho). Ai, que água boa! Que bom tomar banho! Que água gelada, bem boa essa!... (A. repete o mesmo com a outra Barbie. Seca-as e veste uma Barbie, bastante angustiada, preocupada com o tempo). R.: Nosso tempo está acabando, mas você pode continuar na semana que vem. (A. guarda as bonecas,).
Pn4	R.: A., eu senti você bastante angustiada hoje, como você falou e trouxe muita coisa da outra vez... fica às vezes difícil continuar. Você acaba ficando meio confusa descobrindo tanta coisa. (A. me dá um beijo e coloca o sapato).
Pn5	A.: Vem mais alguém aqui hoje? R.: Não.

Obs.: A. não organizou a sala como sempre fez. Colocou alguns objetos no lugar, mas sem se preocupar em organizar, ver como fica melhor. Enquanto colocou os sapatos, eu mesma coloquei o carrinho e o microfone, que ela deixou em outra estante, no lugar: RUPTURA DO COMPORTAMENTO?

Oitava entrevista A. (27/08):

Temática: ‘Organizando tudo de novo’.

Pn	Descrição da narrativa 22
Pn1	(A. entrou na sala e logo viu a caixa nova em que colocamos as maquiagens. Incluímos algumas coisas como pulseiras, sombra...) A.: Que é isso, deixa eu ver. (Olha tudo). Coloca para mim a azul (sombra). (Maquio A., ela se olha no espelho). Bonito, passa o batom agora. Gostei! Não

	vou fazer as unhas hoje!
Pn2	A.: Vou levar a caixinha para pintar as Barbies. (A faz da pintura como bolsa e pega a caixa das Barbies). Vamos vestir elas, tia? (Sentamos no chão. Me entrega uma Barbie e vai escolhendo as roupas que quer que eu coloque...). Olha, um bebê bem pretinho! (Também é novo! A. fica arrumando as bonecas, tem toda calma, colocando os enfeites novos...). Sabe onde elas vão hoje? R.: Onde?
Pn3	A.: Ao baile! R.: É mesmo, elas gostam bastante de ir ao baile. A.: Hã, hã. (Depois de um tempo, A. coloca colares e pulseiras nela também e me entrega uma). Eu sou sua mãe e você é minha filhinha. (A. coloca batom vermelho e se ajeita no espelho). R.: Aonde eu vou ficar quando vocês forem no baile, já que sou sua filha? A.: Vai junto, ora! (A. arruma e enfeita todas as Barbies. Tira todo o material da caixa de maquiagem e o organiza). R.: A., você se dá conta que está organizando tudo de novo? A.: E daí, eu gosto. (A. arruma tudo, guarda as Barbies).
Pn4	
Pn5	

Temática: 'Escreve que gosta de mim'.

Pn	Descrição da narrativa 23
Pn1	A.: Eu vou brincar de massinha de modelar! (Também nova). (A. tira a azul para fora, mexe um pouco e a guarda). Eu vou te ligar, ta? Só deixa eu fazer isso. (Pega a máquina de datilografar). Quando fizer barulho, tu atende. (A. bate um tempo na máquina). Tim... R.: Alô! A.: Oi mana, tudo bem? R.: Tudo e você?
Pn2	A.: Eu tenho um segredo para te contar, você não pode falar para ninguém. (Fala sussurrando). R.: O que foi mana? (Sussurro).
Pn3	A.: A mãe já teve um nenê. R.: É mesmo? A.: Eu descobri domingo. R.: E como você descobriu? A.: O juiz (Ato falho), eu fui lá visitar ela na casa dela. R.: E como estava o nenê? A.: Eu não sei, quer dizer, eu bati na porta e não tinha ninguém lá. Mana, você pode vir para cá? Bem rápido, que eu quero te contar uma coisa. R.: Está bem. (Levanto e vou perto da porta). Tim, dom... A.: Oi mana. Quero te mostrar algo. (Procura a agenda). Cadê aquela caixa de lápis. (Mudamos a caixa de lugar. A. a acha). Escreve aqui para mim o que você gosta em mim? R.: O que você quer que eu escreva? A.: Ah R., escreve que você gosta de mim! R.: A., este tempo aqui é para falarmos sobre suas coisas (dar este suporte que está pedindo), falando de mim estaremos deixando de lado suas coisas!
Pn4	A.: Eu começo, então. (A. escreve no papel que gosta do meu cabelo, das minhas unhas...). R.: A., será que você quer que eu diga que gosto de você por medo de eu deixar de gostar se você me disser certas coisas? Você pode me falar qualquer coisa

	<p>que eu vou estar com você, te gostando do mesmo jeito e te ajudando. (A. fecha a agenda, arrancando a folha do lado que havia escrito. Coloca a folha na máquina e a enrola).</p> <p>A.: Deu certo!</p> <p>R.: A., nosso tempo está acabando por hoje. Notei você bastante angustiada, com vontade de falar muita coisa e achando difícil.</p>
Pn5	<p>A.: Sabe o que é, é que eu briguei com a tia do projeto hoje.</p> <p>R.: É mesmo!</p> <p>A.: Estou meio chateada!</p> <p>R.: O que aconteceu? Podemos conversar sobre isso!</p> <p>A.: Deixa pra terça que vem!</p>

Obs: - O sintoma pode estar mascarando sua angústia, sua culpa.

- Entrar no jogo dela, no jogo modificar o seu 'sistema de funcionamento'.

-Deixar ela mais solta, brincar.

-Ser sua mãe, dar colo, aquele carinho que não tinha.

-Deixar ela entrar naquilo que não tinha e NÃO ENTRAR TANTO NO REAL. "É brincadeira" (A. fala): pedido de não ser tão real.

-Intervenção: deixa eu ser mãe hoje; vamos deixar tudo bagunçado hoje.

Nona entrevista A. (03/09):

Pensamentos: A. conseguiu 'se soltar' hoje. Agiu como uma criança de 10 anos, pois riu, pulou, dançou, 'bagunçamos'.

A.: 'Hoje eu me diverti muito tia, quero fazer mais isso'.

Se sentiu acolhida por mim como: você pode assumir seu lugar de criança que tanto precisa.

Embora tenha havido dois momentos em que se preocupou com a 'bagunça' e o horário:

R.: Pode deixar que eu cuido do horário A..

A.: Mas, hoje nós passamos do tempo, né tia?

R.: O nosso horário foi o mesmo.

A.: Mas, é que tava tão bom!

Cantou, se olhou no espelho, dançou sozinha e depois pediu companhia e colo. Pediu para brincar com ela e também a observar, podendo mostrar o que sabe para a "Senhora" (quando a olho), para a 'Tia' (quando participo).

Temática: 'Foi divertido'.

Pn	Descrição da narrativa 24
Pn1	(A. entra no consultório com uma bola que pegou da 'sala de fisioterapia'. Entra pulando e brincando. Estimulo-a no sentido de se sentir livre para brincar, se assim o quiser. A. se anima com a idéia, pega uma cadeira e ajeita para mim sentar).
Pn2	A.: A senhora senta aqui e vê o que eu sei fazer.
Pn3	(A. faz inúmeras acrobacias e shows, sempre procurando em meu olhar aprovação. Após algum tempo, me chama para ajudá-la. Fico segurando a bola e/ou sua mão para fazer melhor suas brincadeiras. Se diverte muito, sempre comentando o seu próximo passo. Lhe elogio depois. Animada, A. pega o rádio e brinca com seus sons, passando logo a dançar. Me chama para dançar junto. Passados uns trinta minutos, começa a organizar a sala).
	A.: Temos que arrumar tudo por causa do horário.
	R.: Nós ainda temos bastante tempo.
	A.: É mesmo, então eu vou ajeitar isso pra ter mais espaço... Vou cantar. (A.

	pega o microfone e canta várias músicas românticas se admirando no espelho. Liga o rádio novamente, canta e dança novamente me dando a mão para dançar com ela)... O nosso horário está acabando, né?
Pn4	R.: Não, ainda temos um tempinho. A., pode deixar que eu cuido do horário! A.: Então, eu vou desenhar. (A. escreve a letra da música que estava cantando. Quando acaba lhe aviso que nosso horário está acabando. A. me entrega o desenho para guardar).
Pn5	A.: Nós passamos do horário hoje, né? R.: Não, o nosso horário está certo. A.: É que estava tão bom hoje. Semana que vem eu quero fazer isso de novo. (Sai do consultório dizendo o quanto se divertiu, que adorou, que foi bem legal!).

Décima entrevista A. (10/09):

Temática: 'Fazer as mesmas coisas'.

Pn	Descrição da narrativa 25
Pn1	(A. entra na sala pedindo o material que usou na semana passada. Peço para vir comigo buscá-lo. A. entra bastante animada na sala me pedindo para ajudá-la a organizar o colchão, que quer me mostrar suas performances. Sento, ela pula um pouco, mas logo me inclui na brincadeira).
Pn2	A.: Vou fazer as mesmas coisas da semana passada! R.: Você é quem sabe.
Pn3	(A. pula bastante, ri, brinca... sempre querendo saber o que eu estou achando. Liga o rádio, e dança em cima da bola – comigo sempre a segurando. Para, desliga o rádio e diz que este barulho está lhe dando dor de cabeça. Após uns 20 minutos, pega o rádio e diz que vai tirar fotos de mim. O rádio vira máquina fotográfica. Depois de tirar algumas fotos minhas...) T.: Agora é a minha vez de tirar fotos suas. (Pego o som e A. faz inúmeras poses. Logo começa a mexer na sala... Pega algumas revistas para tirar fotos com elas, depois o microfone... canta um pouco. Elisa aparece na janela, falo com ela e fecho tudo). A.: Agora, chega de foto. Fecha bem a janela que eu estou com sono. (A. deita embaixo do colchonete – coberta). Desliga a luz mana, que eu quero dormir! (Deito também. Após uns minutos A. começa a se mexer no escuro: me angustio e ligo a luz. A. deita rapidamente). R.: Mana, já é de manhã. Vamos acordar! A.: Não é de manhã, mana. Eu ainda estou cansada. R.: Você que está com preguiça hoje. A.: Então, vou levantar logo que tenho que fazer prova hoje. R.: Prova? A.: É, prova de matemática. R.: Onde vai fazer a prova? A.: Aqui em casa, ora, a professora deixou! (A. senta na mesa, me convida pra sentar também. Antes, A. arruma o colchão no chão e o coloca ajeitado no canto. Faz cálculos de matemática numa folha). Viu só o que eu tenho que fazer? Até prova de matemática!
Pn4	(A. faz alguns cálculos de somar e vai me mostrando para ver se estão corretos. Acaba e me entrega para guardar na pasta). A.: Temos tempo ainda ou está no horário? R.: Pode deixar que eu te aviso quando estiver no horário, nós temos tempo

	<p>ainda.</p> <p>A.: Que bom, então vamos arrumar tudo e brincar de se maquiar. (A. começa a organizar tudo).</p> <p>R.: Quem sabe a gente arruma isso depois e primeiro se maquia.</p>
Pn5	<p>A.: Está bom. (A. mexe nas maquiagens). Posso te pintar tia?</p> <p>R.: Pode. (A. passa sombra e batom vermelho em mim. Me entrega pulseiras e se pinta também).</p> <p>A.: Você vai no baile hoje, filha?</p> <p>R.: E tu, mãe, vai onde?</p> <p>A.: Eu vou contigo. Nós duas vamos ao baile! (Nosso horário chega ao fim, deixo A. acabar de se pintar). Que pena que o horário acabou logo agora!</p>

ANEXO E

Caso Renata-Carla:

Narrativas codificadas de acordo com as proposições que compõem o ciclo narrativo.

Primeira entrevista C. (21/08/):

Temática: Contrato terapêutico.

Pn	Descrição da narrativa 1
Pn1	(C. entra na sala de atendimento, fica parada, digo-lhe que pode sentar).
Pn2	(Questiono-lhe se sabe o motivo de estar vindo aqui. C. sacode a cabeça dizendo que não).
Pn3	(Digo-lhe que está aqui por se encontrar bastante triste, quieta... que seria importante ter um espaço para conversar, falar sobre as coisas que lhe estão acontecendo, que não entende. Falo sobre o significado que terá todo o seu comportamento aqui dentro... sobre os brinquedos, a organização destes... o uso da sala por outras crianças... o sigilo... C. me escuta de cabeça baixa, roendo as unhas, mexendo e 'arranhando' a cadeira – postura retraída, como se aquela cadeira a estivesse protegendo de algo. Questiono-lhe sobre alguma dúvida, pergunta, faz que não com a cabeça para o chão. Digo-lhe que temos bastante tempo e que pode fazer o que desejar. C. fica durante cinco minutos quieta na cadeira, como desde que entrou na sala. Seu nariz começa a correr). R.: Vou pegar um lenço para ti no banheiro. Assoa o nariz. C.: Obrigada!. (C. me olha de relance nos olhos e sorri, escondendo o rosto. O nariz continua escorrendo). R.: Queres que eu pegue outro lenço para ti? C.: Quero. (Depois que saio do banheiro, vejo C. levantar a cabeça de relance para o armário. C. assoa o nariz e me olha). Deu! (Hesita um pouco, mas C. vai ao banheiro colocar o papel no lixo. Senta novamente e rói as unhas. Espero uns 10 minutos). R.: Você rói as unhas... está nervosa? (C. não responde. Saio da cadeira após algum tempo e sento no chão com o intuito de sair da sua frente, para ver os brinquedos. Passam 25 minutos).
Pn4	
Pn5	

Temática: Invasão do espaço.

Pn	Descrição da narrativa 2
Pn1	
Pn2	R.: C., se você quiser eu posso ir contigo para você conhecer a sala. C.: Eu quero. (C. me olha de relance envergonhada. Pego sua mão, abro o armário). R.: Se você quiser alguma coisa é só pegar. C.: Quero aqueles carrinhos.
Pn3	R.: Pode pegá-los. (Sentamos no chão. C. pega três carrinhos, dois sinalizadores de um tipo e cinco de outro. Geralmente, em sua brincadeira, o que vem atrás bate no outro. C. brinca de uma maneira confusa, os carros vão para todas as direções se batendo e não respeitando os sinais. Observo C. cerca de 15 minutos). Será que você está me mostrando como invadiram o seu espaço, não te respeitando? (C. muda a seqüência e a ordem dos carrinhos, agora eles

	tentam passar por baixo dos sinalizadores ou derrubá-los. Deu-me a impressão de estar tentando romper... o que aconteceu? Ou o rompimento por sua vinda à instituição?)
Pn4	
Pn5	

Segunda entrevista C. (28/08):

Temática: ‘Difícil falar’.

Pn	Descrição da narrativa 3
Pn1	(C. entra na sala e fica parada de pé, envergonhada. Sento no chão e ela faz o mesmo).
Pn2	(Como ela fica em silêncio, com a cabeça para o chão, relembro a ela o motivo de estar sendo atendida, explicando novamente que pode usar a sala à vontade. C. permanece quieta. Questiono-lhe com o que gostaria de brincar que eu pegaria para ela).
Pn3	C.: Bonecas! (Entrego-lhe todas as bonecas, colocando-as ao seu lado. Vagarosamente, C. mexe nas Barbies... veste-as, as arruma... organiza as roupas... permanece uns 35 minutos mexendo nas Barbies, sempre de costas para mim, brincando de forma retraída, não se permitindo criar muito e se permitindo simplesmente mexê-las. C. não se mostrou aberta para a minha participação na brincadeira – mal permitiu observá-la. Após um tempo, colocou todas as Barbies sentadas com o bebê no carrinho, virando pela primeira vez para mim com o corpo. Logo tirou as Barbies novamente, colocando-as sentadas no chão. Levantou uma Barbie, movimentava-a um pouco e a soltava fazendo ela cair encima das outras. Repetiu tal movimento algumas vezes). Não quero mais brincar tia, cansei! R.: Vamos, então, guardar as coisas. Você quer fazer alguma outra coisa? C.: Não. (Ela permaneceu imóvel, de cabeça para o chão por um tempo...).
Pn4	R.: C., eu tenho notado que está muito difícil para você falar... e também para dividir alguma coisa comigo... mas, nós conversando, juntas, ficará bem mais fácil para você entender algumas coisas. É assim que poderei te ajudar. (C. está bastante bloqueada, a própria expressão corporal está bloqueada. TODO o corpo está ‘falando’ da dificuldade de falar... Tem que ir bastante devagar com ela, deixar ela criar seu espaço primeiro, se descobrir, dando o suporte no sentido de deixar ela ser dentro de seus limites... para só então ‘fortalecê-la’. C. foi à delegacia de mulheres pela manhã. Não falou nada espontaneamente. ‘Disse’ que não gostava do padrasto, mas quando lhe era perguntado algo mais íntimo, baixava a cabeça sem dizer nada).
Pn5	

Terceira entrevista C. (12/09):

Temática: ‘Você gosta de desenhar?’

Pn	Descrição da narrativa 4
Pn1	(C. entra na sala e fica de pé no canto. Sento no tapete. Silêncio). R.: Como foi a aula de música? C.: Boa! (Ela responde olhando sempre para o chão).
Pn2	R.: Tocou bastante? C.: Não fiz nada! (C. senta envergonhada do meu lado).

	<p>R.: Não fez nada! O que você fez lá?</p> <p>C.: Fiquei desenhando no quadro.</p> <p>R.: Desenhando o que?</p> <p>C.: Não lembro!</p> <p>R.: Você gosta de desenhar?</p>
Pn3	<p>C.: Gosto!</p> <p>R.: Se você quiser desenhar, também pode desenhar aqui.</p> <p>C.: Não tem lápis.</p> <p>R.: Tem sim. Quer que eu te mostre? (C. faz que sim com a cabeça. Sentamos na mesa, mostro-lhe o material que pode usar – lápis, giz de cera, canetinhas, tinta, cola colorida,... C. observa tudo, muito retraída). Você pode usar o material que quiser. (Silêncio). Você quer que eu pegue alguns destes para ti? (Silêncio). Se você quiser algo é só pegar ou me pedir!</p>
Pn4	
Pn5	

Temática: ‘Tem que brincar junto’.

Pn	Descrição da narrativa 5
Pn1	
Pn2	<p>C.: Eu quero brincar contigo!</p> <p>R.: Podemos brincar. Do que você quer brincar? (Silêncio, sempre com a cabeça baixa). Você quer ir olhar os brinquedos para escolher um? (C. faz que sim. Vamos até a estante e o armário o qual abro). Pode escolher o que quiser e pegar!</p>
Pn3	<p>C.: Você tem que ir junto. (C. nunca me olha, falando com a voz para dentro. Chego com ela perto do armário).</p> <p>R.: O que você quer?</p> <p>C.: Isso! (C. me aponta as peças – móveis – da casinha. Tiro tudo para fora, perguntando-lhe o que quer. Uma vez que todos estão fora da estante, C. me diz que falta uma cama e os bichinhos, os quais pego na estante. C. fica olhando os objetos, imóvel e com a cabeça baixa).</p> <p>R.: (Depois de algum tempo... em silêncio): Você pode brincar C.!</p> <p>C.: Você tem que brincar junto! (C. está me dizendo que, no momento, precisa desse suporte meu. Só assim consigo...).</p> <p>R.: Eu vou brincar junto, me diz como iremos brincar? (Silêncio). Quem sabe a gente monta a casinha... eu pego os objetos e você me diz onde colocá-los.</p> <p>C.: (C. aceita e, bastante retraída, me diz onde colocar cada objeto): Ali! (C. não estrutura a casa realmente, vai me pedindo para colocar os objetos aleatoriamente).</p> <p>R.: E os bichinhos? Onde colocaremos?</p> <p>C.: Nas cadeiras!</p> <p>R.: Me ajuda a colocá-los? (Entrego-lhe alguns. Arrumamos tudo. C. continua olhando os objetos sem reação alguma. Levanto para ir no banheiro pegar um lenço e quando volto a vejo mexendo em um brinquedo. Fico observando-a, sem tocá-la: aos poucos encosta num pedaço da casa. Para. Faço o mesmo e procuro interagir com ela lhe mostrando, vagarosamente, o que havia nela, sempre usando os bonecos para isso). Que bonequinho você quer (homem/cachorro)?</p> <p>C.: O cachorrinho. (C. responde envergonhada. Quando faço algum movimento, ela faz também, não se permitindo brincar sozinha/ descobrir o brinquedo. Mexe no boneco com bastante ‘rigidez’. Faço uma tentativa de aproximação maior com C., mas em relação ao brincar ela se mantém bastante</p>

	fechada – dificuldade de elaborar as coisas, está bastante bloqueada).
Pn4	
Pn5	

Quarta entrevista C. (18/09):

Temática: Silêncio.

Pn	Descrição da narrativa 6
Pn1	(C. vem, pela primeira vez, ao atendimento sozinha. Nas outras sessões, sempre procurei buscar ela devido a sua timidez/retraimento. Ela entra na sala e fica novamente quieta, de pé, no canto).
Pn2	R.: (Espero um tempinho e pergunto): Você quer brincar de alguma coisa? C.: Com a casinha!
Pn3	R.: (Coloco a casinha no chão, perto dela. Espero para ver o que C. vai fazer. C. fica sentada, com o brinquedo na sua frente, olhando para o chão. Espero para ver se vai se ‘permitir’ brincar, deixando ela entrar em contato com sua dificuldade de se expressar. Ficamos uns vinte minutos em silêncio, o nariz de C. começa a correr). Você quer que eu pegue um lenço pra ti? C.: Não! (Ela levanta e vai ao banheiro assoar o nariz. Volta e senta ao lado do banheiro. Senta agachada, com os joelhos no rosto – fica olhando para o chão. A medida que o tempo passa, noto que C. ficou bastante angustiada com o silêncio, ficando triste, mas segurou o choro – ela entrou em contato com o seu sofrimento).
Pn4	R.: C., o nosso tempo está acabando. Vamos guardar a casinha. (C. não se mexe. Estendo a mão para C.). Vem C.. Vamos guardar juntas. (C. continua abaixada, faz que não com a cabeça. Abaixo-me e lhe abraço por um tempo). Vamos!
Pn5	(C. levanta comigo, guardamos a casinha).

Obs.: Terça-feira, quando cheguei na instituição, C. gritou para mim quando passei que não iria mais vir:

C.: ‘Eu não vou mais, viu!’. Não digo nada.

C.: ‘Não vou mesmo!’

Quinta entrevista C. (26/09):

Temática: ‘Tem que brincar junto’.

Pn	Descrição da narrativa 7
Pn1	(C. entra na sala e fica em pé, no canto. Sento no tapete e lhe comento que o grupinho de música chegou bem mais tarde hoje – pontuando a questão do horário. C. senta no chão comigo).
Pn2	C.: Eu não vou mais tocar flauta! R.: Por que não? C.: Eu não toco bem. R.: E o que você faz, então? (C. conversa comigo olhando para o chão).
Pn3	C.: Eu leio revistinha. R.: Que revisitinha tu leu? C.: Da Mônica. R.: (Conversamos sobre o que leu. C. comentou que a Berenice e a Lilian também liam... a conversa foi até eu perguntar): o que mais você gosta de

	<p>fazer? C.: De brincar. R.: De que? C.: De boneca. R.: Você quer brincar agora? C.: Quero, mas você tem que brincar junto. R.: Tem essas bonecas e aquelas. C.: Vamos junto. (Acompanho ela até as caixas de Barbies, sento na cadeira ao lado). R.: Pode pegar. (C. pega a caixa e senta no tapete. Sento ao seu lado. Abro a caixa e coloco as Barbies no chão. C. fica em silêncio, olhando para o chão. Espero. Aos poucos, C. encosta levemente nas bonecas, com ‘muita dificuldade’. Faço o mesmo.).</p>
Pn4	<p>R.: (Enquanto isso, comentário): C., eu noto que é bastante difícil para ti brincar na minha frente. (Após algum tempo, ela encosta nas bonecas, para, encosta de novo... ela mexe no cabelo de uma boneca. Arruma seu cabelo, procura algo para prendê-lo, procuro também. Acha uma escova, penteia a boneca e a arruma. Faz tudo com bastante calma. Arruma e penteia o cabelo de todas as Barbies. Depois, começa a olhar as roupas, escolhe uma e veste uma Barbie. Demora toda a sessão fazendo isso).</p>
Pn5	<p>R.: C., nosso tempo está acabando! (C. organiza tudo delicadamente na caixa, ajudo-a. Fecho a caixa e entrego a ela a fim de fazê-la se movimentar, também sozinha, na sala. C. levanta e guarda a caixa. Vejo pela primeira vez um sorriso no canto de sua boca).</p>

Sexta entrevista C. (03/10):

Temática: ‘Não quero vir hoje’.

Pn	Descrição da narrativa 0
Pn1	(C. não quer vir ao atendimento. Entra na sala com uma voluntária, abraça-me dizendo que não quer vir hoje. C. disse para a voluntária que não queria vir porque eu não falava com ela).
Pn2	
Pn3	
Pn4	
Pn5	

Sétima entrevista C. (10/10):

Temática: ‘Brincar contigo’.

Pn	Descrição da narrativa 8
Pn1	(C. entra na sala de atendimento e me abraça. Fica abraçada comigo, olhando-me e sorrindo). R.: Você está feliz hoje? C.: Hã! Hã! (C. confirma e continua abraçada comigo).
Pn2	R.: O que você quer fazer hoje? C.: Brincar contigo. R.: Com o que você quer brincar?
Pn3	C.: O rádio! (Vamos juntas até o armário. C. pega o rádio e sentamos no chão. Ficamos escutando enquanto ela troca os canais. Após algum tempo, participo

	com ela da brincadeira de trocar os canais. Brincamos assim uns 10 minutos). Não quero mais brincar disso!
Pn4	
Pn5	

Temática: ‘O que você quer fazer?’

Pn	Descrição da narrativa 9
Pn1	
Pn2	R.: E o que você quer fazer? C.: Brincar de boneca! R.: Pode escolher quais você quer. C.: Vem junto. (Pegamos as Barbies. C. coloca todas sentadas e liga o rádio).
Pn3	R.: O que elas estão fazendo? C.: Escutando música. (C. pega as bonecas, mexe um pouco nelas – no cabelo, colares – e as coloca deitadas. C. vai escutar o rádio novamente). Não quero mais brincar disso. (Espero). Vamos guardar, então. (Guardamos). R.: O que você quer fazer? C.: Não sei! (Mostro a ela o material que está na mesa, apontando-lhe a caixa de maquiagens). R.: Tem essa caixinha aqui, quer ver o que tem dentro? C.: Quero! (Abro a caixinha e ela observa). R.: São maquiagens. C.: Então, eu vou pintar as bonecas. (Ela pega a maletinha e pinta todas as Barbies, sempre me questionando para que serve cada maquiagem. Quando ela pega o espelho da maleta, ela observa-o por um tempo e me diz): meu pai tinha um desses. R.: É mesmo! C.: Só que era maior, mas meu irmão mexeu nele e quebrou. R.: Você tem irmão? (Eu cortei a associação). C.: Tenho! R.: Qual o nome dele? C.: Elias. (Ela fica pintando as bonecas enquanto falamos. Ficamos um tempo em silêncio. C. questiona sobre algumas maquiagens). Deu, acabei! (Arrumamos tudo. C. me abraça bem forte, olha-me no rosto e sorri. Fica abraçada em mim e olha para a sala). O que é isso?
Pn4	R.: É uma máquina de datilografar. (C. vai até a mesa, senta e começa a mexer na máquina). C.: Como funciona? R.: Assim, oh... (Pego uma folha e lhe mostro. C. se diverte brincando com a máquina). Estamos no horário.
Pn5	C.: (Ela me olha, sorrindo): Está bom! (Saímos abraçadas).

Obs.: Segundo o caderno, C. está bastante deprimida na escola e calada. Dizem que ela apanha na escola de sua colega. Encontraram ela chorando sozinha, quando lhe questionaram o motivo, disse que apanha demais das colegas.

Oitava entrevista C. (17/10):

Temática: Oktoberfest.

Pn	Descrição da narrativa 0
Pn1	(C. foi para a Oktoberfest com todas as crianças da instituição. Não tivemos atendimento).
Pn2	
Pn3	
Pn4	
Pn5	

Nona entrevista C. (29/10):

Temática: 'Espaço para as dificuldades'.

Pn	Descrição da narrativa 10
Pn1	R.: (C. entra na sala abraçada em mim, sorrindo. Espero um tempo, mas como ela permanece abraçada em mim, questiono-lhe): o que você vai querer fazer hoje?
Pn2	C.: (C. me aponta para a máquina de escrever. Senta na mesa e me pede uma folha): Dobra para mim?
Pn3	R.: (Dobro a folha e entrego para ela, que tenta colocar na máquina, como fizemos na sessão anterior. Não consegue colocar a folha, se irrita e larga a folha. Pego a folha e lhe mostro como fazer). É assim, C.! (Ela não quer mais saber, abaixa a cabeça, emburrada e fica imóvel olhando para o chão). Eu sei que você ficou bastante chateada por não ter conseguido, mas eu estou aqui para te ajudar... quem sabe vamos tentar de novo. (C. não fala mais e permanece imóvel, na mesma posição até o final da sessão. Coloco para ela a questão do espaço de atendimento servir também para vermos juntas as dificuldades... convido-a para fazermos outra coisa... de nada adianta).
Pn4	R.: (No final da sessão, digo a ela que noto o quão difícil é para ela lidar com as suas dificuldades... mas, que este espaço também serve para isso e que, com o tempo, as coisas se tornarão mais fáceis. C. resiste um pouco, mas acaba por me abraçar e sair comigo).
Pn5	

Décima entrevista C. (07/11):

Temática: Tiro ao alvo.

Pn	Descrição da narrativa 11
Pn1	(C. entra na sala bastante disposta e diz que quer brincar de bonecas. Questiono-lhe, antes, o que quer fazer).
Pn2	(Peço para escolher com qual boneca deseja brincar, ela não responde. Mostro a ela, então, todas as opções). C.: O que tem nessas gavetas?
Pn3	(Abro as gavetas, dizendo-lhe para pegar o que quiser. Ela me questiona sobre uma arma, explico-lhe que serve para colocar água dentro e atirar). C.: E isso? (Ela tenta colocar na arma peças de tiro ao alvo – que grudam na parede). R.: Isso é de uma outra arma que não está aqui. Mas, serve para isso, olha! (Vou até a porta e jogo a peça onde ela se fixa quando jogada de forma correta).

	<p>C. gosta muito disso e me convida para jogar. Buscamos todas as peças e brincamos. C. ri muito).</p> <p>C.: Vamos jogar no espelho?</p> <p>R.: Vamos! (Jogamos até o final da sessão. C. conseguiu se soltar bastante – ria o tempo todo, tanto quando não acertávamos como quando acertávamos. Abraçou-me diversas vezes, assumindo uma postura espontânea e criativa. Procurei, à medida que íamos brincando, mostrar e valorizar o seu jogo – fazendo com que ela também tomasse o rumo do jogo, conseguindo expressar a sua vontade e se permitir fazer. Ao longo do nosso jogo, C. já conseguiu tomar a iniciativa do que queria...).</p>
Pn4	<p>R.: (Fiz pontuações a ela no sentido de como era bom poder brincar, fazer o que se tinha vontade, reforçando como jogava bem e se sentia bem conseguindo se expressar. No final de nosso horário, C. reclamou dizendo que estava tão bom. Perguntando se não poderíamos ficar).</p>
Pn5	<p>R.: (Expliquei-lhe a questão do horário... mas, aceitei que jogássemos mais uma vez. C. saiu bastante satisfeita).</p>

Décima primeira entrevista C. (21/11):

Temática: ‘Que brincadeira é essa?’

Pn	Descrição da narrativa 12
Pn1	<p>(C. vem ao meu encontro no nosso horário. Entra na sala me dizendo que quer continuar a brincar que nem a última vez. Brincamos por um tempo. C. se diverte bastante, estando bem descontraída. Deita no meu colo e me abraça diversas vezes. Sempre procuro reforçar quando C. acerta o peão no espelho).</p>
Pn2	<p>(Após uns 15 minutos, C. diz que quer brincar de outra coisa. Guardamos o material e ela pega a casinha – nas primeiras sessões, ela sempre a pegava. C. apresenta um pouco de dificuldade no manejo com os bonecos (dois bonecos), não se autorizando a brincar fluentemente).</p>
Pn3	<p>(C. maneja um pouco a casinha, mexe na campainha, aperta em alguns botões... e coloca os bonecos para dormir. Espera um tempinho, acorda-os e me convida para brincar de pegar com os bonecos. Brincamos um tempo: eu pegava ela e ela me pegava. Coloca os bonecos para dormir. Espera e os acorda e brincamos de novo. Repete isso inúmeras vezes – abuso).</p> <p>R.: Como esses bonecos dormem... O que será que eles fazem de noite?</p> <p>C.: Eles brincam juntos.</p> <p>R.: Eles brincam? Que brincadeira será que é essa? (C. pega os bonecos – fuga).</p> <p>C.: Vamos fazer outra coisa, tia. Quero brincar de Barbie. (Ela guarda a casinha e pega as bonecas). Escolhe uma! (C. começa a arrumar as bonecas, pintando-as. Eu lhe ajudo).</p> <p>R.: Onde elas vão tão arrumadas?</p> <p>C.: Vão sair, ora!</p> <p>R.: Sair para onde?</p> <p>C.: Sair, ora! (Arrumamos elas por um tempo...).</p>
Pn4	
Pn5	

Temática: Fim do estágio.

Pn	Descrição da narrativa 13
Pn1	
Pn2	R.: C., como não temos muito tempo ainda, gostaria de falar algumas coisas contigo. Você sabe que o meu estágio é de um ano e ele acaba em dezembro. Isso quer dizer que nós temos encontros até a terceira semana de dezembro, daí eu vou tirar férias, que nem tu na escola.
Pn3	C.: Ah, tia, por que? Mas, tu vai voltar depois? R.: Se eu conseguir, eu vou. Mas, se eu não puder, outra pessoa vai conversar contigo. (C. guarda as Barbies). Você tem alguma pergunta, algo que queira saber?
Pn4	C.: Não, eu só quero que tu pinte minhas unhas. R.: (Enquanto pinto): C., o que você acha de nos encontrarmos duas vezes por semana? C.: Eu quero! R.: Então, a partir da semana que vem, nós já teremos dois encontros.
Pn5	

Décima segunda entrevista C. (25/11):

Temática: 'Vamos desenhar juntas'.

Pn	Descrição da narrativa 14
Pn1	(C. entra na sala e brincamos de jogar os peões no espelho novamente. Ela se diverte muito, conseguindo se soltar cada vez mais. Após algum tempo, diz que quer fazer outra coisa).
Pn2	R.: O que você quer fazer? C.: Eu quero desenhar. R.: Aqui está todo o material. C.: Eu quero pintar, mas não tem desenho.
Pn3	R.: Quem sabe você faz um desenho e depois pinta. C.: Eu não sei desenhar. Faz para mim. R.: Vamos fazer juntas, então. Que desenho nós iremos fazer? C.: Uma casa. (Desenhamos e pintamos juntas).
Pn4	R.: Eu acho que você desenha bem C.. Olha, que bonito! (Quando terminamos, ela pede para colocar o desenho na pasta. Pego os carimbos que C. me pede. Ela carimba duas folhas. Sinto-a um pouco distante, regrediu um pouco em função do término de nossos encontros). C., o nosso horário está quase terminando.
Pn5	C.: Então, pinta as minhas unhas. (Enquanto pinto as unhas, converso com ela a respeito de eu saber que ela vai sentir saudades desse espaço, que está sendo difícil para ela... C. concorda).

ANEXO F

Caso Fabiane-Karine:

Narrativas que apresentaram uma seqüência de ação de no mínimo três termos.

1) Homologia: Karine associa: Fabiane solicita detalhes: Karine responde

Narrativa 2 (16/05)			
K. associa a sala do atendimento com a sua casa: ‘na minha casa tem uma sala igual a essa.’	F. solicita mais detalhes: ‘e como é esta sala?’ K. responde: ‘tem uma porta de madeira.’	K. comenta sobre sua família: ‘eu tenho uma irmã’ ‘eu vi a minha vó.’ F. solicita mais detalhes: ‘você tem uma irmã apenas?’ ‘tu viu a tua vó?’	K. responde: ‘eu tenho uma irmã e um irmão aqui e uma outra irmã com minha mãe.’ ‘eu vi ela, lá no conselho.’

Narrativa 6 (23/05)			
K. associa o tapete (pelego) da sala do atendimento com a família: ‘é, eu vi lá na minha vó (o pelego que vai em cima do cavalo).’	F. solicita mais detalhes: ‘a tua vó tem cavalo?’ K. responde: ‘tem, com esse pelo em cima e com umas coisas nos olhos.’	K. comenta sobre sua família: ‘a minha mãe deu para minha irmã uma boneca que chora e tem batom, brinco... e para o meu irmão um carrinho que tem pilha.’ F. solicita mais detalhes: ‘e para ti, o que tua mãe deu?’	K. responde: ‘ela só meu deu uma boneca que chora.’

Narrativa 8 (23/05)			
K. comenta sobre sua família: ‘a minha irmã faz assim, porque ela é pequena, não sabe caminhar...’ ‘eu também faço assim, mas é mais ligeiro...’ F. pergunta: ‘tu gosta quando a boneca chora?’	K. associa a boneca com sua família: ‘a minha mãe me deu uma boneca, mas não é assim.’ F. solicita mais detalhes: ‘e como é a boneca?’ K. responde: ‘ela não tem nada...’	K. associa o cavalo de brinquedo e o tapete da sala com a família: ‘eu só gosto de cavalo de verdade, que tem este pelo que a minha mãe tem, mas eu não gosto da minha mãe.’ F. solicita mais detalhes: ‘tu não gosta da tua mãe?’ K. responde: ‘não.’	F. aponta: ‘tu já falou na tua mãe várias vezes hoje, tu quer dizer como é a tua mãe?’ K. responde: ‘não.’

Narrativa 19 (27/06)			
K. associa a boneca da sala de atendimento com outra boneca: ‘eu tinha uma	F. solicita mais detalhes: ‘e qual o motivo para que tu quebrasse a boneca?’ K. responde:	K. demonstra o seu saber para F.: ‘...ontem de noite eu amarrei meu tênis sozinha.’ ‘eu sei cantar.’ F. aponta: ‘agora tu conseguiste amarrar sozinha o	K. responde: ‘arrã’ ‘é eu aprendi (uma música), quando eu saio com a minha tia Márcia.’

boneca, eu levei ela para o colégio... aí, eu quebrei.'	'foi o João que quebrou a boneca, lá no colégio.'	teu tênis?' 'tu estás cantando?'	'nós vamos na gruta, porque eu nem preciso das outras tias da instituição, eu me arrumo sozinha.'
---	---	----------------------------------	---

Narrativa 22 (09/07)

<p>K. associa a brincadeira (brincar com as panelinhas, fazendo comidinha) com a família: 'a minha mãe cozinha.'</p> <p>F. solicita mais detalhes: 'e como é isto?' 'e como é a tua mãe?' 'e para ti?'</p> <p>K. responde: 'ela cozinha assim... ela bota açúcar...' 'ela é boa, ela ela faz comida pro G. e pra N..' 'pra mim também.'</p>	<p>F. aponta: 'tu está fugindo de alguma coisa, pois tu ainda não me disse o que eu tenho de doença?'</p> <p>K. pergunta: 'o que é isto tia?'</p> <p>F. responde: 'isto é um estetoscópio, serve para escutar o coração e para ouvir as coisas aqui dentro.'</p>	<p>K. demonstra o seu saber: 'eu sei que isto aqui é para ouvir o coração' '...aqui é um guarda-roupa, aqui um sofá, uma mesinha...'</p> <p>F. aponta: 'sabe mesmo?' '... tu começou a falar em tua mãe, depois logo parou de falar, está difícil falar dela?'</p> <p>K. responde: 'a minha mãe bate no Gerson e na Nágila porque o Gerson fica rindo dela.'</p> <p>F. solicita mais detalhes à K.: 'e tu?' 'porquê?'</p> <p>K. responde: 'ela também bate em mim.' 'ela bate em mim porque eu não obedeco ela.'</p> <p>F. constrói uma devolução à K.: 'tem coisas muito importantes que tu estás trazendo, as tuas dificuldades podem ser compartilhadas comigo, pois eu vou estar aqui para te ajudar e te escutar.' 'tu sempre me diz que sabe, mas grande parte das vezes como hoje quando falávamos do estetoscópio, tu não sabias...a tia entende que parece ser difícil, mas tu não podes fugir, pois isto não vai resolver, o que eu posso fazer é te escutar para te ajudar, mas tu tem que dividir as dificuldades, tu tens que poder falar as coisas comigo...'</p>	<p>K. começa o faz de conta: 'deixa eu te pintar?' '...eu quero te fazer bonita.'</p> <p>F. constrói uma devolução à K.: 'parece K. que eu falei coisas hoje para ti que me deixaram feia e agora tu queres me arrumar para mim ficar bonita?'</p> <p>K. responde: 'não tia, eu vou me arrumar.'</p>
--	---	---	---

Narrativa 26 (01/08)

K. associa os brinquedos (bichos) da sala com o seu	F. solicita mais detalhes: 'que bichinhos eram estes?' 'e eles	K. começa a brincar com a máquina de escrever: 'vamos ver quem faz isso chegar primeiro.' 'vamos jogar?'	K. começa a desenhar: 'eu vou desenhar uma casa... não ... vou...
--	---	---	--

cotidiano: ‘eu tinha uns bichinhos malvados.’	eram malvados?’ ‘mas, o que parecia ser malvado neles?’ K. responde: ‘um urso e um elefante.’ ‘eram’ ‘eles eram malvados.’	F. pergunta: ‘como assim?’ F. constrói uma devolução: ‘me parece que tu quer me falar alguma coisa, mas parece que está difícil para ti conseguir falar.’ K. responde: ‘olha, tem um monte de bichinhos aqui.’	de marrom... não... de azul.’ F. aponta: ‘o que está tão difícil para desenhar...’
---	---	---	--

Narrativa 30 (08/08)

K. associa os brinquedos (roupa das bonecas) da sala com o seu cotidiano: ‘olha o maiô desta. Viu, eu não sou guri! Sou guria!’	F. solicita mais detalhes: ‘mas, quem falou que tu era guri?’ ‘porque tu acha que ela te chamou assim?’ ‘...o que tu sentiu?’ K. responde: ‘uma tia aí, que tu não conhece... me chamou de guri.’ ‘não sei.’ ‘nada.’	F. aponta: ‘me parece que tu não gostou disso...’ K. responde: ‘eu não, fiquei triste e chorei. Oh tia, eu vou ao banheiro.’ K. comenta sobre a sua atitude (ela arrotou após beber água): ‘eu sou porca sim!’ F. solicita mais detalhes: ‘como assim?’ K. responde: ‘eu arroto.’	F. constrói uma devolução: ‘mas, às vezes a gente se sente estufado e precisa se aliviar, portanto não há nada de mal nisso.’
--	---	--	--

2) Homologia: Karine comenta: Fabiane solicita detalhes: Karine responde

Narrativa 9 (06/06)

F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘como tu podes perceber nosso horário teve que ser modificado para mais cedo.’ ‘lembra que este espaço é para tu falar coisas tuas e que eu estarei aqui para te escutar e te ajudar?’ ‘tu lembra também que tudo o que tu falares aqui eu vou guardar segredo?’	K. demonstra o seu saber: ‘agora eu sei amarrar o tênis.’ (Não consegue amarrá-lo). K. solicita a ajuda de F.: ‘tia, amarra para mim?’	K. comenta sobre a escola: ‘a minha profa. me xingou porque eu mexi na cadeira, aí ela me xingou e eu chorei.’ F. solicita mais detalhes: ‘e o que foi que a tua profa. te xingou?’	K. responde: ‘nada, eu tava brincando quietinha.’
---	---	--	--

K. responde: 'lembro!' 'sim.'			
---	--	--	--

Narrativa 12 (17/06)

K. comenta sobre a escola: 'ah, tia, tu sabia que lá no meu colégio vai ter festa de São João, de noite... a minha profa. disse e nós temos que desenhar meninos e meninas?'	F. solicita mais detalhes: 'você tem que desenhar o que?' 'é como é esta festa?' K. responde: 'a profa. disse que vai ter festa de meninos e meninas.'	K. pergunta: 'tia, tu sabe desenhar uma menina?' K. solicita ajuda: 'desenha para mim?' F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: 'este espaço é para ti, para podermos falar das tuas coisas, para tu dividir as tuas coisas.'	K demonstra o seu saber: 'oh, tia, eu não sei desenhar um menino, mas eu vou te ensinar a desenhar outra coisa.' F. aponta: 'tu falou em me ensinar a desenhar?' K. responde: 'não, eu vou te mostrar...'
---	---	--	--

Narrativa 15 (17/06)

F. observa: 'neguei isso, só me lembrei quando transcrevia quase metade da sessão.'	K. comenta sobre o seu ferimento: 'olha tia, eu tenho um couro levantado, aqui no dedo.' F. solicita mais detalhes: 'é como aconteceu isto?' 'não está doendo?' K. responde: 'eu fui ajudar a tia a abrir um negocinho de comida e me furei.' 'não dói, olha aqui... mexe aqui pra ti ver?'	F. aponta: 'mas, tu estás machucada no rosto também pelo que estou vendo?' K. responde: 'é, foi o Diego.' F. solicita mais detalhes: 'é como aconteceu isto?'	K. responde: 'eu estava lá com as tias desenhando e brincando com uma faquinha, aí o Diego quis pegar de mim a faquinha e me deu um chute aqui, aí eu peguei um ferrinho que tinha ali e arranhei ele.'
--	--	--	--

Narrativa 16 (20/06)

K. comenta sobre o seu querer: 'eu não quero sentar tia, eu quero te abraçar.'	F. aponta: 'parece que tu estás com saudade?'	K. comenta sobre os seus ferimentos: 'machuquei, na janela do quarto eu passei o dedo e raspou, daí esfreguei o dedo na cama. Olha tia!' F. solicita mais detalhes: 'te machucou?'	K. responde: 'machuquei, na janela do quarto eu passei o dedo...'
---	--	---	--

Narrativa 17 (20/06)

<p>K. comenta sobre a sua família: ‘eu dei bala para a tia do berçário para ela dar para o meu irmão...’</p> <p>F. solicita mais detalhes: ‘tu dividiu tuas balas com teu irmão?’ ‘tua mãe trouxe salgadinho pra ti aqui na instituição?’ ‘e como foi isto?’</p>	<p>K. responde: ‘é, com ele e com a minha irmã, daí eu dei para a tia do berçário, eu sempre reparto, outro dia minha mãe trouxe um salgadinho pra mim e eu dividi com o Gerson e a Nágila.’ ‘não, ela trouxe aqui no portão.’</p>	<p>K. associa a boneca da sala de atendimento com a família: ‘a minha irmã judia das bonecas.’</p> <p>F. solicita mais detalhes: ‘e o que ela faz com as bonecas?’ ‘e como é isso?’ ‘e tu K.?’</p>	<p>K. responde: ‘ela bate nelas e em mim também.’ ‘eu estava fazendo uma casinha para mim brincar com as coisas que a minha mãe me deu e a minha irmã me atirou uma pedra na boca e aqui, mas daí eu também atirei pedra nela... a minha mãe deu para minha irmã um banquinho deste e a Nágila senta assim... e para o meu irmão ela deu uma cuinha de chimarrão.’ ‘para mim ela não deu nada. Eu não quero e não preciso porque eu tomo chimarrão na cuia maior.’</p>
--	---	--	---

Narrativa 18 (27/06)

<p>K. comenta sobre o seu comportamento: ‘eu não vou mais incomodar na janela da salinha.’</p> <p>F. solicita mais detalhes: ‘e o que te fez decidir isso?’</p>	<p>K. responde: ‘é porque senão as outras crianças vão vir aqui incomodar quando for o meu horário.’</p>	<p>K. começa a jogar: ‘tia, vamos tentar achar as figuras iguais?’</p> <p>F. aponta: ‘mas, não tem como jogar para acharmos figuras iguais porque estas figuras são todas diferentes, o que podemos fazer?’</p> <p>K. responde: ‘não sei, mas eu queria jogar.’</p>	<p>F. propõe ajudar K.: ‘talvez eu possa te ajudar, se tu quiser.’</p> <p>K. aceita a ajuda: ‘eu quero tia.’</p> <p>F. constroi uma devolução para K.: ‘me parece que tu ficou chateada com o nosso jogo, nem quis saber o resultado.’</p>
---	---	--	---

Narrativa 27 (01/08)

<p>K. comenta sobre o seu dia: ‘eu vomitei banana hoje.’ ‘eu fui tossir e</p>	<p>F. solicita mais detalhes: ‘como assim?’</p> <p>K. responde: ‘eu vomitei, daí a tia</p>	<p>F. solicita mais detalhes: ‘está um pouco confuso para mim o que tu está dizendo, tu podes me explicar melhor...’ ‘por que vocês fugiram?’ ‘para</p>	<p>K. responde: ‘a gente fugiu...’</p>
--	--	--	---

vomitei, aí a tia me atirou um copo d'água.'	me atirou um copo de água porque eu fugi.'	que?'	
--	--	-------	--

Narrativa 31 (08/08)

<p>K. começa o faz de conta: 'vou dar mamá para o nenê.' 'é água e açúcar, daí sacode assim.'</p> <p>F. solicita mais detalhes: 'como tu aprendeu a fazer mamá para o nenê?'</p> <p>K. responde: 'eu via minha mãe fazendo para minha irmãzinha'.</p>	<p>K. comenta sobre a sua família: 'a minha mãe é ruim mesmo.' 'ela bate muito.'</p> <p>F. solicita mais detalhes: 'em ti?' 'e em ti?' 'e porque ela bate no teu irmão?'</p> <p>K. responde: 'não, no meu irmão.' 'em mim não, eu fujo dela.' 'porque ele incomoda.'</p> <p>K. começa a brincar com o microfone.</p> <p>F. aponta: 'porque todas as vezes em que falamos da tua mãe tu tenta fugir do assunto.'</p>	<p>K. responde: 'é porque ela bate em mim.' 'ela bate muito em mim e joga o Gerson no sofá.' 'ela dá mamadeira para minha irmã e bota ela na cama sacudindo forte... aí ela vomita.'</p> <p>F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: 'tu ainda lembra o que nós combinamos que tudo o que tu falasse aqui seria um segredo e eu não contaria para ninguém?'</p> <p>K. responde: 'oh tia, a minha mãe fez a minha irmã voar do berço, daí ela vomitou e foi por isso que nós viemos aqui.'</p> <p>F. solicita mais detalhes: 'me explica um pouco melhor isso?'</p> <p>K. começa o faz de conta: 'pega a boneca tia e deita.'</p> <p>F. interroga sobre a brincadeira: '...tu podes me dizer porque aquela boneca ficou sem cobertor?' 'e porque tu passou batom na boca do nenê?'</p> <p>K. responde: 'eu tiro a minha blusa e boto em cima dela.' 'é pra ela ficar bonita.'</p>	<p>F. associa a brincadeira com a família de K.: 'já que brincamos de mamãe e filinha, eu queria saber como era lá na tua casa, era assim?'</p> <p>K. responde: 'não, eu dormia em outro quarto, a minha irmã no berço perto de mim e do Gerson e a minha mãe dormia com o tio, pai do meu irmão. Tia eu vou guardar as coisas.'</p> <p>F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: '... é que as coisas que tu fala aqui são segredo, eu não vou contar.'</p> <p>K. responde: 'eu sei, tu só fica ouvindo.'</p>
--	--	--	--

Narrativa 34 (22/08)

<p>K. comenta sobre os objetos da sala: 'vou trocar os ursos de lugar.' 'eu não gosto do preto.'</p>	<p>F. solicita mais detalhes: 'mas, o que foi que o preto fez ou tem que tu não gosta?'</p> <p>K. responde: 'eu não gosto.'</p>	<p>K. começa o faz de conta: 'eu vou fazer uma casinha.' (K. vai ao banheiro).</p> <p>F. aponta: 'antes de ir ao banheiro tu disse que ia fazer uma casinha. Me parece que fazer uma casinha é difícil...'</p> <p>K. responde: 'eu vou pegar uns bonequinhos para colocar lá.' 'senta aqui' (fala para a boneca).</p>	<p>F. constrói uma devolução: 'compreendo, mas sei que tu falas assim porque foi assim que tu aprendeu quando estava em casa... tu não está querendo falar sobre isso...'</p>
---	---	--	--

Narrativa 36 (29/08)			
K. demonstra o seu saber: ‘eu sei fazer um robô.’ F. devolve a questão: ‘tu sabes fazer um robô?’	K. responde: ‘eu sei.’ F. solicita mais detalhes: ‘e como é?’ K. responde: ‘tu faz uma coisa grande embaixo, um braço e uma boca.’	K. comenta sobre as aulas de arte educação: ‘o tio do projeto disse pro Diego que se ele vier aqui e passar batom ele vai ver.’	F. solicita mais detalhes: ‘o que tu acha?’ K. responde: ‘eu posso.’

Narrativa 46 (31/10)			
K. comenta sobre um colega da instituição: ‘tu sabia tia que o Diego tem uma coisinha verde?’	F. solicita mais detalhes: ‘e que coisinha é essa?’ K. responde: ‘é uma capa de chuva para ir ao colégio.’	K. começa ao faz de conta: ‘eu vou te fazer bonita!’ F. interroga sobre a brincadeira: ‘e como tu vais fazer isso?’ ‘como eu fiquei?’ ‘e o que falta?’ ‘e como é ficar brilhosa nas mãos?’ ‘e qual é o motivo para que o brilho seja nas mãos?’ K. responde: ‘estica teu braço para mim colocar as pulseiras em ti.’ ‘bonita, mas eu ainda não terminei de te arrumar.’ ‘para ti ficar arrumada falta passar brilho nas mãos.’ ‘ficando, ora.’ ‘por que sim...’	F. aponta: ‘talvez tu esteja querendo dizer alguma coisa com eu ficar bonita.’ K. responde: ‘mas, tu é bonita.’

3) Homologia: Karine começa algo: Fabiane interroga sobre: Karine responde

Narrativa 4 (16/05)			
K. começa o faz de conta: ‘ela (boneca) chorou.’ ‘vou botar a roupa!’ ‘vou passear com ela!’	F. interroga sobre a brincadeira: ‘eu acho que esta roupa é pequena para o bebê, tu não acha?’	K. responde: ‘olha para outra roupinha no carrinho. Essa roupa serve.’	

Narrativa 20 (27/06/02)			
K. solicita ajuda: ‘oh tia, me ajuda?’ F. responde: ‘te ajudar o que?’	K. começa o faz de conta: ‘eu quero brincar, vou montar uma casinha.’ ‘eu vou arrumar aqui para ti e aqui vai ser o meu lugar de dormir...’ ‘eu	F. interroga sobre a brincadeira: ‘este lugar que tu arrumou é para que?’ ‘mas, tu realmente quer dormir aí?’	K. responde: ‘é uma cama’ ‘não...’

	quero brincar de mamãe e filhinha...'		
--	---------------------------------------	--	--

Narrativa 25 (18/07)

K. começa a desenhar: 'eu vou fazer uma casa.'	K. oferece o desenho para F.: 'são para ti.'	F. constroi uma devolução: 'o que me parece é que tu estás falando da nossa relação de um jeito que parece demonstrar um jogo para ver quem ganha ou perde e agora tu quer me dar algo, para que?' 'me parece que algo está te incomodando?' 'eu acho que tem coisas que precisam ser faladas, mas parece estar bem difícil, mas é para isto que eu estou aqui, para te escutar e ajudar nestas coisas difíceis.'	F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: 'o nosso horário está acabando, lembra que combinamos que seria apenas uma vez que eu não viria, mas que na outra semana estarei de volta e te atendendo.'
F. interroga sobre o desenho: 'o que foi que tu desenhou aqui?'			
K. responde: 'é... umas luazinhas.'			

Narrativa 28 (01/08)

K. começa a desenhar: 'está pronto o desenho, vou colocar um carimbo... agora vou colocar o teu nome...'	F. pergunta: 'o que te levou a fazer este desenho?'	K. começa a brincar de mágica: 'estou fazendo uma mágica.'	F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: 'eu estou aqui para te ajudar, este espaço é para que tu também possa falar das tuas dificuldades, mas só quando tu consegue falar que eu posso te ajudar, ta bom?'
F. interroga sobre o desenho: 'mas, o que foi que tu desenhou?' 'o que é isto?'	K. responde: 'não sei, eu fiz para ti com bastante coisa e bem bonito.'	F. observa: 'K. começa a rolar no chão sem coragem de se olhar no espelho para passar o batom.'	
K. responde: 'o sol.' 'um cavalo.'		F. constroi uma devolução: 'eu acho que tu está com vergonha de te olhar no espelho.' 'parece estar difícil para ti conseguir te olhar.'	K. responde: 'ta.'
		K. responde: 'não é!' (K. passa o batom).	

Narrativa 32 (15/08)

K. começa o faz de conta: 'vamos brincar como da outra vez?' 'é, ela vai dormir.' 'ela vai deitar aqui contigo.'	F. interroga a brincadeira: 'deitar?' 'porque tu não precisa de cobertor?'	F. constrói uma devolução: 'eu gostaria de rever algumas coisas contigo, primeiro é que eu sei que tu tens falado bastante das tuas coisas no atendimento e eu estou aqui te escutando para poder te ajudar.'	K. responde: 'ta, na outra vez eu falo mais.'
	K. responde: 'é, vamos brincar que vamos dormir...' 'ta, um pouquinho é'	K. responde: 'tu me ouve tia.'	F. aponta para K. a sua atitude: 'tu fala muitas coisas, a tia consegue te entender e é muito importante as coisas que tu fala.'
		F. esclarece K. sobre as	

	meu.’	regras do espaço terapêutico: ‘todas essas coisas que tu fala eu te escuto, mas não conto para ninguém, como nós já tínhamos combinado.’	
--	-------	--	--

Narrativa 35 (22/08)

<p>K. começa a desenhar: ‘vou desenhar.’</p> <p>F. interroga sobre o desenho: ‘e o que tu estás desenhando?’</p> <p>K. responde: ‘eu não estou copiando.’ ‘eu não sou louquinha da APAE.’</p>	<p>F. solicita mais detalhes: ‘mas, quem te disse isso?’</p> <p>K. responde: ‘não sei.’</p> <p>F. aponta: ‘mas, isso de ser louquinha da APAE não faz sentido, pois nem estudar na APAE tu estuda, não é?’</p>	<p>K. comenta sobre a escola: ‘a minha professora briga comigo, mas eu brigo com ela também.’</p> <p>F. solicita mais detalhes: ‘e como a tua professora briga contigo?’</p> <p>K. responde: ‘ela me xinga.’ ‘me xinga daí eu intico com ela.’ ‘eu deito no chão e sacudo as pernas para ela não me pegar.’</p> <p>K. pergunta: ‘nosso horário já acabou?’</p> <p>F. constrói uma devolução: ‘eu sei que tu tens ficado bastante angustiada, mas tu estás conseguindo me falar das tuas coisas, mesmo que não seja muito fácil falar, mas eu vou te escutar a partir de tudo isso para poder te ajudar.’ ‘agora sim nosso horário acabou.’</p> <p>K. se recusa a sair: ‘eu não vou sair.’</p>	<p>F. constrói uma devolução: ‘eu sei que às vezes tu não gostaria de escutar algumas coisas, mas é preciso que tu cumpra com os nossos combinados sobre o horário e os brinquedos. Eu gosto de ti e na medida do possível eu vou te ajudar...’</p> <p>K. responde: ‘eu não quero que tu goste de mim.’</p> <p>F. constrói uma devolução: ‘isto é porque tu pensa que porque a tua mãe não gostava de ti, os outros também não podem gostar... eu gosto de ti, eu vou te ajudar.’</p>
--	---	---	--

Narrativa 37 (29/08)

<p>K. começa a brincar: ‘eu quero fazer uma coisa.’ ‘eu quero te fazer bonita.’</p>	<p>F. interroga sobre a brincadeira: ‘tu vai me fazer bonita...’ ‘para que?’ ‘porque para o Paulo?’</p>	<p>K. responde: ‘é para o Paulo.’ ‘porque sim.’</p>	
--	--	--	--

Narrativa 38 (05/09)

<p>F. observa: ‘hoje K. começou a falar infantilizado.’</p>	<p>F. interroga sobre a brincadeira: ‘o que tu vais fazer?’ ‘e como</p>	<p>K. começa o faz de conta: ‘eu vou brincar de outra coisa... de casinha, daí tu é a mamãe.’ ‘... eu vou arrumar ela (boneca) para ela ir ao</p>	<p>F. observa: ‘no dia 06/09, K. foi conversar com a psicóloga da instituição e pediu</p>
--	--	--	--

K. começa a brincar: ‘eu vou fazer como no outro dia, eu vou te fazer bonita.’	eu estou quando eu fico feia? K. responde: ‘eu vou te arrumar para te deixar bonita porque às vezes tu fica feia.’	médico.’ F. interroga sobre a brincadeira: ‘e o que ela tem para ir ao médico?’ ‘tu vais pintar o cabelo dela com que?’ ‘o que aconteceu aqui?’ ‘ela vai em algum lugar?’ K. responde: ‘nada...’ ‘com isto (rímel)!’ ‘ela tomou uma injeção.’ ‘não.’	para ir para casa, pois estava com saudade da mãe.’
---	--	--	---

Narrativa 39 (12/09)

K. começa a brincar com a casinha: ‘tem um homenzinho de toca aqui dentro, olha aqui pra ti ver.’	F. interroga sobre a brincadeira: ‘não consegui enxergar, quem sabe tu podes me falar um pouco sobre este homenzinho...’ ‘o que mais tu vê?’	K. responde: ‘ele tá de costas, ta de toca, ta de pé...’ ‘nada.’ F. sugere: ‘talvez seja mais fácil abrir algumas portinhas.’	K. comenta: ‘cadê o homenzinho, ele estava aqui.’ ‘sumiu.’
--	---	--	---

Narrativa 40 (12/09)

K. começa o faz de conta: ‘eu vou arrumar a boneca de novo.’	F. interroga sobre a brincadeira: ‘o que tu está fazendo?’ ‘ela vai passear?’ K. responde: ‘passando brilho na cara dela.’ ‘não, só vai se arrumar.’	K. começa a de se maquiar: ‘ela já está na casinha, agora eu vou me arrumar.’ ‘é feio!’ ‘pinta minhas unhas? Agora eu estou bonita, posso ir.’ F. interroga sobre a brincadeira: ‘o que?’ ‘tu já quer sair?’ ‘o que tu está fazendo?’	K. responde: ‘vermelho.’ ‘não.’ ‘passando brilho para ficar bonita.’
---	---	--	---

Narrativa 41 (03/10)

F. observa: ‘K. chega 15 minutos atrasada.’	K. começa a brincar com a massa de modelar: ‘eu vou fazer um trabalhinho com massinha hoje.’	F. interroga sobre a brincadeira: ‘o que tu está fazendo?’ ‘é um banco?’ ‘tu queres que eu faça um banco, como?’	K. responde: ‘um banco.’ ‘é, agora tu faz o banco.’ ‘com as massinhas.’
--	---	---	--

Narrativa 42 (03/10)

K. começa o faz de conta: ‘tia, podemos brincar que eu	F. interroga sobre a brincadeira: ‘e como é isto?’	K. responde: ‘faz de conta que me pinta.’ ‘é.’	K. interrompe a brincadeira: ‘eu quero ir junto.’ ‘eu quero ver o teatro.’
---	---	---	---

te arrumo para ti ficar bonita.’	‘me pintando eu fico bonita?’ ‘porque?’		
----------------------------------	---	--	--

Narrativa 44 (10/10)

K. começa o faz de conta: ‘eu vou passar brilho numa boneca.’ ‘eu vou arrumar ela.’ ‘não, esse eu não gosto.’ ‘eu vim aqui me arrumar.’	F. interroga sobre a brincadeira: ‘do que tu não gosta...’ ‘a boneca está pronta?’ ‘e como é ficar brilhosa?’ ‘o que tu fizeste?’ ‘por que tu te limpou?’ ‘e como é ficar bonita?’	K. responde: ‘deste batom (vermelho), eu gosto deste que fica brilhoso.’ ‘ta, eu passei brilho.’ ‘assim (mostra as mãos).’ ‘lavei meu cabelo e me limpei.’ ‘para ficar bonita.’ ‘é ficar limpinha.’	F. constrói uma devolução: ‘pelo que entendi, tu está desejando ficar bonita e para isso tu precisa ficar limpinha...’ K. responde: ‘é.’
--	---	--	---

Narrativa 45 (24/10)

K. começa a brincar com a maquiagem: ‘tia, eu vou fazer uma coisa porque eu não preciso de espelho...’ F. interroga sobre a brincadeira: ‘o que tu fizeste lá no banheiro que tu disse que não precisava de espelho?’ ‘e agora, o que tu está fazendo?’ ‘e para que tu deseja ficar bonita e brilhosa?’ ‘o que tu está fazendo?’ ‘como assim terminando?’	K. responde: ‘para passar batom, viu como eu sei, nem borrei...’ ‘eu estou passando brilho.’ ‘eu estou fazendo mais anéis e pulseiras, os outros já estavam terminando.’ ‘apagando, agora eu estou fazendo uma pulseira roxa, outra verde...’	F. aponta: ‘tu notou que tu disse o nome das cores... lembra que quando tu chegou no atendimento pela primeira vez tu não conhecia as cores, mas que logo após tu falou o nome das cores e depois confundiu de novo as cores, mas agora parece que tu aprendeu.’ K. responde: ‘é, oh tia, eu vou fazer uma pulseira e um anel para ti...’ F. constrói uma devolução: ‘fica parecendo que de alguma forma tu quer me retribuir, ou melhor, dar de volta alguma coisa para mim. Eu fico muito feliz, porque este é o meu trabalho, poder te ajudar e parece que tu está me dizendo que ele está funcionando.’ K. responde: ‘é tia, tu sempre me ajuda toda vez.’	F. constrói uma devolução: ‘pois é, mas não precisa achar que me deve alguma coisa, pois é meu trabalho. A tia estudou bastante para poder vir aqui e poder te escutar.’ K. responde: ‘está bom.’ ‘vamos lá tia, vamos tirar as tintas para guardar o nosso segredo.’
--	--	---	--

Narrativa 47 (31/10)

K. começa a brincar com a casinha.	F. interroga sobre a brincadeira: ‘o que a K. está	K. responde: ‘olhando a casinha.’ ‘eu acho que tinha um homem aqui.’ ‘não sei, ele não está mais	
---	---	---	--

	fazendo?’ ‘me parece que tu procuras algo na casinha, posso ajudar?’ ‘e como era este homem?’ ‘e como ele estava?’	aqui.’	
--	--	--------	--

Narrativa 48 (31/10)

K. começa o faz de conta: ‘vou continuar te arrumando.’ ‘eu vou arrumar teu cabelo... eu vou pentear ele...’	K. pergunta: ‘e a tua filha, tia?’ F. devolve a questão para K. K. responde: ‘a tua filha de verdade.’ F. responde: ‘que filha?’ ‘o que tu queres saber da minha filha?’	K. começa o faz de conta: ‘...nana ele (o bebê).’ F. interroga sobre a brincadeira: ‘ele quer dormir?’ ‘e o bebê gosta de música?’	K. responde: ‘vou ligar uma música para o bebê.’ ‘ele dorme com a música.’
---	---	---	---

Narrativa 49 (07/11)

K. pergunta: ‘tu sabe desenhar uma borboleta?’ ‘tia, que cor é essa?’ F. devolve a questão: ‘sei, mas e tu sabe desenhar uma borboleta?’ ‘que cor tu acha que é?’ K. responde: ‘não, eu não sei desenhar borboleta, nem menina...’ ‘é branca.’	F. aponta: ‘viu, parece que tu já conhece bem as cores...’ K. começa o faz de conta: ‘tia, eu vou fazer uma casinha.’ F. interroga sobre a brincadeira: ‘o que tu fizeste?’ ‘e tu quem vai ser?’ K. responde: ‘eu fiz uma casinha... tu é a mamãe.’ ‘a filinha! Não!...é, é...’	F. aponta: ‘me parece que tu quer ser alguém na brincadeira, mas não está querendo me falar...’ F. pergunta: vamos ver esta caixinha de maquiagens. É minha e está dentro da casinha.’ F. aponta: ‘acho que tu não queres me responder sobre a pergunta que te fiz.’ K. solicita a ajuda de F.: ‘tia, desenha uma borboleta para mim.’ ‘tia, escreve o meu nome de verde?’	F. pergunta: ‘tu não queres fazer a borboleta?’ ‘tu não sabe escrever?’ K. responde: ‘não! Tu faz...’ ‘não!’ F. interroga sobre o desenho: ‘vamos conversar sobre o desenho?’ ‘me explica um pouco melhor...’ K. responde: ‘é sol, nuvens,...’ ‘nada.’
---	--	---	---

ANEXO G

Caso Fabiane-Karine:

Narrativas que não apresentaram uma seqüência de ação de no mínimo três termos.

Narrativa 1 (16/05)			
<p>F. pergunta sobre o motivo de estar em tratamento: ‘tu sabes o motivo de tu estar aqui hoje?’</p>	<p>F. esclarece K. sobre as regras do espaço terapêutico: ‘este seria um espaço para ti, para falar de coisas tuas e eu vou estar aqui para te ouvir e te ajudar.’ ‘nesse tempo que estamos aqui, tu podes conversar o que tu quiser que eu vou guardar segredo e não vou contar pra ninguém.’</p>	<p>K. solicita esclarecimentos acerca do espaço terapêutico: ‘tia, tu vai conversar comigo todo dia?’ ‘tu conversa com outras crianças?’ ‘e se eu ficar doente?’</p>	<p>F. responde: ‘nosso horário é quinta-feira...’ ‘sim, converso.’ ‘aí as tias vão avisar para mim, aí não vai ter problema.’</p>
Narrativa 3 (16/05)			
<p>K. começa um jogo: ‘tia, é uma roda.’ ‘vou jogá-lo numa rampa’ ‘eu vou tirar a rampa.’</p>	<p>F. acompanha observando.</p>		
Narrativa 5 (23/05)			
<p>F. pergunta: ‘tu lembra do que a gente combinou na semana passada sobre este nosso espaço?’</p>	<p>F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘...este espaço é teu, para tu falar das tuas coisas, o que te incomoda, porque eu estou aqui para te ajudar... a sala e os brinquedos são usados por ti desde que depois tu guarde...’</p>	<p>K. demonstra o seu saber: ‘tia, eu sei amarrar meu tênis. Quer ver?’ (Não consegue amarrá-lo). K. solicita ajuda F.: ‘tu me ajuda tia (a amarrar o tênis)?’</p>	<p>F. aponta: ‘tu não sabe amarrar teu tênis?’ K. responde: ‘não.’</p>

Narrativa 7 (23/05)			
K. comenta sobre sua escola: ‘lá na minha escola, da minha professora, tem um canto que eu faço bambolê e também dou um mortal.’	F. pergunta: ‘quer me mostrar?’		

Narrativa 10 (06/06)			
K. pergunta: ‘tu sabe desenhar flor?’ F. devolve a questão: ‘tu queres desenhar?’ K. responde: ‘quero.’	F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘mas tu lembras que tu pode usar tudo que tem aqui na sala desde que tu arrume tudo como estava, por causa dos outros atendimentos que acontecem aqui.’	K. solicita ajuda: ‘desenha uma flor para mim pintar?’ F. aponta: ‘tu sabe desenhar!’ K. responde: ‘sei, mas flor não’.	K. solicita ajuda: ‘desenharia, me ajuda.’ F. interroga sobre o desenho: ‘o que tu desenhou?’ K. responde: ‘o vaso.’

Narrativa 11 (06/06)			
K. solicita permissão para levar seus desenhos consigo: ‘vou levar meus desenhos para continuar lá em cima.’	F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘lembra que nós combinamos que houvesse segredo, pois é, mas para mim poder te ajudar vou precisar ficar com o teu desenho, está bom?’	K. pergunta: ‘tu vai mostrar meu desenho para a tia Carmem?’ F. responde: ‘não.’	F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘mas, lembra que a gente combinou que faríamos segredo sobre as coisas que falamos no atendimento.’

Narrativa 13 (17/06)			
K. comenta sobre o espaço terapêutico: ‘tia, tu sabia que a Amanda leva os trabalhos dela daqui desta sala lá para a casa grande?’	F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘eu não sei exatamente qual é o combinado da Amanda com a psicóloga dela,’	K. pergunta: ‘...para quem tu mostra os meus trabalhos?’	F. responde: ‘os teus trabalhos eu guardo pra mim, para que eu possa te compreender melhor.’

	mas tu sabe o nosso, né?’		
Narrativa 14 (17/06)			
<p>K. comenta sobre a escola: ‘tia, a Amanda me persegue no colégio e eu não quero brincar, aí eu fujo.’</p> <p>F. aponta: ‘me parece que tu está incomodada com a Amanda.’</p> <p>K. responde: ‘é porque eu não quero mais brincar com ela.’</p>	<p>F. solicita mais detalhes: ‘e qual o motivo de tu não querer brincar com ela?’</p> <p>K. responde: ‘porque eu quero fazer as coisas que a profa. pede no colégio.’</p>	<p>F. interroga sobre o desenho: ‘o que tu desenhou?’</p> <p>K. responde: ‘uma mulher cabeluda...’</p> <p>K. pergunta: ‘tia, adivinha o que eu sei fazer?’</p> <p>F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘é importante que tu ocupes o nosso espaço para falar as tuas coisas, eu não sei como adivinhar’.</p>	<p>K. começa a brincar com os tubos de cola colorida: ‘vou pintar, mas não com lápis de cor, nem com giz... com uma coisa que brilha.’</p>
Narrativa 21 (09/07)			
<p>F. observa: ‘K. já me esperava quando cheguei para o atendimento.’</p> <p>K. pergunta: ‘tia, nós vamos conversar agora?’</p>	<p>F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘vamos conversar sim, hoje e agora é a hora do teu atendimento.’</p>	<p>K. solicita ajuda: ‘me ajuda tia?’</p> <p>F. responde: ‘ajudar com o que?’ ‘mas, o que tu quer fazer?’</p> <p>K. responde: ‘quero brincar!’</p> <p>K. comenta sobre outro paciente: ‘...o Diego quando vem aqui passa batom!’</p>	<p>F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘quando fizemos nossas combinações, eu te disse que este horário era para as tuas coisas, era um espaço para ti falar e que eu estaria aqui para te ouvir e te ajudar. Portanto, este horário é teu, o horário do Diego é outro.’</p>
Narrativa 23 (11/07)			
<p>K. começa a brincar: ‘me dá a tua unha!’</p> <p>F. pergunta: ‘mas, tu lembra o que a tia faz aqui contigo?’</p> <p>K. responde: ‘me ajuda.’</p>	<p>F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘este espaço é para ti falar das tuas coisas, o que tu não entende, o que tu não sabes, e eu vou estar</p>	<p>F. solicita mais detalhes: ‘como foi isto?’ ‘tu tomou este?’</p> <p>F. constroi uma devolução: ‘eu estou aqui para te ajudar, mas não adianta tu fugires, ou não querer falar, por mais difícil que possa ser, o importante é que tu consigas dividir, me falar das tuas</p>	<p>F. observa: ‘K. tem um pouco de dificuldade de ir até o espelho.’</p> <p>F. constrói uma devolução: ‘parece que tu estás me mostrando o quanto é difícil</p>

	<p>aqui para te escutar e te ajudar.’</p> <p>K. comenta sobre a escola: ‘a tia do colégio misturou umas coisas e nos enganou.’ ‘ela deu suco com cachaça para nós.’</p>	<p>dificuldades.’</p> <p>K. responde: ‘eu sei’.</p> <p>F. aponta: ‘agora mesmo quando tu falas sempre eu sei, será que tu entendes tudo?’</p> <p>K. pergunta: ‘o nosso horário já acabou?’</p> <p>F. aponta: ‘tu estás tentando escapar do atendimento?’</p> <p>K. começa a brincar: ‘vou passar batom.’</p>	<p>de chegar no espelho e conseguir se enxergar.’</p> <p>K. começa a pintar a testa: ‘eu vou assustar os outros que estão dormindo.’</p> <p>F. constroi uma devolução: ‘está me parecendo K. que tu estás te escondendo atrás dessa maquiagem, não é? Tu queres ficar feia?’</p>
--	--	---	--

Narrativa 24 (18/07)

<p>K. afirma: ‘eu ganho de ti nesse jogo.’</p> <p>F. pergunta: ‘qual jogo K.?’</p> <p>F. constroi uma devolução: ‘me parece que está querendo falar sobre o que acontece aqui no atendimento.’</p>	<p>K. começa a jogar: ‘palitinhos (varetas)... vamos jogar aqui no chão?’</p> <p>F. pergunta: ‘tu queres jogar? Tu sabes como se joga?’</p> <p>K. responde: ‘eu quero jogar assim.’... ‘tu pega só as varetas iguais.’</p>	<p>F. aponta: ‘...eu gostaria de te mostrar o que tu podes mostrar-me agora conhecendo todas as cores, pois logo que iniciou o atendimento, tu ainda se confundia com elas.’</p>	<p>K. demonstra o seu não saber: ‘começa a contar errado.’</p> <p>K. solicita ajuda: ‘tia, me ajuda contar quantas têm.’</p>
---	---	---	--

Narrativa 29 (08/08)

<p>K. pergunta: ‘que cor é a minha bala?’</p>	<p>F. devolve a questão: ‘que cor é a tua bala?’</p> <p>K. responde: ‘é azul.’</p>	<p>F. devolve a questão: ‘é azul?’</p> <p>K. responde: ‘não, é vermelha... eu trouxe outra bala junto para dar para alguém’... ‘é para uma tia chamada piscicóloga... é pra ti tia!’</p>	<p>F. pergunta: ‘mas, o que foi que eu fiz para que tu quisesse dividir as tuas balas comigo?’</p> <p>K. responde: ‘é porque eu gosto de ti.’</p>
--	--	--	---

Narrativa 33 (22/08)

<p>K. começa a desenhar: ‘eu vou desenhar, igual como eu fiz no colégio. Esse</p>	<p>F. constrói uma devolução: ‘talvez tu pense que me deva alguma coisa por</p>	<p>K. responde: ‘tá, mas eu vou fazer esse para ti.’</p> <p>F. interroga sobre o desenho: ‘como essa nuvem caiu?’ ‘o que foi que tu escreveu?’</p>	<p>K. responde: ‘caindo, eu sei escrever...’</p> <p>‘umas letras.’</p>
--	--	--	---

desenho vai ser para ti.'	eu estar aqui te escutando, mas esse é o meu trabalho, ta?'		
---------------------------	---	--	--

Narrativa 43 (10/10)

<p>K. começa a brincar de encaixar.</p> <p>F. observa: 'K. pega em cima da escrivadinha um telefone com números de encaixar... sente dificuldade de encaixar o número 5, tenta encaixá-lo sempre virado.'</p>	<p>K. solicita a ajuda de F.: 'bota aqui para mim.'</p> <p>F. pergunta: 'tu queres que eu te ajude?'</p> <p>K. responde: 'é!' 'agora tu coloca os números nesse aí e eu nesse aqui.'</p>	<p>F. observa: 'K. continua encaixando, ao chegar nos números 5 e 6 desiste e vai guardar os telefones.'</p>	<p>F. aponta: 'tu já terminou?' 'e esses números?' 'porque esses números tu não encaixou?'</p> <p>K. responde: 'já.' 'esses não.'</p>
---	---	---	---

ANEXO H

Caso Fabiane-Karine:

Narrativas em que aparece a ação “Fabiane esclarece Karine sobre as regras do espaço terapêutico”.

Narrativa 1 (16/05)			
<p>F. pergunta sobre o motivo de estar em tratamento: ‘tu sabes o motivo de tu estar aqui hoje?’</p> <p>K. responde: ‘não.’</p>	<p>F. esclarece K. <i>sobre as regras do espaço terapêutico: ‘este seria um espaço para ti, para falar de coisas tuas e eu vou estar aqui para te ouvir e te ajudar.’ ‘nesse tempo que estamos aqui, tu podes conversar o que tu quiser que eu vou guardar segredo e não vou contar para ninguém.’</i></p>	<p>K. solicita esclarecimentos acerca do espaço terapêutico: ‘tia, tu vai conversar comigo todo dia?’ ‘tu conversa com outras crianças?’ ‘e se eu ficar doente?’</p>	<p>F. responde: ‘nosso horário é quinta-feira...’</p> <p>‘sim, converso.’</p> <p>‘aí as tias vão avisar para mim, aí não vai ter problema.’</p>
Narrativa 5 (23/05)			
<p>F. pergunta: ‘tu lembra do que a gente combinou na semana passada sobre este nosso espaço?’</p> <p>K. responde: ‘sim, depois é a Amanda que vem conversar.’</p>	<p>F. esclarece <i>sobre as regras do espaço terapêutico: ‘...este espaço é teu, para tu falar das tuas coisas, o que te incomoda, porque eu estou aqui para te ajudar... a sala e os brinquedos são usados por ti desde que depois tu guarde...’</i></p>	<p>K. demonstra o seu saber: ‘tia, eu sei amarrar meu tênis. Quer ver?’ (Não consegue amarrá-lo).</p> <p>K. solicita ajuda F.: ‘tu me ajuda tia (a amarrar o tênis)?’</p>	<p>F. aponta: ‘tu não sabe amarrar teu tênis?’</p> <p>K. responde: ‘não.’</p>
Narrativa 9 (06/06)			
<p>F. esclarece <i>sobre as regras do espaço terapêutico: ‘como tu podes perceber nosso</i></p>	<p>K. demonstra o seu saber: ‘agora eu sei amarrar o tênis.’ (Não consegue amarrá-lo).</p> <p>K. solicita a</p>	<p>K. comenta sobre a escola: ‘a minha profa. me xingou porque eu mexi na cadeira, aí ela me xingou e eu chorei.’</p> <p>F. solicita mais detalhes: ‘e o que foi que a tua profa. te</p>	<p>K. responde: ‘nada, eu tava brincando quietinha.’</p>

<p><i>horário teve que ser modificado para mais cedo.</i> ‘<i>lembra que este espaço é para tu falar coisas tuas e que eu estarei aqui para te escutar e te ajudar?</i>’ ‘<i>tu lembra também que tudo o que tu falares aqui eu vou guardar segredo?</i>’</p> <p>K. responde: ‘<i>lembro!</i>’ ‘<i>sim.</i>’</p>	<p>ajuda de F.: ‘<i>tia, amarra para mim?</i>’</p>	<p>xingou?’</p>	
---	--	-----------------	--

Narrativa 11 (06/06)

<p>K. solicita permissão para levar seus desenhos consigo: ‘vou levar meus desenhos para continuar lá em cima.’</p>	<p>F. esclarece <i>sobre as regras do espaço terapêutico:</i> ‘<i>lembra que nós combinamos que houvesse segredo, pois é, mas para mim poder te ajudar vou precisar ficar com o teu desenho, está bom?</i>’</p>	<p>K. pergunta: ‘<i>tu vai mostrar meu desenho para a tia Carmem?</i>’</p> <p>F. responde: ‘<i>não.</i>’</p>	<p>F. esclarece <i>sobre as regras do espaço terapêutico:</i> ‘<i>mas, lembra que a gente combinou que faríamos segredo sobre as coisas que falamos no atendimento?</i>’</p>
--	--	--	---

Narrativa 12 (17/06)

<p>K. comenta sobre a escola: ‘<i>oh, tia, tu sabia que lá no meu colégio vai ter festa de São João, de noite... a minha profa. disse e nós temos que desenhar meninos e meninas?</i>’</p>	<p>F. solicita mais detalhes: ‘<i>vocês têm que desenhar o que?</i>’ ‘<i>e como é esta festa?</i>’</p> <p>K. responde: ‘<i>a profa. disse que vai ter festa de meninos e meninas.</i>’</p>	<p>K. pergunta: ‘<i>tia, tu sabe desenhar uma menina?</i>’</p> <p>K. solicita ajuda: ‘<i>desenha para mim?</i>’</p> <p>F. esclarece <i>sobre as regras do espaço terapêutico:</i> ‘<i>este espaço é para ti, para podermos falar das tuas coisas, para tu dividir as tuas coisas.</i>’</p>	<p>K demonstra o seu saber: ‘<i>oh, tia, eu não sei desenhar um menino, mas eu vou te ensinar a desenhar outra coisa.</i>’</p> <p>F. aponta: ‘<i>tu falou em me ensinar a desenhar?</i>’</p> <p>K. responde: ‘<i>não, eu vou te mostrar...</i>’</p>
---	--	---	--

Narrativa 14 (17/06)			
<p>K. comenta sobre a escola: ‘tia, a Amanda me persegue no colégio e eu não quero brincar, aí eu fujo.’</p> <p>F. aponta: ‘me parece que tu está incomodada com a Amanda.’</p> <p>K. responde: ‘é porque eu não quero mais brincar com ela.’</p>	<p>F. solicita mais detalhes: ‘e qual o motivo de tu não querer brincar com ela?’</p> <p>K. responde: ‘porque eu quero fazer as coisas que a profa. pede no colégio.’</p>	<p>F. interroga sobre o desenho: ‘o que tu desenhou?’</p> <p>K. responde: ‘uma mulher cabeluda...’</p> <p>K. pergunta: ‘tia, adivinha o que eu sei fazer?’</p> <p>F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘é importante que tu ocupes o nosso espaço para falar as tuas coisas, eu não sei como adivinhar’.</p>	<p>K. começa a brincar com os tubos de cola colorida: ‘vou pintar, mas não com lápis de cor, nem com giz... com uma coisa que brilha.’</p>

Narrativa 21 (09/07)			
<p>F. observa: ‘K. já me esperava quando cheguei para o atendimento.’</p> <p>K. pergunta: ‘tia, nós vamos conversar agora?’</p>	<p>F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘vamos conversar sim, hoje e agora é a hora do teu atendimento.’</p>	<p>K. solicita ajuda: ‘me ajuda tia?’</p> <p>F. responde: ‘ajudar com o que?’ ‘mas, o que tu quer fazer?’</p> <p>K. responde: ‘quero brincar!’</p> <p>K. comenta sobre outro paciente: ‘...o Diego quando vem aqui passa batom!’</p>	<p>F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘quando fizemos nossas combinações, eu te disse que este horário era para as tuas coisas, era um espaço para ti falar e que eu estaria aqui para te ouvir e te ajudar. Portanto, este horário é teu, o horário do Diego é outro.’</p>

Narrativa 23 (11/07)			
<p>K. começa a brincar: ‘me dá a tua unha!’</p> <p>F. pergunta: ‘mas, tu lembra o que a tia faz aqui contigo?’</p> <p>K. responde: ‘me ajuda.’</p>	<p>F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘este espaço é para ti falar das tuas coisas, o que tu não entende, o que tu não sabes, e eu vou estar aqui para te escutar e te ajudar.’</p>	<p>F. solicita mais detalhes: ‘como foi isto?’ ‘tu tomou este?’</p> <p>F. constroi uma devolução: ‘eu estou aqui para te ajudar, mas não adianta tu fugires, ou não querer falar, por mais difícil que possa ser, o importante é que tu consigas dividir, me falar das tuas dificuldades.’</p> <p>K. responde: ‘eu sei’.</p> <p>F. aponta: ‘agora mesmo</p>	<p>F. observa: ‘K. tem um pouco de dificuldade de ir até o espelho.’</p> <p>F. constrói uma devolução: ‘parece que tu estás me mostrando o quanto é difícil de chegar no espelho e conseguir se</p>

	<p>K. comenta sobre a escola: ‘a tia do colégio misturou umas coisas e nos enganou.’ ‘ela deu suco com cachaça para nós.’</p>	<p>quando tu falas sempre eu sei, será que tu entendes tudo?’ K. pergunta: ‘o nosso horário já acabou?’ F. aponta: ‘tu estás tentando escapar do atendimento?’ K. começa a brincar: ‘vou passar batom.’</p>	<p>enxergar.’ K. começa a pintar a testa: ‘eu vou assustar os outros que estão dormindo.’ F. constroi uma devolução: ‘está me parecendo K. que tu estás te escondendo atrás dessa maquiagem, não é? Tu queres ficar feia?’</p>
--	--	---	--

Narrativa 28 (01/08)

<p>K. começa a desenhar: ‘está pronto o desenho, vou colocar um carimbo... agora vou colocar o teu nome...’ F. interroga sobre o desenho: ‘mas, o que foi que tu desenhou?’ ‘o que é isto?’ K. responde: ‘o sol.’ ‘um cavalo.’</p>	<p>F. pergunta: ‘o que te levou a fazer este desenho?’ K. responde: ‘não sei, eu fiz para ti com bastante coisa e bem bonito.’</p>	<p>K. começa a brincar de mágica: ‘estou fazendo uma mágica.’ F. observa: ‘K. começa a rolar no chão sem coragem de se olhar no espelho para passar o batom.’ F. constroi uma devolução: ‘eu acho que tu está com vergonha de te olhar no espelho.’ ‘parece estar difícil para ti conseguir te olhar.’ K. responde: ‘não é!’ (K. passa o batom).</p>	<p>F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘eu estou aqui para te ajudar, este espaço é para que tu também possa falar das tuas dificuldades, mas só quando tu consegue falar que eu posso te ajudar, ta bom?’ K. responde: ‘ta.’</p>
---	---	---	--

Narrativa 31 (08/08)

<p>K. começa o faz de conta: ‘vou dar mamá para o nenê.’ ‘é água e açúcar, daí sacode assim.’ F. solicita mais detalhes: ‘como tu aprendeu a fazer mamá para o nenê?’ K. responde: ‘eu via minha mãe fazendo para a minha irmãzinha’.</p>	<p>K. comenta sobre a sua família: ‘a minha mãe é ruim mesmo.’ ‘ela bate muito.’ F. solicita mais detalhes: ‘em ti?’ ‘e em ti?’ ‘e porque ela bate no teu irmão?’ K. responde: ‘não, no meu irmão.’ ‘em mim não, eu fujo dela.’ ‘porque ele incomoda.’</p>	<p>K. responde: ‘é porque ela bate em mim.’ ‘ela bate muito em mim e joga Gerson no sofá.’ ‘ela dá mamadeira para minha irmã e bota ela na cama sacudindo forte... aí ela vomita.’ F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘tu ainda lembra o que nós combinamos que tudo o que tu falasse aqui seria um segredo e eu não contaria para ninguém.’ K. responde: ‘oh tia, a minha mãe fez a minha irmã voar do berço, daí ela vomitou e foi</p>	<p>F. associa a brincadeira com a família de K.: ‘já que brincamos de mamãe e filha, eu queria saber como era lá na tua casa, era assim?’ K. responde: ‘não, eu dormia em outro quarto, a minha irmã no berço perto de mim e do Gerson e a minha mãe dormia com o tio, pai do meu irmão.’</p>
--	---	--	--

	<p>K. começa a brincar com o microfone.</p> <p>F. aponta: ‘porque todas as vezes em que falamos da tua mãe tu tenta fugir do assunto?’</p>	<p>por isso que nós viemos aqui.’</p> <p>F. solicita mais detalhes: ‘me explica um pouco melhor isso?’</p> <p>K. começa o faz de conta: ‘pega a boneca tia e deita.’</p> <p>F. interroga sobre a brincadeira: ‘...tu podes me dizer porque aquela boneca ficou sem cobertor?’ ‘ e porque tu passou batom na boca do nenê?’</p> <p>K. responde: ‘eu tiro a minha blusa e boto em cima dela.’ ‘é para ela ficar bonita.’</p>	<p>Tia, eu vou guardar as coisas.’</p> <p>F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘... é que as coisas que tu fala aqui são segredo, eu não vou contar.’</p> <p>K. responde: ‘eu sei, tu só fica ouvindo.’</p>
--	--	--	--

Narrativa 32 (15/08)

<p>K. começa o faz de conta: ‘vamos brincar como da outra vez?’ ‘é, ela vai dormir.’ ‘ela vai deitar aqui contigo.’</p>	<p>F. interroga sobre a brincadeira: ‘deitar?’ ‘porque tu não precisa de cobertor?’</p> <p>K. responde: ‘é, vamos brincar que vamos dormir...’ ‘ta, um pouquinho é meu.’</p>	<p>F. constrói uma devolução: ‘eu gostaria de rever algumas coisas contigo, primeiro é que eu sei que tu tens falado bastante das tuas coisas no atendimento e eu estou aqui te escutando para poder te ajudar.’</p> <p>K. responde: ‘tu me ouve tia.’</p> <p>F. esclarece K. sobre as regras do espaço terapêutico: ‘todas essas coisas que tu fala eu te escuto, mas não conto para ninguém, como nós já tínhamos combinado.’</p>	<p>K. responde: ‘ta, na outra vez eu falo mais.’</p> <p>F. aponta para K. a sua atitude: ‘tu fala muitas coisas, a tia consegue te entender e é muito importante as coisas que tu fala.’</p>
--	--	--	--

ANEXO I

Caso Renata-Andréia:

Narrativas que apresentaram uma seqüência de ação de no mínimo três termos.

1) Homologia: Andréia começa: Renata relaciona: Andréia responde

Narrativa 4 (28/06)			
A. começa o faz de conta: ‘vamos carimbar agora?’	R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘você gosta de bichinhos?’ A. responde: ‘hã, hã...’	A. comenta sobre o tratamento anterior: ‘oh, tia, eu já fui atendida antes, sabia?’	R. solicita mais detalhes: ‘é mesmo?’ A. responde: ‘hã, hã...’
Narrativa 5 (28/06)			
A. solicita autorização: ‘eu posso colocar toda a casinha aqui?’	R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘você pode usar o que quiser na sala A., só tem que guardar tudo depois no lugar’.	A. começa o faz de conta: ‘agora vai até o telefone que eu vou te ligar. Trim, trim...’ ‘você quer vir aqui em casa agora?’	R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘você gosta de se arrumar?’ A. responde: ‘gosto.’
Narrativa 8 (04/07)			
A. pergunta: ‘ainda temos tempo para jogar um jogo?’ R. responde: ‘temos.’	A. começa a jogar: ‘cadê aquele jogo de montar?’ R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘você gosta de montar coisas?’ A. responde: ‘gosto, eu sempre ajudava minha mãe na roça.’	R. solicita mais detalhes: ‘é mesmo?’ ‘o que mais você fazia com a sua mãe?’ R. aponta: ‘tu notou que eu te fiz uma pergunta e você ainda não respondeu?’ ‘e tu lembra o que eu te perguntei?’ R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘este espaço também é para falar sobre essas coisas.’ A. pergunta: ‘ainda temos bastante tempo?’ R. responde: ‘já está na hora de guardarmos as coisas.’	R. observa: ‘em vez de arrumar o que ela pegou, começa a organizar toda a sala, angustiada.’ R. constroi uma devolução: ‘você está querendo me dizer com isto que você organizava todas as coisas na sua casa para sua mãe.’ A. responde positivamente.

Narrativa 9 (11/07)

<p>A. começa o faz de conta: ‘vamos brincar de casinha, tia?’ ‘eu vou colocar eles no pátio, eles estão perdidos na floresta.’ ‘posso deixar os bonecos aqui dentro, eles estão mais seguros assim. Um deles até já quebrou a perna fora.’</p>	<p>R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘e você, já quebrou a perna?’ A. responde: ‘eu não. Nunca fico doente.’</p>	<p>A. começa a desenhar: ‘vamos desenhar agora?’ R. responde: ‘tudo bem.’ A. solicita autorização: ‘posso pegar uma folha?’ (A. desenha e pinta a máscara do Mickey). R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘lembra que eu te disse que você pode usar tudo o que está na sala?’</p>	<p>R. relaciona o desenho com a realidade: ‘você gosta de máscaras?’ A. responde: ‘sim. Tia, você viu o barquinho que eu fiz com a Tatiane?’ R. responde: ‘claro que eu vi.’ ‘você sabe que o que você faz aqui é uma continuação do que você fazia com ela, só que agora é comigo.’ A. responde: ‘eu sei.’</p>
---	--	--	---

Narrativa 10 (11/07)

<p>A. começa o faz de conta: ‘vou me pintar com essas coisas. Me pinta, tia?’</p>	<p>R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘você gosta de se arrumar, ficar bonita?’ A. responde: ‘gosto.’ ‘eu vou ter que tirar o batom.’</p>	<p>R. interroga sobre a brincadeira: ‘você está tirando o batom?’ A. responde: ‘não.’</p>	<p>R. observa: ‘é a segunda vez que A. repete isso... (tirar o batom)’</p>
--	--	---	---

Narrativa 11 (11/07)

<p>A. começa o faz de conta: ‘vou brincar com o nenê.’</p>	<p>R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘você já cuidou de um nenê antes?’ A. responde: ‘não.’ ‘o nenê está doente.’</p>	<p>R. interroga sobre a brincadeira: ‘é mesmo?’ ‘o que será que é?’ A. responde: ‘ela está com problema na barriga.’ ‘isso nem eu mesma sei.’ R. constroi uma devolução: ‘você está querendo me dizer que está com algum problema e não sabe o que é?’</p>	<p>A. responde: ‘eu não, o bebê!’. R. interroga sobre a brincadeira: ‘e o outro tem alguma coisa?’ A. responde: não, só o nenê.’</p>
---	---	---	---

2) Homologia: Andréia associa: Renata solicita: Andréia responde

Narrativa 17 (13/08)			
<p>R. observa: ‘A. se levanta e começa a organizar a mesa melhor do que estava...’</p> <p>R. aponta: ‘você nota como você precisa sempre organizar as coisas.’</p> <p>A. começa o desenho: ‘aqui vou carimbar os bichinhos.’</p>	<p>R. observa: ‘A. fica falando para não me escutar/resistência.’</p> <p>R. aponta: ‘você percebe que às vezes eu falo contigo e você dá um jeito para não precisar falar sobre isso.’</p> <p>A. responde: ‘quando? O que?’</p> <p>R. constroi uma devolução: ‘eu comentei contigo sobre o quanto você precisa ficar arrumando as coisas, igual você fazia em casa para sua mãe. Deve ser um sofrimento para ti isso!’</p>	<p>A. associa os carimbos com a sua família: ‘sabe que lá em casa nós tínhamos todos esses bichos?’</p> <p>R. solicita mais detalhes: ‘é mesmo?’ ‘então, vocês tinham um sítio?’</p> <p>A. responde: ‘isso aí! Da próxima vez, eu vou fazer essa grade, só sem esses bichos dentro.’</p> <p>R. interroga sobre o desenho: ‘e o que você vai deixar dentro da cerca?’</p> <p>A. responde: ‘só vaca.’</p> <p>R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘as vacas ficavam no cercado lá da tua casa?’ ‘você, então, cuidava da casa e dos bichos?’</p> <p>A. responde: ‘ficavam.’ ‘sim, mas só quando eu queria.’</p>	<p>R. solicita mais detalhes: ‘só quando você queria?’ ‘e quem fazia?’ ‘e se você não estava afim e a mãe pedia?’</p> <p>A. responde: ‘sim, eu não estava afim, não fazia!’ ‘a mãe. Eu só fazia quando ela pedia.’ ‘eu sempre fazia!’</p> <p>R. observa: poderia ter feito uma intervenção diante da afirmativa de A.</p>

Narrativa 18 (13/08)			
<p>A. começa o faz de conta: ‘me ajuda a vestir elas (Barbies) que está frio!’</p> <p>A. associa a brincadeira com a realidade: ‘você sabe que a mãe colocava um monte de roupa em nós quando estava frio?’</p> <p>R. solicita mais detalhes:</p>	<p>A. responde: ‘só que eu me vestia sozinha!’ ‘é, meus irmãos ela vestia, eu não precisava.’ ‘às vezes bem, às vezes mal.’</p> <p>A. segue o faz de conta: ‘as Barbies estão prontas.’ ‘fica com ele que eu vou preparar a mamadeira.’</p> <p>R. observa: ‘fuga, poderia ter pontuado.’</p>	<p>R. interroga sobre a brincadeira: ‘como é o nome dele?’ ‘é tua irmã?’</p> <p>A. responde: ‘Luís, não, é Fernanda.’ ‘minha filha.’</p> <p>R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘o nosso tempo está acabando.’</p> <p>R. observa: ‘A. começa a organizar todas as coisas que não mexeu novamente.’</p> <p>R. aponta: ‘você só precisa arrumar o que pegou.’</p> <p>A. responde: ‘eu sei.’</p>	<p>R. constroi uma devolução: ‘eu sei que você tem muito mais para falar... você falou várias coisas hoje, já está conseguindo falar sobre coisas que te aconteceram, isso é muito bom!’</p>

'é mesmo!' 'só tu?' 'e como você se sentia?'			
--	--	--	--

Narrativa 19 (20/08)

R. observa: 'A. está ansiosa.'	R. constrói uma devolução: 'esse jogo diz muito do que você está passando agora – relembrando as coisas que lhe aconteceram.'	A. associa o jogo com um filme (Rei Leão): 'o leão bom protege o filhotinho contra o leão mau!'	R. solicita mais detalhes: 'e qual parte tu mais gostou?'
A. começa o jogo de memória.			A. responde: 'eu vou pensar, depois eu te digo.'

3) Homologia: Andréia começa: Renata interroga: Andréia responde

Narrativa 7 (04/07)

A. começa o faz de conta: '... faz um barquinho pra mim?'	R. interroga sobre a brincadeira: 'o que você está escrevendo?' 'para quem é a carta?' 'quando você acabar de escrevê-la, lê ela para mim?'	A. solicita autorização: 'eu posso pintar tia?' 'vou usar algodão, posso tia?'	R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: 'lembra que eu te disse que você pode usar tudo o que quiser na sala, não precisa me perguntar.'
	A. responde: 'uma carta.' 'para a senhora.'		A. responde: 'tá.'

Narrativa 12 (18/07)

A. começa o faz de conta: 'oi mana, você quer vir aqui em casa hoje?' 'eu quero conversar contigo.'	R. relaciona a brincadeira com a realidade: 'sua mana tem namorado?'	R. interroga sobre a brincadeira: 'não sei, o que você acha?' 'que festa?'	R. constrói uma devolução: 'você me contou várias coisas hoje, como a maneira que agia em casa tendo o controle de toda a situação... algumas coisas eu não entendi bem, mas com tempo eu vou entender melhor.'
R. interroga sobre a brincadeira: 'conversar sobre o que?'	A. responde: 'é brincadeira, tia.'	A. responde: 'eu acho que sim...' 'uma festa que vai ter depois.'	
A. responde: 'sobre uma coisinha importante,	R. responde: 'eu sei, no telefone você pediu para ela trazer...'	R. relaciona a brincadeira com a realidade: 'você já teve algum namorado?' 'você sabe o que é namorar' 'você tem irmãos?' 'você já foi a algum baile antes?'	
	A. responde: 'ela tem e eu também. Você vai trazer ele junto.'	A. responde: 'eu não!' 'eu sei, mas eu não tenho namorado não!' 'tenho três. Eles estão aqui.' 'eu não...'	

depois eu te conto.’ ‘vê se traz o teu namorado junto.’			
---	--	--	--

Narrativa 13 (01/08)

A. começa o faz de conta: ‘aqui é meu quarto. Vamos colocar os nenês para dormir?’ ‘temos que arrumá-las porque elas vão ao baile hoje’.	R. interroga sobre a brincadeira: ‘é mesmo? Que baile?’	R. responde: ‘um baile lá.’ ‘temos que arrumá-las logo, pois o baile já começou.’	
---	--	--	--

Narrativa 14 (01/08)

A. começa o faz de conta: ‘você escreve pra mim o que eu disser.’ ‘espera aí, eu vou ligar para a minha mana, trim, trim...’ R. interroga sobre a brincadeira: ‘mas, o que aconteceu?’ ‘oh, porquê?’ ‘e daí?’	A. responde: ‘briguei com o meu namorado.’ ‘deixa para lá, não quero te incomodar com os meus problemas.’ ‘daí eu não falo mais com ele, estou brava.’ ‘...você vai escrever tudo o que eu disser, né?’ ‘escreve como você gosta de mim.’	R. aponta: ‘eu também gosto de você e noto o quanto você considera importante este espaço pra falar sobre suas coisas. Estou notando sua ansiedade por falar, mas pode ir com calma que as coisas serão conversadas. Essa semana que eu faltei te angustiou, né?’	A. responde (ela beija R.): ‘os duendes de um filme que eu vi fazem isso.’ ‘as mães faziam nos filhos’.
--	--	--	--

Narrativa 15 (01/08)

A. começa o faz de conta: ‘eu vou te ligar de novo, ta?’ Trim, trim...’ ‘oi, você pode vir aqui que eu preciso falar contigo?’	R. interroga sobre a brincadeira: ‘você queria falar comigo?’ A. responde: ‘ah, sim. Pinta minhas unhas?’	R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘vamos começar a arrumar as coisas que o tempo está acabando.’	
---	--	---	--

Narrativa 16 (13/08)			
A. começa o faz de conta: ‘eu vou ligar para você, ta?’	R. interroga sobre a brincadeira: ‘o que aconteceu?’ R. responde: ‘eu não estou gostando mais tanto da aula de música.’	R. constroi uma devolução: ‘será que você não está querendo dizer que prefere ter esse espaço para falar hoje do que ir na aula de música? Você gosta de música, só não quer abrir mão do teu horário de atendimento.’	A. responde: ‘isso mesmo! Se você quiser pode vir aqui depois.’

Narrativa 22 (27/08)			
A. começa o faz de conta: ‘vamos vestir elas (Barbies), tia?’ ‘sabe onde elas vão hoje?’	R. interroga sobre a brincadeira: ‘onde?’ A. responde: ‘ao baile.’	R. observa: ‘A. tira todo o material da caixa de maquiagem e o organiza.’ R. aponta: ‘você se dá conta que está organizando tudo de novo.’	A. responde: ‘e daí, eu gosto.’

Narrativa 23 (27/08)			
A. começa o faz de conta: ‘eu vou te ligar, ta?’ ‘eu tenho um segredo para te contar, você não pode falar para ninguém.’ R. interroga sobre a brincadeira: ‘o que foi mana?’ ‘é mesmo?’ ‘e como você descobriu?’ ‘e como estava o nenê?’	A. responde: ‘a mãe já teve um nenê.’ ‘eu descobri domingo.’ ‘o juiz... eu fui lá visitar ela na casa dela.’ ‘eu não sei, quer dizer, eu bati na porta e não tinha ninguém lá.’	R. observa (em relação ao ‘o juiz’): ‘ato falho.’ A. solicita: ‘escreve aqui para mim o que você gosta em mim?’ R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘este tempo aqui é para falarmos sobre suas coisas, falando de mim estaremos deixando de lado suas coisas’. R. constroi uma devolução à A: ‘será que você quer que eu diga que gosto de você por medo de eu deixar de gostar se você me disser certas coisas. Você pode me falar qualquer coisa que eu vou estar com você, te gostando do mesmo jeito e te ajudando.’ ‘notei você bastante angustiada, com vontade de falar muita coisa e achando difícil.’	A. responde: ‘sabe o que é, é que eu briguei com a tia do projeto hoje.’ R. observa: ‘o sintoma pode estar mascarando sua angústia, sua culpa; entrar no jogo dela, no jogo modificar o seu sistema de funcionamento; deixar ela mais solta, brincar; ser sua mãe, dar colo, aquele carinho que não tinha; não entrar tanto no real: é brincadeira (A. fala) – pedido de não ser tão real; intervenção: deixa eu ser mãe hoje; vamos deixar tudo bagunçado hoje.’

ANEXO J

Caso Renata-Andréia:

Narrativas que não apresentaram uma seqüência de ação de no mínimo três termos.

Narrativa 1 (28/06)			
A. começa o faz de conta: 'quem pode ser ela, tia (boneca)?'	R. devolve a questão: 'não sei.'	A. responde: 'esta vai ser a Rox., está bem tia?' R. responde: 'está bem.'	A. segue a brincadeira: 'vou vestir esta boneca, segura ela para mim tia?'

Narrativa 2 (28/06)			
A. solicita autorização: 'posso montar uma casinha?'	R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: 'você pode usar qualquer coisa aqui na sala.'	A. começa o faz de conta: 'eu vou ligar para a senhora... trim, trim...' 'oi, tudo bem?' 'você quer ir lá em casa comer um bolo?'	R. responde: 'alô!' 'tudo, e você?' quero, que horas?'

Narrativa 3 (28/06)			
A. começa o faz de conta: 'vamos brincar de adivinhar?' 'eu vou escrever uma coisa e você adivinha o que é. É mi...'	R. responde: 'vamos' 'milho?'	A. responde: 'isso mesmo.'	

Narrativa 6 (28/06)			
A. pergunta: 'quanto tempo ainda falta, tia?'	R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: 'nós temos 15 minutos, mas daqui a pouco quero que guarde as coisas para a gente conversar um pouco'.	R. constrói uma devolução à A.: 'eu notei que você estava ansiosa hoje, que tem bastante vontade de falar sobre as coisas que você está precisando'. R. pergunta: 'se A. sabe o motivo de estar na instituição.' A. responde: 'a mãe bebe e está em tratamento agora'.	R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: 'é um espaço para falar sobre isso também... mas, também é um espaço para falar sobre coisas suas, o que ela sente a respeito do que acontece com ela.'

Narrativa 20 (20/08)			
<p>A. começa o faz de conta: ‘quero brincar com o nenê. Fecha a janela, por favor. Vamos dormir, você deita aqui.’</p>	<p>R. observa: ‘fico angustiada com a situação.’</p> <p>R. interroga sobre a brincadeira: ‘o que você está fazendo?’</p> <p>A. responde: ‘nada!’</p>	<p>R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘você fazia coisas escondidas à noite na tua casa?’</p> <p>A. responde: ‘não.’</p> <p>A. segue a brincadeira: ‘desliga a luz mana e me acorda quando for de manhã.’</p> <p>‘vou lavar a louça, mana!’</p>	<p>R. observa: ‘A. atira a louça dentro do armário – não organiza.’</p>

Narrativa 21 (20/08)			
<p>A. começa o desenho: ‘desenha também!’</p> <p>R. responde: ‘prefiro não desenhar, este espaço é teu!’</p> <p>R. observa: ‘A. está fazendo tudo rápido hoje’.</p>	<p>R. aponta: ‘você notou como você está ansiosa hoje, você começa várias coisas e não consegue acabar.’</p> <p>A. responde: ‘vou desenhar no outro quadro!’</p> <p>R. constroi uma devolução: ‘quando falo com você, muitas vezes você finge não me escutar – está difícil falar hoje, né? Você falou muito na semana passada.’</p>	<p>A. responde: ‘não tem nada a ver o que você está falando.’</p> <p>A. começa o faz de conta: ‘vou dar banho nas Barbies, me ajuda a tirar a roupa.’</p> <p>R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘nosso tempo está acabando, mas você pode continuar na semana que vem.’</p>	<p>R. constroi uma devolução: ‘eu senti você bastante angustiada hoje, como você falou e trouxe muita coisa da outra vez... fica às vezes difícil continuar. Você acaba ficando meio confusa descobrindo tanta coisa.’</p> <p>A. pergunta: ‘vem mais alguém aqui hoje?’</p> <p>R. responde: ‘não.’</p> <p>R. observa: ‘A. não organizou a sala como sempre fez: ruptura do comportamento.’</p>

Narrativa 24 (03/09)			
<p>R. observa: ‘A. conseguiu se soltar hoje. Agiu como uma criança de 10 anos: riu, pulou, dançou, bagunçamos.’</p> <p>‘A. entra</p>	<p>A. começa a brincar: ‘a senhora senta aqui e vê o que eu sei fazer (faz acrobacias e shows, pega o rádio e brinca com seus sons).’</p>	<p>A. comenta: ‘temos que arrumar tudo por causa do horário.’</p> <p>R. responde: ‘nós ainda temos bastante tempo.’</p> <p>A. segue a brincadeira: ‘é mesmo, então eu vou ajeitar isso para ter mais espaço... Vou cantar.’</p>	<p>R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘pode deixar que eu cuido do horário’.</p> <p>A. responde: ‘então, eu vou</p>

pulando e brincando. Estimulo-a no sentido de se sentir livre para brincar, se assim o quiser.'	R. observa: 'passados uns trinta minutos, A. começa a organizar a sala.'	A. pergunta: 'o nosso horário está acabando, né?'	desenhar.'
---	---	--	------------

Narrativa 25 (10/09)

A. começa a brincar: 'vou fazer as mesmas coisas da semana passada (A. pula bastante, ri, brinca...).'	A. começa o faz de conta: 'fecha bem a janela que eu estou com sono.' R. interroga sobre a brincadeira: 'mana, já é de manhã. Vamos acordar?'	A. pergunta: 'temos tempo ainda ou está no horário?' R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: 'pode deixar que eu te aviso quando estiver no horário, nós temos tempo ainda.' A. responde: 'que bom, então vamos arrumar tudo e brincar de se maquiar.'	R. aponta: 'quem sabe a gente arruma isso depois e primeiro se maquia.' A. segue o faz de conta: 'você vai no baile hoje, filha?'
---	--	---	--

ANEXO L

Caso Renata-Andréia:

Narrativas em que aparece a ação ‘Renata observa’.

Narrativa 8 (04/07)			
<p>A. pergunta: ‘ainda temos tempo para jogar um jogo?’</p> <p>R. responde: ‘temos.’</p> <p>A. começa a jogar: ‘cadê aquele jogo de montar?’</p> <p>R. responde: ‘esse aqui está montado.’</p>	<p>R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘você gosta de montar coisas?’</p> <p>A. responde: ‘gosto, eu sempre ajudava minha mãe na roça’.</p> <p>R. solicita mais detalhes: ‘é mesmo?’ ‘o que mais você fazia com a sua mãe?’</p>	<p>R. aponta: ‘tu notou que eu te fiz uma pergunta e você ainda não respondeu?’ ‘e tu lembra o que eu te perguntei?’</p> <p>R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘este espaço também é para falar sobre essas coisas.’</p> <p>A. pergunta: ‘ainda temos bastante tempo?’</p> <p>R. responde: ‘já está na hora de guardarmos as coisas.’</p>	<p>R. observa: ‘em vez de arrumar o que ela pegou, começa a organizar toda a sala, angustiada.’</p> <p>R. constroi uma devolução: ‘você está querendo me dizer com isto que você organizava todas as coisas na sua casa para sua mãe.’</p> <p>A. responde positivamente.</p>
Narrativa 10 (11/07)			
<p>A. começa o faz de conta: ‘vou me pintar com essas coisas. Me pinta, tia.’</p>	<p>R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘você gosta de se arrumar, ficar bonita!’</p>	<p>A. responde: ‘gosto.’ ‘eu vou ter que tirar o batom.’</p> <p>R. interroga sobre a brincadeira: ‘você está tirando o batom?’</p> <p>A. responde: ‘não.’</p>	<p>R. observa: ‘é a segunda vez que A. repete isso... (tirar o batom)’</p>
Narrativa 17 (13/08)			
<p>R. observa: ‘A. se levanta e começa a organizar a mesa melhor do que estava...’</p> <p>R. aponta: ‘você nota como você precisa sempre organizar as coisas.’</p> <p>A. começa o desenho: ‘aqui vou carimbar os bichinhos.’</p>	<p>R. observa: ‘A. fica falando para não me escutar/ resistência.’</p> <p>R. aponta: ‘você percebe que às vezes eu falo contigo e você dá um jeito pra não precisar falar sobre isso?’</p> <p>A. responde: ‘quando? O que?’</p>	<p>A. associa os carimbos com a sua família: ‘sabe que lá em casa nós tínhamos todos esses bichos?’</p> <p>R. solicita mais detalhes: ‘é mesmo?’ ‘então, vocês tinham um sítio?’</p> <p>A. responde: ‘isso aí! Da próxima vez, eu vou fazer essa grade, só sem esses bichos dentro.’</p> <p>R. interroga sobre o desenho: ‘é o que você vai deixar dentro da cerca?’</p> <p>A. responde: ‘só vaca.’</p> <p>R. relaciona a brincadeira</p>	<p>R. solicita mais detalhes: ‘só quando você queria?’ ‘e quem fazia?’ ‘e se você não estava afim e a mãe pedia?’</p> <p>A. responde: ‘sim, eu não estava afim, não fazia!’ ‘a mãe. Eu só fazia quando ela pedia.’ ‘eu sempre fazia!’</p>

	<p>R. constroi uma devolução: ‘eu comentei contigo sobre o quanto você precisa ficar arrumando as coisas, igual você fazia em casa para a sua mãe. Deve ser um sofrimento para ti isso!’</p>	<p>com a realidade: ‘as vacas ficavam no cercado lá da tua casa?’ ‘você, então, cuidava da casa e dos bichos?’</p> <p>A. responde: ‘ficavam.’ ‘sim, mas só quando eu queria.’</p>	<p>R. observa: <i>poderia ter feito uma intervenção diante da afirmativa de A.</i></p>
--	---	--	---

Narrativa 18 (13/08)

<p>A. começa o faz de conta: ‘me ajuda a vestir elas (Barbies) que está frio!’</p> <p>A. associa a brincadeira com a realidade: ‘você sabe que a mãe colocava um monte de roupa em nós quando estava frio?’</p> <p>R. solicita mais detalhes: ‘é mesmo!’ ‘só tu?’ ‘e como você se sentia?’</p>	<p>A. responde: ‘só que eu me vestia sozinha!’ ‘é, meus irmãos ela vestia, eu não precisava.’ ‘às vezes bem, às vezes mal.’</p> <p>A. segue o faz de conta: ‘as Barbies estão prontas.’ ‘fica com ele que eu vou preparar a mamadeira.’</p> <p>R. observa: <i>‘fuga, poderia ter pontuado.’</i></p>	<p>R. interroga sobre a brincadeira: ‘como é o nome dele?’ ‘é tua irmã?’</p> <p>A. responde: ‘Luís, não, é Fernanda.’ ‘minha filha.’</p> <p>R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘o nosso tempo está acabando.’</p> <p>R. observa: <i>‘A. começa a organizar todas as coisas que não mexeu novamente.’</i></p> <p>R. aponta: ‘você só precisa arrumar o que pegou’.</p> <p>A. responde: ‘eu sei.’</p>	<p>R. constroi uma devolução: ‘eu sei que você tem muito mais para falar... você falou várias coisas hoje, já está conseguindo falar sobre coisas que te aconteceram, isso é muito bom!’</p>
---	--	--	---

Narrativa 19 (20/08)

<p>R. observa: ‘A. está ansiosa.’</p> <p>A. começa o jogo de memória.</p>	<p>R. constrói uma devolução: ‘esse jogo diz muito do que você está passando agora – relembrando as coisas que lhe aconteceram.’</p>	<p>A. associa o jogo com um filme (Rei Leão): ‘o leão bom protege o filhotinho contra o leão mau!’</p>	<p>R. solicita mais detalhes: ‘e qual parte tu mais gostou?’</p> <p>A. responde: ‘eu vou pensar, depois eu te digo.’</p>
---	---	---	--

Narrativa 20 (20/08)

<p>A. começa o faz de conta: ‘quero brincar com o nenê.’</p>	<p>R. observa: <i>‘fico angustiada com a situação.’</i></p>	<p>R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘você fazia coisas escondidas à noite na tua casa?’</p>	<p>R. observa: <i>‘A. atira a louça dentro do armário – não’</i></p>
---	--	---	---

Fecha a janela, por favor. Vamos dormir, você deita aqui.'	R. interroga sobre a brincadeira: 'o que você está fazendo?' A. responde: 'nada!'	A. responde: 'não.' A. segue a brincadeira: 'desliga a luz mana e me acorda quando for de manhã.' 'vou lavar a louça, mana!'	<i>organiza.'</i>
--	--	---	-------------------

Narrativa 21 (20/08)

A. começa o desenho: 'desenha também!' R. responde: 'prefiro não desenhar, este espaço é teu!' R. observa: 'A. está fazendo tudo rápido hoje.'	R. aponta: 'você notou como você está ansiosa hoje, você começa várias coisas e não consegue acabar.' A. responde: 'vou desenhar no outro quadro!' R. constroi uma devolução: 'quando falo com você, muitas vezes você finge não me escutar – está difícil falar hoje, né? Você falou muito na semana passada.'	A. responde: 'não tem nada a ver o que você está falando.' A. começa o faz de conta: 'vou dar banho nas Barbies, me ajuda a tirar a roupa.' R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: 'nosso tempo está acabando, mas você pode continuar na semana que vem.'	R. constroi uma devolução: 'eu senti você bastante angustiada hoje, como você falou e trouxe muita coisa da outra vez... fica às vezes difícil continuar. Você acaba ficando meio confusa descobrindo tan-ta coisa.' A. pergunta: 'vem mais alguém aqui hoje?' R. responde: 'não.' R. observa: 'A. não organizou a sala como sempre fez: ruptura do comportamento.'
---	--	--	--

Narrativa 22 (27/08)

A. começa o faz de conta: 'vamos vestir elas (Barbies), tia?' 'sabe onde elas vão hoje?'	R. interroga sobre a brincadeira: 'onde?' A. responde: 'ao baile.'	R. observa: 'A. tira todo o material da caixa de maquiagem e o organiza.' R. aponta: 'você se dá conta que está organizando tudo de novo.'	A. responde: 'e daí, eu gosto.'
---	---	---	--

Narrativa 23 (27/08)

A. começa o faz de conta: 'eu vou te ligar, ta?' 'eu tenho	A. responde: 'a mãe já teve um nenê.' 'eu descobri	R. observa (em relação ao 'o juiz'): 'ato falho.' A. solicita: 'escreve aqui para mim o que você gosta em	A. responde: 'sabe o que é, é que eu briguei com a tia do
---	---	--	--

<p>um segredo para te contar, você não pode falar para ninguém.’</p> <p>R. interroga sobre a brincadeira: ‘o que foi mana?’ ‘é mesmo?’ ‘e como você descobriu?’ ‘e como estava o nenê?’</p>	<p>domingo.’ ‘o juiz... eu fui lá visitar ela na casa dela.’ ‘eu não sei, quer dizer, eu bati na porta e não tinha ninguém lá.’</p>	<p>mim?’</p> <p>R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘este tempo aqui é para falarmos sobre tuas coisas, falando de mim estaremos deixando de lado tuas coisas’.</p> <p>R. constroi uma devolução à A: ‘será que você quer que eu diga que gosto de você por medo de eu deixar de gostar se você me disser certas coisas. Você pode me falar qualquer coisa que eu vou estar com você, te gostando do mesmo jeito e te ajudando.’ ‘notei você bastante angustiada, com vontade de falar muita coisa e achando difícil.’</p>	<p>projeto hoje.’</p> <p>R. observa: ‘o sintoma pode estar mascarando sua angústia, sua culpa; entrar no jogo dela, no jogo modificar o seu sistema de funcionamento; deixar ela mais solta, brincar; ser sua mãe, dar colo, aquele carinho que não tinha; não entrar tanto no real: é brincadeira (A. fala) – pedido de não ser tão real; intervenção: deixa eu ser mãe hoje; vamos deixar tudo bagunçado hoje.’</p>
--	---	--	--

Narrativa 24 (03/09)

<p>R. observa: ‘A. conseguiu se soltar hoje. Agiu como uma criança de 10 anos: riu, pulou, dançou, bagunçamos.’</p> <p>‘A. entra pulando e brincando. Estimulo-a no sentido de se sentir livre para brincar, se assim o quiser.’</p>	<p>A. começa a brincar: ‘a senhora senta aqui e vê o que eu sei fazer (faz acrobacias e shows, pega o rádio e brinca com seus sons).’</p> <p>R. observa: ‘passados uns trinta minutos, A. começa a organizar a sala.’</p>	<p>A. comenta: ‘temos que arrumar tudo por causa do horário.’</p> <p>R. responde: ‘nós ainda temos bastante tempo.’</p> <p>A. segue a brincadeira: ‘é mesmo, então eu vou ajeitar isso para ter mais espaço... Vou cantar.’</p> <p>A. pergunta: ‘o nosso horário está acabando, né?’</p>	<p>R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘pode deixar que eu cuido do horário’.</p> <p>A. responde: ‘então, eu vou desenhar.’</p>
---	---	--	---

ANEXO M

Caso Renata-Carla:

Narrativas que apresentaram uma seqüência de ação de no mínimo dois termos.

1) Homologia: Renata pergunta: Carla responde

Narrativa 1 (21/08)			
R. pergunta se C. sabe o motivo do tratamento. C. responde negativamente.	R. esclarece sobre o motivo: ‘...está aqui por se encontrar bastante triste, quieta.’	R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘... um espaço para conversar, falar sobre as coisas que lhe estão acontecendo, que não entende. Falo sobre o significado que terá todo o seu comportamento aqui dentro... sobre os brinquedos, a organização destes... o uso da sala por outras crianças... o sigilo... que pode fazer o que desejar...’	R. observa: ‘C. apresenta postura retraída, como se aquela cadeira a estivesse protegendo de algo.’ ‘C. permanece em silêncio, rói as unhas.’
Narrativa 2 (21/08)			
R. pergunta se C. que ir ver a sala. C. responde positivamente.	R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘se você quiser alguma coisa é só pegar.’	C. começa a brincar com os carrinhos. R. observa: ‘Geralmente, em sua brincadeira, o que vem atrás bate no outro. C. brinca de uma maneira confusa, os carros vão para todas as direções se batendo e não respeitando os sinais.’	R. constrói uma devolução: ‘será que você está me mostrando como invadiram o seu espaço, não te respeitando.’
Narrativa 3 (28/08)			
R. esclarece sobre o motivo de estar em tratamento. R. observa: C. permanece em silêncio.	R. pergunta: ‘o que gostaria de brincar que eu pegaria para ela.’ C. responde: ‘bonecas.’	C. começa a brincar com as bonecas (Barbies): ‘veste elas, as arruma.. organiza as roupas...’ R. observa: ‘C. está brincando de forma retraída, não se permitindo criar muito e se permitindo simplesmente mexê-las’ ‘não se mostrou aberta para a minha participação na brincadeira – mal permitiu observá-la.’ C. para de brincar: ‘não quero mais brincar tia, cansei.’ R. aponta: ‘eu tenho notado que está muito difícil para	R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘nós conversando, juntas, ficará bem mais fácil para você entender algumas coisas. É assim que poderei te ajudar.’ R. observa: ‘C. está bastante bloqueada, a própria

		você falar... e também para dividir alguma coisa comigo...'	expressão corporal está bloqueada. TODO o corpo está 'falando' da dificuldade de falar... Tem que ir bastante devagar com ela, deixar ela criar seu espaço primeiro, se descobrir, dando o suporte no sentido de deixar ela ser dentro de seus limites... para só então 'fortalecê-la.'
--	--	---	---

Narrativa 4 (12/09)

R. pergunta: 'como foi a aula de música?'	R. solicita mais detalhes: 'tocou bastante?'... 'o que você fez lá?'	C. responde: 'não fiz nada.' 'fiquei desenhando no quadro.'	R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: 'se você quiser desenhar, também pode desenhar aqui' 'você pode usar o material que quiser' 'se você quiser algo é só pegar ou me pedir!'
--	---	--	--

Narrativa 6 (18/09)

R. observa: 'C. vem, pela primeira vez, ao atendimento sozinha. Nas outras sessões, sempre procurei buscar ela devido a sua timidez/retraimento.'	R. pergunta: 'você quer brincar de alguma coisa?' C. responde: 'com a casinha.'	R. observa: 'C. permanece praticamente imóvel e em silêncio.' R. permanece também em silêncio observando C.	R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: 'o nosso tempo está acabando' 'vamos guardar a casinha.'
--	--	--	---

Narrativa 7 (26/09)			
<p>C. comenta sobre a aula de música: ‘eu não vou mais tocar flauta.’</p> <p>R. solicita mais detalhes: ‘por que não?’ ‘e o que você faz, então?’ ‘o que mais você gosta de fazer?’</p>	<p>C. responde: ‘eu não toco bem.’ ‘eu leio revistinha.’ ‘brincar.’</p> <p>R. pergunta: ‘você quer brincar agora?’</p> <p>C. responde: ‘quero, mas você tem que brincar junto.’</p>	<p>R. propõe à C. como brincar buscando interagir com ela: ‘tem essas bonecas e aquelas.’</p> <p>C. aceita a brincadeira proposta por R.: ‘...aos poucos, C. encosta levemente as bonecas...’</p>	<p>R. aponta: ‘eu noto que é bastante difícil para ti brincar na minha frente.’</p> <p>R. observa: ‘C. segue brincando em silêncio.’</p> <p>R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘o nosso tempo está acabando.’</p>
Narrativa 8 (10/10)			
<p>R. pergunta: ‘você está feliz hoje?’ ‘o que você quer fazer hoje?’</p> <p>C. responde: ‘hã!’ ‘brincar contigo!’</p>	<p>R. solicita mais detalhes: ‘com o que você quer brincar?’</p>	<p>C. propõe de que brincar: ‘o rádio’</p> <p>R. aceita a brincadeira proposta por C.: ‘após algum tempo, participo com ela da brincadeira de trocar os canais.’</p>	<p>C. para de brincar com o rádio: ‘Não quero mais brincar disso!’</p>
Narrativa 9 (10/10)			
<p>R. pergunta: ‘e o que você quer fazer?’</p> <p>C. responde: ‘brincar de boneca.’</p> <p>R. interroga C. sobre a brincadeira: ‘e o que elas estão fazendo?’</p>	<p>C. responde: ‘escutando música.’</p> <p>C. para de brincar com as bonecas: ‘não quero mais brincar disso.’</p> <p>R. pergunta: ‘o que você quer fazer?’</p> <p>C. responde: ‘não sei!’</p>	<p>R. propõe à C. de que brincar: ‘tem essa caixinha aqui, quer ver o que tem dentro?’</p> <p>C. aceita a brincadeira proposta por R. e começa a brincar com as maquiagens.</p> <p>C. associa o objeto (espelho) da brincadeira com a sua família: ‘meu pai tinha um desses.’ ‘mas, meu irmão mexeu nele e quebrou.’</p>	<p>R. solicita mais detalhes: ‘você tem irmão?’ ‘qual o nome dele?’</p> <p>R. observa: ‘eu cortei a associação.’</p> <p>C. responde: ‘tenho’ ‘Elias.’</p> <p>C. pergunta: ‘o que é isso?’ ‘como funciona?’</p> <p>R. responde: ‘é uma máquina de datilografar.’ ‘assim, oh...’</p>
Narrativa 10 (29/10)			
<p>R. pergunta: ‘o que você vai querer fazer hoje?’</p>	<p>C. para de brincar com a máquina: ‘C. não consegue colocar a folha, se</p>	<p>R. aponta: ‘eu sei que você ficou bastante chateada por não ter conseguido, mas eu estou aqui para te ajudar...’</p>	<p>R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico:</p>

<p>C. responde apontando para a máquina de escrever: ‘dobra para mim?’</p>	<p>irrita e larga a folha.’</p>	<p>R. propõe a C. que continue a brincar com a máquina. R. observa: ‘C. permanece imóvel e em silêncio.’</p>	<p>‘coloco para ela a questão do espaço de atendimento servir também para vermos juntas as dificuldades...’ ‘que este espaço também serve para isso e que, com o tempo, as coisas se tornarão mais fáceis.’</p>
---	---------------------------------	--	---

2) Homologia: Renata propõe: Carla aceita

Narrativa 5 (12/09)			
<p>C. convoca R. para a brincadeira: ‘eu quero brincar contigo!’ R. solicita mais detalhes: ‘do que você quer brincar?’ ‘você quer ir olhar os brinquedos para escolher um?’</p>	<p>C. convoca R. para escolher os brinquedos: ‘você tem que ir junto.’ R. solicita mais detalhes: ‘o que você quer?’</p>	<p>C. convoca R. para a brincadeira: ‘você tem que brincar junto!’ R. observa: ‘C. está me dizendo que, no momento, precisa desse suporte meu. Só assim consegue...’ R. propõe como brincar buscando interagir com ela: ‘quem sabe a gente monta a casinha... eu pego os objetos e você me diz onde colocá-los’ ‘que bonequinho você quer?’ C. aceita a brincadeira proposta por R.: ‘C. aceita e, bastante retraída, me diz onde colocar cada objeto.’</p>	<p>R. observa: ‘faço uma tentativa de aproximação maior com C., mas em relação ao brincar ela se mantém bastante fechada – dificuldade de elaborar as coisas, está bastante bloqueada.’</p>
Narrativa 7 (26/09)			
<p>C. comenta sobre a aula de música: ‘eu não vou mais tocar flauta.’ R. solicita mais detalhes: ‘por que não?’ ‘e o que você faz, então.’ ‘o que mais você gosta de fazer?’</p>	<p>C. responde: ‘eu não toco bem.’ ‘eu leio revistinha.’ ‘brincar.’ R. pergunta: ‘você quer brincar agora?’ C. responde: ‘quero, mas você tem que brincar junto.’</p>	<p>R. propõe à C. como brincar buscando interagir com ela: ‘tem essas bonecas e aquelas.’ C. aceita a brincadeira proposta por R.: ‘...aos poucos, C. encosta levemente as bonecas...’</p>	<p>R. aponta: ‘eu noto que é bastante difícil para ti brincar na minha frente.’ R. observa: ‘C. segue brincando em silêncio.’ R. esclarece sobre as regras do espaço</p>

			terapêutico: ‘o nosso tempo está acabando.’
--	--	--	---

Narrativa 9 (10/10)

<p>R. pergunta: ‘e o que você quer fazer?’</p> <p>C. responde: ‘brincar de boneca.’</p> <p>R. interroga C. sobre a brincadeira: ‘e o que elas estão fazendo?’</p>	<p>C. responde: ‘escutando música.’</p> <p>C. para de brincar com as bonecas: ‘não quero mais brincar disso.’</p> <p>R. pergunta: ‘o que você quer fazer?’</p> <p>C. responde: ‘não sei!’</p>	<p>R. propõe à C. de que brincar: ‘tem essa caixinha aqui, quer ver o que tem dentro?’</p> <p>C. aceita a brincadeira proposta por R. e começa a brincar com as maquiagens.</p> <p>C. associa o objeto (espelho) da brincadeira com a sua família: ‘meu pai tinha um desses.’ ‘mas, meu irmão mexeu nele e quebrou.’</p>	<p>R. solicita mais detalhes: ‘você tem irmão?’ ‘qual o nome dele?’</p> <p>R. observa: ‘eu cortei a associação.’</p> <p>C. responde: ‘tenho’ ‘Elias.’</p> <p>C. pergunta: ‘o que é isso?’ ‘como funciona?’</p> <p>R. responde: ‘é uma máquina de datilografar.’ ‘assim, oh...’</p>
--	---	---	---

Narrativa 13 (21/11)

<p>R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘você sabe que o meu estágio é de um ano e ele acaba em dezembro. Isso quer dizer que nós temos encontros até a terceira semana de dezembro, daí eu vou tirar férias – que nem tu na escola.’</p>	<p>C. solicita mais detalhes: ‘ah, tia, por que? Mas, tu vai voltar depois?’</p>	<p>R. responde: ‘se eu conseguir, eu vou. Mas, se eu não puder, outra pessoa vai conversar contigo.’</p>	<p>R. propõe à C. mudar as regras do tratamento: ‘o que você acha de nos encontrarmos duas vezes por semana?’</p> <p>C. aceita a mudança proposta por R..</p>
---	---	---	---

Narrativa 14 (25/11)

<p>C. começa a brincar com o tiro ao alvo.</p> <p>C. para de brincar com o tiro ao alvo.</p>	<p>C. começa a desenhar.</p> <p>C. solicita ajuda: ‘eu não sei desenhar. Faz para mim?’</p>	<p>R. propõe à C. que desenhem juntas: ‘vamos fazer juntas, então. Que desenho nós iremos fazer?’</p> <p>C. aceita a proposta de R.: ‘uma casa.’</p> <p>R. aponta: ‘eu acho que</p>	<p>R. observa: ‘sinto-a um pouco distante, regrediu um pouco em função do término de</p>
--	---	--	---

		você desenha bem C.. Olha, que bonito!’	nossos encontros.’ R. aponta: ‘converso com ela a respeito de eu saber que ela vai sentir saudades desse espaço, que está sendo difícil para ela...’ C. concorda.
--	--	---	---

3) Homologia: Carla propõe: Renata aceita

Narrativa 8 (10/10)			
R. pergunta: ‘você está feliz hoje?’ ‘o que você quer fazer hoje?’ C. responde: ‘hã!’ ‘brincar contigo!’	R. solicita mais detalhes: ‘com o que você quer brincar?’	C. propõe de que brincar: ‘o rádio’ R. aceita a brincadeira proposta por C.: ‘após algum tempo, participo com ela da brincadeira de trocar os canais.’	C. para de brincar com o rádio: ‘Não quero mais brincar disso!’

Narrativa 11 (07/11)			
R. pergunta: ‘o que quer fazer?’ C. pergunta: ‘o que tem nessas gavetas?’	C. propõe à R. brincar com a arma de tiro ao alvo. R. aceita a brincadeira proposta por C..	R. observa: ‘procurei, à medida que íamos brincando, mostrar e valorizar o seu jogo – fazendo com que ela também tomasse o rumo do jogo, conseguindo expressar a sua vontade e se permitir fazer. Ao longo do nosso jogo, C. já conseguiu tomar a iniciativa do que queria...’	R. aponta: ‘fiz pontuações a ela no sentido de como era bom poder brincar, fazer o que se tinha vontade, reforçando como jogava bem e se sentia bem conseguindo se expressar.’

Narrativa 12 (21/11)			
C. começa a brincar com o tiro ao alvo. C. para de brincar com o tiro ao alvo.	C. propõe brincar de pegar com os bonecos. R. aceita a brincadeira proposta por C..	R. observa: ‘eu pegava ela e ela me pegava. Coloca os bonecos para dormir. Espera e os acorda e brincamos de novo. Repete isso inúmeras vezes – abuso.’ R. interroga sobre a brincadeira: ‘como esses bonecos dormem... o que	R. observa: ‘C. pega os bonecos – fuga.’ C. começa a brincar com as bonecas Barbies. R. interroga sobre a

		será que eles fazem de noite?’ ‘eles brincam... que brincadeira será que é essa?’ C. responde: ‘eles brincam juntos.’ ‘vamos fazer outra coisa, tia.’	brincadeira: ‘onde elas vão tão arrumadas?’ C. responde: ‘sair, ora!’
--	--	---	---

ANEXO N

Caso Fabiane-Karine:

Narrativas em que aparece a ação ‘Fabiane constroi uma devolução’.

Narrativa 22 (09/07/02)			
<p>K. associa a brincadeira (brincar com as panelinhas, fazendo comidinha) com a família: ‘a minha mãe cozinha.’</p> <p>F. solicita mais detalhes: ‘e como é isto?’ ‘e como é a tua mãe?’ ‘e pra ti?’</p> <p>K. responde: ‘ela cozinha assim... ela bota açúcar...’ ‘ela é boa, ela ela faz comida pro G. e pra N.’ ‘pra mim também.’</p>	<p>F. aponta: ‘tu está fugindo de alguma coisa, pois tu ainda não me disse o que eu tenho de doença?’</p> <p>K. pergunta: ‘o que é isto tia?’</p> <p>F. responde: ‘isto é um estetoscópio, serve para escutar o coração e para ouvir as coisas aqui dentro.’</p>	<p>K. demonstra o seu saber: ‘eu sei que isto aqui é para ouvir o coração’ ‘...aqui é um guarda-roupa, aqui um sofá, uma mesinha...’</p> <p>F. aponta: ‘sabe mesmo?’ ‘...tu começou a falar em tua mãe, depois logo parou de falar, está difícil falar dela?’</p> <p>K. responde: ‘a minha mãe bate no G. e na N. porque o G. fica rindo dela.’</p> <p>F. solicita mais detalhes à K.: ‘e tu?’ ‘porque?’</p> <p>K. responde: ‘ela também bate em mim.’ ‘ela bate em mim porque eu não obedeco ela.’</p> <p><i>F. constrói uma devolução à K.: ‘tem coisas muito importantes que tu estás trazendo, as tuas dificuldades podem ser compartilhadas comigo, pois eu vou estar aqui para te ajudar e te escutar.’ ‘tu sempre me diz que sabe, mas grande parte das vezes como hoje quando falávamos do estetoscópio, tu não sabias...a tia entende que parece ser difícil, mas tu não podes fugir, pois isto não vai resolver, o que eu posso fazer é te escutar para te ajudar, mas tu tem que dividir as dificuldades, tu tens que poder falar as coisas comigo...’</i></p>	<p>K. começa o faz de conta: ‘deixa eu te pintar?’ ‘...eu quero te fazer bonita.’</p> <p>F. constrói uma devolução à K.: ‘parece K. que eu falei coisas hoje pra ti que me deixaram feia e agora tu queres me arrumar para mim ficar bonita?’</p> <p>K. responde: ‘não tia, eu vou me arrumar.’</p>
Narrativa 23 (11/07/02)			
<p>K. começa a brincar: ‘me dá a tua unha!’</p> <p>F. pergunta: ‘mas, tu lembra o que a tia faz aqui contigo?’</p>	<p>F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘este espaço é para ti falar das tuas coisas, o que tu</p>	<p>F. solicita mais detalhes: ‘como foi isto?’ ‘tu tomou este?’</p> <p>F. constrói uma devolução: ‘eu estou aqui para te ajudar, mas não adianta tu fugires, ou não querer falar, por mais</p>	<p>F. observa: ‘K. tem um pouco de dificuldade de ir até o espelho.’</p> <p>F. constrói uma devolução: ‘parece que tu</p>

<p>K. responde: ‘me ajuda.’</p>	<p>não entende, o que tu não sabes, e eu vou estar aqui para te escutar e te ajudar.’</p> <p>K. comenta sobre a escola: ‘a tia do colégio misturou umas coisas e nos enganou.’ ‘ela deu suco com cachaça para nós.’</p>	<p><i>difícil que possa ser, o importante é que tu consigas dividir, me falar das tuas dificuldades.’</i></p> <p>K. responde: ‘eu sei’.</p> <p>F. aponta: ‘agora mesmo quando tu falas sempre eu sei, será que tu entendes tudo?’</p> <p>K. pergunta: ‘o nosso horário já acabou?’</p> <p>F. aponta: ‘tu estás tentando escapar do atendimento?’</p> <p>K. começa a brincar: ‘vou passar batom.’</p>	<p>estás me mostrando o quanto é difícil de chegar no espelho e conseguir se enxergar.’</p> <p>K. começa a pintar a testa: ‘eu vou assustar os outros que estão dormindo.</p> <p>F. constroi uma devolução: ‘está me parecendo K. que tu estás te escondendo atrás dessa maquiagem, não é? Tu queres ficar feia?’</p>
--	--	---	---

Narrativa 25 (18/07/02)

<p>K. começa a desenhar: ‘eu vou fazer uma casa.’</p> <p>F. interroga sobre o desenho: ‘o que foi que tu desenhou aqui?’</p> <p>K. responde: ‘é... umas luazinhas.’</p>	<p>K. oferece o desenho para F.: ‘são pra ti.’</p>	<p><i>F. constroi uma devolução: ‘o que me parece é que tu estás falando da nossa relação de um jeito que parece demonstrar um jogo para ver quem ganha ou perde e agora tu quer me dar algo, para que?’ ‘me parece que algo está te incomodando?’ ‘eu acho que tem coisas que precisam ser faladas, mas parece estar bem difícil, mas é para isto que eu estou aqui, para te escutar e ajudar nestas coisas difíceis.’</i></p>	<p>F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘o nosso horário está acabando, lembra que combinamos que seria apenas uma vez que eu não viria, mas que na outra semana estarei de volta e te atendendo.’</p>
--	---	---	--

Narrativa 26 (01/08/02)

<p>K. associa os brinquedos (bichos) da sala com o seu cotidiano: ‘eu tinha uns bichinhos malvados.’</p>	<p>F. solicita mais detalhes: ‘que bichinhos eram estes?’ ‘e eles eram malvados?’ ‘mas, o que parecia ser malvado neles?’</p> <p>K. responde: ‘um urso e um elefante.’ ‘eram’ ‘eles eram</p>	<p>K. começa a brincar com a máquina de escrever: ‘vamos ver quem faz isso chegar primeiro.’ ‘vamos jogar?’</p> <p>F. pergunta: ‘como assim?’</p> <p>F. constrói uma devolução: ‘me parece que tu quer me falar alguma coisa, mas parece que está difícil para ti conseguir falar.’</p> <p>K. responde: ‘olha, tem um monte de bichinhos aqui.’</p>	<p>K. começa a desenhar: ‘eu vou desenhar uma casa... não ... vou... de marrom... não... de azul.</p> <p>F. aponta: ‘o que está tão difícil para desenhar...’</p>
---	--	---	---

	malvados.’		
Narrativa 28 (01/08/02)			
<p>K. começa a desenhar: ‘tá pronto o desenho, vou colocar um carimbo... agora vou colocar o teu nome...’</p> <p>F. interroga sobre o desenho: ‘mas, o que foi que tu desenhou?’ ‘o que é isto?’</p> <p>K. responde: ‘o sol.’ ‘um cavalo.’</p>	<p>F. pergunta: ‘o que te levou a fazer este desenho?’</p> <p>K. responde: ‘não sei, eu fiz pra ti com bastante coisa e bem bonito.’</p>	<p>K. começa a brincar de mágica: ‘estou fazendo uma mágica.’</p> <p>F. observa: ‘K. começa a rolar no chão sem coragem de se olhar no espelho para passar o batom.’</p> <p>F. constrói uma devolução: ‘<i>eu acho que tu está com vergonha de te olhar no espelho.</i>’ ‘<i>parece estar difícil para ti conseguir te olhar.</i>’</p> <p>K. responde: ‘não é!’ (K. passa o batom).</p>	<p>F. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘eu estou aqui para te ajudar, este espaço é para que tu também possa falar das tuas dificuldades, mas só quando tu consegue falar que eu posso te ajudar, ta bom?’</p> <p>K. responde: ‘ta.’</p>
Narrativa 33 (22/08/02)			
<p>K. começa a desenhar: ‘eu vou desenhar, igual como eu fiz no colégio. Esse desenho vai ser pra ti.’</p>	<p>F. constrói uma devolução: ‘<i>talvez tu pense que me deva alguma coisa por eu estar aqui te escutando, mas esse é o meu trabalho, ta?</i>’</p>	<p>K. responde: ‘tá, mas eu vou fazer esse pra ti.’</p> <p>F. interroga sobre o desenho: ‘como essa nuvem caiu?’ ‘o que foi que tu escreveu?’</p>	<p>K. responde: ‘caindo, eu sei escrever...’ ‘umas letras.’</p>
Narrativa 34 (22/08/02)			
<p>K. comenta sobre os objetos da sala: ‘vou trocar os ursos de lugar.’ ‘eu não gosto do preto.’</p>	<p>F. solicita mais detalhes: ‘mas, o que foi que o preto fez ou tem que tu não gosta?’</p> <p>K. responde: ‘eu não gosto.’</p>	<p>K. começa o faz de conta: ‘eu vou fazer uma casinha.’ (K. vai ao banheiro).</p> <p>F. aponta: ‘antes de ir ao banheiro tu disse que ia fazer uma casinha. Me parece que fazer uma casinha é difícil...’</p> <p>K. responde: ‘eu vou pegar uns bonequinhos para colocar lá.’ ‘senta aqui’ (fala para a boneca).</p>	<p>F. constrói uma devolução: ‘<i>compreendo, mas sei que tu falas assim porque foi assim que tu aprendeu quando estava em casa... tu não está querendo falar sobre isso...</i>’</p>
Narrativa 35 (22/08/02)			
<p>K. começa a desenhar: ‘vou desenhar.’</p> <p>F. interroga sobre o desenho:</p>	<p>F. solicita mais detalhes: ‘mas, quem te disse isso?’</p> <p>K. responde:</p>	<p>K. comenta sobre a escola: ‘a minha professora briga comigo, mas eu brigo com ela também.’</p> <p>F. solicita mais detalhes: ‘e</p>	<p>F. constrói uma devolução: ‘eu sei que às vezes tu não gostaria de escutar</p>

<p>‘e o que tu estás desenhando?’</p> <p>K. responde: ‘eu não estou copiando.’ ‘eu não sou louquinha da APAE.’</p>	<p>‘não sei.’</p> <p>F. aponta: ‘mas, isso de ser louquinha da APAE não faz sentido, pois nem estudar na APAE tu estuda, não é.’</p>	<p>como a tua professora briga contigo?’</p> <p>K. responde: ‘ela me xinga.’ ‘me xinga daí eu intico com ela.’ ‘eu deito no chão e sacudo as pernas para ela não me pegar.’</p> <p>K. pergunta: ‘nosso horário já acabou?’</p> <p>F. constrói uma devolução: ‘eu sei que tu tens ficado bastante angustiada, mas tu estás conseguindo me falar das tuas coisas, mesmo que não seja muito fácil falar, mas eu vou te escutar a partir de tudo isso para poder te ajudar.’ ‘agora sim nosso horário acabou.’</p> <p>K. se recusa a sair: ‘eu não vou sair.’</p>	<p>algumas coisas, mas é preciso que tu cumpra com os nossos combinados sobre o horário e os brinquedos. Eu gosto de ti e na medida do possível eu vou te ajudar...’</p> <p>K. responde: ‘eu não quero que tu goste de mim.’</p> <p>F. constrói uma devolução: ‘isto é porque tu pensa que porque a tua mãe não gostava de ti, os outros também não podem gostar... eu gosto de ti, eu vou te ajudar.’</p>
---	---	---	--

Narrativa 44 (10/10/02)

<p>K. começa o faz de conta: ‘eu vou passar brilho numa boneca.’ ‘eu vou arrumar ela.’ ‘não, esse eu não gosto.’ ‘eu vim aqui me arrumar.’</p>	<p>F. interroga sobre a brincadeira: ‘do que tu não gosta...’ ‘a boneca está pronta?’ ‘e como é ficar brilhosa?’ ‘o que tu fizeste?’ ‘por que tu te limpou?’ ‘e como é ficar bonita?’</p>	<p>K. responde: ‘deste batom (vermelho), eu gosto deste que fica brilhoso.’ ‘ta, eu passei brilho.’ ‘assim (mostra as mãos).’ ‘lavei meu cabelo e me limpei.’ ‘pra ficar bonita.’ ‘é ficar limpinha.’</p>	<p>F. constrói uma devolução: ‘pelo que entendi, tu está desejando ficar bonita e para isso tu precisa ficar limpinha...’</p> <p>K. responde: ‘é.’</p>
---	--	--	--

Narrativa 45 (24/10/02)

<p>K. começa a brincar com a maquiagem: ‘tia, eu vou fazer uma coisa porque eu não preciso de espelho...’</p> <p>F. interroga aobre a</p>	<p>K. responde: ‘pra passar batom, viu como eu sei, nem borrei...’ ‘eu to passando brilho.’ ‘eu to fazendo mais anéis e pulseiras, os</p>	<p>F. constrói uma devolução: ‘tu notou que tu disse o nome das cores... lembra que quando tu chegou no atendimento pela primeira vez tu não conhecia as cores, mas que logo após tu falou o nome das cores e depois confundiu de novo as cores, mas agora parece que tu</p>	<p>F. constrói uma devolução: ‘pois é, mas não precisa achar que me deve alguma coisa, pois é meu trabalho. A tia estudou bastante</p>
---	--	---	---

<p>brincadeira: ‘o que tu fizeste lá no banheiro que tu disse que não precisava de espelho?’ ‘e agora, o que tu está fazendo?’ ‘e para que tu deseja ficar bonita e brilhosa?’ ‘o que tu está fazendo?’ ‘como assim terminando?’</p>	<p>outros já estavam terminando.’ ‘apagando, agora eu estou fazendo uma pulseira roxa, outra verde...’</p>	<p>aprendeu.’ K. responde: ‘é, oh tia, eu vou fazer uma pulseira e um anel para ti...’ F. constrói uma devolução: ‘fica parecendo que de alguma forma tu quer me retribuir, ou melhor, dar de volta alguma coisa para mim. Eu fico muito feliz, porque este é o meu trabalho, poder te ajudar e parece que tu está me dizendo que ele está funcionando.’ K. responde: ‘é tia, tu sempre me ajuda toda vez.’</p>	<p><i>para poder vir aqui e poder te escutar.’</i> K. responde: ‘ta bom.’ ‘vamos lá tia, vamos tirar as tintas para guardar o nosso segredo.’</p>
--	--	---	---

ANEXO O

Caso Renata-Andréia:

Narrativas em que aparece a ação ‘Renata constrói uma devolução’.

Narrativa 8 (04/07/02)			
<p>A. pergunta: ‘ainda temos tempo pra jogar um jogo?’</p> <p>R. responde: ‘temos.’</p> <p>A. começa a jogar: ‘cadê aquele jogo de montar?’</p> <p>R. responde: ‘esse aqui está montado.’</p>	<p>R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘você gosta de montar coisas?’</p> <p>A. responde: ‘gosto, eu sempre ajudava minha mãe na roça’.</p> <p>R. solicita mais detalhes: ‘é mesmo?’ ‘o que mais você fazia com a sua mãe?’</p>	<p>R. aponta: ‘tu notou que eu te fiz uma pergunta e você ainda não respondeu?’ ‘e tu lembra o que eu te perguntei?’</p> <p>R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘este espaço também é pra falar sobre essas coisas.’</p> <p>A. pergunta: ‘ainda temos bastante tempo?’</p> <p>R. responde: já está na hora de guardarmos as coisas.’</p>	<p>R. observa: ‘em vez de arrumar o que ela pegou, começa a organizar toda a sala, angustiada.’</p> <p>R. constrói uma devolução: ‘você está querendo me dizer com isto que você organizava todas as coisas na sua casa pra sua mãe.’</p> <p>A. responde positivamente.</p>
Narrativa 12 (18/07/02)			
<p>A. começa o faz de conta: ‘oi mana, você quer vir aqui em casa hoje?’ ‘eu quero conversar contigo.’</p> <p>R. interroga sobre a brincadeira: ‘conversar sobre o que?’</p> <p>A. responde: ‘sobre uma coisinha importante, depois eu te conto.’ ‘vê se traz o teu namorado junto.’</p>	<p>R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘sua mana tem namorado?’</p> <p>A. responde: ‘é brincadeira, tia’.</p> <p>R. responde: ‘eu sei, no telefone você pediu para ela trazer...’</p> <p>A. responde: ‘ela tem e eu também. Você vai trazer ele junto.’</p>	<p>R. interroga sobre a brincadeira: ‘não sei, o que você acha?’ ‘que festa?’</p> <p>A. responde: ‘eu acho que sim...’ ‘uma festa que vai ter depois.’</p> <p>R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘você já teve algum namorado?’ ‘você sabe o que é namorar?’ ‘você tem irmãos?’ ‘você já foi a algum baile antes?’</p> <p>A. responde: ‘eu não!’ ‘eu sei, mas eu não tenho namorado não!’ ‘tenho três. Eles estão aqui.’ ‘eu não...’</p>	<p>R. constrói uma devolução: ‘você me contou várias coisas hoje, como a maneira que agia em casa tendo o controle de toda a situação... algumas coisas eu não entendi bem, mas com tempo eu vou entender melhor.’</p>

Narrativa 16 (13/08/02)			
A. começa o faz de conta: ‘eu vou ligar pra você, ta?’	R. interroga sobre a brincadeira: ‘o que aconteceu?’ R. responde: ‘eu não estou gostando mais tanto da aula de música.’	R. constroi uma devolução: ‘será que você não está querendo dizer que prefere ter esse espaço pra falar hoje do que ir na aula de música. Você gosta de música, só não quer abrir mão do seu horário de atendimento.’	A. responde: ‘isso mesmo! Se você quiser pode vir aqui depois.’

Narrativa 17 (13/08/02)			
R. observa: ‘A. se levanta e começa a organizar a mesa melhor do que estava...’ R. aponta: ‘você nota como você precisa sempre organizar as coisas.’ A. começa o desenho: ‘aqui vou carimbar os bichinhos.’	R. observa: ‘A. fica falando para não me escutar/resistência.’ R. aponta: ‘você percebe que às vezes eu falo contigo e você dá um jeito pra não precisar falar sobre isso.’ A. responde: ‘quando? O que?’ R. constroi uma devolução: ‘eu comentei contigo sobre o quanto você precisa ficar arrumando as coisas, igual você fazia em casa pra sua mãe. Deve ser um sofrimento pra ti isso!’	A. associa os carimbos com a sua família: ‘sabe que lá em casa nós tínhamos todos esses bichos?’ R. solicita mais detalhes: ‘é mesmo?’ ‘então, vocês tinham um sítio?’ A. responde: ‘isso aí! Da próxima vez, eu vou fazer essa grade, só sem esses bichos dentro.’ R. interroga sobre o desenho: ‘e o que você vai deixar dentro da cerca?’ A. responde: ‘só vaca.’ R. relaciona a brincadeira com a realidade: ‘as vacas ficavam no cercado lá da tua casa?’ ‘você, então, cuidava da casa e dos bichos?’ A. responde: ‘ficavam.’ ‘sim, mas só quando eu queria.’	R. solicita mais detalhes: ‘só quando você queria?’ ‘e quem fazia?’ ‘e se você não tava afim e a mãe pedia?’ A. responde: ‘sim, eu não tava afim, não fazia!’ ‘a mãe. Eu só fazia quando ela pedia.’ ‘eu sempre fazia!’ R. observa: poderia ter feito uma intervenção diante da afirmativa de A.

Narrativa 18 (13/08/02)			
A. começa o faz de conta: ‘me ajuda a vestir elas (Barbies) que está frio!’ A. associa a brincadeira com a realidade: ‘você sabe que a mãe colocava um monte de roupa em nós	A. responde: ‘só que eu me vestia sozinha!’ ‘é, meus irmãos ela vestia, eu não precisava.’ ‘às vezes bem, às vezes mal.’ A. segue o faz de conta: ‘as Barbies estão prontas.’ ‘fica com ele que eu vou preparar a	R. interroga sobre a brincadeira: ‘como é o nome dele?’ ‘é tua irmã?’ A. responde: ‘Luís, não, é Fernanda.’ ‘minha filha.’ R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘o nosso tempo está acabando.’ R. observa: ‘A. começa a organizar todas as coisas que não mexeu novamente.’ R. aponta: ‘você só precisa arrumar o que pegou’.	R. constroi uma devolução: ‘eu sei que você tem muito mais pra falar... você falou várias coisas hoje, já está conseguindo falar sobre coisas que te aconteceram, isso é muito

quando estava frio?’ R. solicita mais detalhes: ‘é mesmo!’ ‘só tu?’ ‘e como você se sentia?’	mamadeira.’ R. observa: ‘fuga, poderia ter pontuado.’	A. responde: ‘eu sei.’	<i>bom!’</i>
--	---	-------------------------------	--------------

Narrativa 21 (20/08/02)

A. começa o desenho: ‘desenha também!’ R. responde: ‘prefiro não desenhar, este espaço é teu!’ R. observa: ‘A. está fazendo tudo rápido hoje’.	R. aponta: ‘você notou como você está ansiosa hoje, você começa várias coisas e não consegue acabar.’ A. responde: ‘vou desenhar no outro quadro!’ R. constroi uma devolução: <i>‘quando falo com você, muitas vezes você finge não me escutar – está difícil falar hoje, né? Você falou muito na semana passada.’</i>	A. responde: ‘não tem nada a ver o que você está falando.’ A. começa o faz de conta: ‘vou dar banho nas Barbies, me ajuda a tirar a roupa.’ R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘nosso tempo está acabando, mas você pode continuar na semana que vem.’	R. constroi uma devolução: <i>‘eu senti você bastante angustiada hoje, como você falou e trouxe muita coisa da outra vez... fica às vezes difícil continuar. Você acaba ficando meio confusa descobrindo tan-ta coisa.’</i> A. pergunta: ‘vem mais alguém aqui hoje?’ R. responde: ‘não.’ R. observa: ‘A. não organizou a sala como sempre fez: ruptura do comportamento.’
---	--	--	---

Narrativa 23 (27/08/02)

A. começa o faz de conta: ‘eu vou te ligar, ta?’ ‘eu tenho um segredo para te contar, você não pode falar para ninguém.’ R. interroga sobre a brincadeira: ‘o que foi mana?’	A. responde: ‘a mãe já teve um nenê.’ ‘eu descobri domingo.’ ‘o juiz... eu fui lá visitar ela na casa dela.’ ‘eu não sei, quer dizer, eu bati na porta e não tinha ninguém lá.’	R. observa (em relação ao ‘o juiz’): ‘ato falho.’ A. solicita: ‘escreve aqui pra mim o que você gosta em mim?’ R. esclarece sobre as regras do espaço terapêutico: ‘este tempo aqui é para falarmos sobre suas coisas, falando de mim estaremos deixando de lado suas coisas’. R. constroi uma devolução à A: <i>‘será que você quer que</i>	A. responde: ‘sabe o que é, é que eu briguei com a tia do projeto hoje.’ R. observa: ‘o sintoma pode estar mascarando sua angústia, sua culpa; entrar no jogo dela, no jogo modificar
---	--	---	--

<p>‘é mesmo?’ ‘e como você descobriu?’ ‘e como estava o nenê?’</p>		<p><i>eu diga que gosto de você por medo de eu deixar de gostar se você me disser certas coisas. Você pode me falar qualquer coisa que eu vou estar com você, te gostando do mesmo jeito e te ajudando.’ ‘notei você bastante angustiada, com vontade de falar muita coisa e achando difícil.’</i></p>	<p>o seu sistema de funcionamento; deixar ela mais solta, brincar; ser sua mãe, dar colo, aquele carinho que não tinha; não entrar tanto no real: é brincadeira (A. fala) – pedido de não ser tão real; intervenção: deixa eu ser mãe hoje; vamos deixar tudo bagunçado hoje.’</p>
--	--	--	--